



15, Ptas

ANT
XVIII
136

may 1000

R. 11752



O CONDESTABRE
DE PORTUGAL.

D. NUNALVRES
PEREIRA.

DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

OFFERECIDO AO DVQUE DOM THEODOSIO.

Fielmente copiada pela primeira ediçam feita em
Lisboa em 1610, e pela segunda tambem de
Lisboa em 1627. com todas as outauas que
lhe furtaram na terceira ediçam de Lis-
boa em 1723.

P O R
BENTO IOZE DE SOVZA
F A R I N H A,

*Professor Regio de Filozofia e Socio da Academia
Real das Sciencias de Lisboa.*



L I S B O A

Na Offic. de JOZE DA SILVA NAZARETH.

ANNO M.DCC.LXXXV.

Com licença da Real Meza Censoria.

A O D V Q V E D O M THEODOSIO, &c.

N Aõ cabe na humildade de minhas forças offerecer feruiços a V. Excellencia ; mas este he por sy proprio de tanta valia , que o naõ pode fazer menos afeito a incapacidade de quem o offerece. Andauaõ remotos da memoria dos homens os memoraueis , e heroicos feitos do Condestabre dom Nuno Alures Pereira , por ter o tempo consumido a insigne obra de Francisco Rodrigues Lobo , que taõ copiosamente os celebraua : sentiaõ todos , como era justo , taõ grande perda ; porem naõ auia quem se despusesse a darlhe remedio : até que eu (posto que dos mais inferiores) obrigado do zelo commum da honra do Reyno , e do que tenho em particular de seruir a V. Excellencia tratei de imprimir á minha custa esta obra de nouo , com pouco mais cabedal que de bons desejos ; mas o feruor da resoluçaõ , e execuçaõ delles preualeceo contra as estreitezas do tempo , e contra as que de ordinario me fazem sentir as moderadas posses desta Officina : e pois Deos foy seruido fauorecerme para levar a impressaõ ao cabo , seja o tambem V. Excellencia de a emparar como cousa sua , e aceitalla como feruiço de quem fez mais do que podia , e muito menos do que desejaua. N. Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos. De Lisboa em 20. de Março de 1627.

Iorge Rodrigues.



O CONDESTABRE
DE PORTUGAL
D. NUNO ALVARES
PEREIRA.
DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO

CANTO I.

ARGUMENTO.

Fingisse hum sonho, do qual obrigado El-Rey D. Fernando manda descobrir o Exercito com que El-Rey D. Henrique de Castella desce sobre Lisboa. D. Nuno Alvares Pereira dá relaçam a El-Rey das companhias do contrario, e he armado Cavaleyro.

CANTO as armas reaes, e o firme peito
Do Varam Portuguez nunca vencido
Que quãto era na paz aos Ceos aceyto
Tanto na guerra foy forte e temido :
Cujo braço a seu Rey deyxou sujeito
O Reyno em varios bandos dividido
E sujeytara a toda a redondeza
Se lhe não dera o Ceo mais alta empreza.

De

6 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

De Dom Nunalures canto , o Valeroso
Claro libertador da patria terra ;
Que immortal fez seu nome , e glorioso
Em armas , em justiça , em paz, e em guerra
E com triunfo mais alto , e mais famoso
De todos os que o mundo breve encerra
Em batalha a si proprio se venceo ,
Conquistando depois da terra , o Ceo.

Suspenda Apollo a Lyra de ouro fino
E com as nove irmãas ouça meu canto
Que invoco outro favor alto e divino
Outro mayor poder supremo e santo :
Vejam que neste assento cristalino
Sobre as azas da fama a voz levanto
E com sonoro canto , e brando verso
Espalho seu valor pelo universo.

Oo Vos Virgem mais pura que as estrellas
Que pisando as estais no claro assento
E veltida do Sol , que he Senhor dellas
Dais honra , gloria , e luz ao firmamento :
A quem das creaturas as mais bellas
Ajudando dos Ceos ao movimento
De anjos e Cherubins diversos choros
Cantaõ hymnos , e Versos mais sonoros.

Vos thesouro do Ceo ; certa esperança
Dos homens , e dos bens que Eua perdeu
Doce restauro ; Vos justa balança
Em que ja se igualou a terra e Ceo ,
Vos sustentai Senhora a confiança
De quem em vosso nome se atreueo ;
Fazei que a minha penna o Ceo a coroe
E como de tal Aue , escreua , e voe.

Naõ procuro o fauor da incerta fonte
A quem Pégaſo deu o nome e traça ,
Nem os louros do vaõ Caſtalia monte ,
Que honra as fronteſ poeticas, que enlaça
Para que do graõ Nuno os feitos conte
A vòs inuoco ſó fonte de graça ,
Monte de perfeiçaõ , louro mais nobre ,
Que outro diuino ſol defende e cobre.

Este he o capitão que ſó triunfaua
Dos armados contrarios que vencia
Quando ante voſſas aras penduraua
Os ſaſoſos trofeos , que adquiria :
Este o que os altos templos fabricaua
Todos ao nome ſancto de M A R I A ,
Do voſſo Nuno canto humilde e forte
A valeroſa vida , e ſancta morte.

Voſſa he alta Senhora , a noua empreza ,
Meu eſte bem nacido atreuimento ,
Os lououres da gente Portugueza ,
Que dos voſſos naõ tira o pensamento ;
Onde ha tanto valor , tanta grandeza
Tenha meu verſo algum merecimento ,
Que nos voſſos muy firme , e mui ſeguro
Contra os mores perigos , me auenturo.

E voſ principe claro , que eſtaís vendo
Neste fiel retrato que offereço
Quem ſeu nome immortal engrandecendo
A voſſo eſtado deu nome e começo ;
Voſ a que eſtaõ os fados prometendo
De taõ heroicas obras fruto e preço ,
Vòs , por voſ , delle dino , e d'outro eſtado ,
(Seinda eſte pode auer) mais inuejado.

8 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Vos segundo Theodosio a quem se deue
O que eu no verso humilde dar não posso,
Se merece fauor o que se atreue
Só na fé do desejo de ser vosso,
Considerando o mais que se vos deue,
E quanto he liimitado o poder nosso,
Para que em louuor vosso, escreua, e cante,
Dai-me Principe a mão, que me aleuante.

E ouui beninamente a larga historia
Daquelle fundador do vosso estado,
Que adquerido o deixou com tanta gloria
Como o tendes com gloria sustentado
Fique no mundo eterna esta memoria
Porque a não perca o tempo descuidado,
Honrese de tal peito, braço, e lança,
E tal principio a casa de Bragança.

Quando hia Portugal degenerando
Daquelle antigo esforço, e valentia
Com que foy tantas terras conquistando,
Das que o barbaro Mouro possuia,
Quando a coroa e cetro de Fernando
A fermosa Lianor tinha e regia
De cujo parecer prezo e vencido,
Elle a tomou casada, a seu marido.

Quando não se aruoraua o estandarte
Pollo primeiro Affonso aleuantado
Por quem era do mundo em qualquer parte
O nome Portuguez quasi adorado
Quando da jurdição do inuicto Marte
Posse Venus, e Amor tinhaõ tomado
E com o remisso principe indecente
Perdia o brio a Lusytana gente.

Aos

Aos seus ingrato , inutil , fugitiuo ,
Na nobre Santarem viue , e descança
Nos amorosos braços , que catiuo
O tem a seu querer , e a sua vfança ,
Não lhe lembra se he Rey, se morto, ou viuo
Se perde , se aventura , nem se alcança ,
Ao appetite liure , a redea solta ,
E a honra vay bradando que dê volta.

Quando o Rey valeroso Castelhana
Dos Portugueses braços offendido ,
A vingança procura de seu dano ,
De Fernando outro tempo recebido ,
Que ou por justiça fosse , ou por engano
De vassallos , e amigos induzido ,
Dentro nos muros seus da propria terra
Lhe fora meter gente , e fazer guerra.

Que por morte do Rey cruel , e impio ,
Dos seus açoute , e exemplo de dureza ,
A quem o irmão deixou palido , e frio ,
Oppondo a patria , â ley da natureza
A conquista do estranho senhorio .
Moueo Fernando a gente Portugueza ,
Por bastardo Henrique o que ficara ,
Por successor de Pedro a quem matara.

Destas e muitas offensas aggrauado
Como o poder bellicoso de Castella ,
O mar de brancas vellas traz qualhado ,
E a terra de esquadrões de gente bella ,
Contra Fernando o braço levantado
Que sem receo , auiso , e sem cautella
Em lugar de acudir á noua affronta
De seus amores só conhece e conta.

TO O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

O som ja das trombetas , e tambores
Por entre os altos montes vem soando
Dos guerreiros de Henrique vencedores ,
Que do Tejo as areas vão pisando ,
O pouo Portugues com mil clamores
Em vão inuoca o nome de Fernando ,
Que noutra guerra o tras amor sujeito ,
De quem vencido está mais satisfeito.

Huma noite que qual outras passaua
No mimoso descuido , em que viuia ,
Que só com Lianor ledo sonhaua ,
Contente se acordaua , ou se dormia ;
Em hum profundo sonho o sepultaua
A sua mal segura fantasia ,
E de mortal suor cuberto , e cheo ,
Lhe mostraua isto em sonhos o receo.

Com espantosa furia vio decendo
Huma nuuem dos ares despedida
Que ao estrondo , e rumor que vem fazendo
Faz aballar a terra estremecida ;
O Rey com tal visãõ ficou tremendo ,
Qual a enzinha dos ventos combatida ,
A morte este temor lhe representa ,
E a voz dentro no peito lhe arrebenta.

Vio abrirse esta nuuem pollo meo
Rompendo com hum trouão mui furioso ,
Que o ar de escuras treuas deixou cheo ,
E só no meo hum rayo luminoso ;
Timido alli ficara , e com receo
Qualquer coração forte , e valeroso ,
Olhando hum vulto humano que apparece ,
Que mais que o rayo offende , e resplandece.

Qual

Qual se costuma achar desacordado
Quem dormindo ficou na casa escura,
Que trazendolhe a luz fica enleado
Com a vista, que mil cousas lhe afigura,
Os olhos abre, e cerra de turbado
Quanto mais olha a luz, menos atura
Tal o Rey quebra a vista só de olhalla,
E o medo, dos cabellos prende a falla.

Com a tremula luz indifferente
Hum caualeyro armado vê diante
Com as armas e escudo transparente
Que parecem finissimo diamante
Aleuantado o elmo reluzente
Com huma coroa d'ouro radiante,
E no escudo as quinas Portuguezas
De eterno lume por milagre acesas.

A espada com que fere o leve vento
De si despede os rayos de Vulcano
Com hum aspeito cruel, hum termo isento,
Olhaua ao Rey medroso de seu dano,
Os olhos fitos nelle o rosto intento,
Soltando a voz do peito mais que humano,
Com grande ira que nelle se accendia,
Esforçando as palauras, lhe dizia.

Rey descuidado, indino da coroa
E nome Portugues, que inda o ceo ama,
Que hoje por ti tão vil se infama e soa,
Quam claro o eu deixei na voz da fama,
Soccorre aos fortes muros de Lisboa,
Acode Rey ao Reyno que te chama,
E antes que da Fortuna a roda deça
Leuanta o coração, ergue a cabeça.

Teu :

12 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Teu imigo não vês que liure , e ledo
Vay pisando do Tejo a rica praya ?
E que subido aqui com risco , e medo ,
Tu vigiando estás como atalaya ?
Não vês que ja conhece , e verà cedo
Como o teu poder , e honra desmaya ?
Não vês que o campo seu vay preguntando
Aonde fica escondido el Rey Fernando ?

Olha este armado , e forte cavaleiro ,
Com as insignias reaes , de que te esqueces ,
Acorda , olhame o rosto verdadeiro ,
Que com justa razão me desconheces ;
Eu sou o grande Affonso , o Rey primeiro ,
A que em obras tam pouco te pareces ,
Eu sou o que ganhei com braço forte
A terra , a quem tu vas trocando a sorte.

Eu sou o que ao barbaro inimigo
As bandeiras ganhei com tanta gloria ,
Eu sou o que deixei com meu perigo
Este diuino escudo por memoria.
Eu sou o que te chamo , o que te obrigo
A sustentar a fé desta victoria ,
E a liberdade antiga Lusytana ,
Que por teus vaões descuidos se profana.

Deixa a vontade escrava , que te offende ,
Segue o nome que tens com peito altiuo ,
Com o poder da razão catiua , e prende
O desejo , que assim te traz catiuo :
A afeição leue , o leue amor suspende ,
Vê que o preço da honra he excessiuo ,
E obriguete (se a honra não te obriga)
Ver que te ha de vencer gente inimiga.

Olha

Olha o bom Rey Daudid por quantas vias
Foy no Reyno , e no cetro castigado
Por tomar a mulher ao forte Vrias,
Retrato natural do teu peccado ,
Da culpa que sem fim chorar deuias
De Deos , de ti , da pena descuidado
Pollo suaue engano desta vida,
Tenaõ lembra cobrar a honra perdida.

Poem os olhos no Ceo sereno , e claro ,
Nelles o coração , tegora impuro ,
De la veràs decer teu certo amparo ,
Teu defensor , castello , forte , e muro ,
Veràs que o que me a mim custou taõ caro ,
Está no aureo seculo futuro
Por diuino poder , predestinado
A ser por largos annos sustentado.

E se por teu descuido negligente
For offendida a patria liberdade ,
O Cetro passará da illustre gente ,
A quem nella renoue a minha idade ,
A hum Rey tam valeroso , e taõ prudente
Que honra será dos Reys da Christandade
Que te detens Fernando , vê que aguardas ?
Que outro ja se adianta , e tu só tardas ?

Este que vês comigo o ceo benino
Pera remedio guarda de teu dano ,
Este com braço , e com fauor diuino
A outro dará o imperio Lusitano ,
E tingirá do Tejo crystalino
As correntes com o sangue Castelhana ,
E com o nouo louuor do Reyno , e terra ,
O temor vencerá de incerta guerra.

14 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Isto dizendo hum moço lhe mostrou,
Que Polla mão direita prezo tinha,
Cujos serenos rostos assegurou
A furia com que o Rey bradando vinha
Armado, o elmo só desenlaçou,
No qual hum rayo estranho se detinha,
E o escudo na cor que afronta as cores,
Huma cruz branca aberta em quatro flores.

Esta visão ao Rey desaparece
Que com frio temor em nada acerta
Vay a falarlhe, a voz se lhe emmudece,
Tendo para a pergunta a boca aberta,
Neste suando acorda, e lhe parece
Que de hum grande perigo se liberta
Da voz que ouviu suspenso, e do que vira,
Nem depois de acordado os olhos tira.

Mas já fóra do sonho e do perigo.
Vê em seu erro a causa, e a razão
Acculandose estaua só consigo
Constrangido de medo o coração,
E ou pollos ameaços do castigo,
Ou porque culpa já sua afeição
Mil cousas traça, inuenta, e imagina,
Depois que contra si se determina.

Ia discorre na varia fantasia,
Como ha de restaurar tam grande afronta
Eis que outro nouo espirito lhe nacia,
Que mil ardis, e machinas lhe aponta,
Ia de seu poder só tudo confia,
Ia faz de seus amôres menos conta
Com lembranças da honra e da vingança
Dá mil voltas no leito, e não descança.

Leuantáse animoso diligente
Para o passo atalhar ao Castelhana
Chama a conselho, e armas toda a gente,
E elle se arma tambem com este engano,
Mas o Prior do Crato o não consente,
Sabendo que o presente he menor dano,
Que com gente sem ordem, e em tal modo
Auenturar-se o Rei e o Reyno todo.

Ah diz o illustre velho, sabio, e forte,
De quem cedo ouuireis o nome e fama
Ah não corraes Senhor tras vossa morte
Num desusado estremo em que vos chama,
Hoje vos não fieis da varia sorte
Que o animo vos moue, e vos inflama
De atras conuinha ter tomado o salto
Não ja agora dos vossos, e armas falto.

Ordenay vossas gentes valerosas
E então ousai depois de apercebido,
Que estas que vedes vir tão animosas
Cuidaõ que estais dos vossos esquecido,
As horas que julgais por vagarosas
Asseguraõ melhor vosso partido
De vagar se conquista o Reyno alheio,
E he ardid dos ousados o receo.

Deixay passar o imigo que arrogante
Cuida que tem a empresa differente,
Quem deixa o forte atras, não vay diante,
Que se vira a Fortuna facilmente,
Arma mandai tocar no mesmo instante,
Que em breue se apercebe a forte gente
Que o que vay de prudente a voluntario
Vay de ousado senhor a temerario.

Destas razões vencido , o Rey se dece
 Do temerario feito que intentara ,
 Mas ante os seus armado se offerece
 A guayallos assim como os chamara ,
 Que ainda que ao Prior nisto obedece ,
 Nem por isso os desejos atalhara ,
 Ia manda descobrir o campo alheo ,
 Que marcha sem estoruo , e sem receo.

Qual por obedecer ao Rey trocado
 No ligeiro ginete vay voando ,
 Qual não quis esperar nenhum recado ,
 E vem airoso o campo atraueſſando ,
 Qual salta no caualllo confiado
 A força dos estribos despresando ,
 Qual para não fazer tanta demora
 Calçou sobre os arçoës a aguda espora.

Em breue espaço a villa despouoa
 A gente que era á Corte costumada ,
 Como por toda ella se apregoa
 Qu'atenção de seu Rey noutra he mudada ,
 Para onde o som das caxas moue e soa ,
 Atraueſſaõ caminhos , monte , estrada
 Cada hum com nouo ſpirito busca a guerra
 Por não ver ſobjugar a patria terra.

Eſpalhados por valles , por outeiros ,
 Ia diuiſaõ as armas , e os pendões ,
 Donde voltaõ ſuſpenſos e ligeiros
 Com temor dos armados eſquadrões :
 Alguns que vaõ detras , voltaõ primeiros ,
 Batendolhe no peito os corações ,
 E os que contaõ das gentes do inimigo
 Meſturaõ juntamente o ſeu perigo.

Inda o Rey cuidadoso não se esquece
 Do que vira no sonho temeroso
 A tardança o offende, e lhe parece
 Cada momento espaço vagaroso
 A's torres leuantadas sobe e dece
 De armas, de gente, e guerra cobiçoso,
 Quando no campo á fralda de huns outeiros
 Vio em galope vir dous caualeiros. (nha,
 Voltando as lanças vem com graça estra-
 Sustentando os cavallos sobre o freo,
 Que com hum brio igual, destreza, e manha
 Mais representaõ goito, que receo;
 Atraueßando vem campo, e montanha,
 Trazem de verde, e ouro hum rico arreo,
 Em cujas guarniçoens o sol ferindo
 Se vay em varios lumes diuidindo.

Na torre sobre hum braço reclinado
 Entre huns dos melhores que o seruião,
 Olhaua o Rey aos moços com cuidado
 Preguntando entre aquelles quem seriaõ
 De sua arte e postura namorado,
 Como enuejosos muitos dos que os viaõ
 Dom Alvaro Gonçalues de Pereira,
 Que era o Prior, fallou desta maneira.

Os dous Senhor que vedes vir correndo,
 Ambos da cor vestidos de esperança,
 Que inda o pesado arnes desconhecendo
 Somente armaõ na paz espada e lança;
 Ambos meus filhos são, que conhecendo
 O que em servir seu Rey cada hum alcança,
 Foraõ por ver a gente de Castella.
 Para vos dar noticia, e rézaõ della.

18 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Que pois ja minha idade não permite
A estes membros cansados ligeireza,
Porque ás passadas forças pôz limite,
Com estas largas cãs, a natureza:
A elles he rezaõ, que agora incite
A que empreguem, seruindo a vossa alteza,
A lealdade, e esforço, que defendem,
Que herdaraõ dos auós, de que descendem.

Não me fez recear esta vontade,
Que podiaõ seguir-se-lhe outros danos
De seu atreuimento, e liberdade,
Quando os vissem de perto os Castelhanos;
E posto que o mayor tem pouca idade,
A idade do menor he treze annos,
Ambos de animo nobre, e leuantado,
Mas este mais valente, e mais ousado.

Attento estaua o Rey que conhecia
O valor do bom velho, que responde,
E a veneranda barba lhe decia
A te o peito onde á cruz branca esconde,
Do rosto, corpo, e voz logo se via,
Que ao valeroso sprito corresponde,
Tambem mostraua o Rey no modo e rosto
Amor, satisfaçaõ, desejo, e gosto.

Dos valerosos moços mais contente
Por hum recado seu manda chamallos,
Que ouuindo o mессageiro diligente
Saltaõ ligeiramente dos caualllos,
Do pouo corre a vellos muita gente,
Que não sabe entre si mais que louuallos,
Ia com Fernando está junta a Raynha,
Que com o que ouuira, iguaes desejos tinha.

Entre

Entra diante o de mais tenra idade,
Que Nunalures Pereira era chamado,
Que em arte, brio, esforço, e grauidade,
Foy logo dos da corte auentajado,
Mouendo o passo vay com liberdade,
O rosto muy seguro, e confiado,
Em cuja gentileza, graça, e arte
Igual contenda tem Apolo, e Marte.

Nem Narciso entre as Ninfas taõ famoso
Com settas, arco, e com dourada aljaua,
Nem outro Endimiao bello, e feroso,
Quando a lua em seus olhos se eclipsaua:
Nem Ganimedes moço venturoso,
Que à Iupiter da terra namoraua,
Mostraraõ gentileza mais louuada,
Que Nuno com a maõ polta na espada.

O rosto varonil era comprido
Da cor das rosas sobre a neve pura
O cabelo futil, louro, e crecido,
Que em ancis sobre as fontes se pendura:
Na vista muy ligeyro de sentido
Olhos piquenos, mas de luz segura:
O corpo em proporção de gentileza
Promete esforço, brio, e fortaleza.

A este olhando o Rey com ledo rosto;
Lhe manda que o informe do que vira,
De que subido outeiro, de que posto
As Castelhanas gentes descobrira;
O moço que conhece o presuposto
Deile que entie as palauras se forrira;
Assim responde; e todos escutauaõ,
Porque do que elle diz pendendo estauaõ.

Quisera alto Senhor que nesta empreza
 Foramos com razão de vos chamados
 Quando passar nos vira vossa alteza
 De inimigas cabeças rodeados,
 Que então com huma vontade mais aceza,
 E não ja como agora enuergonhados
 Moltrara cada qual ter ousadia,
 Mais de bom capitaõ, que não de espia.

Porem nem dos outeiros por seguros,
 Nem d'entre aruoredos escondidos
 Fomos buscar lugares mais escuros
 Para fugir, ser vistos, ou sentidos;
 Nem o amparo buscamos de altos muros
 Para ficarmos delles defendidos,
 Mas na campina à vista do perigo,
 Fomos correndo o campo do inimigo.

Vimos do grande exercito, e famoso,
 A soberba vanguarda que marchaua
 A onde o outro com o sol mais poderoso
 Sobre mil varias cores se espalhaua,
 O corpo do esquadraõ tam numeroso
 Que a espessa multidaõ desordenaua,
 E a gente mais luzida, e mais galharda,
 Dando costas ao Rey na retaguarda.

Mal com õs olhos o numero comprende,
 Quem d'outra experiencia não se ensina,
 Mas quanto ao largo a vista mais se estende
 Cuberta de armas ve toda a campina;
 A gente de apinhada a si se offende,
 Que fora a confusão della a ruina,
 E com pouca da nosla, e bem regida
 Poderia facilmente ser rompida.

E se me dera a idade confiança,
Como o coração sey que esforço dera;
Com este tenro braço, e leue lança
Ajudado de poucos me atreuera,
Mas não me falta ó Rey outra esperança
Se o enganado imigo vos espera,
De mostrar o valor da minha espada
A' custa de seu sangue mais honrada.

Qual a pedra que tem por natureza
O metal atrahir luzente, e fino,
Que no ar o suspende, abate, e peza,
Fazendo com que a siga de continuo;
Tal o Pereira ousado que despreza
O poder do contrario, como indino,
Ia o Rey suspenso tem, ja o aleuanta,
Huns desconfia, huns moue, outros espanta.

Qual gaba a confiança de segura,
Qual lhe louua a reposta tão discreta,
Qual a graça dos membros e a postura,
E a mudança do rosto tam quieta,
Outro que entre os louvores ja murmura
Com escondida inueja, e não secreta,
Que impossivel parece que se veja
Alguem com tantas partes sem inueja,

A Rainha Lianor que o termo via
Do valeroso moço que fallara,
E daquella alta mostra conhecia
Huma cousa no mundo estranha e rara,
Emgraçadas perguntas lhe fazia
Ao que do campo imigo diuisara,
Inquirindo as bandeiras, e os finais
Por lhe dar occasião de dizer mais.

22 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Se alta Senhora diz me dais licença,
Que ao inimigo campo outra vez faya,
E sem arriscar mais que a minha offensa
Atraueſſe do Tejo a branca praya;
Antes que o ſol da noite as treuas vença
Aqui preza trarei huma atalaya,
Que obrigada confeſſe, ou por vontade
O que vós não fiais de minha idade.

E a pouco por ſeruiuos me auenturo,
Que não auerá braço que mo impida,
Nem eſquadraõ armado, ou forte muro,
Nem ſetta do curuo arco deſpedida,
Com ir em voſſo nome, irei ſeguro,
E ſe na empreza em fim deixar a vida,
Que mor gloria, e que mais felice forte,
Que achar em pouca idade honrada morte?

Ella que a cortezia, auifo, e graça,
Igual tinha tambem á fermofura
Com huma benina moſtra em nada eſcaça,
Com que eſta confiança lhe aſſegura
Lhe diz, que alem de crer que a obra faça
A vida lhe não quer, nas da ventura;
A elRey por ſeu, naquelle inſtante o pede
Que com ſembrante alegre lho concede.

O Prior valeroſo não ſe eſquece
Da cerimonia a tais tempos diuida,
Poſtrado com os filhos ſe offerece
A pôr em ſeu ſeruiço ſempre a vida,
Que inda a merce, e fauor, que ſe merece
Deue ſer como as mais agradecida
Que ou compre a preço igual, ou mais barato,
Nunca he capaz do bem hum peito ingrato:

Ar-

Armalo o Rey quer logo caualeiro
Com Diogo Alures Pereira o forte irmao
Auizado, valente, e bom guerreiro,
Que a nenhum do seu tempo daua a maõ;
Mas ha de ser Nunalures o primeiro,
Que o fora por escolha, e por razaõ
Armas manda buscarlhe, em vaõ buscadas,
Que todas lhe eraõ grandes, naõ pesadas.

Naõ hauia armas que em taõ tenra idade
Hum caualeiro armassem para á guerra,
Naõ val ter a Rainha esta vontade,
Nem mouerse por ella o mar, e a terra:
Mandou prouar de arnezes cantidade,
Que o almazem real continuo encerra,
Mas nenhum serue para o moço ousado,
Que ha de ser pollo Ceo na terra armado.

Mostra pezar de ver que o naõ podia
De aço fino vestir naquelle instante,
Poem o desejo em braços da porfia,
Porque atalha entaõ mais se aleuante
O appetite vaõ, que aonde se cria
Nada mais que a si proprio poem diante,
Nada fica que naõ reuolua e veja,
A fim de conseguir o que deseja.

Como o nosso querer vay nisto errado;
Como a opiniaõ propria nos engana;
Quam longe anda a ventura d'hum cuidado
E quam perto apparece a vista humana;
Quanto contenta ás vezes o arriscado;
Quanto remedio ha que a muitos dana;
Quam certo he, na ventura, e na mudança
Desmentir nos successos a esperanza;

Por

24 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Por contentar Perílo o seu tyranno ,
Que de duro , e cruel se não contenta ,
Fabrica de metal o nouo engano ,
Que a voz humana em bruto representa ,
Por premio do trabalho teue o dano ,
Que nelle ali primeiro se exprimenta ,
Phalaris que conhece o baixo intento ,
Pagoulhe num tormento , outro tormento.

Vai o filho do Sol cortando o Ceo
Sobre o carro do pay soberbo e ledo ,
E o bem que para honrar-se pretendeo ,
Por seu querer lhe trouxe o mal tão cedo
Quando cuidou sobir , então deceo ,
Sem querer crer ao pay este segredo ,
Elle o ministro foy de seu perigo ,
E outrem ficou chorando o seu castigo.

Lianor cobiçosa afeiçoada
Sem tempo , e sem razão segue o desejo
Para esta execuçaõ muito apressada ,
Que o voluntario amor sempre he sobejo ,
Mas quando deste em vão desenganada
Se vir noutros cuidados , noutro ensejo ,
Com que estremos sem tempo , e sem proueito ,
Reprendera irosa os que tem feito.

Que differente em tudo se mostrara ?
Que veneno mortifero lhe dera ?
Se seu futuro mal adiuinhara ,
E aly presente a causa conhecera ,
Em sua morte as armas procurara ,
Entre as discordes ondas o escondera ,
Ou fizera então d'elle , o que fazia
O pay Saturno aos filhos que temia.

Mas

Mas da ordem fatal em tudo alhea
Busca, qual soe a simplez borboreta,
A luz que a vista alegre lhe recrea
E só nella morrendo se aquieta;
Mal o dano encuberto se recea
Com causa tão distante, e tão secreta
Em todos punha os olhos, e o desejo
Em ver a Nuno armado neste ensejo.

Hum caualeiro aly velho e prudente
Para quem se voltou nisto a Rainha
Disse que Dom Ioaõ claro excellente
Mestre de Auis as proprias armas tinha
Feitas naquella idade florescente
Do nouel caualeiro, que aly vinha,
Lauradas com sutil engenho, e raro
Desse metal que Arabia dà tão caro.

Era o velho sagaz de longa idade,
E inda do sangue antiguo descendia,
Do que guardando a patria liberdade,
Deu preso o Rey dom Sancho a dom Garcia,
Saltando aquelle sprito de bondade
Do valeroso corpo, que regia
Nos ferteis campos, que hoje o Tejo banha,
E o sangue entaõ cobrio da nobre Espanha.

Era sabedor na arte escura e fea,
Que Zoroastro aos Persas insinou,
E na com que a sagaz, impia, Medea
Iasaõ do drago em Colchos libertou,
Affiguraua o ar na forma alhea
Transformaua, qual Circe antiga vsou,
Ligaua as sombras negras, que mouia,
Mudaua a luz ao sol, a cor ao dia.

Por

26 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Por seus encantamentos alcançara
Que inda daquelle sangue valeroso,
Que a antiga Lusytania sempre honrara,
Naceria hum varaõ claro, e famoso
De esforço, e de virtude illustre, e clara,
Do nome, que o dos seus farà ditoso,
Dando alto principio á noua historia,
E a descendentes seus estado, e gloria.

E sabendo que o tempo se chegaua
Daquella desejada profecia,
Que nas armas do mestre começaua,
E em armarse Nunalures consistia,
A morada deixou em que habitaua,
E na corte esperando aquelle dia
A seus olhos tam doce, e tam contente
Naquella occasiaõ se achou presente.

Disse alli o que ouuistes: e Leonora
Vendo que alcança o fim do que pretende
Nãõ consente em desejos mais demora,
Que com qualquer tardança o tempo offende
Como se aquelle o seu cuidado fora,
Só nelle se desuella*, e nelle entende
Com alegria manda, e aluoroso
Pedir as armas pera o forte moço.

Prouidencia diuina em nada errada
Como a seu fim occulto tudo ordena
A vam opiniaõ nossa enganada
Quam cegamente ás vezes nos condena,
Mil vezes a Fortuna grangeada
Tudo ao certo effeito desordena
Senaõ guia o saber santo e diuino
O nosso encaminhar he desatino.

Permite quem ordena, e pode tudo,
Porque he só poderoso, e verdadeiro,
Que então embrase Nuno o forte escudo
Do que ha de ser por elle Rey primeiro;
A gente humana em vão poem nisto estudo
O Ceo fomite o arma caualeiro,
E bem mostrou depois no que venceo
Que as armas que trazia eraõ do Ceo.

Manda a Rainha, o mestre lhe obedece,
Posto que ella, sem causa, o desamava,
Com as armas a vida lhe offerece,
Que ella menos que as armas desejava :
Ia o luzido arnes que resplandece
Com o ouro que em mil laços o esmaltaua
Trazia messageiro differente,
Que vem tam apressado quam contente.

Ia com a confiança mais madura
De aço fino o Pereira está cuberto
Com outro brio ja, outra postura
Daua de seu esforço hum penhor certo
A Rainha em louvores o assegura
Com enueja de muitos que estaõ perto,
E toda a flor da corte ali presente
Ella mesma o armava alegremente.

Ali a ordem tomou de caualeiro
Com o apparato, e gosto que conuinha
A filho de hum varaõ tam verdadeiro,
E a hum mimoso em graça da Rainha,
Hum tio seu lhe serue de escudeiro,
O Rey para mor honra lhe padrinha,
E com os olhos cheos de afeição,
Os preceitos lhe dá da profissão.

28 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Mas ferindo-lhe o elmo com a espada,
 Como em tais ceremonias he costume,
 Sahio de ardentes rayos abrazada,
 Ferindo pollos ares futil lume,
 A sala ficou toda alumiada,
 E o Rey que algum segredo mais presume,
 Entende do donzel que ali se armara,
 Que era o que o Rey no sonho lhe mostrara.

Muitos da estranha luz foraõ turbados
 Bem como quando a nuvem triste oppaca
 Rompendo-se em trouões arrebatados,
 Com relampagos fere a vista fraca,
 Porem logo contentes socegados
 Com a vista do Rey que a tudo aplaca
 Cada hum grandes bens d'elle pronostica,
 E feruindo a Lianor na corte fica.

Armado o moço altiuo parecia
 Qual o capitão Grego douto e bello,
 Quando a vizeira do elmo descobria
 De ouro entre neue, e rosas o cabelo,
 Com armas obrigaua a quem o via
 Muito mais a inuejallo que a temello;
 Que hum tenro parecer brando e fermoso
 Não pode ser aos olhos temeroso.

O Prior não consente que se aparte
 Da corte, o que assim nella se estremara
 Quem no animo, graça, auiso, e arte
 Tam dino de ser visto se mostrara,
 Deu-lhe de seus criados tanta parte
 Quanta para o honrar lhe contentara,
 E hum ayo sabedor, prudente, e velho
 De autoridade, esforço, e de conselho.

Logo nos tenros annos começou
A mostrar o valor com que naceo ,
Para ás altas emprezas que acabou ,
E affinadas batalhas que venceo :
A terra em verdes annos contentou ,
Como tambem depois a terra e ceo ,
Que sempre he o principio estranho e raro
De soberanos fins indicio claro.

C A N T O II.

A R G V M E N T O.

*El Rey dom Henrique poem cerco a Lisboa, o
Cardenal de Bolonha legado do Papa Gregorio XI.
faz as pazes entre os Reis em Santarem, torna-se o
de Castella. O Prior D. Aluaro trata o casamento
de D. Nuno Alures Pereira.*

EM tanto o forte exercito marchando
Pollos desertos campos Lusytanos ,
A cidade de Vlysses vay buscando
Fazendo estragos , roubos , mortes , danos ,
Que os antigos descuidos de Fernando
Dauaõ esforço e valor aos Castelhanos ,
Tendo por acabada huma conquista
Na qual naõ manda o Rey quem lhe resista.

Ia chegaõ junto donde o mar vizinho ,
Que as correntes do Tejo ver procura
Contente vem buscalas ao caminho ,
E em suas doces aguas se mistura ;
Por onde nauegando o leue pinho
Retrata as brancas vellas n'agoa pura ,
Que com o vento que sopra brando , e frio
Ferem em branca elcuma o fundo rio.

30 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Ia descobrem ao longe a populosa
Cidade que de Vlysses foy fundada,
Ia lhe apparece a força poderosa
De taõ guerreiras gentes sustentada,
Ia receaõ a guerra perigosa,
Ia a todos o temor lhes nega entrada,
Tremem ao ar bandeiras, e pendões;
Mas mais tremem no peito os corações.

Que vendo a desusada fortaleza
Das levantadas torres e altos muros,
Donde encerrada a gente Portugueza
Os estranhos não deixa estar seguros;
Ia temem os successos desta empresa
Cotejando os passados, e os futuros,
O furor que ate li tanto os conuida,
Ia rende as armas ao temor da vida.

Mas vos ó moradores descuidados
Que liures de temer assalto alheo
Em brandos exercicios occupados
Vos não moue da guerra algum receo,
Vinde e vereis os campos semeados
De armas, e o largo mar de vellas cheo,
E se ainda o duuidais porque não vedes,
Leantai-vos vereis o que não credes.

Vsem daquella antiga alta pujança
Vossos guerreiros braços vencedores
Guarnecei-uos de escudo, espada, e lança
Caualllos, malhas, settas, passadores,
Renoue-se entre vós aquella vfança,
De pifaros, trombetas, e atambores,
Que inda que forte o desapercebido
Qualquer contrario seu faz atreuido.

Correi

Correi ao campo pois quem a obrigação
 Tinha para atalhar ao mal presente
 Não pode vsar a tempo defensão
 Mas por sobejo amor que pouca gente,
 Outrem lhe tinha preso o coração
 Que accudir como Rey não lhe consente
 Mas vos como leais fortes, e ousados
 Não sois a seus descuidos obrigados.

Tam mal crem neste tempo os da cidade
 Aquelle estranho e vão atreuimento,
 Que nem a noua certa os persuade
 Para tocar de guerra hum instrumento,
 Nem para defender a liberdade
 Fazem qualquer vsado mouimento;
 Ate que bate ás portas o inimigo
 Aonde he mayor afronta, que o perigo.

Huma legoa dos muros alojado
 Estaua o Rey Henrique, quando a terra
 Com o remedio tam tarde aparelhado
 Em ordem se dispoem de fazer guerra,
 Em bandos anda o pouo alcuantado
 Huma porta atras outra ja se cerra
 Tambores se ouuem, pede a gente ajuda
 Armaõ-se, e nenhum sabe aonde accuda.

Tras isto o reboliço, e confusam
 Da gente que entre as portas se mistura
 A companhia sae sem Capitaõ
 E todos saõ soldados da ventura,
 O tropel de ginetes sem pendam
 Dentre a gente de pee romper procura
 Todos saem com animo á pelleja
 Mas não ha quem os mande, ou quem os veja.
 Hum

32 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Hum diz que he bem q̃ a patria se defenda
Com cauas, terraplenos, e trincheiras,
Outro que seja em campo tal contenda
Toca tambores, faz mouer bandeiras,
Este por saluar filhos e fazenda
Na porta ajunta as gentes mais guerreiras
Aonde os dos arrabaldes com recatto
Metem molheres, ouro, prata, e fato.

Ainda á forte cidade entãõ faltaua
O muro que depois Fernando ergueo
Num estreito limitte se encerraua
Que só ao grande Affonso se rendeo
A gente aly sem ordem se ajuntaua
Com alaridos que enchem terra e Ceo
Vendo o campo inimigo que chegando
Como se ja vencera vay triumphando

Nisto pollo arrabalde liuremente
Sobindo para o alto se adianta
Acastellando a mais luzida gente
Na Igreja de Francisco illustre e santa
Que como o santo humilde, e penitente
Sobre os Serafins claros se aleuanta
Assim o templo seu famoso e raro
Mais junto está do Ceo por sermais claro.

Está num alto monte o mais sobido
Para a parte do mar sobre a Cidade
Aonde ja foi a Deos hum templo erguido
Noutra de Portugal primeira idade
Que o Rey que aos cinco Reis tinha vencido,
E posta Lusytania em liberdade
Tambem neste lugar fez fortaleza
Aos santos zeladores desta empreza.

Porque as deuotas gentes perigrinas
A que o Ceo trouxe á praya Lusytana
Por dilatar no mundo as santas Quinas
Contra a barbara feita Mahomerana
Vestindo de aço armadas esclauinas
Para á conquista altiua, e soberana
Deste lugar mais liures, e seguros,
Assaltauam do Mouro os fortes muros.

Aly por fundamento mais famoso
Dos muitos que depois se aleuantaraõ
A' Virgem santa hum templo sumptuoso
Os romeiros de Christo fabricaram
Que hoje he mais nobre, antiguo, e venturoso
Pollos ossos, que aly se sepultaraõ
De alguns puros varões que a Maura espada
Derribou polla Fé santa, e sagrada.

Neste monte se aloja o Castelhana
Com toda a gente armada que trazia
Recebendo da nossa muito dano
Que inda a sem defenlaõ, lho defendia
Daly trata por força, e por engano
De entrar o fortes muros que temia
Com machinas, valor, e diligencia
Mas he mayor que a força a resistencia.

A furia dos soldados disbarata
Da terra a descuidada vezinhança
Xaquea, rende, força, assola, e matta
Por cobiça, por odio, e por vingança
Quantas sedas? quanto ouro? quanta prata?
Tirou a vida a alguns, e a esperança?
Quanto sangue tengio aos apousentos?
De cobigosos, vãos, e de auarentos?

34 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Em quanto isto passaua se detinha
Fernando em fazer gente e recolhela
Mandando de socorro a que lhe vinha
Com animo mais facil que cautella
Naõ pode auer licença da Rainha
Nunalures que deseja ver-se entre ella,
Que como era taõ moço, a tenra idade
O fruto lhe tirou, naõ ja a vontade.

Ia a gente ousada, a que o furor de Marte
Obriga por vingança, e por inueja
Chega a Lisboa, e nella se reparte
Cada hum buscando a guerra que deseja
Escaramuças ha de parte a parte
Todos sentem o dano da pelleja
Hum morre por cobrar a honra perdida
Outro por sustentalla perde a vida.

Ia trinta vezes vira o Castelhana
Banhar o Sol seu carro luminoso
Nas cristalinas agoas do Oceano
Aonde entra nelle o Tejo vagaroso
E outras tantas o vira o Lusitano
Apparecer corrido e vergonhoso
De ver tam afrontada a forte gente
Que hauia de hir honrallo no Oriente. (do

Quando ao campo de Henrique era chega-
Guido, que em seu alcance caminhaua
Cardeal do Pontifice legado,
Para atalhar as guerras em que estaua
Delle tiuera o mesmo Rey recado
Ia quando em Portugal soberbo entraua,
Mas porque deste intento o naõ mudasse
Esperar lhe mandara a que voltasse.

E elle

E elle com pio zelo desejando
De acquietar ao Rey, seguindo-o vinha,
E quando as prayas vio do Tejo brando
la Henrique a Cidade em cerco tinha
Sua embaxada deu ao Rey Fernando
Que armado como ouuistes se detinha
Na nobre Santarem, donde ja fora
Se o não tiueraõ laços de Leonora.

E dizendo o que o Papa pretendia
Na desejada paz santa amisade
Para euitar a guerra, que seria
Offensa, e dano, á toda a Christandade
Vendo como Fernando a consentia
Porque a razaõ, e o tempo o persuade,
Para Henrique se parte, e na paz falla,
E a Santarem se torna a confirmalla.

Logo os embaxadores a Lisboa
Manda Fernando, e torna o Cardeal,
la se concerta a paz, ja se apregoa
Nos Reynos de Castella, e Portugal,
Em fazer os contrattos em pelloa,
Henrique tinha o gosto principal,
Vem bulcar a Fernando em este ensejo
Os dous se visitaraõ sobre o Tejo.

Cada hum em seu batel embandeirado
De armas reaes; de ouro, e seda fina
O rico toldo, ao Tejo celebrado
Vaõ cortando a corrente cristalina,
Cada hum de dous varões acompanhado
Como primeiro a tregoa determina
Aly firmaraõ paz doce, e segura
Que hum de vontade aceita outro procura.

36 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Cessaõ as armas logo, e os instrumentos
Que os animos á guerra prouocauaõ
Fazem-se jogos, festas, casamentos
E em firmeza da paz que celebrauã
Mudan-se os trajes ja com õs pensamentos
Tõdos no gesto, e cores demonstraõ
Aluoroço, prazer, gosto, alegria
Por agradar ao Rey, que assim queria.

Vai-se Henrique contente, e tambem fica
Fernando dos concertos satisfeito
Posto que aquellas pazes que publica
Lhe não podem caber dentro no peito
A armada Castelhana vai muy rica
E inda com mayor honra que proueito,
Que he affas d'entre gente taõ valida
Quem offendida a tem voltar com vida.

Grande parte dos pouos que acudiraõ
A defender Lisboa em tal jornada
Em breue a seus lugares se partiraõ
Depois que a paz dos Reys foy confirmada
Os Capitães, e os grandes que assistiraõ
Em quanto a doce patria foi cercada
Vendo o Reyno ficar neste remanso
A seus assentos vaõ buscar descanso.

Dom Alvaro se parte o nobre velho
Da liança dos Reys tambem contente
Na qual elle mostrou ser claro espelho
De hum valeroso animo, e prudente
Quanto el Rey bem sentio de seu conselho
Tanto a sua partida a Corte sente
Que hum varaõ de tal nome, e de tal sorte
Em guerra, e em paz he sempre hõra da Corte,

Del Rey o mais amado, e mais valido
Era, e de toda a Corte o mais amado
Entre inimigos sempre o mais temido
E entre os nobres da Corte o mais honrado
Graue na paz, quieto, e entendido,
Valeroso na guerra, e esforçado
Benino, liberal, e generoso
De vassallos, e terras poderoso.

Era senhor muy grande em Portugal
Tinha tal condição, com posse tanta
Que qualquer que lhe fosse em renda igual
Ao seu trato comum não se aleuanta
Em sangue illustre, em casa principal
Prior do Hospital da Casa santa
Priuado de tres Reys muy venerando
Foi de Affonso, de Pedro, e de Fernando.

Pedem seus feitos dinos de memoria
Eterna, a relação muy differente
Da que aqui tem lugar na nossa historia
Que digressão tão larga não consente
Sua fama immortal, seu nome, e gloria
Sua vida entre todas excellente
Não pode em breue espaço ser contada
Sem ser mais offendida que louuada.

Este foi o que Pedro o Castelhana
Cruel, ao quarto Affonso auô pedia,
Pollo valor, e esforço mais que humano
Honra, consêlho, e Fé que nella auia,
Este que as pazes fez ao Lusitano
Com Pedro o filho amante que queria
Vingar da bella Ines a morte injusta
Que inda a fonte d'amor lagrimas custa.

O Por-

38 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

O Porto defendeo deste indinado
 Principe, que abrazallo entao quizera
 E dos pendões das naos embandeirado
 Nouo muro formou que inda o naõ era
 Deste, e d'outros seruiços obrigado
 O Rey quando o chamaua a Parca fera
 Antes que o charo espirito despedisse
 Tais palauras se conta que lhe disse.

Valeroso Prior que eu sempre tiue
 Nos olhos igualmente, e coração
 Esta hora derradeira de quem viue
 Para na morte auer de dar razao
 Iusto he que neste estado naõ me priue
 De a vossas obras dar satisfacão
 Confessando ante todos que vos deuo
 O que pagar na morte naõ me atreuo.

Vossos antepassados valerosos
 Com meus antecessores tam validos
 Receberao mercês, cargos honrosos
 Satisfeitos dos Reys, e os Reys seruidos
 Mas os vossos seruiços tam famosos
 Tam grandes, tam leais, tam conhecidos,
 Naõ nos posso pagar porque os conheço
 Delles (se he justo a Rey) perdao vos peço.

A Rainha que aqui está vos encomendo
 E este Infante meu filho Dom Fernando
 Que de vosso valor bem claro entendo
 Que inda morto auereis que reino, e mando,
 E depois que este espirito que viuendo
 Sentistes para vós tam leue e brando
 Do corpo se apartar lembrai-uos delle
 Pois que vivendo andastes sempre nelle.

Reinando atras de Affonso o riguroso
Pedro, que do Pay foi n'alma agrauado
Não se esquecendo o velho valeroso
Do que o Rey lhe deixara encomendado ;
Fez que á Rainha desse o justicoso
Mais terras do que o pay lhe tinha dado
E ao Iffante seruiço, casa, e gente
A seu nome e valor conueniente.

Ao Conuento de Rhodes nesta idade
Foi de muy nobre gente acompanhado
E por seu nome, esforço, e dignidade
Foi na Religiaõ Mestre esperado,
Sempre esforço mostrou, honra, e verdade
No lugar de Senhor, e de priuado
Teue trinta e dous filhos que viuerão
Dos quais varios Pereiras procederaõ.

Nessa regiaõ fertil Transtagana
Fez da Ameeira a força bellicosa,
E nouamente á terra Lusytana
Edificou a alegre Frol de Rosa
Aonde á Virgem pura, e soberana
Fez do seu nome a casa milagrosa
Da ordem lhe anexou muy grossa renda
Ordenando de nouo huma Comenda.

Fundou os passos seus, e aquelle assento
De Bomjardim lugar ameno, e ledo
Alegre a qualque rliure pensamento
Fresco de vales, fontes, e aruoredo
De veraõ tinha aly nobre aposento
Naquella branca idade, que mais cedo
Não busca onde descance o peito que ama
Menos os passatempos, do que a fama.

Depois

40 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Depois que de Fernando se apartou,
E dos filhos que mais que a si queria
Neste lugar as armas pendurou
Como quem dellas já se despedia
O fruto dos triumphos que alcançou
Com os que gera o Sol, e a terra cria
Gozaua em breues annos; que este fruto
Attura pouco, e custa sempre muito.

Despedio do caminho hum grande espaço
Os dous filhos que á Corte se tornaraõ
Tomando o forte Nuno pello braço
Que muitos por seu mal depois prouaraõ
Liando a ambos num estreito abraço
A que elles humilmente se inclinaraõ
A fé, o Rey, e honra lhe encomenda
Que ame cada hum, tema, e deffenda.

Ficaraõ os mancebos valerosos
Seruindo ao Rey que em muito os estimaua
Iá tornaõ aos vestidos curiosos
Que a guerra em aço e ferro lhe trocava
E ainda que elles das armas cobigosos
O ferro mais que o ouro os contentaua
Naõ ha a quem naõ enleue a pompa vam
De huma soberba mostra cortesam.

Como o sonoro rio que na enchente
Do carrancudo inuerno se mistura
E passando os limittes da corrente
Cobre com turuas agoas a verdura
Depois que o Sol se mostra no Oriente
A cuja sombra foge a neuoa escura
Se recolhe apressado, e na campina
Descobre a herua, a aruore, a bonina.

Assim

Assim depois da guerra, e confusam
Em que o prazer da Corte se derrama
Aleuanteou a paz branco pendão
E cerrou Ianno a porta á vaga fama
Iá passeava o brando cortesam
E ja apparecia á linda dama
Vestidos de contentes, varias cores
Trocando os feitos d'armas nos de amores.

Dom Nunalures tambem como obrigado
Ao estylo da Corte, semelhante
Ao sagaz cortesaõ mais apontado
Nenhum quer que em o ser se lhe adiante
Iá reforma o vestir, troca o cuidado
Iá se preza de ayroso, e de galante
Vendo que o que a Rainha estima e preza
He amor, cortesia, e gentileza.

Iá o coração liure não se isenta
De hum assalto qualquer de formosura
Iá do termo galante se contenta
Do passeio da volta, e da mesura
Iá dança nos seraos, já se apresenta
Com ar, graça destreza, e compostura
Em tudo de amor moltra o doce effeito
Porém dos olhos não lhe offende o peito.

Os seus se vestem já doutra librea
Ia se trata na Corte o mais custoso
O hispano ginete em que passeia
He o mais cobiçado, e mais fermoso,
Ia com a caça dos montes se recrea
Outra ora com o Falcaõ mais generoso
As feras desprezando cá na terra
Moue ás aues do ar contenda e guerra.

42 O CONDESTABRE DE PORTUGAL:

Gasta as noites isento de cuidados
 (Que para estes cuidados são melhores)
 Hora em ler as historias dos passados
 Hora em ler aventuras por amores
 Contentaõ-lhe entre os versos namorados
 Os extremos , as graças , e os primores
 Fructo daquella idade tenra e verde
 Que faz tal differença em quem a perde.

Mas como o coração que traz no peito
 Que de grande ja nelle não cabia
 Sempre lhe procurava o mais perfeito
 Estado dos intentos que seguia ;
 Mais era afeiçoado que sujeito
 Inda que sello a muitos parecia ;
 Escolha certa só de amor humano
 Que o mais he tudo pena , e tudo engano.

Lia neste exercicio costumado
 Huma historia na lingua Portugueza
 Do casto Dom Galaz claro esforçado
 Honra , e valor da antigua Corte Ingreza
 Vitorioso sempre e celebrado
 Pollas prerogatiuas da pureza
 Tanto á virtude mais se inclina
 Que até á morte ser casto determina.

Quanto he deuido aos claros escritores
 O louvor que esta idade não consente
 Que debaixo de escuros , e de cores
 As virtudes ensinaõ sabiamente ;
 Entre o doce da honra e dos louvores
 Que he isca popular que ceua a gente
 A gloria , e fama os animos excitaõ
 Dispoem , ordenaõ , mouem , facilitaõ.

A que

Aque honrado não moue huma lembrança,
 Dos valerosos feitos dos passados ?
 Que não conceba em si noua esperança,
 De os seus serem no mundo celebrados
 A quem não enuergonha e faz mudança
 E inueja honrosa o vellos recontados
 Se inda huma historia vãa, mas bem fingida
 Moue hum animo illustre á santa vida.

Nisto a passaua Nuno; e tambem tinha
 Fernando outra, que aos seus mais satisfaça
 Ia ao Reyno ordenaua o que conuinha
 Gastando o tempo liure em monte e caça
 Tudo com gosto e graça da Rainha
 Sem quem nada achaua gosto e graça
 Que a vontade que tinha era da sua
 Como he do Sol a luz, que mostra a Lua.

Como se vio na paz mais inclinado
 Ao que pedia o Reino se mostraua
 Fez em Lisboa o muro leuantado
 Que para resistencia lhe faltaua,
 Deu nouas leis ao pouo aluoraçado
 Com qualquer nouidade que intentaua
 Fez a terra mais forte, e mais barata
 Fez pezos, fez medidas, bateo prata.

Em quanto goza alegre deste estado
 A que logo a fortuna teue inueja
 Ou por ver nelle o bem mal empregado
 Ou porque ninguem quer que firme o veja
 Dom Aluaro sigamos que apartado
 Destes menores filhos que deseja
 Carregado dos annos busca, e goza
 A vida mais quieta, e mais gostosa.

44 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Hum dia quando o Sol fermoso e louro
 Nos coroados montes se subia
 Na cesaõ que fugindo ao bravo touro
 Aos dous filhos de Leda apparecia
 Por gozar da manhãa que rosas e ouro
 Sobre a verdura alegre desfazia
 A' caça vay dos seus acompanhado
 Que este he seu exercicio , e seu cuidado.

Partenfe de galope os caçadores
 E os cascaueis soantes facudindo
 Os falcoens se debatem , e os açores ,
 As aues que medrosas vãõ fugindo
 Os celticos podengos corredores
 Que vãõ á vista o mato descobrindo
 Descobrem das perdizes nescia banda
 A's quais o velho humã aue soltar manda.

Logo o ligeiro aqor nas vnhas leua
 A que de tras das outras se partira
 Empolga , dece à terra , aly se ceua
 Ate que o caçador das mãos lha tira
 Naõ ha humã das outras que se atreua
 A quèrer reuoar donde caira
 E tais as torna o medo com que decem
 Que á cor da mesma terra se paracem.

Correm de nouo os buscas diligentes
 Por vales , por campinas , por ladeiras
 Descobrem logo as aues imprudentes
 Da que leuaõ vencida companheiras ;
 Te que soltando as vidas innocentes
 Como rale das azas mais ligeiras ;
 Só humã falta ao Prior do fraco bando
 Que ante o furioso inimigo vai voando.

Entre huns espessos ramos se meteo
A Perdiz temerosa e perseguida,
O açor sobre as nuuês corta o Ceo
Que já despreza a preza ja vencida.
Cada hum dos seus por ver onde deceo
Toma caminho e estrada conhecida
Te que o Prior famoso o ve primeiro
Que vai mais apartado, e mais ligeiro.

Atraueſta correndo hum aruoredo
Do qual hum rio o paſſo atraueſſaua
E encoſtando-se ás fraldas de hum rochedo
Por entre os brancos ſeixos murmuraua
Donde vio que no meo de hum penedo
Huma pequena hermita ſe moſtraua
A cuja porta hum velho venerando
Eſtaua ſobre as pedras repouſando.

O deſcorado roſto penitente
Representaua idade aſſas comprida
Huma calua muy palida, e luzente,
A barba branca eſpeſſa e muy crecida,
Sobre hum pardo burel eſtreitamente
Huma larga correa tem cingida
E no peito huma imagem milagroſa:
Da que foi Virgem, may, filha, e eſpoſa.

Fez no claro Prior muy grande aballo
Ver aquelle lugar que nunca achara
Bradou ao Hermitaõ para acordalo
Que antes que elle bradaſſe ja acordara
Porque ouuindo as piſadas do cauallo
Para o Prior alegre ſe voltara
E com rogo modesto humilde e pio
Lhe pede que atraueſſe o manſo rio.

46 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Naõ estranhes o grande atreuimento
Lhe diz , ó varaõ forte a quem se deue
Mais humildade , e mais acatamento ,
Que huma ouzadia affim ligeira , e leue :
Mas quem leua a tençaõ por fundamento
Na vontade do Ceo melhor se atreue ,
Vem pois te trouxe agoia a sorte minha
Que a grandes esperanças te encaminha.

Dom Aluaro ficou como enleado
Das palauras que o velho lhe dizia
Passa o rio suspenso , e com cuidado
Por saber de mais perto o que seria
Recebeo o Hermitaõ aluoraçado
Que a respeito obrigaua e cortesia
Que nas brandas razões , e na apparencia
Mostraua exemplo saõ , honja e prudencia.

Apeou-se o Prior sobre a verdura
E o cauallo de hum verde ramo prende
Entraõ na estreita hermida cuja altura
Ainda a entrada humilde lhe deffende :
Depois que á Virgem santa clara , e pura
Cada hum postrado em terra as graças rende
Sentados fora ao pé d' huma aueleira
Lhe falla o hermitaõ desta maneira.

Tronco daquella estirpe generosa
Que tem guardada a summa magestade
Para gloria da gente valerosa
Que ha de espalhar na terra a Christandade
Cuja illustre pro genie venturosa
Dominará com gloria noutra idade
Os Reinos , e Prouincias , que oje encerra
Europa em quanto o mar rodea a terra.

Cujos

Cujos nunca vencidos descendentes
Nouos mares, e terras adquirindo
Dominarã remotas outras gentes
Que habitaõ Nilo, Bathro, Gange, e Indo.
Aqui te guia o Ceo para que aumentes
O que estaõ as estrellas permitindo
E começando huma obra taõ diuina
Ministres o que o fado predestina.

Tempo he conueniente, e oportuno
De se comprir seu desejado intento
E de dar companhia ao forte Nuno
Que he deste meu presagio o fundamento
Será de Marte espanto, e de Neptuno
Será de Portugal vigor, e alento
Que de seu braço armado em dura guerra
Tomará forças como Anteo da terra.

E para que se cumpra este concerto
Por influxo de estrellas ordenado
E naõ seja, o que está nos fados certo
Por descuidos dos homens atalhado
Por mim neste lugar te he descoberto
Que chara esposa des ao filho amado
Cujo valor na terra sem segundo
A seus pes deixará vencido o mundo.

Como guia da sorte te encaminho
Pollo que das estrellas claro vejo
E antes que Apolo acabe o seu caminho
Verás comprido o fim deste desejo,
Entre as terras que regaõ Douro, e Minho
A que ja agora enuejaõ Tibre, e Tejo,
Triste estará, e chorando a bella esposa
Que ha de ser taõ alegre, e venturosa.

48 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Deſta outra noua planta o mundo eſpera
Que com ſeus verdes ramos fruito, e flores
Fará na Luſytania primauera
Reſucitando os braços vencedores,
E diz que como o Sol na ſua Eſphera
Nuno triumphar das armas, e tambores
Neſta armadura humilde que me veſte
N'outra empreza entrará alta, e celeſte.

Ceſſando o ſabio monge que fallaua
A voz, ao caualeiro ſuspendeo
E vendo ſer do Ceo quanto trataua
Os olhos leuantou e as mãos ao Ceo,
Com palauras que o goſto lhe enſinaua
As graças humilmente offereceo
Com as lagrimas nos olhos de alegria
A quem tudo gouerna, ordena, e guia.

E logo o venerauel roſto e ledo
No que contaua hum pouco aſſegurou
Para ouir ſe daquelle alto ſegredo
Ainda algum preſagio lhe ficou:
Porém no mais eſpeſſo do aruoredo,
Para onde o manſo rio atreueſſou
Os ſeus bradar ouirãõ, que o cauallo
Pollos paſſos ſeguindo vem buſcallo.

Deſpedio apreſſado o hermitãõ
Cortando-lhe as palauras que reſponde
Satisfaz-ſe de verlhe o coração
Que em verdadeiros olhos não ſe eſconde,
Tempo ha de vir (lhe diz) claro varaõ
Lugar e occaſiãõ mais certa aonde
Se conheça a tençaõ deſta obra minha
E agora vay com o Ceo que te encaminha,
Como

Como acorda alterado o que sonhava
Achar algum thesouro' defendido
Que no que o vão Protheo lhe mostrava
Traz sempre o pensamento , e o sentido
Communicar não ousa o que cuidava
Pôr não ser estorvado , ou entendido
E no lugar fantastico que via
Poem balisas na varia fantasia.

Destá sorte o Prior com os seus se parte
Pollo mesmo caminho que o guiara
Leuando o pensamento á aquella parte
Que o fatidico velho lhe mostrara
As palauras recorda , o modo , a arte
Com que hum tão grande bem lhe affigurara
Representando o gosto na memoria
Daquella desejada , e doce historia.

Porem deixando o sabio que aly fica
Gozando a doce vida tão quieta
Para o prudente só segura e rica
Quanto conceder pode o bom planeta ;
Tras dos futuros bens que pronostica
Pollo que das estrellas interpreta
Vamos buscar o effeito verdadeiro
Que este vio Nuno armarse caualeiro.

Recolhe-se o Prior ledo , e contente
Do pensamento occulto que trazia
Saber logo procura astutamente
O que em tal aventura se escondia :
O coração leal que nunca mente
Lhe dava alegres nouas cada dia
Em poucos soube em fim que o sabio velho
Em mais fundava as obras, que em conselho.

50 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Nas deleitosas terras que honra e rega
O fundo Douro, e vagaroso Minho
Que a corrente ao mar contente entrega
Deixando entre altos montes o caminho
Aonde Pomona, e Ceres nunca nega
Seu louro fructo, e Baccho o brando vinho
Aonde Zefiro, e Flora colhem flores
E chora Filomena os seus amores.

Ouve huma dama illustre e celebrada
Que com Vasco Gonsalves de Barroso
Estando hum breue espaço desposada
A morte lhe roubou seu charo esposo,
E naquella cesaõ taõ magoada
Naquelle estado triste e lastimoso
Entre lagrimas vãs seu mal publica
Só, fermosa, discreta, honesta, e rica.

Alem da clara estirpe generosa
Da formosura, e graça sobre humana,
Que bem basta ser nobre e ser fermosa
Para vencer qualquer vontade humana,
Era senhora rica, e poderosa
Que he o que mais contenta, e mais engana
Deulhe a ventura tudo o que mais preza
Para se auentajar da Natureza.

Foi o nosso Prior logo auisado
Que por seus mesageiros pretendia
Saber de algum final, noua, ou recado
No lugar aonde o Monge lhe dizia,
E entendendo que o fim de seu cuidado
Naquelle dona illustre se entendia
Sem mais se aconselhar nesta demanda
Hum caualeiro seu ao Douro manda.

E por apressar mais esta ventura
Outro inuiou ao Rey com o mesmo intento
Cuja vontade elle ha por bem segura
Se a pode assegurar merecimento
Cada hum dos mesageiros que procura
Mostrar na diligencia seu talento
Ao Douro hum, á Corte outro se aparta
Chegou a el Rey Fernando e deulh'a carta.

De todas estas cousas muito alheo
Traz Nuno o pensamento, e o sentido
Sem desejo, esperanza, e sem receo
De ser entre irmãos tantos o escolhido
Mas quando este recado á Corte veo,
Ia della a Bomjardim era partido
Que por mandado, e gosto da Raynha
Ao desejado pay visitar vinha.

Elle o agasalhou com festa, e gosto
Como aquelle a que amaua de verdade
E em suas esperanças sós tem posto
O descanso, e sabor daquella idade
E porque tem só nelle, a vida, e gosto
Poucas horas lhe esconde esta vontade
Passeando com elle a larga sala
Tomando-o polla mão desta arte falla.

Mostrame a idade Nuno o fim da vida
Vejo que estou da morte muy vesinho
Chegarei cedo á meta prometida
Porque ha ja muitos annos que caminho
Desejo antes que a morte me despida
Pello que de teus feitos adeuinho
Darte huma companheira illustre, e bella
Por ver antes que jacebe o fruto della.

Trago nisto continuo o pensamento
 Cada hora mais se apura esta vontade
 Não te ouzara fallar em casamento
 Que he natural aos moços liberdade
 Mas nas obras que são de entendimento
 Não ha porque esperar madura idade
 Conuem que a occasião seja madura
 Que em poucos annos ha muita ventura.

O Ceo benino agora me offerece
 Lugar para honra tua e gloria minha
 Que he hum dona illustre que merece
 Não só ser tua esposa mas Rainha
 Esta que em fangue e partes se ennobrece
 Com riqueza e poder qual te conuinha
 Desejo de escolher por filha e nora
 Mas o teu querer só me falta agora.

Tras isto alegremente o que tratara
 Do casamento o velho lhe dizia
 Como o seu caualeiro lhe mandara
 E como elRey tambem nelle entendia
 Que siga aquella empreza illustre e clara
 Com amorosos rogos lhe pedia
 Nuno que outra afeição no peito esconde
 Com humildade sabia lhe responde.

Vos Senhor me obrigais a hum nouo estado
 Que nunca me passou polla memoria
 Ia mais pus o desejo de ser casado
 Mas por graça o julgaua, e por historia;
 E como moço, e mal determinado
 Que tem noutra conquista o gosto e gloria
 Responder leuemente não me atreuo
 Sem vos satisfazer contra o que deuo.

Quem

Quem em tal caso em vão se determina
Ou acerta por erro , ou erra em tudo
Daime tempo senhor , que o que imagina
Erra por eleição , não por descudo
Ouvindo o pay reposta tão diuina
A replicar-lhe foi , mas ficou mudo
Mandalhe que de espaço cuide e veja
O que elle não cuidar tanto deseja.

Satisfeito de ver que em tal idade
Cabia entendimento tão maduro
Lhe deixara esta escolha na vontade
Se o não aluorocara o bem futuro,
Por mil vias o tenta e persuade
Temendo hum coração tam firme e duro
Porem aonde a razão domina e manda
Tudo se rende em fim , tudo se abranda.

CANTO III.

*Celebraõse as vodas de Dom Nunalures Pereira,
partese com sua esposa para as terras dentre o Dou-
ro, e Minho, chamado do prior vem, está a sua morte;
com a del Rey D. Henrique se moue a guerra entre
el Rey D. João seu filho, e el Rey D. Fernando: D. Nu-
nalures vai por fronteiro a Portalegre, donde manda
desafiar ao filho do mestre de Santiago de Castella.*

NÃO sabia em que modo se escusasse
Dom Nunalures ao pay do casamento
Nem porque termo , e modo o desuiasse
Daquelle seu desejo , e pensamento ;
Quando lhe hia a fallar ; sem que fallasse
D'ante mão lhe atalhaua aquelle intento
Nenhum declara aquillo que pretende
Que antes que hum falle, o outro o defende.

54 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Roga o Prior, e em breue tempo obriga
A may de Nuno honrada e verdadeira
Que o moua, o aconselhe a que lhe diga
O que he justo que busque, estime, e queira
Que alem de o filho a ter por certa amiga
Lhe obedece em tudo o bom Pereira
Mas das razões que daua conuencida
No mesmo que lhe roga ja duuida.

O Tio Ruy Pereyra ousado, e nobre
D outra parte o combate cada dia
A quem mais claramente elle descobre
O differente intento que trazia
Cada hum ja de razões estaua pobre
Pollas com que elle a todos defendia
Tomar aquelle estado, doce, e graue,
Que he jugo, inda que a muitos he suaue.

Em quanto nelle o moço não consente
Com hum a vontade a tantas rigurosa
Tornemos a Fernando que contente
Lhe quer dar companhia tão fermosa,
Tanto que o mesageiro diligente
Lhe deu do velho a carta cobiçosa
Com hum a cobiça igual, igual vontade
A dona escreue, obriga, e persuade.

Ia neste tempo o caualeiro astuto
Que ao Douro era partido, a carta dera
A dama, que pagando o vão tributo
Em lagrymas; culpaua a parca fera
Por ver cortado em flor o tenro fruto
Que tantas esperanças prometera
E inda não conuencida de ligeiro
Mandou tratar muy bem ao mesageiro.

E elle se ouue de sorte na embaxada
 (Que era homem de valor, e entendimento)
 Que deixa a dona illustre afeiçoada
 A quem nunca pôs nella o pensamento ;
 Que he (responde) a tenção pera ella honrada,
 Mas que tratar não quer do casamento
 Sem que primeiro a el Rey delle informasse
 E com vontade sua se acabasse.

Contente o caualleiro se tornaua
 Da resposta da dona, e da cautella,
 E com mores razões se contentaua
 Das perfeições, e estremos que vio nella,
 Quando a carta del Rey tambem chegaua,
 Que com o mesmo desejo o desuella,
 Pois tais termos a obriga, e de tal sorte,
 Que faz que em breue espaço venha á Corte.

El Rey ao seu querer procura effeito
 Para dar ao Prior satisfação
 A dona ja de amor tem cheo o peito
 Pollo que lhe reuela o coração,
 Vendo o Rey não somente satisfeito,
 Mas parte interessada na tenção,
 Para a jornada apresta muitas gentes
 De criados, vassallos, e parentes :

Aly vem os de Aluim prosapia antiga
 Dos que ao Conde Henrique acompanharão
 Contra a seita barbarica inimiga,
 Que ja de Guimarães o nome honraraõ.
 Os Coelhos illustres que inda obriga
 A memoria dos peitos que mostraraõ
 Os Melos que engrandece a clara fama
 Todos do sangue illustre desta fama.

Chegou muy nobremente acompanhada
 A Corte, aonde era affas bem conhecida
 Foi del Rey com muyta honra festejada,
 E da Rainha honrada, e recebida,
 Das damas mais fermosas inuejada,
 Ou polla fermosura, ou polla vida
 Que vem tomar, e cada qual deseja;
 Vida antes de se ter, dina de inueja.

Fernando que em tais obras não dilata
 O fim que o bom desejo lhe pedia,
 Desposala com Nuno logo trata
 Pollas partes, e dões que nella auia,
 Ella que mais cortes dama que ingrata
 Ao Rey quer parecer naquelle dia,
 Obedece a seu mando facilmente;
 Pouco faz quem deseja se consente.

Ia para o Bomjardim parte apressado,
 O mesageiro alegre que leuaua
 DelRey para dom Alvaro o recado
 E da Rainha a Nuno que o chamaua,
 Ah quanto fica o velho magoadado
 Da vontade que o filho lhe negaua,
 Vendo a reposta, e carta ja da dama,
 Que dona Lianor d'Aluim se chama.

Então de seu desejo dobra a força
 De parentes, e amigos se aproueita
 Ia não busca razões, obriga, e força,
 Entre as brandas que diz lagrymas deita
 Nuno que a defenderse mais se esforça
 Se vê em prizaõ mais dura, e mais estreita,
 Ia mais deuagar peza e considera,
 Mas não ja arrependido o que fizera.

Ven-

Vendo que a Rainha à Corte o chama,
 O pay o roga, o tio o aconselha,
 A may o obriga, que elle estima e ama,
 Por amiga prudente e sabia velha,
 E que està ja na Corte a nobre dama,
 Que para os desposorios aparelha,
 Entende que Deos quer tal casamento
 Nelle a vontade poem e o pensamento.

Ah por quam varios, e escondidos
 Deos infinito, e eterno, e soberano,
 Deixou nossos remedios repartidos
 Para nos libertar do eterno dano,
 Com hum sombra de males não sofridos
 Com hum espirito do ceo num peito humano
 Aos bens nos chama, aos males nos acode,
 Condição de quem ama, e de quem pode.

Manda ao santo Abrahaõ que lhe offreça,
 A Isac hum filho so que tanto amaua,
 Que ponha em suas aras a cabeça,
 Por trofeo de amor, com que o tentaua;
 Faz que o velho chorando lhe obedeça
 E o filho que a seu golpe humilde estaua
 Depois que alegres vaõ a obedecello,
 Entaõ poem Deos a mão entre o cutello.

Guarda ao moço Isac porque pretende
 De sua geração sublime, e santa,
 Trazer o ramo excelso, que descende
 Ate a mais levantada, e pura planta,
 Entaõ da morte a vida lhe defende,
 Depois sobre as estrellas o leuanta,
 Nem o pay perde a gloria merecida,
 Nem o filho innocente perde a vida.

Quer

58 O CONDESTABRE DE PORTUGAL:

Quer que o Pereira forte , e valeroso
Entrando na dourada sua idade ,
Incline o peito altiuo , e generoso ,
A conseruar perpetua castidade ,
Faz que despreze estado poderoso ,
Por lhe dar em offerta esta vontade ,
Ate que elle lhe dá occulto indicio ,
Que não quer , que este seja o sacrificio.

Ia depois de obrigarlhe o coração ,
Que humilde a seu querer todo se entrega
Depois que ao velho pay nega afeição ,
E á sua idade tenra o fruto nega :
Dá Deos principio á clara geração ,
Que em tão sobidos ramos prende e pega
Para occupar no ceo tantas cadeiras ,
E abater ante a cruz tantas bandeiras.

Ao venerando pay logo se inclina
Com espirito nouo , e noua graça ,
Diz que só elle o manda , e o domina ,
Que a elle he justo só que satisfaça ,
Que seguir seu mandado determina ,
Que ordene , que disponha , mande , e faça ,
Da vida sua , e pensamentos della ,
O que quizer sem medo , e sem cautella.

Ao Ceo o velho humilde as mãos leuanta ,
Dando as graças a Deos contente , e ledos ,
Que não esperou ja com gloria tanta
Ver começado o bem de seu segredo ,
Como a verde era abraça a tenra planta ,
Com que se foi criando no aruoredo ,
Assim abraça ao moço estreitamente
Com as lagrimas nos olhos de contente.

As benções amorosas multiplica
Sobre tão desejada obediencia ,
Estado lhe promete , e casa rica ,
Eterna , e generosa descendencia ,
Parte do que oje vemos pronostica ,
Com fé , com esperança , e com prudencia,
Tras isto da partida logo trata ,
Que quem muito deseja não dilata.

Ia se parte contente o tenro esposo ,
Que a dama espera ver de dia em dia ,
E mais contente o velho valeroso ,
Que entre os filhos hum Marte parecia ,
Sobre hum cauallo forte e poderoso ,
Que com as mãos entre a cilha se feria ,
Dos caualeiros seus acompanhado ,
Que da cruz branca o peito tem cruzado.

Foy de todos os grandes recebido
Com amor , aluoroço , e com respeito
Por tão famosas obras merecido ,
E empregadas melhor em tal sujeito ,
O gentil esposado mais corrido
Dos muitos parabens , que satisfeito
Hora a cor muda , hora outra cor concebe,
Mas com vergonha , e graças os recebe.

Lianor , e Fernando o recebeo
Com gosto a tais cuidados oportuno ,
E para as ledas festas de Himeneo ,
Conuida alegremente ao forte Nuno ,
Equando o sol cansado se escondeo
No cristalino reyno de Neptuno ,
Vio a Leanora o nosso caualeiro ,
E ali a bella dama o vio primeiro.

O que ambos sentiriaõ julgue agora
 Quem pôs em tal estado o seu desejo ,
 Porque eu que neste jogo estou de fora ,
 Mal saberei pintar o que naõ vejo ,
 Ella tomava a cor da bella Aurora
 Com a que lhe fazia hum nobre pejo ,
 Elle que a vista á furtos empregava
 Da mesma causa a propria cor tomava.

O Prior valeroso alegremente
 Festeja a eleiçaõ daquelle emprego
 Cada hora mais alegre, e mais contente
 Com gosto , e com razaõ naõ tem socego ,
 E quando o claro sol á negra gente
 O orizonte mostrou escuro , e cego ,
 E a nós trazendo o desejado dia ,
 Encheo o mar , e a terra de alegria.

Ordena o casamento celebrado
 Pollo cuidado , e gosto da Rainha ,
 Sem o apparato vaõ e costumado
 Porque a segundas vodas naõ conuinha ,
 Com a nora depois , e o despoñado
 Para o Bomjardim logo encaminha ,
 Que ainda que saude á Corte daua ,
 Nenhuma leua entaõ pollo que leuava.

Venturoso mil vezes o que vio
 Obedecer Fortuna a seus intentos ,
 E que em seus proprios annos conseguiu
 O duuidoso fim de pensamentos ,
 Ditoso a quem seu fado consentio
 Naõ fazer mentirosos fundamentos ,
 E mais vezes ditoso quando alcança ,
 No fim de huma esperança , outra esperança.

Ditofo pay que ja no fim da vida
Vê renacer qual fenix abrazada
Aquella nobre estirpe esclarecida,
Que o ceo a Portugal tinha guardada,
Quando elle para glorias o convida,
Lhe mostra a terra a couza mais amada,
A quem Deos ama, a quem ao ceo se offrece
O tempo, a forte, e a vida lhe obedece

Chegou ao Bomjardim a bella esposa
Na illustre e valerosa companhia,
Huma tarde galante, e graciosa,
Quando o sol sobre as nuuens se decia
Vio aquella obra rica e sumptuosa,
Que das nobres d'entaõ muitas vencia
Entrou contente, e nella se aposenta,
Se a tudo contentou tudo a contenta.

Depois da cea alegre, e sem limite,
Que de Helio vence o liberal sujeito,
Aonde nada pintaua o appetite,
Que não mostrasse o prato mais perfeito
Depois do gosto, e jogos do conuite
No dourado metal, e eburneo leito,
Com o prazer que em tais tempos he deuido.
Foy Lianor entregue a seu marido.

Aquella noite as candidas estrellas
No descuberto olimpo se mostraraõ,
E como luminosas centinellas
A vagarosa noite alumiarãõ,
O nome de Himeneo se ouuia entre ellas
Das nimfas que do Tejo se ajuntaraõ,
Que em saltantes choreas juntas todas
Celebrauaõ com festa as charas vodas.

62 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Os passaros na noite clara e fria ,
Deixando os altos montes , e os penedos ,
Cantauão com suaue melodia ,
Voando entre os espessos aruoredos ,
E como anticipando o nouo dia ,
Sobre os tectos mais altos cantão ledos ,
Dando final que o nouo ajuntamento
Ha de dar noua luz ao firmamento.

Colhe o Pereira o fruto desejado
Da Felix , e castissima Leonora
Que nas primeiras vodas alcançado
Do mal logrado esposo nunca fora ,
Com castissimo pejo o tem calado
Que ninguem o sabia até aquella hora
Não quer que o mundo entenda esta fraqueza
Vencida da virtude , a Natureza.

Quam poucas se acharaõ na nossa idade ;
E da antiga tambem , quam poucas lemos ;
Que encobrissem pureza , e castidade
Fazendo por fingilla mil extremos ,
Se por nos obrigar vida , e vontade ,
O falso fazem crer , contra o que vemos
Ay do marido casto , ou fraco esposo
Que ou ha de estar corrido , ou ser cioso.

Duarte Rey terceiro de Inglaterra
A mulher por pureza não tocou
Como o primeiro Affonso que na terra
De Hespanha o casto nome sustentou
Culpada continencia que assim erra
Cada hum ao doce estado que tomou
Santo he ser casto em fim , mas ser casado
Pede as obrigações daquelle estado.

Quem

Quem porem libertou tal continencia,
 Das intactas esposas reprouada;
 Não ser julgada mais por impotencia,
 Que por virtude em tantas desejada,
 Castissima Lianor, que esta excellencia
 Para vos entre as outras foy guardada,
 Della vereis ao tarde o doce fruito,
 Que o ceo paga com muito, o que ama muito.

Passados alguns dias, que gastaraõ
 Naquella alegre terra os desposados,
 Para as do Douro, e Minho se apartaraõ
 Com vassallos, amigos, e criados,
 Na saudade interna que deixaraõ
 Nas lagrimas; e termos costumados,
 Não gasta tempo agora a minha musa,
 Que hir passando adiante não se escusa.

Achou Nunalures casa nobre, e rica,
 Mulher perfeita, e terras abundantes,
 O ceo na terra os bens lhe multiplica,
 Com mais fertilidade que nunca antes
 Ao trato aldeão logo se applica
 Com os piquenos benino, e com os possantes
 Amigo, liberal, e generoso,
 Mais inuejado ali, que cobiçoso.

Por costume ordinario se seruia
 Com quinze, e mais valentes escudeiros;
 Que pollo nome, e partes conhecia;
 Por fieis, esforçados caualeiros,
 Com trinta homens de esporas que trazia,
 Apelloados bons, e verdadeiros,
 Caçaua e monteaua, ò bem iucundo
 Temia a Deos, estaua bem com o mundo.

64 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Tres annos nesta vida socegada
Com a chara consorte ali viueo,
E nelles ouue a filha desejada,
Que á nossa Lusytania enriqueceo,
Dous filhos cuja vida em flor cortada,
Logo entrando na terra foi do ceo,
Antes que ella nacesse feneceraõ,
Tornando a ser do Ceo donde vieraõ.

E ja o velho pay de longa idade,
Sentia perto o fim da despedida,
Chamou-o o alto Deos cuja vontade
Dispoem, ordena, e traça, o fim da vida
Chama os filhos de esforço, e de bondade
Para se aperceber para a partida,
Nuno das terras vem que o Douro banha.
E com mais defasete o acompanha.

Deu o espirito a quem lho tinha dado
Na Amieira, aonde entaõ viuia,
Dali a Flor da rosa foi leuado
Com pompa funeral de Clerizia.
Naquella mesma Igreja sepultado
Que ergueo ao santo nome de Maria
Repousa la no Ceo liure de guerra,
Que obras dinas do Ceo deixou na terra.

Dom Pedralures Pereira forte, ousado
Dos irmãos o mayor, que a cruz trazia
Branca, e que tinha em Rhodes professado
Nessa religiaõ sagrada, e pia
Ao Rey pede do Crato o priorado,
Que por morte do pay vagado auia
E de seus bons feruiços e seu rogo
Fernando commouido, lho deu logo.

Depois liurementemente lho concede
Ficou na corte ; delle e juntamente
Dos mais irmãos Nunalures se despede
E aos seus lugares vai ledó e contente ,
A corte a liberdade não lhe impede
Nem faudade della ou falta sente
Em hum socego igual gastando a vida
Serue a razão ao gosto de medida.

Aly nos frescos valles , e campinas ,
Que lhe dauão contentes seu tributo
Pisaua liure as heruas , e as boninas ,
Das setas colhia o louro fruto ,
Gozaua as doces fontes cristalinas.
Que de perlas não tem o valle enxuto ;
Tinha da liberdade o mor thesouro ;
Hora á vista do Minho , hora do Douro

Estando hum dia assim neste desuio ,
Sem da corte enganosa ter lembrança
Gozando o sol fermoso , o vento frio ,
E as aruores vestidas de esperança
Ao longo do sereno , e manto rio ,
Que em amorosas ondas se abalança
Com a amada mulher em graça , e festa ,
Entretendo-se ali passaua a festa.

Hum homem ve para elle vir direito
Com apressado passo preguntando
Hum alforje pendendo sobre o peito ,
Na mão huma azagaya vem pezando ,
Messegeiro parece que he de efeito
Huma carta lhe traz do Rey Fernando ,
Chegou , deu-lha , leu Nuno logo a carta ,
Manda-lhe o Rey que á vista della parta.

E

Que

66 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Que por morte de Henrique o Castelhanao,
Com quem tiuera pazes, e concerto,
Succedera Ioaõ ao Reyno Hispano,
Do qual estaua imigo descuberto,
Que recebia o Reyno grande dano,
Pollo atreuimento, e desconcerto,
Do mestre que era entaõ de Santiago,
Que tem feito na raya grande estrago.

Que tinha ja as fronteiras garnecidas
Com valerosa gente Lusytana,
E entre os grandes as praças diuididas,
Das terras que diuide o Guadiana;
Para que fossem delles defendidas
Contra a furia da gente Castelhana,
Que em Badajoz o mestre imigo tinha,
Com que assalta a comarca ali vesinha.

Que em Portalegre está por capitaõ
O Prior dom Pedralures que entaõ era,
Que com os seus se vá ao-nobre irmaõ,
Que por fronteiro seu contente o espera,
Salta no peito a Nuno o coraçãõ
Que outra noua melhor ter naõ podera,
Mas a Lianor o sangue o rosto deixa,
Por hir ao coraçãõ que ja se queixa.

Se elle recebe alegremente a noua,
A ferosa consorte se entristece
Elle por dar de si mais alta proua,
Ella ja polla ausencia que conhece,
Com mayor sentimento o fim reprova,
Quanto elle com mor gosto se offerece,
Cada hum faz seu officio custumado,
Ella de amante fiel, elle de honrado.

Despede o mesageiro, e logo ordena
E faz armar aos seus para a partida,
Os dias passa a doce esposa em pena,
Porque arrisca na sua a propria vida,
Mal diz ao Rey e a honra a condena,
Por parte de Nunalures, e o conuida,
Bem tomara faltar a quem lhe escreue,
Posto que contra o Rey, contra o que deue.
Mas como aquelle espirito mais vfano,
Que aspiraua a immortal, e eterna fama,
Despreza outro qualquer respeito humano,
Para seguir estrella, e Rey que o chama;
Depois que o sol se ergueo do largo Oceano
Repousando na casta e branda cama,
Lá da amada mulher se despedia,
Nestas, e outras palauras que dizia.

Bem me aconselha amor que não me aparte
Da gloria deste bem que está presente,
Que a alma de que vos sois tão grande parte
Só com vosco, e por vos viue contente,
Manda-me que despreze as leys de Marte,
Que outro nenhum poder que o seu consente
Mas mandado de amor, cego e menino,
Não no segue a razão, que he desatino.

Desatino de amor aos olhos cego,
De quem erra o caminho que hoje atalho,
Não he para altos homens o sossego,
Pois he a honra o fruto do trabalho,
Inda que em vos está meu certo emprego
Muito por vos me estimo, posso, e valho,
Cõ o Rey, cõ Deos, cõ o ceo, cõ a terra, e gente
Mostre-se o valor meu que he diferente.

Forçado me he deixar a amada terra ,
 E a vos que sois o bem de meu desejo ,
 E o mais caro penhor em quem se encerra
 A luz dos mesmos olhos com que vejo ,
 Esta he a mor batalha , que ha na guerra ,
 Pois que só contra mim nella pelejo ,
 Leuando já daqui certa a vitoria ,
 Alcançarei nas armas , nome , e gloria.

Dai-me senhora os braços , e a licença ,
 Sede em fauor , e ajuda deste intento
 Para que quando armado , e forte vença .
 Seja igualmente vosso o vencimento ,
 Conheça em mim a terra a differença ,
 Com que ante os inimigos me apresento ,
 Dai-me só por empreza o nome vosso ,
 Vereis quanto vos quero , e quanto posso.

Naõ vos sujeite , e vos obrigue a tanto
 A afeição natural que a honra impida ,
 Olhai que a mores cousas me aleuanto ,
 Do que saõ terras , bens , sossego , e vida ;
 Deixai que os Fados siga agora em quanto
 O Ceo para vittorias me conuida ,
 Vereis quanto ganhais , e eu quanto alcanço
 Em me cortar ventura este descanço.

Que nestes mesmos braços , em que agora
 Como em laços estou de afeição cheos
 Em outro tempo espero vir senhora
 A gozar mil vittorias e trofeos ;
 Vosso naõ merecera eu ser , se fora
 Vencido por amor de vãos receos ,
 Nem posso dar de honrado melhor proua ,
 Que ver que o que vos quero naõ me estorua

Estas razões ouuia a clara esposa,
Enlaçando-lhe os braços com que o prende,
Das lagrimas que chora taõ fermosa,
Como quando o chrystal com o sol se offende;
Ou como com o orualho a fresca rosa
Que está mais engraçada, e mais transcende
Nos seus olhos ferindo hum viuo lume
Entre sospiros solta este queixume.

Razões buscadas para consolarme,
Naõ me podem senhor liurar do dano,
Que nem eu sei com ellas enganarme,
Nem se encobre na vista o desengano,
Meo naõ ha entre hiruos, e deixar-me,
Contra o mal que se ve naõ basta engano,
Vos já para á partida estais disposto,
He morte para mim, mas vosso gosto.

Ide e ordene o ceo que na tornada
Viua eu para sentir vossa presença,
O coração leuais para á jornada,
Que os braços com razão negaõ licença,
A vida vai da vossa pendurada
Esperando de amor qualquer sentença,
E queira o Ceo que a vida tanto possa,
Que quando se perder sustente a vossa.

E se vos pede o animo esforçado,
Ser sempre nos assaltos o primeiro,
E no perigo grande, e arriscado,
Ser o vosso cauallo o mais ligeiro,
Mudai a condiçaõ de ser ousado,
E lembreuos senhor por derradeiro,
Que me leuais na vossa a minha vida,
Que he de mulher, e he menos atreuida.

Mas

Mas se quereis guardalla facilmente,
 Fugi ao risco, e trance perigoso,
 Sede por vos qual sois, fero e valente,
 Sede por mim cobarde e vagaroso:
 Sacrificar a vida do innocente,
 Não he de animo forte, e valeroso,
 Sois obrigado á vida que vos ama,
 E não ja á custa della ganhar fama.

Porém a minha seja o vosso escudo
 Para o mor risco, e trance da peleja,
 Que na vossa senhor perder-se ha tudo,
 E não monta sem vos que a minha o seja,
 Dalma a parte melhor, com o mesmo estudo
 Hira seguindo o bem que só deseja;
 Que se vós a deixais por honra, e fama,
 Ella deixar não pode o que mais ama.

Nestas e outras palauras que dizia,
 A descontente esposa se occupava,
 Quando o sol já dourava o nouo dia,
 E o seu amante esposo se apressava:
 Já dos seus a animosa companhia
 Com armas e valor á porta estava,
 Deixa o valente Nuno o brando leito,
 E cobre de aço duro o forte peito.

Arma-se o valeroso sem detença,
 E a fermosa Lianor ajuda a armallo,
 Com lagrimas mostrando a differença
 De querer mais detello, que ajudallo,
 E em quanto ella lhe nega, e da licença
 Rinchando fere as pedras o cauallo,
 Que como que já ve presente a guerra,
 Mordendo o duro freo, rompe a terra.

Iá com hum estreito abraço se despede,
 E Lianor entre os braços lhe desmaya,
 O sentido chorar a voz lhe impede,
 Que os sospiros encontra antes que faya
 A generosa filha a benção pede,
 Que para ás saudades já se enfaya;
 Elle decendo aos seus, na sella salta,
 Que o que Amor o detem, ao valor falta.

Ella em lagrimas vãs faz seu queixume
 E sobindo ao alto das janellas,
 Segue com tristes olhos ao seu lume,
 Culpando ao do sol, e ao das estrellas,
 Nesta dor que depois se fez costume,
 A consolaõ as donas, e as donzellas,
 Que o pouco exprimentado sofrimento
 Faz dos males mais agro o sentimento.

Chegou em breue tempo o caualeiro
 Ao prior valeroso que o festeja,
 Que ter a hum tal irmão por companheiro,
 Mais que tudo o do mundo entaõ deseja,
 Que alem de ser ousado, e bom guerreiro
 E aduertido no assalto, e na peleja,
 Fora do pay famolo o mais querido,
 E entre tantos irmãos sempre escolhido.

Ali se achaua em parte satisfeito,
 Porem contente naõ de seu cuidado,
 Que naõ sofria o valeroso peito
 Na guerra em tanta paz andar armado,
 Mas bem cedo cuidou que tinha effeito,
 Quando á pressa del Rey chega hum priuado,
 Com negoceio de pezo, e de segredo,
 Gonçalo Vaz se chama de Azeuedo.

Manda por elle o Rey que as frontarias;
 Que estauão entre o Tejo, e Guadiana,
 Conuocassem guerreiras companhias,
 Por dar batalha á gente Castelhana,
 Com hum furor bellicoso em poucos dias
 Se ajunta toda a terra Transagana,
 Ia de Villa viçosa o campo armado
 Parte para á batalha apparelhado.

Os espaçosos campos de arredor
 Com caxas e trombetas retumbando,
 Vaõ hum estranho e bellico furor
 Nos Lusitanos peitos informando,
 Cada hum ja esquecido o vil temor,
 Os caualllos, e as lanças vaõ provando,
 Deuifas varias vestem, e armas cobraõ,
 As bandeiras aos ares se desdobraõ.

Ah quanto Nuno ousado se contenta
 Deste desenho, e desta alegre noua,
 Porque o desejo ali lhe representa
 Fazer de seu valor primeira proua;
 O que o lastima, mais, mais o atromenta
 He alguma razão que o feito estroua,
 Que os capitães estão em grande enleo
 Com o general priuado que lhes veo.

Porem marchando em ordem concertada
 Para á forte Eluas partem sem perigo,
 A terra a toda vista atalaiada,
 Liure de pejo e dano do inimigo,
 Por hir a gente d'armas apartada,
 A bagagem não leua então consigo,
 Que os carros vaõ diante da vanguarda,
 E os soldados de a pé todos em guarda.

De madrugada vão neste concerto,
E com a noua manhã que appareceo,
As lanças fere o sol em descuberto,
Que vão voltando os ferros para o ceo,
Dom Nunalures que as vio não de muy perto
Dos carros, e soldados se esqueceo,
Iulga que he geate armada de Castella,
Com o desejo sem fim, que traz de vella.

Com aluoroço estranho, e grande gosto,
Sem sentido; á vanguarda vem correndo,
Mostrando alegre a voz, alegre o rosto,
Boa noua á grandes brados vem dizendo,
Os olhos todos nelle ja tem posto,
A nouidade estranha não sabendo,
Os capitães para elle tambem vinhaõ
Vendo os que para ouuillo se detinhaõ.

O Mestre está senhores muy vezinho,
Diz, dai graças ao Ceo, que he escusada
A despeza, e trabalhos do caminho,
Que aqui tendes batalha aparelhada,
Eu diuisei as lanças, e adiuinho,
Que escondidos estão como em cilada,
Apressemos aos nossos mais, vos digo,
Não cance de esperarnos o inimigo.

Ah quantos rostos vio tão differentes
Nunalures entre a turba que o ouuia,
Huns descorados, varios, descontentes,
Outros cheos de esforço, e valentia!
Quantos ali se poem de inconuenientes!
Quantos mostraõ tambem grande ousadia!
Huns escutaõ a noua, outros festejaõ
Segundo a paz, ou a guerra, que desejaõ.

Não

74 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Naõ mudou desta ordem d' esquadraõ ;
 Mas com mais vigilancia, e mor cautela ;
 Para qualquer affalto , ou preuençaõ
 Das belligeras gentes de Castella ,
 Marcharaõ grande espaço, e quando naõ
 Poderaõ descubrilla , ou finais della
 Conhecem que ou Nunalures se enganara,
 Ou fora ardil de guerra que inuentara.

Que era entre todos ja taõ conhecido
 Polla tençaõ a alguns naõ muito aceita ,
 Que foy de quasi todos entendido,
 Que entaõ daquella astucia , se aproueita ,
 E do temor de muitos reprimido ,
 Por onde Nuno os corações lhe espreita,
 Mas na sua tençaõ firme e constante,
 Passou polla vanguarda e foy diante.

E hindo ja dos pendões muito apartado
 Com aquella fantastica alegria ,
 Vio hir por hum outeiro aleuantado ,
 A gente que diante apparecia ,
 Facilmente entendeo ser enganado
 Do coraçãõ, que aquillo lhe pedia ,
 Ficou de seu sentido quasi alheo
 Com o pejo deste engano, e deste enleo.

Como homem que sonhou qualquer ventura
 Que ve que o bem diante lhe apparece
 Quando quer o desejo lhe affigura ,
 E tudo a noite escura lhe offerece ;
 Acorda ; e este engano, que inda dura
 Mostra que aquillo mesmo lhe acontece
 Até que ja consigo se enuergonha ,
 Vendo que está desperto. e que inda sonha.

Affim

Assim se via Nuno o valeroso

No engano em que o animo o posera :
Mas a vergonha o torna taõ furioso ,
Que só com hum campo entaõ se combatera ,
Do enganado , aluoroço , e cobiçoso ,
Vingar-se no inimigo em campo espera ,
E porque ao seu desejo tudo tarda
Se adianta muy longe da vaõguarda.

Na sella a grossa lança atraueßada.
E hum pesada facha á maõ direita ,
Leua do arçaõ primeiro pendurada ,
Mais de esporas , que redeas se aproueita ,
Com a imaginaçaõ nisto occupada ,
Que traças entre si ? que contas deita !
Que pensamentos forma ! que esperanças !
Que assaltos ! que ciladas ! que vinganças !

Naõ tinha grande espaço andado quando
Atraueßou a estrada por onde hia ,
Sobre hum rocim cançado caminhando
Hum homem que ao passar desconhecia ,
Bradou-lhe o caualeiro elle voltando
Conheceo que dos nossos era espia ,
As redeas hum ao outro logo ajunta ,
Nuno do mestre as nouas lhe pergunta.

Está Senhor responde muy contente ,
Para vir á batalha apercebido
Taõ poderoso de armas , e de gente ,
Que tem as nossas poucas mao partido ,
Traz hum filho taõ destro , e taõ valente
Que o vence ja no animo atreuido ,
Com o qual vem graõ poder de gente armada
Voluntaria , escolhida , e esforçada.

Este

Este apressa a batalha desejo,
 E o pay espera ao Lusitano Infante,
 Filho de Ines e Pedro o justicozo,
 Que dece em seu fauor forte, e arrogante;
 La viueréis Senhor pouco ocioso,
 E a Deos, que me releua hir adiante,
 Elle o despede, e passa alegremente,
 Que em todos os perigos bem consente.

Mas não lhe auéo assim como cuidaua,
 Erra a conta, que faz dentro em seu peito,
 Que a batalha do mestre que esperaua,
 Polla mesma razaõ não teue effeito,
 Que quando ao nosso exercito chegaua
 O que esta noua deu taõ sem proueito,
 Contra os que ousadamente se aparelhaõ,
 Os Capitaes em Eluas se aconselhaõ.

Diuididos ali por varios modos
 No parecer da guerra já differem,
 Na voz comum batalha querem todos,
 Mas os que mandar podem só não querem;
 Arma os soldados gritaõ; d'entre todos
 Sae huma voz, que diz, que nada esperem,
 Mas em vaõ se desfuelaõ neste intento,
 Que o general não tem tal pensamento.

Dali para ás fronteiras fazem volta,
 Ia esquecido o prazo da peleja,
 E nesta confusaõ, nesta agoa emvolta
 Algum alcança aquilo que deseja,
 O Pereira com muitos na reuolta
 Gritaõ ardendo em ira que não seja
 Taõ poderosa a noua recebida,
 Que troquem a honra, e a fama polla vida.
 Eraõ

Eraõ muy pouco ouuidos neste ensejo ,
Que quem pode mandar , naõ quis batalha ,
A muitos valeo pouco o seu desejo ,
Em que o desejo ás vezes muito valha ,
Nuno ve que o temor de alguns sobejo
Seu valeroso intento ja lhe atalha ,
Imagina outro modo de honra sua ,
Com que a daquella empreza restitua.

Lembrou-lhe entaõ do espia o que contaue
De dom Ioaõ de Ozores o guerreiro ,
Filho do Mestre a que elle tanto amaua ,
E tinha em Badajoz por seu fronteiro ,
Secretamente , logo imaginaua
Mandar de Portalegre hum mesageiro
Desafiallo , a prazo concertado ,
Ou só , ou de alguns seus acompanhado.

Determinado em fim as redeas vira
Com o valeroso irmaõ (que descontente ,
Tambem do mao successo se partira ,
Porque trazia intento differente)
Logo em chegando a noite se retira
Com o desenho que traz , impaciente
A carta escreue , espera o nouo dia ,
Que quem tais ancias tem , vela , e vigia.

C A N T O III.

El Rey dom Fernando sabendo o desafio de Nunalures o impede. Vem sobre Lisboa hum armada de Castella el Rey passa ás terras d'entre o Tejo, e Guadiana, para offerecer batalha ao inimigo e deixa por defensor da cidade o Prior dom Pedralues Pereira com seus irmãos: Dom Nunalures ordena hum actlada aos da armada Castelhana.

IA escondido o lume das estrellas,
Se ergue d'entre as ondas prateadas
De Dafne o louro amante, e deixa nellas
De seus rayos as sombras debuxadas:
Ia se mostraõ na terra as coufas bellas,
E as aues de mil cores esmaltadas
Com innocente, alegre, e vario canto
Festejaõ a manhã, que estimaõ tanto.

Quando o Pereira ousado se aleuanta
Contente de cuidar no fim que espera,
E hum dos seus que entre os outros se adianta,
Que elle na presunção logo escolhera,
Manda á pressa chamar: mas não se espanta
O criado de ouuir o effeito a que era
Antes com aluoroço toma a carta,
E a seu senhor anima antes que parta.

Era pouca distancia a que partia
Os fronteiros, chegou, deu seu recado,
Abrio o moço a carta, que dizia
Com brando termo, humilde, e confiado:
Illustre capitaõ cuja ousadia,
E valor he no mundo, tam louuado,
Que o que vós não estima, e vos não ama
Será de inueja só de vossa fama.

Eu hum soldado honrado, cobiçoso
De ser nesta fronteira conhecido
Onde estou a meu pesar tam ocioso,
Como sou para tregoa mal sofrido;
De vosso nome claro, e valeroso,
Que me tem dante mão quasi vencido
Obrigado; desejo de mais perto
Prouar o que tem todos por tam certo.

Em campo, ou seja igual, ou differente
Mostrar quero o valor de minha espada
Com vosco, ou só por só, como valente,
Ou seja dez por dez numa estacada,
Se deste meu desejo sois contente,
Pois saltar não vos deve gente armada
As armas me affinai, o campo, o dia
Que esse terei sómente de alegria.

Desejoso de nome o Castelhanao,
Que era de animo illustre, e leuantado,
Respondeo ao messageiro Lusitano,
Que está para a batalha aparelhado,
Hum fica alegre, o outro volta vfanoo,
Por trazer ao senhor taõ bom recado,
Que de dez contra dez a briga aceita;
Cada hum de seus amigos se aproueita.

Porem se na primeira occasiaõ
Não pode executar esta vontade
O famoso Pereira; porque entaõ
Ouue nos capitaes contrariedade,
Nesta achou mais pesada a sujeicaõ
Que de todo lhe tira a liberdade,
Que o Rey do desafio teue a noua,
E escreuendo ao Prior o campo estroua.

Man-

80 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Manda que este combate logo impida
 Porque elle em algum modo o não consente,
 E com o irmão que ás armas se conuida,
 Para a corte se parta em continente;
 Bemconhece o Prior quão mal soffrida
 Será de Nuno a noua differente,
 Mas por feruir ao Rey como lhe deue,
 Despedillo procura em tempo breue.

O irmão que ja tem todo o concerto
 Que para aquella empresa lhe conuinha,
 E que deseja o prazo ver mais perto
 Por mostrar seus intentos mais afinha,
 Tendo a licença, e campo por tam certo,
 Como certa a vontade do irmão tinha
 Nesta cesaõ com sizo, e com respeito,
 Lhe dá conta de tudo o que tem feito.

E diz-lhe em fim, sabeis que este começo
 He senhor honra nossa que se acabe,
 Não me tenhaõ por vil, de pouco preço
 Em quem esforço, em quem valor não cabe,
 Com noue companheiros me offereço
 De que eu fio que o imigo se não gabe
 Para que parta, vã, peleje, e vença
 Falta senhor, e irmão vossa licença.

O Prior lhe responde alegremente
 Vosso valor irmão conheço, e vejo,
 Mas tem esta obra o fim mui differente
 Porque hoje impede elRey vosso desejo;
 Elle me escreue, e diz que não consente
 O que eu mais estimaua, e mais desejo
 Que era deste successo aver vitoria,
 E dar aos Portugueses nome & gloria.

Ficou o bom Pereira embaraçado ,
 Tendo a noua razaõ por desconcerto ,
 E crê que só do irmão era estoruido ,
 Por o ver do perigo estar taõ perto :
 No fero aspeito , e rosto perturbado ,
 Este segredo estaua descuberto ,
 O prior que a sospeita bem lhe entende ,
 Manifestando a carta se defende.

Vendo entaõ que do Rey era impedido ,
 E que por carta sua o estoruuaua ,
 E que com outro intento naõ sabido
 A elle e seus irmãos chamar mandaua ,
 E que era entre os fronteiros conhecido ,
 A forçosa razaõ porque faltaua ,
 Dissimulando o seu desgosto e pena ,
 Para a partida , a seu pesar , se ordena.

Esperando do tempo outra mudança ,
 No que o desejo ardente lhe pedia
 Se parte , com levar falsa esperança
 De que o Rey , que o chamaua o mandaria ,
 Porem naõ acquieta , e naõ descansa ,
 Com sospeitar mil vezes que seria
 Entaõ de seus inimigos mal julgado ,
 Que he mui escrupuloso hum peito honrado.

Chegaraõ a Lisboa os caualeiros ,
 (Só Nunalures d'entre elles descontente)
 E o Rey que estimar sabe a tais guerreiros ,
 Os recebeo com honra alegremente
 Com os olhos vagarosos lisongeiros ,
 Lhe grangea as vontades igualmente ,
 Beijaõlhe a mão prostrados de giolhos ,
 E a todos contentaua el Rey com os olhos.

32 O CONDESTABRE DE PORTUGAL:

E voltando-os a Nuno lhe pergunta ,
Em que estado deixara a sua empresa ,
Mas elle ardendo as sobranceiras junta
Errizando os cabellos de braueza ,
A cor do rosto palida, e defunta ,
A dos olhos de ardente fogo acesa ,
O Rey que taõ irado e moço o via
Risonho estas palauras lhe dizia.

Que vos moueo Nunalures a este intento
Nacido do feruor de vossa idade?
Que afronta ? que vingança ? ou pensamento.
O coração vos moue , e persuade?
Fazieis , por ventura , fundamento
De dar a execução essa vontade ,
Ou sabieis o effeito desta minha ,
Que para vos poupar taõ certo o tinha?

O valeroso moço lhe responde
Mais na voz que no peito socegado ,
Que a paixão , e o valor que nelle esconde
Cada hum faz seu effeito costumado :
Naõ sei , alto senhor , o como , e donde
Mereci ser de vos taõ maltratado ,
Senaõ he que com ser grande e sobejo ,
Só por mim desmerece o meu desejo.

Nem eu naci de pai tam pouco ousado
Que busque por me honrar guerra fingida
Nem dei mostras tégora de soldado
Que faltasse à palavra prometida
Nem deixara o meu prazo concertado
Por pai , nem por irmãos , nem pola vida
Senaõ por vos , em cuja alta presença
Venho humilde a pedir noua licença.

O que me deu esforço e ousadia
Foi vossa pertençaõ , e o meu desejo
Com quem tenho batalha cada dia
Porque ja vos não siruo , e não pelejo ,
Polos impedimentos que la via ,
E pola obrigaçaõ que ante vos vejo
Procuraua mostrar esta lembrança
Onde eu fosse o senhor da minha lança.

Lembrauaõ-me as merces que recebo
De vos meu pai e irmãos com honra, e renda
E que deixando a terra polo ceo
Seruiruos me deixou por encomenda ,
Não me desconheci , nem me esqueceo
Que honra , nome , poder , casa , e fazenda
Vos ma destes senhor , que tudo he vosso
Que eu nem quero negar, nem menos posso.

Sei bem que por seruiruos visto , e trago
Estas armas pesadas , e ociosas.
Sei que esse mestre vão de Santiago
Offende as vossas quinas poderosas.
Sei que tem feito , e faz continuo estrago
Nas terras de Alemtejo mais fermosas
Quando os vossos não via accometelo
Este meo buscaua de offendelo.

Porque sei que deseja , estima , e ama
Hum filho que ali tem por seu fronteiro.
Que entre nos apregoa a varia fama
Por destro , ousado , e forte caualeiro ;
Eu com este desejo que me inflama
De me mostrar vassallo verdadeiro ,
No qual mais que nas forças me confio
O mandei conuidar ao desafio.

Com tenção que se a sorte mal segura
 Me mostrasse vitoria da peleja
 Vos vingaua do mestre, que procura
 Ver neste filho o bem que mais deseja:
 E quando ali morresse por ventura
 Poderá á meus irmãos deixar enueja
 Mostrando, que o menor com gloria tanta
 Em pôr por vos a vida se adianta.

Este era alto senhor meu pensamento,
 Que ser mal recebido não merece
 Daime, pois he razaõ, consentimento,
 Para este bem que a sorte me offerece;
 Não cuide o inimigo, que o intento
 Com que me offereci ja me falece,
 Ou que queixoso em vão para vos venho
 Buscando os companheiros que ja tenho.

Deixai-me ir a buscar este inimigo,
 Que a vosso nome offende cada dia,
 Não vos ponha receo o meu perigo,
 Que mais ao Castelhana se deuia;
 Entre os noue dos seus, que traz consigo:
 Oxalá venha o pay na companhia;
 (Permitta o claro ceo que isto aconteça)
 Que eu vos presentarei delle a cabeça.

O Rey que via o moço que indinado
 Mostraua nas razões, no gesto, e rosto,
 Aquelle leal animo esforçado
 A todo o risco, e trance taõ disposto,
 Com voz serena o rosto levantado
 Lhe diz, mostrando nelle graça, e gosto,
 Socegai-uos Nunalures que eu conheço
 Vossa tenção, vossa honra, e vosso preço.

A fé que me mostraes , e a lealdade ,
 Eu sei que he de vontade não fingida ,
 Eya (se hum Rey merece por vontade)
 Eu de muy longe a tenho merecida ;
 Sey que vosso valor , honra , e bondade ,
 Faz com que desprezeis a propria vida ,
 E me desejeis dar o risco della
 A desse ousado mestre de Castella.

Cousa dina de vos , e que se espera
 De quem sahio a hum pay tão valeroso ,
 Cujos conselhos , e braço o melhor era
 Para o caso mais arduo , e duuidoso :
 Menos do valor vosso nunca crera ,
 Que dar fim a hum começo tão honroso ,
 Nem eu espero menos de hum criado ,
 Que com tanta afeição tenho obrigado :

O tempo vos dará final muy claro
 De quanto preço tem vosso desejo ,
 Enenhum me fará que seja auaro
 Da honra , e do lugar que vos desejo ,
 De vosso animo forte , illustre , e raro
 Muito mayores cousas sinto , e vejo ;
 Nesta agora porém em que estais posto ,
 Está vosso querer contra meu gosto.

E porque espero cedo aleuantaruos
 Em cargos de mór pezo , e de mais conta ,
 Não quero facilmente auenturaruos
 Em cousa que a meu Reyno pouco monta ;
 E quando vosso Rey mandou chamaruos
 Faltar ao prazo em nada vos afronta ,
 Outro tempo auerá , outra occasião
 Em que ante mim mostreis vossa tenção.

A seu pesar Nunalures conuencido
 Mostra que lhe obedece , mas procura
 Por todos os caminhos seu partido ,
 Que nenhuma desculpa o assegura :
 Como imagina , e crê que está perdido ,
 Tenta por varios modos a ventura ,
 E de quantos inuenta e considera ,
 Só neste meo achar ventura espera.

Junto com os fortes muros da Cidade
 Está huma grossa armada de Inglaterra ,
 Que por liança antiga , e irmandade ,
 Vem à ajudar aos nossos nesta guerra ,
 Gente traz de valor , honra , e bondade ,
 Com o conde de Cambri da propria terra
 Que por general vem da frota Ingreza .
 E occultamente traz mais alta empreza.

Entra num barco Nuno o destemido ,
 E busca o Conde Aymon muy confiado ,
 Do qual foy brandamente recebido ,
 E do bom Condestabre agafalhado ,
 Era delles amado , e conhecido .
 Por animoso , nobre , e bom soldado ,
 E tinhaõ ja noticia da peleja ,
 Qu'o Rey lhe impede , e elle em vão deseja ,

Fauor lhe pede nesta occasião ,
 Que com seu Rey lhe valha o estrangeiro ,
 Não ouue miltre larga informaçãõ ,
 Que bem conhece o Conde o caualeiro ,
 Offerecelhe a sua intercessãõ ,
 E serlhe em a batalha companheiro ,
 Ia o batel armada desaferra ,
 Saluaõ trombetas , saltaõ logo em terra ,

Porém pouco importou toda a valia
Do valeroso Ingres , que não faltava ,
Que o Rey daquelle intento o diuertia ,
Dando a razão que a Nuno mais honrava ;
Dizlhe que aventurallo não queria ,
Que para mores cousas o guardava ,
Que era menor a honra , que o perigo ,
Que podia tirarse do inimigo.

Ficou cada qual delles satisfeito
De conhecer o fim desta vontade ,
E o Rey cobrou de nouo mor conceito
Daquelle esforço seu , honra , e verdade
Só Nuno andava triste , e no seu peito
Sospira pola amada liberdade ,
Que a valerosos animos se deue
E chama venturoso a quem a teue.

Ah , diz , vil fugeição , que tanto obriga
Hum coração leal forte animoso ,
Rigorosa prisão , baixa inimiga
De qualquer peito illustre , e valeroso ;
Sempre dos sabios foi sentença antiga ,
Que o ouro menos vale ao cobiçoso
Que ao forte a liberdade , cujo prego
Eu por meu dano agora ja conheço.

Se a Anibal por sorte acontecera
Obedecer a hum Rey desconfiado
Seu animo immortal que lhe valera ,
E ser tal capitão como soldado ?
Nem os Alpes com fogo desfizera ,
Nem Roma por seu mal o vira armado ,
Que quem a outro querer viue sujeito
Qual he seu capitão tal he seu feito.

88 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Mal Leonidas forte, e valeroso
Com quatro mil dos seus se aventurará
A aquelle feito agora tão famoso,
Sahindo com a empreza que tomára
Mal de Xerxes o campo numeroso
Num estreito lugar desbaratára,
Se outrem, que o risco, e trance mais temia
Lhe podera atalhar esta ousadia.

Que val este desejo que me incita?
Este valor, e esforço que me monta?
Se onde esperei ganhar honra infinita
Quem me deue animar, esse me affronta,
Mas o bom Macedonio me acredita
Que tinha hũ campo armado em menos conta
De Leões, sendo hum ceruo capitaõ
Do que hum de ceruos sendo o Rey Leaõ.

Ah braços Portugueses tão temidos,
Quem qual a mim vos prende, e vos acanha?
Que de hum receo vil andais vencidos,
Naõ ja desses leões da braua Hespanha,
Ajudaime famosos, e atreuidos.
Vamos liures entrar na terra estranha,
Naõ basta o Rey que agora nos gouerna,
A que percais no mundo a fama eterna.

Mas em quanto esta dor no peito encerra,
O Rey noutros desenhos occupado,
Ajunta a flor da Lusytana terra,
Para nas de Ioã mostrar-se armado,
Ia por todas as partes soa a guerra,
Tudo está de tambores occupado,
Ia mouem as lustrosas companhias,
Por onde o Tejo espalha as ondas frias.

La marcha a gente Ingreza de Lisboa,
E o conde de Cambri general della,
No pendaõ por diuisa huma coroa,
Que o irmão Duque aspira a de Castella,
Naõ se vê defarmada huma pessoa,
Polla praya do Tejo rica, e bella,
Em Santarem descanfa o Rey Fernando,
E de barcos faz ponte ao Tejo brando.

A cidade ficou com força, e gente,
Que defendese os muros, e os cubellos,
E o claro capitaõ forte, e prudente,
Gonçalo Mendez he de Vasconcellos.
Que inda que hum termo vsou muy differente
Em que mais naõ tratou, que em defendellos
Seu peito de valor, e esforço cheo
Ia mais se sujeitou ao vaõ receo.

Eis que partindo o Rey nesta vontade
Huma possante armada de Castella,
Lançando ferro á vista da cidade,
Trata por mil caminhos de offendella;
E com huma temeraria liberdade,
Queima os burgos d'Almada e de Palmela
Os Passos de Enxobregas que el Rey tinha,
Frielas, Villa noua da Rainha.

Em intenta o pouo Lusitano,
Liurar os arrabaldes desta offensa,
Se o capitaõ por falta ou por engano,
Lhe naõ tiuera as armas, e a licença,
Te que sintindo a terra o grande dano,
Reuolta em confusões, e em differença
Fez sabedor ao Rey do que passaua,
Culpando ao Vasconcellos que a guardaua.

Fer-

Fernando de honra, e de ira commouido
 O capitaõ tirou como indinado ,
 Escolhendo o Prior forte , e temido ,
 De seus claros irmãos acompanhado ,
 De quem tem ja por obras conhecido ,
 Que alem de estar segura em seu cuidado
 A cidade de assaltos temerarios ,
 Amanfaria a furia dos contrarios.

Chamar manda o Prior que perto estaua ,
 A quem logo descobre esta vontade ,
 Como com seus irmãos elle o mandaua ,
 Por defensor e amparo da cidade ;
 Em quanto as ferteis terras se passaua ,
 Que Sertorio habitou ja noutra idade ,
 A pôr em armas as gentes que taõ cedo
 Fez recusar as armas o Azeuedo.

E alem de fundar nelle a confiança ,
 Manda que a seus irmãos leue consigo
 Em cujo esforço tem certa esperança ,
 Que a Cidade defendaõ do inimigo ,
 Pois com a muita estreita vesinhança ,
 A punha cada dia em grão perigo ,
 Tras isto lhe dá a ordem , e a maneira
 Que ha de ter no gouerno o bom Pereira.

O Prior dom Pedralures , que da fama
 De seus antepassados não se afalta ,
 E quer mostrar ao Rey que o honra , e ama
 Seu esforço , e valor a quanto basta ;
 Aos Irmãos valerosos logo chama
 Posto que nisto o menos tempo gasta ,
 O mandado do Rey lhes manifesta
 Noua a todos os seus de gosto , e festa.

Beijão a mão ao Rey no mesmo dia
Armados os Pereiras valerosos ,
E partem nesta amada companhia
Igualmente contentes , e animosos :
Duzentas lanças são , cuja ousadia
Podem temer exercitos famosos
Escolhidos , guerreiros excellentes
Todos irmãos , vassallos , e parentes.

Seis irmãos , que de Marte o fero jogo
Armados exercitaõ de aço fino ,
Pedro , Ioaõ , Rodrigo com Diogo ,
Fernando , e Nuno , entre elles o mais dino ;
Dous tios seus que a ferro , sangue e fogo
Trazem o reyno Hispano de contino ,
Que são Rodrigo , e Aluaro Pereira
E outros que do Prior cobre a bandeira.

Ja se apartaõ da villa , e com cuidado
Vaõ caminhando ao lume de Diana ,
Quando hum correo ali lhe da recado ,
Assas alegre à forte gente vfana ,
Que no termo de Cyntra estaua entrado
Hum çapitaõ da armada Castelhana ,
Que hia roubando os campos liuremente
De mantimentos , gados , e de gente.

O quanto os aluoroça o melleageiro ,
Que tal nouz lhes deu ? quanto os conuida !
Aluicaras lhe dera o bom guerreiro ,
Que a noua mais estima , e mais duuida
E tomando o caminho que primeiro
Os guia aquella parte conhecida ,
Manda o Prior da gente assas ousada
Lançarlhe no caminho huma cilada.

Porém os descuidados corredores ,
 Que com a preza estão no campo alheo
 Sem ter dos miseraueis lauradores ,
 Nem piedade alguma , nem receo ;
 Quando dos Portuguezes vencedores
 Sentirão o tropel , de esforço cheo ,
 Por saluarem d'entre elles liure a vida ,
 Poserão o remedio na fugida.

Eraõ muitos porem tam pouco ousados
 Que nem rosto tiuerão ao perigo ,
 Deixão as proprias armas , deixão gados
 Porque vão tendo o passo do inimigo ;
 Mas quando mais seguros , e apartados
 Então acharão perto o seu castigo
 Que dando na cilada que os espera
 Cada hum se arrependeo do que correra.

Só a prisaõ de alguns que estão feridos
 A rigorosa morte então lhe estroua ,
 E se alguns escapáraõ vão fugidos
 Levar tristes aos seus tão triste noua ,
 Os Pereiras tam fortes , tam temidos
 Que não tem por estranha aquella proua
 Entráraõ na Cidade ja triunfando ,
 E logo a noua foi ao Rey Fernando.

Logo o temor entrou , logo a cautela
 Na Castelhana frota , e na Cidade
 Mais liure a confiança de offendela ,
 Podendo accometer com liberdade ,
 Escaramuças ha da parte della ,
 Que os inimigos ja vem de má vontade
 Que a que trazem de guerra os bons Pereiras
 Lhes tenge em sangue as lanças, e as bandeiras.

Os nossos Portuguezes vencedores
Com recontros , e entradas que faziaõ
Dauaõ animo aos seus , dauaõlhe cores ,
Que ja outros no aspeito pareciaõ ;
Ouuiudo o som guerreiro dos tambores
Todos aluoroçados acudiaõ
Com armas e vontades á peleja
Mouendo ós corações honrosa inueja.

Nuno Alures porem não se contenta
Desta iraca vingança , que tiuera
Mil deffenhos na idea representa ,
Para ver do inimigo o fim que espera :
Bem tomára passar qualquer tormenta
Com que hum dia só lhe amanhecêra
Em que sentisse o brauo Castelhana
De seu braço , e valor notauel dano.

Tomou de parte hum dia a seu cunhado,
Que Pedro Affonso do Casal se chama ,
Caualleiro nas armas muy prouado
Marido de hum a irmã , que elle mais ama,
Por fiel o conhece, e por ousado
Cobiçoso tambem de nome , e fama ,
Descobrelhe o desejo que trazia ,
E o que mais lhe insinuaua a fantasia.

Diz que determinaua occultamente
Lançar ao outro dia hum a cilada
Ao amigo que às vinhas liuremente
Vinha o fruto colher de madrugada :
Conta que tem para isto pouca gente
Mas de armas , e vontades aprestada ,
Que por qual lhe conhece a natureza ,
Folgára de o levar na mesma empreza.

Responde o do Casal, que muito estima
 Lembrarlhe para hum feito taõ honroso.
 Ia se abraça com elle, ja se anima,
 Ia se antecipa hum fim muy venturoso,
 E porque no exercicio desta esgrima
 Elle naõ sofre estar muito ocioso
 Ja vai tratar de arnes, couraça, e malha,
 Perguntandolhe as horas da batalha.

Porém naõ madrugou como conuinha,
 Ou por querer levar outros consigo,
 Ou porque a sorte entaõ guardado tinha
 Para Nunalures só tanto perigo:
 Mas de tal modo o ceo tudo encaminha
 A quem he de valor, e d'honra amigo
 Que tarde a tempo vem tam desejado
 Que deu vida, e socorro a seu cunhado.

Elle que armado vela a noite inteira,
 E está medindo as horas c'o desejo,
 Qualquer piquena estrella que ligeira
 Fere as ondas que espalha o mar no Tejo;
 Da manhã lhe parece a luz primeira
 E chama os seus, que com feruor sobejo
 O saboroso sono deixaõ logo
 Por ir exercitar de Marte o jogo.

E com quanto inda a noite se adormece
 Sobre os braços da terra reclinada,
 E qualquer luz de estrella que apparece
 Naõ dá final da aurora desejada;
 Hum com cobiça as horas desconhece
 Outro reprende a leue madrugada
 Mas todos se armão logo diligentes,
 Aluoroçados, firmes, e contentes.

Em quanto se arma a gente, e se desfue-
 O tenro capitaõ ja por costume ,
 Faz deuota oraçaõ a pura estrella
 De quem naceo o sol que he nosso lume,
 Só quer leuar consigo o fauor della
 Para entrar na batalha ; pois presume ,
 Que só com seu fauor vencer podéra
 Quanto rodea o Sol na nossa esféra.

Depois com vinte e quatro de cauallo ,
 E trinta homens de pé que armados tinha
 A horas que ninguem possa encontralo
 Para a ponte de Alcantara caminha ,
 E sem fazer com os guardas grande abalo
 Porque ao secreto effeito lhe conuinha
 Entre huns barrancos altos embrenhados
 Se encobrirão nas vinhas com os valados.

Ia do sol os cauалlos corredores
 Vinhaõ tirando o carro do Oriente
 Soprando a noua luz , e dando as cores
 A verde terra , e mar resplandecente ;
 Quando os nossos guerreiros vencedores
 Que vigiando estaõ a incauta gente
 Vem a bordo hum batel , e antes que faya
 Vinte soldados seus saltaõ na praya.

Mais vinhaõ para o furto concertados,
 Que para peleijar estes guerreiros
 De arnezes , e de lanças mal armados ,
 Só para fugir bem, vem mais ligeiros :
 E inda nisto naõ saõ pouco auisados ,
 Pois contra os vinte e quatro caualleiros
 Naõ tem outro remedio mais seguro
 Que porem contra a morte o mar por muro.

Des-

Destes depois que entráraõ , ledamente
Do sabroso fruto cobigosos
Andava cada hum ledõ , e contente ,
Colhendo os roxos cachos saborosos :
E o forte Nuno espera que mais gente
Da armada faya áquelles de inuejosos
Com tam poucos naõ quer perder a caça ,
Antes na vinha os deixa por negaça.

Porem depois que vio q outros naõ vinhaõ,
E esses poucos das vuas carregados
Para o batel contentes encaminhaõ ,
Arremete Nunalures aos foldados :
Os seus tras delle entaõ naõ se detinhaõ
Com impeto , e furor defatinados
Atras dos Castelhanos vaõ seguindo ,
E elles vaõ dando vozes , e fugindo.

Naõ entraõ no batel que tem defronte,
Para remedio ás ondas se lançaraõ ,
Que temem ver a barca de Acheronte
Se em taõ estreito passo se embarcauaõ :
Saluáraõle na armada , que esta ponte
Passaraõ , a seu risco , os que nadavaõ ,
Outros debaxo da agoa se esconderaõ
De modo que outras vuas naõ comeraõ

Recolhe Nuno os seus no mesmo posto
Praticando do salto , e da fugida ,
Zombando cada hum com riço , e gosto
Do que comprara as vuas pola vida ;
Hum diz que foi vinagre aquelle mosto
Sobre o qual agoa tanta tem bebida ,
Outros diz que o nadar foi grande acerto
Para quem ja sentia o fogo perto.

Em quanto elles zombando se empregáraõ
Em tratar dos guerreiros fugitiuos,
Os que na frota a nado se saluáraõ
Ia com o perdido alcnto pouco viuos,
Seu mau successo em lagrimas contáraõ
E os capitães da armada vingatiuos
Fazendo muy pezada aquella injuria,
Enchem todos os seus de esforço e furia.

Sahiraõ logo em barcos muy ligeiros
Bem armados duzentos e cincoenta,
Fora gente de fundas, e bêteiros,
Que em esquifes pequenos arrebenta:
E Nuno quando os vio vir taõ guerreiros,
Que he o que mais o anima, e o contenta
Aos seus com alegria vira o rosto,
E diz cheo de amor, desejo, e gosto.

Companheiros, e amigos valerosos
Portugueses leais, fortes soldados
Ia naõ temos razaõ de estar queixosos
Nem de andar escondidos, e embrenhados;
Ia vejo os Castelhanos animosos,
Que viraõ ir aos seus tam maltratados,
Vir com desejo à terra por vingança
E acabar de cumprir nossa esperança.

Dai lououres ao cco que á vista temos
E já no campo a honra que buscamos
Naõ vos esqueça o intento que trazemos
E a preza que escondidos esperamos:
Naõ cuidem que de os ver nos escondemos
Quando para os buscar nos concertamos
Em lugar da vingança leuem pago,
Animo ó caualeiros, Santiago.

Vamos a elles , que eu farei primeiro
 Em tingir esta lança , e esta espada ,
 Deixai-me fer o vosso aventureiro ,
 Que eu farei por entre elles larga estrada ,
 Pois me tomastes ja por companheiro
 Não me deixeis na empreza começada ,
 Seguime ou por amor , ou por inueja ,
 Que o nosso nome està nesta peleja.

Que se ha na multidaõ desigualdade ,
 He para ganhar nome o mor acerto ,
 Que o numero não val contra a bondade
 Como aos mais de vós lhe he descuberto ;
 Tempo he que executeis hoje a vontade
 Que contra elles mostraueis de mais perto ,
 Que do perigo mór , mais certa a gloria ,
 E de mais inimigos , mór vittoria.

O valeroso animo e constante
 Se aleuanta , onde o fraco se desmaya
 Pouca ha a gente , e vil que está diante ,
 Pois não occupa a toda a branca praya ,
 Desembarque essa armada taõ pujante ,
 Toda contra estes poucos se arme , e sayá
 Tiraraõ com mais força os seus reuezes
 Vossos valentes braços Portugueses.

E não porque dos meus desconfiança
 Tenha para vencer sua ousadia ,
 Deixo já de tingir em sangue a lança ,
 E alcançar a vittoria deste dia ;
 Mas porque tenho amigos na lembrança
 Que viemos aqui de companhia ,
 Faço de minha gloria menos conta ,
 Só polla não comprar com vossa afronta.

Atras destas palauras concertaua
A lança, ja na fella se assegura,
Alegremente a todos conuidaua
A prouarem as armas, e a ventura,
E vendo que nenhum se auenturaua,
Antes voltar atras busca, e procura,
As redeas recolhendo, os rogos proua,
Que com rezoës sem fruto lhes renoua.

Porem como o temor os senhorea,
Vendo a multidaõ grande, que se offerece
Por mais que com razões todos grangea
Nenhum para tal obra lhe obedece
Cada qual olha o outro que recea,
E só a quem o esforça desconhece,
Elle em ira ardendo brande a lança
Naõ sabe se dos seus tome a vingança.

Pede, roga, aconselha, e ameaça,
E em quanto se detem nesta porfia,
Os castelhanos vem tomando a praça,
Com grande grita, estrondo, e vozaria,
E tendo por ligeira aquella caça,
Correndo a qual primeiro chegaria,
Vem buscar a Nunalures que em seu posto,
Só ao inimigo tem virado o rosto.

Dos seus se aparta; e logo determina
Morrer como valente pelejando,
Porque tem por fraqueza, e cousa indina,
Voltar para onde o elles vaõ guiando,
Só quer ter a batalha, só se inclina
A acometer o espesso, e fero bando
Aprouando o cultume por fesudo,
De trazer, ou tornar no mesmo escudo.

C A N T O V.

Peleja Nunalures com os Castelhanos junto da ponte de Alcantara. El Rey dom Fernando recolhe as gentes das fronteiras d'entre Tejo e Guadiana, e assenta seu real entre Elvas, e Badajoz aonde Nunalures de improviso apparece por se achar na batalha, a qual estando emprazada recusa o Rey Castelhana. Fazem-se pazes morta a Rainha de Castella se trata o casamento da Princeza dona Brites, em cujas bodas acontece a Nunalures hum a aventura: Vai-se pera entre o Douro e Minho, donde com a morte del Rey dom Fernando vem a se achar nas suas obsequias: Mouem-se as alterações, e bandorias sobre a successão do Reyno.

A Onde está conhecida a honra, e fama
 Posto que a vida esteja perigosa,
 Não na sabe estimar, quem busca e ama,
 Entre os homens memoria gloriosa,
 Que no repouso em fim da branda cama,
 E na vida do mundo mais sabrosa,
 Tanto executa a morte o seu castigo,
 Como na mor batalha, e mor perigo.

Diga o fermoso Adonis se temia
 Alguem perigo humano quando estaua
 Entre as flores que a deosa lhe colhia,
 Em que os lasciuos membros reclinaua,
 Ao sol fazendo inueja, adormecia,
 Ao som da clara fonte que passaua,
 Quando o porco ferox, e denodado,
 Elmaltou com seu sangue o verde prado.

Quando com mor sabor andaua á caça
 Aíteon despresando a vida vrbana,
 E vio no banho a fermosura, e graça
 E a belleza dos membros de Diana,
 Tocado da agoa pura, que ameaça
 Aquella culpa, que o desejo engana,
 Em ceruo foi da deosa conuertido,
 E dos seus proprios cães morto, e comido.

Comodo no banquete pereceo,
 E Alexandre depois que o mundo abarca,
 Cesar entre os amigos que escolheo,
 Depois que d'elle todo foi Monarcha:
 Se nenhum gosto em fim se deffendeo
 Da dura, inexorauel, fera parca,
 Disculpa tem, quem desprezando a vida
 Nos perigos não pôs taxa, ou medida.

O nosso caualleiro que conhece
 Quanto he o premio delles differente
 Só com hum a lança armado se offerece
 A aquella multidaõ de armada gente,
 E o ceo que ja estima, e fauorece
 Aquelle spirito, e animo excellente
 Fez conhecer aos seus, e a todo o mundo
 Seu esforço sem medo, e sem segundo.

Forte sobre os estribos arreméte
 A receber a gente que entaõ chega,
 E em sentindo as esporas o ginete
 Ao perigo assolto se não nega,
 Por entre imigas lanças accométe
 Obrigado da furia incauta, e cega
 Triste do que esperou o encontro forte
 E lhe não vio na lança a propria morte.

Nem

Nem da grossa bombarda despidido
 O pelouro veloz fez tanto dano
 No seguro esquadrão, mal aduertido
 Que vai pisando a praya do Oceano;
 Como o forte mancebo destemido
 Fez entrando no campo Castelhano:
 Naquelles rompe a lança, a que a ventura
 Tinha no campo feita a sepultura.

E leuando da espada não vencida
 Que os corpos igualmente, e armas trata
 Reuoluendo-a com furia sem medida
 Atropela, golpea, fere, e mata:
 O que pode nos pés salvar a vida
 Este remedio a seu pesar dilata,
 Que nenhum dos que o fero braço alcança
 De tornar a fugir cobra esperança.

Na multidão da gente que o rodea
 Vai fazendo o cauallo larga estrada,
 Correm fontes de sangue polla area,
 Voa a malha em pedaços leuantada,
 Qualquer aguda vista ali se enlea
 Se são todos os golpes de huma espada,
 Mas só a do Pereira aballa, e fere
 Que não ha aventureiro que lhe espere.

Bem se acabára o fim deste successo
 Com lhe ficar o campo que deixauaõ,
 Se não foraõ as lanças de arremesso
 Dardos, pedras, virotes, que voauaõ:
 O ar sobre Nunalures era espesso
 Com os muitos que sobre elle se juntauaõ
 Nenhum nas fortes armas faz aballo,
 Mas não pode valer ao bom cauallo.

Por mil partes andava mal ferido
Polla praya o seu fangue se reparte,
A furia lhe detem inda o sentido
Com que voltava a huma, e outra parte;
Té que de alento já desfalecido
O que tam bom ministro foi de Marte
No mór aperto em fim daquella guerra,
Com seu senhor, se deixa vir á terra.

Cahe o Portugues forte e deixa preza
Huma perna debaixo do ginete,
Quando o tropel da gente mais aceza
Depois de o ver cahido o accométe:
Mas elle que conhece desta empreza
O fruto que a ventura lhe promete
Dali com o braço irado alcança tudo,
E o caualllo o repara como escudo.

Nem o soberbo Antheo, que cobraua
Outra força mayor quando cahio,
Porque a mãi poderosa o sustentava,
Se a seus braços c'os pés chegar podia;
Mostrou poder mayor, furia mais braua
Da que Nuno mostrou naquelle dia
Que meo sepultado em terra dura,
Abre a quantos alcança a sepultura.

Em quanto mais se ascende esta perfia,
E elle offendendo a tantos, se descende
Hum dos seus vinte e quatro que isto via,
Aos outros companheiros ja reprende;
Ah, diz, valente, e armada companhia,
Que fraqueza sem causa assi nos rende!
Para que morra aqui sem nosso amparo
Hum Portugues tão forte, illustre, e raro!
Vamos

Vamos ao soccorrer que já me peza
 Da vida que sem gloria me deixou,
 Seguime ó gente amiga Portuguesa
 Que eu sigo ao capitão que me guiou;
 Nisto batendo os dentes de braueza
 Entre as imigas armas se lançou
 Fazendo mil encontros na peleja
 Dinos de tanta fama, como inueja.

Chegou rompendo á força do perigo
 Aonde ainda Nuno em terra faz batalha
 E como bom, fiel, e forte amigo
 Com obras, e razões seu dano atalha,
 Matai senhor, dizia, que eu me obrigo
 Que nem essa prisaõ em que estais valha
 A multidaõ de imigos que o mar bota
 Que pouco he para nos toda essa frota.

O Pereira esforçado que já achára
 Quem seguisse em tal passo o seu intento
 Dobra os pezados golpes; mostra clara
 Proua de seu valor, e sufrimento:
 Bem mostra que se o pé desenlaçára
 Teuera em pouco tempo o vencimento
 Porem somente os fortes braços muda
 Quando em socorro o Ceo lhe manda ajuda.

A' redea solta vem tres caualleiros,
 Que bem foraõ dos nossos conhecidos
 A quem seguem na praia alguns guerreiros
 Com ameaças, gritos, e alaridos:
 Estes rompendo as lanças nos primeiros
 Que estauaõ de fugir mais esquecidos
 A Nuno Alures socorrem neste ensejo,
 Que sempre o Ceo valeo a hum bom desejo.

Diogo

Diogo Alures Pereira o valeroso
Era, e Fernam Pereira o esforçado
Irmãos do moço ousado, e animoso,
A quem o estribo tinha embaraçado:
Outro era o do Casal, que cobiçoso
De vir dos dous irmãos acompanhado
Tardou ao prazo, e termo que posera
O que só contra tantos se atreuera.

Com elles toda a gente se moueo
A de Nuno, e dos outros que acodiraõ
Pedras, virotes cobrem terra, e ceo,
Que os que saem do mar ao longo tiraõ,
Mas cada qual dos seus tanto rompeo
Que o valeroso irmão desempediraõ,
Do perigo da perna magoada
Triste do que entaõ proua a sua espada.

Eis se começa a dura batalha
Porque nenhum dos seus mostra descudo
A gente de Nunalures se baralha,
Que quer da honra perdida cobrar tudo;
Contra elle nenhum ha que entaõ se valha
De malha, de couraças, nem de escudo
A pé sustenta a furia do combate,
Todos os golpes dá, nenhum rebate.

Qual o Leão de Libia generoso
Dos barbaros monterros acossado;
Que depois de ferido, e furioso
Engeita a vida, e quer verse vingado.
Aqui fere, ali mata, e de brauoso
Busca o mais defendido, e mais armado.
Deixa o campo á fugida descuberto
Corre aonde vê mais fero, e mór aperto.

Affi

Assi andaua o fero Lusitano
 Buscando o Hespanhol que mais lhe insiste
 Como o rayo veloz que faz mór danno
 Ao que com maior força lhe resiste,
 Nenhum reues dos seus fere de engano
 Em cada qual a vida perde o triste,
 Que não pode voltar o passo leue,
 Porque a furia dos outros o deteue.

Hum valente soldado que então vinha
 Com muitos de socorro; liurementemente
 Para o bom do Casal logo encaminha,
 Que rodeado está de armada gente;
 E vendo que ante si mais corpos tinha
 Feridos já por terra amargamente
 Com huma lança de armas que trazia
 Contra elle ousadamente arremetia.

Foi tal o forte encontro, que passou
 Humas laminas de aço, duro, e fino
 Por onde o ferro agudo resualou
 Atraueffando hum jaco jazerino:
 A lança feita em aspa lhe ficou
 Mas como o Portugues não perde o tino
 Remde-te Castelhana ousado brada
 Meneando sobre elle a forte espada.

Mas Nunalures que via o bom cunhado
 Sem se poder liurar da imiga lança
 Imaginando que era atraueffado
 Corre ligeiro aly para á vingança,
 E vendo que resiste o bom soldado
 Com hum pezado golpe se abalança
 A que elle só com rogos se defende,
 E cruzados os braços se lhe rende.

Porem

Porem aquelle espiritu generoso
Que não consente afrontas ao rendido
Passa adiante alegre, e cuidadoso
Dando por preso o que deixou vencido;
Mas o soldado ingrato, e orgulhoso
Como liure se vio desempedido
Outra vez à batalha torna acezo,
E outra vez de Nunalures ficou preso.

Fernão Pereira o brauo caualleiro
A huma parte feria em roda viua
Que de seu braço intrepido, e guerreiro
Nenhum quer ja prouar a força esquiua:
Depois que o bando vil foge ligeiro,
Hum atropela, hum fere, outro catiua
Iá a gente Castelhana se desfmaia,
E os Portugueses vão tomando a praia.

Diogo Alures Pereira por vir tarde
Procura arrecadar como conuinha,
Nenhum acha conselho que lhe aguarde
Pelo desejo, e pressa com que vinha
Mas da gente que foi menos cobarde
Alguns bem mal feridos presos tinha
Pedro Affonso que a lança já arrancàra
Muito mais cara a dá do que a compràra.

O que primeiro a Nuno socorrêra
Com tam grande valor, que o segue, e ama,
Bem mostraua entre os quatro que podêra
Entre tais pares fello em voz da fama:
E porque desta aqui saibais quem era,
Vasqueanes do Coto o mundo o chama
De ordem sacerdotal, mas na ousadia
Dala a bons caualleiros merecia.

Dos estremos que fez nesta contenda
 Nuno o premio lhe deu tras do louuor
 Que lhe ouue de Lisboa a mór prebenda
 E das Habitureiras foi Prior;
 Da Igreja, beneficios, clero, e renda
 Da antigua Mafra o fez Governador
 Que Ioane Bispo illustre a fundára
 E estas tres dignidades lhe ajuntára.

Iá o campo fica liure aos vencedores,
 Iá então nos bateis os que escapáraõ
 A recolher se tocaõ os tambores
 Os amigos, e as armas desemparaõ;
 Os que se alongaõ mais saõ os melhores
 Que os fracos por vileza se atrazáraõ,
 Os soldados que vem á sua empreza
 Nos despojos dos outros fazem preza.

Qual bésteiro piaõ do braço leua
 Catiuo o caualleiro defarmado,
 Qual o elmo, espaldar, o peito, a greua
 Qual o rico colar defabrochado,
 Qual ha deste tambem que a lança ceua,
 No sangue já dos outros encetado
 Mostrando o braço vil pouco atreuido,
 Quanto corta huma espada em hum rendido.

Até ás ondas os nossos vaõ seguindo
 Elles cortaõ remando na agoa pura
 A vellas despregadas vaõ fugindo
 E nem o mar profundo os assegura;
 Os que ficaraõ presos repetindo
 Queixumes vaõ tambem contra a ventura,
 Iá o Pereira toma outro cauallo,
 E outra vez para os muros faz abalo.

Feita resenha aly de toda a gente
Os seus eraõ presentes, e corridos,
Nenhum perdéra a vida, que sómente
Alguns trazem da praia mal feridos;
Elle entre os bons irmãos vai tam contente
Como elles com razaõ engrandecidos
Com hum successo, e fim tam venturoso
Inda que a todos quatro affaz custoso.

Dos muros da cidade os esperava
A multidaõ do pouo que se auia
Em vozes ao passar todo bradava
Viua o forte Nunalures, viua, viua;
Com oprobrios, e afrontas magoava
A gente que vem vir presa, e catiua,
Condição muito certa da vittoria,
Que a desventura de hũs, he d'outros gloria.

Mas deixemolo agora recolhido
Na cidade contente, e festejado.
Dos seus com grande gloria recebido,
Do pouo em festa, e jogos celebrado:
Porque inda está da briga mal ferido,
E do cauallo, e pedras mui pizado,
Vamos seguindo ao Rey, que com desejo,
Hia pisando as terras de Alemtejo.

Em Eluas com seu campo se alojara,
E aly das frontarias juntar manda,
Os que em varios lugares espalhara
Do Guadiana, de huma, e doutra banda,
Lugares, fortalezas já repara
Por onde o Mestre ousado se desmanda,
Chama os seus a Conselho, e nenhum erra
Que seja huma batalha o fim da guerra.

Logo

110 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Logo se ordena aly para a peleja
De prouimentos, armas, monições
Faz quem ordene, tenha, mande, e reja,
Companhias, lugares, e esquadrões:
Faz pagas, dá ventagões, certa inueja
De muitos bellicosos corações.
Ao Rey dos Castelhanos desafia,
E saese da villa o outro dia.

Entre ella e Badajoz seu campo assenta
A' vista do soberbo Guadiana,
Que na sombra das armas representa
Hum temor nouo á gente Castelhana
Iã de vella Ioaõ se descontenta
E a furia já dos seus se defengana,
Mas entre os torreados e altos muros
Faz resenhas, e alardos mais seguros.

E antes daquelle dia em que esperaua
Fernando ver o imigo rosto, a rosto
No seu real alegremente andaua
Tomando mostras ás gentes no seu posto;
Quando a vanguarda ouuio que assi gritaua
Com aluoroço estranho, e grande gosto
Vindê Pereira ousado, vinde asinha
Que os Castelhanos temos nesta vinha.

Fernando áquella parte se virou
Por ver quem causa foi desta alegria
Hum caualleiro armado diuifou
Com cinco, ou poucos mais na companhia;
Na postura, e nas armas com que entrou
Todo o campo a Nunalures conhecia
Que sabendo de Alcantara a peleja
Com taõ novos emboras o festeja.

Longe

Longe á vista do Rey com os seus se apea
A viseira do elmo aleuantada
A multidão da gente que o rodea
Lhe dá os parabéns daquella entrada:
Tambem Fernando o teue em boa estrea
E em final da vittoria desejada
Dos seus pés o levanta ledos o rosto
Mostrando-lhe nos olhos graça, e gosto.

E depois de louvar-lhe honradamente
O a que pollo seguir se auenturára,
Quando sem fauor da propria gente
Copia tão desigual desbaratára
Lhe agradecia achar-se ali presente,
E crendo que o Prior nisso o mandára
Pregunta se tras delle algum recado,
E Nuno respondeo quasi inflado.

Naõ trago mais senhor que esta armadura
Com que ante vossa Alteza me apresento
E estes poucos soldados que a ventura
Sogeita a meu querer, e mandamento:
O Prior que de mim naõ se assegura
Para vir me negou consentimento
Sem elle me apartei, e á força venho,
A' pena agora estou, se a culpa tenho.

Como menor irmão, como fugeito
Lhe pedi que licença me outorgasse
Para que nesta empreza, em meu direito
Como soldado inutil naõ faltasse;
E visse o forte Ozores, que o defeito
Deste animo naõ foi que me estoruasse
De acabar o combate prometido,
Mas, o de ser por vos nelle impedido.

Negou-me injultamente liberdade
 Sem que meus justos rogos o obrigassem
 Pós maior guarda ás portas da cidade
 Mandou-lhes que sahir me não deixassem:
 Mas teue maior força esta vontade,
 Que as que podia auer que ma estoruassem,
 E assi de noite eu só com minha gente
 O postigo arrombei de Sam Vicente,
 Nem dos guardás a força, e resistencia,
 Nem o mandado seu mais força teue
 Que para acrecentarme a dilligencia
 E atalhar a alguns meus que aly deteue:
 Se esta culpa merece penitencia,
 Ainda que vista a causa he culpa leue
 Dai-me agora senhor della o castigo,
 E seja na batalha o mór perigo.

Se dos Reys a palavra nunca esquece,
 E inteira a guarda sempre o justo Rey,
 Agora alto senhor se me offerece,
 Satisfação da empreza que tomei,
 Se nesta agora o Ceo me fauorece
 Diante de vossa alteza mostrarei
 Ao Mestre, e a seu filho, rosto, a rosto,
 Que muito a meu pezar fiz vosso gosto.

Desta minha vontade cobiçosa
 Mandastes que ante vos mostrasse o preço
 Em batalha importante, e duuidosa,
 Qual he esta a que agora me offereço;
 E pois está minha honra perigosa,
 E a vos como a meu Rey temo, e conheço
 Como tal permiti que aqui se apure
 E alguem de meus principios não mormure.

Naõ foi mais adiante o bom Pereira
Por vsar ante o Rey termo, e respeito,
E Fernando que o vé desta maneira
Cada hora d'elle está mais satisfeito;
Daquella fé constante e verdadeira
Daquelle forte braço, e leal peito
Bem cré que tudo acabe, e tudo vença
Dalhe o louuor, as graças, e a licença.

Nuno lhe beja a mão neste concerto
E esperando a batalha se desfueia,
Elle contente está pola ver perto
E muitos descontentes que haõ de vela;
Vai nalguns coraçoes mui grande aperto
Desanima-se a gente de Castella
Que á vista da batalha concertada
Entaõ parece a paz bem assombrada.

Chegado o prazo já aos contendores
Em arma o campo está dos Portugueses
Despregaõ-se as bandeiras de mil cores
Vestem-se malhas, laminas, e arnezes
Os pifaros, trombetas, e tambores
Fazem ecco nas agoas que mil vezes
Se encrespaõ com o rumor que o duro Marte
Vai espalhando de hum a, e de outra parte.

Mas Ioaõ que duuida nesta empreza
Sahir a sua parte auentajada
Porque conhece a gente Portuguesa
Que alem de valerosa he magoada,
E recea o valor da pouca Ingresa
Que com a nossa está confederada
A batalha emprazada ja recusa
Que nunca a quem faltou, lhe falta escusa.

114 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Nisto os grandes tratauaõ por seus meos
 A liança entre os Reys desconcertados
 Ou pola obrigação de seus receos,
 Ou pola de fieis, e acautelados
 Por occultos recados, e rodeos
 Que em hum real, e em outro eraõ tratados
 Suspende-se o combate até que seja
 Deliberada a paz que se deseja.

Enfim com condições naõ mui decentes
 Ioaõ aceita a paz temendo a guerra
 Restituindo os roubos insolentes
 Ou polo largo mar, ou pola terra,
 E dando ás estrangeiras fortes gentes
 Náos em que possaõ ir para Inglaterra
 Sem disso terem fretes nem salários,
 Pezada condiçaõ para contrarios.

Tras isto o Castelhana vai tratando
 Que casassem Beatriz linda donzella
 Filha vnica do Rey, remisso, brando
 De Portugal herdeira rica, e bella:
 Com seu filho segundo dom Fernando
 Que naõ herdaua os reynos de Castella
 Porque o Rey Portugues naõ quis primeiro
 O que dos dous estados fica herdeiro.

Naõ contentaõ as pazes aos Ingreses
 Nas Castelhanas náos se partem logo
 Aggrauados do Rey que em tantos meses
 Os trouxera enganados como em jogo,
 Que com o braço, e valor dos Portugueses
 Queriaõ pór Castella a ferro, e fogo
 Mas vendo as amisades, e liança
 Naõ querem mais com os nossos vesinhança.

Iá não tratao do bellico apparato
Os aduersarios Reys, antes de assento
Daõ comprimento ás forças do contrato
A que tem dado já consentimento
Ambos cuidao que compraõ bem barato
O descango, com leue fundamento,
Contente cada hum se torna, e ledó
Hum a Rio maior, outro a Toledo.

Mas pouco o Rey Ioaõ se detiuera
Na cidade real que o Tejo banha
Quando a Rainha em Cuelhar fallecêra
Com sentimento, e dor de toda Hespanha
Em breue tempo a perda recupera
O que nella não sente a dor tamanha
Que logo ao Portugues legados manda
Noutra para elle assas doce demanda.

Procura confirmar noua amisade
Que seja herdeiro, e genro de Fernando
Em lugar de seu filho a cuja idade
Conuinha estar mais annos esperando
Lianor que já tinha esta vontade,
E o Rey que era mudauel, leue, e brandó
Consente nella: o outro já se apresta,
E a corte se desfaz em gosto, e festa.

Os guerreiros tambores que incitauao
As lustrofas, e armadas companhias
Iá com som differente se tocauao
Para contentes jogos, e folias
As canoras trombetas celebrauo
Pazes, contentamentos, e alegrias
As armas, os caualllos, e os arreos
Seruem de canas, justas, e torneos.

116 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Mas cada hũ dos Reys vai contra o q̃ deue
 Contra os tratos jurados que eraõ dantes
 Que a Princesa innocente viuos teue
 Por maridos hum Duque, e tres Iffantes:
 Iulga isto o Rey Ioaõ por culpa leue
 Que a cobiça as não faz muito importantes
 E Fernando não tem por marauilha
 Prôcurar muitos genros á hum a filha.

Iá nos vesinhos reynos se publica
 O casamento, já se alegra tudo
 A Castelhana gente alegre fica
 Mas triste em Portugal qualquer fefudo:
 Se hum ao gosto do Rey e amor se applica
 Outro anda em confusões suspenso, e mudo
 Temendo a sujeição do jugo alheio
 Que lhe antecipa em sombras o receo.

Cada hum consigo em vaõ tem differença
 Mas Ioaõ encurta prazos ao concerto
 Que succede a Fernando hum a doença
 Que o faz estar da vida muito incerto:
 Eis que a Rainha incauta sem detença,
 Que pôs o reyno só em tanto aperto
 Para Eluas leua os grandes, e os do pouo,
 Que quer jurar o Rey Principe nouo.

Ioane a Badajoz alegremente
 Vem aonde logo as pazes são juradas
 Que como se ordenáraõ facilmente
 Leuemente depois foraõ quebradas;
 E ainda que enfermo o Rey ficaua ausente
 Não faltaõ cerimoniaes custumadas
 Nos reaes desposouros que Leonora
 Melhor as ordenou, que se o Rey fora

O dia

O dia do maior contentamento
Junto á mesa del Rey da mão direita
(Fôra muitas que tinha o aposento)
Outra estaua mais baxa, e mais estreita,
Aonde por foro, e por merecimento
Que sempre em tais lugares se respeita
Tinhaõ muitos assentos affinados
Os de hum, e doutro reyno mais honrados.

Nuno Aluares entre elles lugar tinha,
E o valeroso irmaõ Fernaõ Pereira
Por ordem, mando, e gosto da Raynha
Que os custumaua honrar desta maneira:
Porém como a vontade com que vinha
Naõ era em nenhum delles mui ligeira
Chegaõ taõ tarde aly, que os dos assentos
Nem lugar querem dar aos cumprimentos.

Succedeo-lhes de modo que chegáraõ
E nenhum para ouuilos volta o rosto
Antes com os olhos baxos se inclináraõ
Cada hum muito arrogante no seu posto;
Mas a seu pezar logo os leuantaraõ
E acharaõ na comida pouco gosto
Que Nuno do jantar fez pouca conta
Mas pagou-lhe o desprezo com hũa afronta.

Perto da mesa a elles se chegou
Nenhum delles fallou, e a nenhum falla
O seu pé nos da mesa atrauesou,
E deu com ella em pezo sobre a sala;
Ao grande estrondo o Rey se leuantou,
E toda a gente áquella parte abala,
Mas Nuno com o irmaõ de espasmo volta
Sem fazer conta alguma da feulta.

Quem

118 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Quem vio ja nestes jogos custumados
A que mais ledo o pouo se conuida
Cahir entre os risinhos descuidados
A Pedra que de longe vem perdida;
Que todos feruem logo leuantados
Olhando o que se aqueixa da ferida
Espantado cada hum desta arte vira
Sem se ver mais que a mesa que cahira.

O Rey bem delejou ao desacato
Dar em publico aly logo castigo
Mas por conselho entao teue recato
De nao pôr a justiça em mór perigo;
Assentou que era o preço mais barato
Dissimular a offensa só consigo,
E informado da causa que o mouéra
Menos estranha o effeito que fizera.

Quem por satisfazer á sua offensa
(Disse o Rey) pôs a vida em tal perigo
E teue em pouco aqui minha presença
Muito mais teme afronta que castigo:
Muito atreuido foi nesta licença,
Mas de honra deue ser mui grande amigo
E o que pôr ella a tanto se aventura
De grandes esperanças me aslegura.

Sem ouuilo os Pereiras partem logo
Para ás terras que regaõ Douro e Minho
Abrazado Nunalures no seu fogo
Por ver levar ao reyno tal caminho;
Iulga aquillo que fez por graça, e jogo
Sendo o Rey Castelhano tam vesinho
Que a vontade que tem moltrar deseja
Nao ja na mesa em paz, mas na peleja.
Chega

Chega com o forte irmão em companhia
A aquelle desejado, e doce assento
Enchendo o rosto, e olhos de alegria
Que na partida encheo de sentimento;
Lagrimas Lianor lhe offerecia
Daquelle desigual contentamento
Que como eraõ com gosto derramadas
Dauaõ mais graça às faces delicadas.

Aly suspende as armas, e descança
Nos braços da gentil bella Lionora
Que em tam compridos tempos de esperança
Sua ausencia, e perigos sente, e chora
Aly de seus cuidados faz mudança
Aonde tudo se rende, e se namora
Com a fermosa filha a quem quer muito
De tam ditosas plantas bello fruto.

Em tanto, he ja jurado o Castelhano
(Que vai de industria as cousas apressando)
Por successor do reyno Lusytano
Como faltasse a vida ao Rey Fernando;
Mas porque Portugal ja sente o dano
Que vai destes contratos grangeando
Com varias condições se persuade
A fim de viuer sempre em liberdade.

E eraõ que se ao Rey tras deste intento
Primeiro a Parca a vida lhe cortasse
A Rainha Lianor no mesmo assento
O Portugues imperio gouernasse;
Até que o Rey Ioaõ do casamento
Ouuesse filho herdeiro que ficasse
Rey natural ao pouo Lusytano
Sem que admitisse o cetro Castelhano.

Firmes estes contratos, e cautella
 O Rey para seus reynos encaminha
 Beatriz vai Raynha de Castella
 E contente se parte a mãy Rainha;
 Mas como a venturosa sua estrella
 Com tanta gloria o curso feito tinha
 Pouco tempo descança e goza, quando
 Tambem parte da vida o Rey Fernando.

Quantos enleos, trocas, e mudanças
 Faz huma mesma idade em poucos annos
 Que cobre de floridas esperanças
 Que descobre de enleos, e de enganos?
 Ah fortuna cruel que não descanças
 De encontrar o socego dos humanos
 Que estreita conta tomas do que entregas?
 Quanto dás? Quanto tiras? Quanto negas?

Fauoreceste aquella fermosura
 De Lianor que humana era e celeste
 Com amor, e com hum Rey lhe dás ventura
 E outro Rey dás á filha que lhe deste:
 Como este bem tam pouco espasso dura
 Se para elle, mudauel, a escolheste?
 Ia lhe tiraste o mais que lhe tens dado
 Cedo lhe tiraràs honra, e estado.

Mas ella que não sabe o teu costume
 Menos lhe pesára do succedido,
 Que já podéra ser que assi presume
 Ser Rainha a seu gosto sem marido,
 Quem te vé de mais alto perde o lume
 Da razão quando attenta a seu partido
 Mas não tyranna, e má quem te conhece
 No que esperou, perdeo, teue, e padece.

O castelhano Rey quando imagina
Que lhe adquires hum Reyno prometido
Lhe mostrarás no seu perda , e ruyna
Com tanto sangue illustre desparzido :
O que em ti assegurar-se determina
Se verá facilmente destruido
Quem pode esperar falsa que lhe acudas?
Se quando fauoreces já te mudas.

Em fim tambem o teue o triste pranto
Ou fosse a dor fingida , ou verdadeira
Veste o reyno de escuro , e negro manto ,
Quebra-se o escudo , arrasta-se a bandeira :
Em Santarem no templo nobre , e santo
Do que por humildade verdadeira
Das chagas de Iesus mostra a figura
Lhe deu o reyno illustre sepultura.

Para ás reaes exequias láõ chamados
A Lisboa por cartas da Raynha
Os Condes , ricos homês , e os Prelados ,
E os vassallos que o reyno em conta tinha
Ia do Douro deixaua os verdes prados
Nuno Aluares Pereira , e tambem vinha
Obrigado da carta , e do que deue
Ao Rey que em tanto a seus principios teue.

Triste polo Senhor que entãõ perdia
E confuso de ver o que esperaua
Ia da amada mulher se despedia
Que a volta com mil rogos lhe apressaua ;
Trinta bons escudeiros que trazia
Todos consigo armados os leuaua
Muita gente de pé , com armas toda
Tal nas exequias vai , qual foi na voda.

A' cidade chegou da mesma forte
 Beija a mão à Raynha naquella hora
 Espanta-se de vello toda a Corte
 Que nenhum a tal auto armado fora ;
 Mas ella que do Rey na vida e morte
 Tam cautelosa foi como Senhora ,
 O recebe com nobre acolhimento ,
 Sem mostrar que lhe entende o pensamento.

Foi no melhor da Corte aposentado
 Como era a seu valor conueniente
 Mas hum corregedor pouco auisado
 De quanto he mal soffrida a forte gente ,
 Por dar a hum coreião bom gafalhado
 Foi mais do que conuinha diligente
 Que huns escudeiros bons mudar queria
 Dos que Nuno vem na companhia.

E estes que tinhaõ menos de soffridos
 Do que de valerosos, e esforçados
 Antes quiserão ser mal recebidos
 Que estar na Corte mal aposentados ;
 Arremetem reuoltos, e atreuidos
 Com elle, e com os ministros, e criados
 E até ao paço aos golpes o trouxeraõ
 Aonde fugindo ás casas se valêraõ.

Sem folego chegou junto á Raynha
 O que tam mal os seus agasalhaua ,
 Ella que ouuio gritar , e o vio qual vinha
 Do reboliço a causa preguntaua:
 Elle que ainda nem cor , nem sangue tinha
 O que lhe acontecêra aly contaua ,
 E entre os queixumes vaõs que repetia
 Estas, e outras palauras lhe dizia.

Escudeiros senhora de tal raça
E em defender a casa tam ligeiros
Naõ vestiraõ ja mais ferro, e couraça
De quantos arma Hespanha caualleiros;
E bem me affirmo eu que em larga praça
Quinhentos de tam fortes escudeiros
Sós podem pelejar contra Castella
E dar a vossa Alteza conta della.

Fora estou ja do dano, e do perigo
Que vossa alta presença me assegura
Mas quem os vira enuoltos vir comigo
Iulgãra que escapar foi graõ ventura:
Tratai senhora agora do castigo
Porque eu só quero a vida ter segura.
Ella que occaliaõ, e o tempo entende
Abranda, e naõ castiga, nem reprende.

Nuno que disto estaua descuidado
Mostra logo á Raynha quanto o sente,
Mas noutra pretençaõ anda enleuado
Que mais confuso o tras, mais descontente:
Vê o pouo a mil partes inclinado,
O juizo entre os grandes differente,
Rebeldes diuisoens, secretas juntas,
Varios os pareceres, e as perguntas.

Hum diz que tudo he vaõ quanto imagina
Quem naõ se inclina á parte. Castelhana,
Outro se desespera, e desfatina
Porque a patria se offende, e se profana:
E sustentar té á morte determina
A liberdade antiga Lusytana
Qual mouido de amor, qual da cobiça
Confundem os respeitos, e justiça.

Este diz que se guarde o juramento,
 E o contrato dos Reys firme, e seguro
 Estoutro, que era injusto, e fraudulento,
 Porque o ir contra a patria he ser perjuro:
 Cada hum busca a seu erro o fundamento
 E pinta em sombra as cousas de futuro
 O rebolico em todos he sobejo,
 Mas nenhum manifesta o seu desejo.

Qual pola primauera doce, e branda
 No valle de mil flores semeado
 O vagaroso Enxame se desmanda
 Com hum murmurio inquieto, e empeçado:
 Tecem as aues de huma, e doutra banda
 Encontraõ-se no ar com seu cuidado
 Assi andaua o pouo differente,
 Solicito, inquieto, e descontente.

Mal sofre o que viueo com liberdade
 Ver que ha de sustentar o jugo alheo
 Mas o que nam grangea esta vontade
 Disbarata em mil outras o receo:
 A muitos a esperanza persuade
 De que tem Leonora o reyno cheo
 Que o interesse encobre a qualquer erro
 E com arte, e poder se doura o ferro.

CANTO VI

Nuno Alures Pereira vendo os Portugueses diuididos, segue a parte de dom Ioaõ Mestre de Avis, que determina defender a liberdade da patria: O Mestre lhe commenda seus desenhos: Trataõ ambos a morte do Conde de Ourem, que por outro conselho se differe: O Prior do Crato se vai para Santarem, e Nuno Alures tras elle: Aly lhe conta huma donzella a desfestrada morte do Conde. Hum Alfajeme lhe pronostica auer de ter o mesmo Condado: O Prior declara seu intento, que he seguir a parcialidade da Raynha: O irmão o desengana, e se vem pera o Mestre a Lisboa.

D Epois dos funeraes, tristes cantares
Da Essa altiua, e pompa lagrymosa,
Quando para os castellos, e lugares
Se recolhia a gente poderosa;
Depois de alguns juizos singulares
Em que está toda a terra duuidosa
Vindo á publica praça a differença
Cada qual forma a causa, e dá sentença.

Parte-se o pouo em bandos differentes
Huns ao Mestre de Auiz seguir procuraõ,
Outros da bella Ines os descendentes,
Que inda no Reyno alheo se asseguraõ;
Mas como he melhor causa a dos presentes,
Com o Mestre a todo o risco se auenturaõ
Que era benino, ousado, e valeroso
Filho de Pedro o forte, e justicoso.

Assi sem respeitar modo ou cautella
 Com a vontade por ley, a gente ousada
 Só quer a liberdade, e defendela
 Pollo ferro da lança, e polla espada;
 Outra seguindo a parte de Castella
 A que a força mayor está inclinada
 Da Rainha Lianor fazem cabeça
 Para que o reyno enuolto lhe obedega.

Qual no Romano imperio diuidido
 Polla morte de Iulia que pudera
 Ter de huma parte o pay, doutra o marido
 Com que Roma em seus annos florecêra;
 Com armas, e rezões, fero atreuido
 Cada hum defende a causa que escolhêra,
 Assi andaua o Lusitano pouo,
 Elegendo por armas ao Rey nouo.

No meo desta furia não sabia
 Determinar-se o forte Nuno, quando
 Da parte Castelhana os grandes via,
 E o pouo repartido doutro bando,
 Em huma sala só andaua hum dia
 Com estes pensamentos passeando
 Descontente, confuso, e enleado
 De ver a patria em tam confuso estado.

Depois de ter mil cousas discurrido
 A Deos reméte o fim que não lhe achaua,
 De amor do patrio reyno commouido
 Pollo successo mau que lhe esperaua:
 Quando de noua luz do ceo ferido
 O sentido perdeo de donde estava,
 E de inclinado assi lhe parecia
 Que huma voz a seus ditos respondia.

De que te canças Nuno? Que te alteras?
Que ordenas? Que imaginas; que te engana?
Se aquillo em que tam triste consideras
Não no gouerna o ceo por traça humana :
Se só nelle confias , nelle esperas ,
Tem destinado a ordem soberana
Que sejas tu por quem se restitua
O antigo louuor da patria tua.

A defenſaõ terá do reyno amado
Aquelle cujas armas venturoſas
Te viraõ por ſeu bem primeiro armado;
Em ſinal de vitorias glorioſas ,
Eſte o eſcudo do ceo a Affonſo dado
Com as cinco quinas ſantas tam famoſas ,
Que nunca a cor do ceo , e o ſeu ſer perde
Depois leuantará ſobre a cruz verde.

Rey do nome preſago que primeiro
O mudo Zacharias eſcreueo ,
Quando o Precurſor ſanto do cordeiro
De Elizabeth eſteril lhe naceo ;
Que tambem por myſterio verdadeiro
E milagre que ordena o juſto ceo
O nome deſte , a que elle mais ſe inclina
Cedo dirá do berço huma menina

Morrerá á ferro o Conde miſerando
Que a ſeu fauor dobrado o cetro tinha
Cauſador dos deſcuidos de Fernando
E hoje dos vaõs cuidados da Raynha;
E tu irás teu ſangue eternizando
Dando aos futuros Reys ditosa linha ,
Depois que eſte na terra aleuantares
Com braço ouſado , e feitos ſingulares.

A taiſ

A tais palauras Nuno estremecendo
 Tornou em si com leda fantasia,
 Com os olhos foi aos ares reuoluendo
 Por ver quem lhe falaua, e quem o ouuia:
 Naõ vio mais que o lugar que estaua vendo,
 E humaluz que entre as nuuês se escondia
 Ficou confuso entaõ; porem mais ledo
 Vai descobrindo o fim deste segredo.

Lembrando-lhe as ricas armas que vestira
 Do valeroso Mestre dom Ioaõ
 Filho de Pedro o duro, que ante vira
 Neste o cetro real cahindo entaõ:
 Einda que da herança o reyno o tira
 Por filho natural, ao morto irmão
 Tanto excede em valor, e em fortaleza
 Que está por elle a mesma natureza.

Ia deste pensamento satisfeito
 Deixa Nuno os irmãos, e busca o tio,
 Porque he do Mestre amigo mais estreito
 Que lhe deseja mando, e senhorio:
 Descobre-lhe o que tem dentro em seu peito
 A quem nunca o temor fez lento, e frio
 O' quanto Ruy Pereira isto festeja
 Que he o mór gosto, e gloria que deseja.

Ficou o velho illustre tam contente
 Do que lhe o bom sobrinho communica,
 Que ao Mestre vai buscar mui diligente
 Tudo lhe manifesta, e lhe publica;
 Elle que ha muitos dias que consente
 Nesta mesma esperança, alegre fica
 Nuno alures chamar manda sem detença
 Que naõ esperou mais que esta licença.

E depois que entre os braços recebeo
Aquelles seus, que acháraõ tudo estreito,
Nuno nestas rezões lhe offereceo
O coração leal, e o forte peito;
Em quanto alto fenhor sustenta o ceo
Vosso desejo, e vos nosso direito
O nome, a honra, e vida que sustento
Estaraõ sempre a vossa mandamento.

Sou Portugues, e o nome só me obriga
A não consentir nelle o jugo alheo,
E polla patria, e liberdade antiga
Perder com honra a vida, e sem receo,
Não mo deueis a mim quando eu vos siga
De meu sangue, e razaõ, do ceo me veo
Este cuidado, e a vos fico deuendo
Serdes o defensor do que eu defendo.

Que quando outra razaõ lugar primeiro
Tiuesse de obrigar-me, que esta minha
Ingrato fora, e pouco verdadeiro
Se não seguisse as partes da Rainha;
Ella me armou na terra caualleiro
Casou-me, deu-me a honra, e bens que tinha
Seu fui, que esta razaõ negar não posso
Mas o ser Portugues me fez ser vosso.

Segui claro fenhor tam justo intento
Hide a diante assi não temais nada
Meteci no mór perigo o pensamento,
Que eu lhe abrirei caminho com a espada
Com ser este semente me contento
Do Reyno, nem de vos não quero nada
Quisera daruos mais do com que venho
Mas douos quanto posso, e quanto tenho.

A isto contente o Mestre respondia
 Prendendo-o pollas mãos amigamente
 Valeroso Nuno Alures, quem creia
 Menos de hum caualleiro tam valente;
 A vos só desejava, e só temia,
 Já de vos, e de mim fico contente
 Que o coração na vista me mostrava
 Que não sem causa ha muito vos amava.

Como em vos natural esse desejo
 Assim o foi em mim, e essa vontade
 Não pretendo ser Rey, nem o desejo
 Mas defender do reyno a liberdade;
 Nem me esquecerá nunca a que em vos vejo
 Chea de tanto esforço, e lealdade
 No governo, no mando, e no perigo
 Me auei por companheiro, e por amigo.

Tras isto lhe foi dando larga conta
 Dos meos que tomava nesta empresa
 De quam pouco o poder, e esforço monta
 Seu; se o contrasta a gente Portuguesa
 Tanto sente Nunalures esta afronta
 Quanto mostrava o Mestre que lhe peza
 Com razões hum ao outro se animava
 Para o feliz successo que esperava.

Consideraõ tambem que he necessario,
 Para a quietação que o Reyno nega
 Dar morte occulta ao Conde ingrato, e vario
 A quem Lianor incauta, a causa entrega:
 Que tem por certo o pouo temerario
 Que era por seu querer perdida, e cega,
 Com infamia do enfermo Rey passado
 Por seu remisso engano mal julgado.

E porque já Nunalures publicára
Ao tio, o que entaõ traz mais na vontade,
E o Mestre tinha proua viua, e clara,
De seu esforço, animo, e verdade;
Depois que tudo conta, e lhe declara,
Com mui poucas razões o persuade,
Que busque gente amiga, e que o socorra
Para que ás mãos de Nuno o Conde morra.

Assentado ficou que no outro dia
Com a mais gente armada que pudesse
O cauteloso Conde mataria,
Sem que a Rainha a tempo lhe valesse:
Nesta tençaõ Nunalures se pártia
Porque o Mestre no feito o conhecesse
Escolhe dentre os seus sem nenhum medo
Os homens de mais feito, e mór segredo.

Porem depois de estar apercebido
Para acudir ao prazo concertado,
Por recado do Mestre foi detido
Que he já doutros conselhos atalhado;
Elle destas mudanças mal sofrido
Sem dar outra reposta a tal recado
Atras do irmão Prior as redeas vira
Que da Corte sem vello se partira.

Nas exequias do Rey tambem se achara
A quem deuia amor, e sentimento,
E com o valente irmão se visitára
E outro que aly se achou ao saimento,
E sem se ver com Nuno se apartára,
Porque tinham diuerso o pensamento
Mas em Ponteual logo de ligeiro
O alcança o nosso ousado caualleiro.

De nouo alegremente se abraçaraõ
 E foi encontro a todos opportuno
 Com amoroso intento se ajuntaraõ
 Pedro o Prior, Diogo o forte, e Nuno;
 Porem muy pouco espaslo descansaraõ
 Com hum recado, que aos dous era importuno
 Que do Rey dom Ioaõ mandado vinha
 Com o melageiro, e cartas da Raynha.

Trazia a embaixada hum capitaõ
 Que entaõ seguia as partes de Castella,
 Que o Prior recebeo com huma afeição
 Que mostraua a que tinha ás cousas della:
 E descobrindo logo o coração
 Sem vsar de respeito ou de cautella,
 Todos os caualleiros que aly eraõ
 Com ira, e sentimento se moueraõ.

Dentre elles só Nunalures se atreueo,
 E fallou ao Prior desta maneira
 Sempre senhor, e irmaõ me pareceo
 Que esta lança por vos fosse a primeira,
 Mas se esse rogo injusto vos moueo,
 E essas promellas vãs, o ceo naõ queira
 Que eu veja em vosso sangue tal fraqueza
 Contra a razaõ, e a ley da Natureza.

Se o Mestre dom Ioaõ guarda, e defende
 Ao reyno a liberdade, e seu direito
 De cujo valor, e obras bem se entende,
 Que segue o modo em tudo mais perfeito
 Naõ deueis de admitir quem só pretende
 Portugal a Castella andar fugeito,
 Libertemos a terra que habitamos,
 Ou viuamos isentos, ou morramos.

Cheo de ira o Prior lhe volta o rosto;
E diz que razão tem? que entendimento?
Quem por obêderer ao proprio gosto
Defencaminha assi seu pensamento?
Que engano he esse irmao, em que estais posto.
Que força o mestre tem? que fundamento?
Que fauor, que justiça, e que bom meo
Para tyrannizar a hum reyno alheo?

Temos Rey poderoso, e verdadeiro
Que os mais de vos por Principe jurastes
Ioaõ que he de Fernando claro herdeiro
Casado com Beatriz que sempre honrastes;
Se vos mudais agora de ligeiro,
Porq̃ em vaõ com o de Auis vos conformastes
Cedo vereis com elle o defengauo
Se armado dece a nós o Castelhano.

Naõ respondeo Nunalures; de improuiso
Manda vir o cauallo, ardendo, parte .
O prior vai tras elle sem juyzo,
Por poder inclinalo da outra parte;
A Santarem chegaraõ; que diuiso
Tambem em bandos varios se reparte
Cada hum de razões nouas se aproueita,
Hum offerece estados, outro engeita.

Ao outro irmao que tinha commouido
Nuno em Santarem cada hora enfaia,
E sem nunca apartar disto o sentido
Passeando ambos vaõ junto da praia,
E porque o nobre animo atreuido
Nas arduas esperanças naõ desmaia,
Diogo nas de Nuno bem consente
Naõ somente inclinado, mas contente.

Com-

Communicando andauaõ o seu desejo
 (Que animos iuuenis, orna, e recrea)
 Por onde alcantilado o doce Tejo
 Vai fazendo huns ilheos de branca area:
 E aonde com socego, e com despejo
 As salgadas enchentes naõ recea,
 Viraõ vir em galope hum escudeiro
 No caualllo cansado, e naõ ligeiro.

A's ancas tras o moço huma donzella
 Com mui ricos vestidos, mal ornada,
 Que a elle, e aos arções da estreita sella,
 Vem na furia dos saltos abraçada:
 E alem do parecer gentil que ha nella
 Vem de córadas rozas afrontada
 Descompolto o cabello crespo, e louro
 Entre hum toucado seu de menor ouro.

Ou que a fermosa vista os obrigasse
 Ou que os mouesse entaõ curiosidade
 Ao escudeiro mandaõ que esperasse
 Que ao bom caualllo faz nisto a vontade:
 Perguntaõ-lhe quem era e que contaſse
 Se traz aquella dama em liberdade,
 Porque se aggrauo, ou força padecia
 Ante elles com a vida o pagaria.

Elle que a dom Nunalures reconhece
 Enleado ficou, e duuidoso
 Do que ha de responder entaõ se esquece
 Que quanto dizer pode he perigoso:
 Mas primeiro a donzella se offerece
 Segura no seu rosto fermoso,
 Que de lagrimas cheo, e de brandura
 Culpaua dante maõ logo a ventura.

E como o que inda a causa lhe dohia
Da lagrimosa historia que contaue,
Primeiro mil sospiros despendia,
Entre as custosas perlas que choraua :
Famosos caualleiros, lhe dizia,
De quem sempre a ventura seja escrava
Esta que aqui me tras, como não deue
lá em meu fauor seu vario curso teue.

Mas como o seu poder foi sempre escaço,
Para sustentar bens em grande altura,
E sempre a inueja estende mais o braço
Aonde vê chegar mais huma ventura:
Dos mimos, e delicias que ha no paço
Me traz aonde não sei se vou segura
Em poder deste irmaõ, que a vida amada
Pola minha saluar leua arriscada.

Do principio de minha tenra idade
A' Raynha Lianor fui sempre accita
Por graça em parecer, e em liberdade
Que em vida corte'am nunca se engeita;
A vida tiue sempre da vontade
Que esta a nenhuma outra era sujeita,
E a fermosa senhora a quem seruia
Como a seu proprio gosto me queria.

De mim fiaua acenos, e recados,
Ou fosse amor de siso, ou fosse graça
Eu era a secretaria dos cuidados
Quehoje o vulgo indomauel trouxe á praça:
O toque dos galantes, e auisados
Era eu, que a sorte agora me ameaça,
Que á vista do perigo, e dano alheo
Crece em muitos culpados o receo.

Amava

Amava (como agora he conhecido)
 A Raynha Lianor a hum estrangeiro
 Galego a estes reynos acolhido
 Cõmmumente chamado , o Conde Andeiro:
 Cortesaõ , gentilhomem , bem nacido
 Mais astuto , que ousado caualleiro ,
 Tam mimoso del Rey , tam seu priuado
 Que o Condado de Ourem lhe tinha dado.

Ou fosse que Fernando assi pagasse
 O peccado que tinha commetido ,
 E por hum estrangeiro a hum Rey deixasse
 A que elle deixar fez ao seu marido :
 Ou que amor por costume lhe tirasse
 A honra , e do lugar todo o sentido ,
 Tam publico isto a todos parecia ,
 Que sem temor , e espanto se dizia ,

Morreo elle , e quiçais imaginava
 Que viuesse Lianor mais liuremente ,
 Se o seu Reyno , e vassallos governava
 Poio Conde de Ourem liure , e contente :
 Mas como ha muito ja que lhe esperava
 A que duravel bem nunca consente
 Cahio aos pés da roda da fortuna
 Nos bẽs varia , nos males importuna.

Esta noite passada (ah triste sorte)
 Que ben foi para mim cruel , e escura
 Teue o eu Conde ante ella amarga morte
 E inda naõ terá agora a sepultura :
 Ontem fez termo a Portuguesa Corte
 E faltou nella toda a fermosura ,
 E eu perdi ser amada , e ser querida ,
 E bem será se inda poupasse a vida.

Esse

Esse mestre de Auis, que ha tantos annos
Que nella conheceo odio immigo
Para que seu intento, cu seus enganos
Teuessem melhor fim, que ella castigo;
Com alguns que o seguiaõ, pouco humanos
Cobiçosos de sangue, e de perigo
Com muita gente, occultamente armada
Entrou no paço a hora defusada.

Entraõ de noite os feros homicidas
Os porteiros encontraõ, e os desuiaõ,
Pelas portas se vaõ naõ defendidas
Mouendo as armaduras que encobriaõ;
E com o lume das tochas offendidas
As laminas, e as malhas reluziaõ
Por entre as vestiduras dos soldados,
Enchendo de temor aos descuidados.

A Rainha a tal tempo sem receo
Enleada ficou vendo o cunhado
Que com a cortesia, e termo alheo
De inimigo, encobre intento tam danado:
Ella pouco segura neste enleo,
Que mal socega o animo culpado,
Com o grande sobressalto o peito frio
Perdeo do rosto a cor, a fala, o brio.

Nisto os do Mestre entráraõ sem mais tento
Porque os guardas das portas naõ valeraõ
Na camara real, que era aposento
Aonde entrada igual nunca teueraõ:
Lianor humilhando o sofrimento
Com mortaes sobressaltos que a mouéraõ
A cor do rosto palida, e defunta
Da nouidade a causa lhe pergunta.

Elle

138 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Elle com razões friuolas se escusa
 Hora a tempos se cala, hora responde
 Entre ambos era a pratica confusa,
 E junto a ella estava o triste Conde;
 A' parte o Mestre o chama, e não recusa,
 (Que quem fugir não pode mal se esconde)
 Inda que o coração presago e certo
 Lhe está mostrando a morte de tam perto.

Noutra camara entráram juntamente
 Qual conuinha a materias de segredo,
 E o Conde que seu mal conhece, e sente
 As palauras erraua já com medo;
 Mas em vendo o lugar conueniente
 O deshumano Mestre ousado, e ledo
 Com o punhal sem piedade, e sem respeito
 Com o nome de traidor lhe passa o peito.

Cada hum dos conjurados logo occorre
 Ao lugar que lhe fora encomendado
 Ninguém ao Conde misero soccorre
 Que cae em roxo sangue atrauessado:
 Com o nome de Lianor fallando morre
 E o retrato no peito traspassado,
 O' hora triste, ó noite negra, escura
 De treições e de enganos sepultura.

Aquelle reboliço tam medonho
 Temerosa a Raynha áleuantou
 Como quem de profundo, e triste sonho
 Entre os braços da morte despertou;
 Em gritos rompe a voz com som tristonho
 Soccorro pede e vendo que saltou
 Ao já defunto Conde a voz, e a vida
 Tambem julgaua a sua por perdida.

E em fim como mulher que a natureza
Fez de animo fugeito, e abatido
Da dor vencida, e misera fraqueza
Para escapar procura algum partido;
Fugir he vaõ, que está cercada, e presa
Entre o pouo cruel, e indurecido
De que a ninguem perdoa, a cega furia
Sem perder vida, ou receber injuria.

Manda pedir soccorro ao inimigo
Pondo-lhe a honra, e a vida na vontade
E com as que entaõ tinha aly consigo
Iá lhe naõ pede mais que a liberdade;
Elle a assegura em vaõ de seu perigo
Mas tammal com temor se persuade
Que hum rumor vaõ que fere a leue porta
Caie, desmaia, e fica fria, e morta.

Neste tempo huma voz bradando soa
Sobre hum cauallo corre este pregaõ
Polas praças, e as ruas de Lisboa
Mataõ no paço o Mestre dom Ioaõ;
Tambores se ouuem, guerra se apregoa
Com grande estrondo, e grande confusão
Cercaõ de gente armada o paço logo
Nas portas prouaõ ferro, e chegaõ fogo.

Aly a furia estranha se acrecenta
Das gentes pelo Mestre amoutinadas
Cada hum rompendo as portas arrebenta
Que os da conjuraçaõ tinhaõ fechadas;
Como os vencidos d'agoa, e da tormenta
Bradaõ decendo as vellas despregadas
Assi se ouuem debaixo os alaridos
Do paço os ais, sospiros, e os gemidos. ¶

Nem na noite fatal em que as estrellas
 Por não ver arder Troya se escondérao
 Quando de Priamo as donas, e as donzellas
 Entre as chamas de Grecia perecérao :
 Se ouviraõ mais sospiros, mais querellas
 Das que no paço aquella noite derao
 Vendo já arder as portas, e entre a chama
 Morraõ, morraõ, sómente o pouo clama.

Dai-nos o Mestre, huns dizem blasfemando
 Da miserauel dona que o não tinha ;
 Morra Castella, os outros vem bradando
 Morra o Conde de Ourem, morra a Raynha ;
 Vingança polo incauto Rey Fernando
 Gritando doutra parte hum tropel vinha,
 Morraõ traidores, morraõ, grita o pouo
 Viua o Mestre de Auis nosso Rey nouo.

Naõ ha contra esta voz razaõ que valha,
 Que já do paço algumas lhes diziaõ
 Porque com mór eltrondo, e mór baralha
 Os brados reuoltosos tudo enchiaõ ;
 Té que chegando o Mestre, a tudo atalha
 As vozes socegando dos que o viaõ
 Com sua falla a todos aquieta
 Branda, amorosa, afabil, e discreta.

A huma janella armado appareceo,
 E alguns dos seus tras eile se assomáraõ
 As graças brandamente offereceo
 Aos que polo saluar se amoutináraõ ;
 E como apparecendo o sol no ceo
 Ao ar as negras sombras desempáraõ
 Assi deixando a porta o feroz bando
 Dece o nome do Mestre appellidando.

Daly com fauor barbaro indomado
Polas ruas o ar tremendo atroa ;
Morre de hum alta torre derribado
O miserauel Bispo de Lisboa ,
E hum homem de que estaua acompanhado
Sem offensa do Mestres, ou da coroa
Que para perecer em tanto dano
Bastou-lhe auer nacido Castelhanao.

Este estranho temor, este alarido
Mouia os fracos peitos das donzellas
Temendo daquelle impetu atreuido
Que naõ parasse aly sem dano dellas :
Qual procura o lugar mais escondido ,
Qual acode a fugir polas janelas ,
Qual com o sangue do rosto a cor perdida
Cae dos brados vãos esmorecida.

Eu que com razões mōres me temia
Do perigo que em mim mais certo estaua
Camaras, e retretes reuoluia
Por ver se em algum delles vida achaua ;
Deste irmaõ finalmente me valia
Que a meus suspiros tristes perto estaua ,
E tomando por capa a noite escura
Pusemos logo as vidas na ventura.

Esta he a pressa, e causa com que venho
Dos riscos que passei tam offendida
Que aqui se hum breue espasmo me detenho
Nesse imaginarei que perco a vida ;
Se he de tais caualleiros o dessenho
Dar fauor a hum dama perseguida
Naõ me detenhais mais, dai-me licença
Pois tenho o mōr perigo na detença.

Isto contaua a dama descontente

Que entre as razões mil lagrimas derrama

Porem consolaa branda, e cortelmente

O que por fero só nomea a fama;

E ainda que aiuroço, e gosto sente

No que com tanta dor sentia a dama

Daua final de magoa não pequena

Do que elle ouuio contar com tanta pena.

Pesa-me, diz, senhora, que não posso

No mal que já passou dar algum meo

Porém bastará agora o poder nosso

A liurar-uos de inimigos, e receo:

Se este nobre mancebo, e irmão vosso

Que para vossa guarda atéqui veo

Não for bastante a ter liure, e segura,

Vossa sospeita, e vossa fermosura.

Aqui tendes presentes neste estado

Dous de quem podeis ser bem defendida

Que ambos temos por ordem professado

Offerecer a damas, braço, e vida

Cada hum de vossas partes obrigado

Alem de obrigação tam conhecida

Em vossa guarda iremos juntamente

Té onde de ficar fordes contente.

Não vos offenda a morte fea, e crua

Desse Conde a seu Rey prejuuro, ingrato,

Que nem sois parte vos na culpa sua

Nem em seu engano, e falso trato:

Dexai que ao ceo, e á terra restitua

Que ainda he a morte hum preço muy barato

E vos enxugai lagrimas sem fruto

Que em brandos corações produzem muito,

Só da vontade a dama se aproueita
Com razões a agradece, e se despede,
E ajuntando-se a sella mais estreita
Ao moço os braços liures lhe concede:
Elle que ainda que irmão não nos engeita
Aos dous fortes irmãos licença pede,
E com o Tejo por guia, e por vesinho
Vão seguindo de novo o seu caminho.

Alegre ficou disto o caualleiro
Diogo mais confuso, e porém ledo
Que a morte escura já do Conde andeiro
Lhe contará o irmão muito em segredo:
Cada hum vai ao Prior por mesageiro
Cuidando de o dobrar muito mais cedo
Mas tudo perde o preço, e tudo cessa
Aonde a cobiça aceita hum prometta.

Nuno que em armas sempre anda cuidando
E com ellas sómente se occupaua
Andára o dia de antes passeando
Donde então a donzella se apartaua,
E vio a hum Alfajeme pendurando
Huma lustrosa espada que acabaua
Com tal primor polida, e perfeição
Que lhe fez ter cobiça a guarnição.

Então lhe perguntou se se atreuia
A lhe guarnecer outra como aquella;
E respondeo-lhe alegre que faria
Inda mais atilada, inda mais bella;
Mandou-lhe Nuno aquella que trazia,
E indo-se (como ouuilles) a donzella
Como o desejado irmão voltando vinha
Sem lhe lembrar a espada que aly tinha.

Como

Como os olhos voltou á aquella parte
 A vio na porta estar bem guarnecida
 E tomando-a com brio, graça, e arte
 Ameaçou rompendo huma ferida;
 Temeo na sua esphera o feroz Marte,
 O Sol mostrou na sua a cor perdida,
 Parou hum pouco o Tejo de assombrado
 Não vendo contra qual estaua armado.

Da espada, e do cuidado satisfeito
 Mandou Nuno pagar liberalmente
 Ao Alfajeme então; que outro respeito
 Lhe faz que espere a paga differente;
 Satisfação senhor nenhuma aceito
 Diz, nem de vos a quero facilmente
 De Ourem tornareis Conde em tempo breue
 Pagarmeeis o cuidado que outrem teue.

Sorrindo o caualleiro lhe tornou
 Que aceitasse o seu premio, mas em vão
 Porque com taes razões se lhe escusou,
 Que se partio sem mais satisfação;
 A noua só que a dama lhe contou
 Lhe desfueia, e occupa o coração
 Que de lealdade, esforço, e de honrã cheo
 Nunca admitio cobiça, nem receo.

Ao Prior deu a noua, que a donzella
 Trouxera magoada, e descontente
 Que admirado ficou sem poder crella
 Por quam mal nisto o gosto lhe consente;
 E depois que em discursos se desfueia
 Temendo algum successo differente
 Do pouo sem respeito, e sem recato
 Da nobre Santarem se vai ao Crato.

Tentáraõ-no os irmãos, mas naõ puderaõ
Naquelle intento seu fazer mudança,
E em partindo elle o tempo naõ perdéraõ,
Porque achauaõ perigo na tardança;
Ao Mestre vaõ buscar que nelle esperaõ
Assegurar melhor sua esperança.
Porem muy pouco espaço caminháraõ
Quando com mór enleo se apartáraõ.

Que vendo Diogalures que offendia
Ao valeroso irmão que atras deixaua
Em cuja proteiçaõ, e amor viuia
Cuja militar ordem professaua:
A Nuno esta vontade descobria,
E com nouas promessas se obrigaua
De inclinar ao Prior que estaua duro
Com a esperança incerta do futuro.

Mui cuidadoso e triste se despede,
E volta logo as redeas ao caualllo
Que volte a elle o forte irmão lhe pede
Porem nada bastou para obrigalo;
E aquelle alto valor que nunca impede
Caso, temor, respeito, ou interuallo
Que no seu peito viue, e resplandece
Iá de perigos, já de irmãos se esquece.

Porém deixando a causa que moueo
Ao que contra seu gosto se partia,
E como o Prior logo o recebeo
Com aluoroço estranho, e alegria,
Vamos seguindo a Nuno que venceo
A que vencéra os dous naquelle dia
Que com os poucos que tinha se tornaua
Para a cidade aonde o Mestre estaua.

146 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Contra a fortuna vai determinado,
 Que á parte do inimigo volta o rosto
 Já se vê entre os muitos arriscado
 E no caminho á guerras já disposto;
 Com tudo lhe contenta o seu cuidado
 Que nos perigos tem, a vida, e gosto
 Junto de Aluerca passa a noite fria,
 E confirmando os seus espera o dia.

Naõ estaua porém certa a poufada.
 Antes chea de engano: e perigos
 Que o que serue a razão que he desprezada
 Logo acha cautelosos inimigos;
 Mas vamos a Lisboa amoutinada
 Reuolta entre contrarios, e entre amigos
 E as lagrimas ouçamos de Leonora,
 Que o seu Conde de Ourem defunto chora.

C A N T O VII.

Conta-se o sentimento da Raynha polla morte do Conde de Ourem : Sae-se da cidade , e faz se forte com os seus em Alemquer. Dom Nunalures vem a Lisboa : O Mestre o recebeo com muito aluorço, e o faz do do seu conselho. Vem a ter com elle sua mãy com cartas da Raynha para o reduzir ao serviço del Rey de Castella , e conuencida de suas razões muda o intento : Toma-se o castello de Lisboa. Nunalures he perseguido da inueja dos companheiros. Entra o Mestre em Alemquer , e levantando o cerco ao castello vem a Lisboa. El Rey de Castella deee a conquistar o reyno por armas : Assenta seu arreal em Santarem : Desafia Nunalures ao Conde de Mayorga : O Mestre atalha o combate , e o manda a Syntra donde traz mantimentos para a cidade , e vai ao Lumiar a buscar os capitães de Castella , que lhos querião impedir.

D Amas , que com o poder da gentileza
Sugeitais ao mais liure entendimento
Que titulo , não ha , honra , e grandeza
Que de vossos poderes seja izento :
Porque pagais tam mal á natureza
Hum dote tam fermoso , entre cento
Não ha huma , que a quem se vence della ,
Não seja tam ingrata como bella.

Se o engano de vossa fermosura
Faz a essa condicão ser tam tyranna
E desprezais a amor , temei ventura
Que c'o exemplo de tantas delengana :
Se por ser soberanas na figura
Não quereis condicão *que seja humana*
Olhai quantas figuras *se trocarão*
De fermosas , e ingratas que passaraõ.

Naõ he conselho o meu de interessado
 O rigor mais estranho vfa comigo,
 Se para hum mal tam doce, e desejado
 Quem naõ merece gloria tem castigo,
 Mas naõ veja de amor mal empregado
 Em vos algum tormento, algum perigo,
 Que mal ficará delle satisfeito
 Quem sabe ser amante, e ser fugeito.

Que razao pode dar que leue escusa?
 A fermosa Lianor, que preso tinha
 Hum Rey que o pouo seu continuo accusa,
 Porque elle a seu pesar a fez Raynha:
 Nega as Leyes, e a razao só busca, e vfa
 A ley que para amala lhe conuinha;
 Se ella a tam grande amor tam mal responde
 Que esquece hum claro Rey, e estima hũ cõde.

Ah damas, que naõ sei se vos reprecanda
 De tyrannas, crueis, de enganadoras?
 Mas como pode ser, que vos offenda
 Quem vos confessa, e ama por senhoras;
 Antes que a justa Nemesis entenda
 Nessas partes de tudo vencedoras
 Tomai de tais castigos nouo exemplo
 Naõ siruais de trofeos ao seu templo.

Qual a era que viueo sempre enlaçada
 Na verde ensinha, ou vlmo na montanha
 Que sendo a caso a aruore cortada
 Que com seus ramos orna, e acompanha:
 Fica na terra humilde, e desprezada
 Que qualquer vento vaõ, e sol a acanha
 Tal a Raynha estaua sem conforto
 Com o matador presente, o Conde morto.

Mil successos contrarios imagina,
Neste primeiro assalto de seu dano
Com dor, amor, e odio defatina
Ferindo o peito bello quanto humano;
E com razões que o mesmo mal lhe ensina
Vendo o rosto cruel ao defengano,
A noite em que temia o mór castigo
(Como ouuistes) falava assi consigo.

O fortuna cruel, cega, enganosa
De quem sempre fei quantos bens tinha,
Quem me vio nos teus braços tam mimosa
Quão mal crerá nesta hora a forte minha:
De que seruia estrella tam ditosa?
O nome, a honra, o trono de Raynha?
Se cae em tal estado a minha estrella
Que fora mór ventura a de não tella.

Que me fica já mais que a vida triste
Sugeita a mil afrontas, e contrarios,
Iá fora do lugar em que a subiste
Offerecida a perigos necessarios;
Com os bens a pouco e pouco me fugiste,
Deixas-me em tantos males, e tam varios
Leua cruel agora o que me deixas,
Tirar-me-as a razão de móres queixas.

Ah grande sem razão da natureza
Só em nossos respeitos encolhida,
Que dê a huma molher tanta fraqueza
Com tais razões para tirar-se a vida
Quem vejo? quem me atalha? que me peza,
Mas não ha quem atalhe, nem me impida
Senaõ o proprio mal que sempre ordena
Que dure a vida; para que dure a pena.

Aonde

Aonde me apartarei deste perigo ?

Quem me aconselhará , se he morto o conde ?

Porei a honra , e reyno no inimigo ,

Que a tenção de tyranno nada esconde ?

Esperarei dos fados o castigo ?

Que sempre igual aos gostos corresponde ?

Que cautella ha , que termo , ou que bõ meo ,

Para vencer a vida , e o receo ?

Se em mãos da cruel Parca a vida vira

Antes que neste trance em que me vejo

A magoa de a perder menos sentira

Que o duuidoso mal com que pellejo :

Como meu sonho vaõ ficou mentira !

Como se tornou em pena o meu desejo

Que farei triste agora sem caminho ?

Que quanto temo entendo que adeuinho ?

Quem viueo já nos males por costume

Nenhum assalto delles nouo estranha ,

Que nem espera os bens , menos presume ,

E já conhece aquelles que acompanha ;

Ao que viue sem luz offende o lume ,

Ao que foi sempre pobre o ouro acanha ;

Ay de quem viueo sempre em tal bonança

Que nunca temeo males , nem mudança.

O enganosa vida a de hum contente ,

Que com nenhum cuidado se desuella

Como todos os bens crê facilmente !

Quaõ pouco dos successos se acautella ?

Como se mostra a sorte differente

A quem mais liuremente se crê della ?

Quaõ tarde a conheci ? triste , quaõ tarde ?

Pois naõ posso fugir , e estou cobarde.

Sahi lagrimas minhas pouco vsadas
A chorar o rigor de hum sentimento
Que se vos tinha a forte represadas
Podeis correr agora, cento, a cento:
Ay horas de reynar tam cobiçadas,
Que tiuestes tam doce o fundamento
Como vos pago agora á mór valia,
Quando eu já não cuidei que vos deuia.

Atras destas palauras, esmorece,
E cae sem sentir adormecida
Até que o dia alegre lhe offerece,
Remedio, defençaõ, soccorro, e vida;
Que quando o Sol aos montes amanhece
He de muitos, dos grandes soccorrida
Deixa o conde sem alma, e sepultura,
Vai buscar casa, e forte mais segura.

Para Alemquer se parte acompanhada
Dos parentes, que armados vão com ella;
Não he do Mestre entaõ nisto estoruada,
Que não tem pensamentos de offendella,
Aly procura estar fortificada
Té vir soccorro, e gente de Castella,
Ao Rey Ioaõ escreue o succedido,
E diz que ponha em armas seu partido.

Na vila se fez forte, e hum a espia
Hum a noite de Aluerca a auisaua
Que Nuno Alures Pereira aly dormia
Que ao Mestre (como ouuistes) se tornaua :
Ella, que delle o mesmo presumia
Prendello pelos seus logo mandaua,
Que de seus pensamentos não se esquece
Nem do cuidado em vão, que lhe merece.

Mas

Mas elle que não viue descuidado,
 Todos seus vãos intentos disbarata,
 A Aluerca chega, e passa a noite armado
 Como quem sabe a causa de que trata:
 Com os que leua está determinado
 De não vender a vida muy barata
 Se alguma gente imiga se ajuntasse
 Que o gosto da jornada lhe atalhasse.

E quando a bella aurora já decia
 Sobre as nuués, que a noite escurecêra;
 E os passaros com canto, e melodia
 Cada qual mais contente o Sol espera:
 Se parte a valerosa companhia,
 De quem o proprio Marte se temera,
 E em pouco espasão pella terra chega.
 Que o Laercio fundou da gente Grega.

Do Mestre alegremente recebido
 Foi o Pereira oulado, e animoso
 Que do seu grande animo atreuido
 Todo o successo espera venturoso;
 Os que o tem já por obras conhecido
 Festejaão companheiro tam famoso,
 Que a muitos adeuinha o coração
 Que tem só no seu braço a defensão.

Valeroso Nunalures sem receo
 (Lhe diz o Mestre) a quem em nada auaro
 O ceo fez de valor, e esforço cheo
 Como de antigo sangue, illustre, e claro;
 O muito que eu em vos tenho, e grangeo
 Nesse espirito tam nobre, altiuo, e raro,
 Bem manifesta o meu contentamento,
 Se o eu noutros sinais não represento,

Sempre tiue segura a confiança
Em vosso grande animo, e verdade,
Como a quem nunca fez fazer mudança
O respeito de irmãos, e de amizade;
Se no que eu vos mandei tomar vingança
Mudei o parecer, não já a vontade
Que por a vossa ter grande inueja,
Eu quis tomar a empresa da peleja.

E quando doutro amigo confiára
Matar ao falso Conde, incauto fora,
Que nem a outro Nunalures logo achára,
Nem esperara acharuos como agora:
Se nisto o meu desejo se declara
E vosso injusto aggrauo se melhora
Noutra satisfação; aqui me offereço
Se errei em pouco, em muito vos mereço:

Parece a Nuno este louuor sobejo
Quasi delle afrontado muda as cores
Muito ha, lhe diz, senhor, que o meu desejo
Satisfação merece, e não lououres;
Desluiu-mo a ventura, agora vejo
Que me guarda occasiões muito melhores
Pois era sem proueito offerecida
Para a paz hum soldado, e huma vida.

Em guerra estais, e a tempo me offereço,
Que mostrará a vontade se vos erra
Que as vidas dos criados tem mais preço
Nos perigos, e trances que ha guerra;
O que procuro em vós, muy bem conheço
Que he o mayor valor que em mi se enferra
Quantos vós me estais, e quanto eu posso
Como naceo de vós de todo he vosso.

Amor

Amor, poder, e irmãos nada me atalha
 Que a mim deuo ser sempre o mór amigo
 Não quero outro respeito que me valha
 Mais que este intento só que vem comigo:
 Em fortalezas, campos, e em batalha,
 No mais estreito passo, e mór perigo
 Só me mandai senhor, seja o primeiro
 Com este esforço só por companheiro.

Pode vencer-me a força Castelhana
 Mas não me vencerá della o receo
 Do mais nada me aggraua, nem me dana
 Foi gosto vosso, ou parecer alheo;
 Nem cobiça de gloria vã me engana
 Nem nouas honras, bês, terra, grangeo,
 A vida, a honra, a fama, o nome, o gosto
 Só em vosso serviço o tenho posto.

A estas leaes razões, que o caualleiro
 Dizia sem receos, e embaraços;
 Que a hum coração nobre, e verdádeiro
 Prendem, obrigação, ataõ como laços,
 Não lhe responde o Mestre, que primeiro
 Lhe lança ao pescoço os fortes braços,
 Não fiando da lingua, quanto o peito.
 De tal vassallo estaua satisfeito.

E ou fosse hum natural conhecimento
 Que lhe daua a presaga fantasia
 De aquelle ser collumna, e fundamento
 De quanto imaginaua, e pretendia;
 Ou que o accidental contentamento
 Lhe enchesse o rosto, e olhos de alegria
 Nas palauras, no modo, termo, e gesto
 O seu desejo estaua manifesto.

Do seu conselho o faz , e sendo eleito
Cada hum dos delle alegre o recebo
Entre os quaes logo em animo , e respeito
Como o cedro entre os Platanos se ergueo
Depois por secretario do seu peito
Em todo o tempo o Mestre o escolheo
Que nada imaginava de tam perto ,
Que já não fosse a Nuno descuberto.

O reyno enuolto em armas, e em contenda
Gente inclinada , e gente receosa
Huns polla liberdade , outros por renda ,
E enganos da cobiça mentirosa ;
Nuno Alures porque a patria se defenda
Assegurando a parte duuidosa ,
A' sua vida , o termo vlado nega ,
Não repousa , não dorme , não socega.

Em quanto isto passava na cidade
Iá no Crato o Prior se apercebia
A mostrar seu valor , honra , e verdade
Ao Castelhana Rey que elle escolhia ;
E porque o quer servir com magestade
De vassallos , irmão , força , e valia ,
Vendo que só Nuno Alures lhe falece ,
De nouo a conquistalo se offerece.

De promessas do Rey que elle recusa
De cartas da Raynha que o honrara ,
Dos amorosos rogos de irmão vís
E de muitos amigos que tratara ;
Não deixando lugar á nova escusa
De quantas dante não lhe imaginara
Roga , grangea , pede , escreue , e manda ,
Mas quem o vencerá nesta demanda ?

Faz vir de Nuno a mãy logo a Lisboa
 Dos seus muy nobremente acompanhada
 Sabendo que nenhuma outra pessoa
 He d'elle mais querida, e respeitada:
 Primeiro a seus intentos a afeiçoa,
 Iustificando a causa praticada,
 E depois com promessas a assegura
 Que alem de ser razão, que era ventura.

A venerauel dona que pretende
 Ver ao filho em estado poderoso,
 As nouas esperanças já se rende
 Com animo contente, e cobiçoso;
 Não conhece porém que nisto offende
 Aquelle peito altiuo, e valeroso
 Chegou, logo ao filho desejado
 Communicou seu gosto, e seu recado.

Offerecer-lhe manda o Castelhana
 Titulo, renda, e honras desejadas,
 Se do famoso Mestre Lusitano
 Deixasse as esperanças enganadas;
 Chama a seu bom desejo, cego engano,
 E a seus illustres feitos, vãs passadas
 A Raynha igualmente o combatia
 Com razões, com promessas, com valia.

Mas qual a rocha em alto leuantada
 Dos disconformes ventos combatida
 Que então fica mais firme, e mais fundada
 Quando de assaltos seus mais presseguida;
 Tal de Nuno a firmeza contrastada,
 Foi de interesses vãos, mas não vencida
 Antes ficou mais firme, e mais constante
 Do que o pezo dos Ceos sobre Athalante.

E em lugar da reposta que esperou
Das cartas, e promessas com que vinha
As rezões d'elle a dona se inclinou
Crendo que só seguia o que conuinha;
E finalmente o filho lhe affirmou,
Que com a vida, o esforço, e quanto tinha,
Ou ao Mestre veria o que deseja
Ou deixaria a vida na peleja.

Ah não permita o Ceo que seja ingrato
(Dizia) á minha Patria, e que algum meo
Dos leais pensamentos com que trato
Me tire por cobiça, ou por receo;
Quem tem por preço leue, e mais barato
Catiuar Portugal a hum reyno alheo,
Siga seus vãos intentos, mas entenda
Que ha braço Portugues que lho defenda.

Que quando a vam cobiça possa, e monte
Tanto nos peitos vis que ella profana,
Veraõ sempre este peito estar defronte
Resistindo a essa furia Castelhana;
Antes da minha morte entaõ se conte
Por defençaõ da terra Lusytana,
Que afrontar-se viuendo hum peito honrrado
De ser só com promessas conquistado.

Ella que o filho ouuio desta maneira
O confirma no intento que lhe via,
E o seu mais moço irmaõ Fernaõ Pereira
Lhe promete mandar por companhia;
Isto na despedida derradeira
Lhe encomenda, lhe lembra, e lhe confia,
Lança-lhe os braços, dalhe a bençaõ, parte
Já inclinado o gosto noutra parte.

Quaõ facilmente hum coração catiuo
 Se vence do interesse, e da cobiça?
 Como á Ley natural se mostra esquiuo?
 E faz do seu querer honra, e justiça?
 Nuncá pode o desejo ser altiue
 Se esta vil ambição seu fogo atiga
 Só pode ser illustre, e excellente
 O coração magnanimo, e prudente.

Que se he tam poderosa artelharia
 Esta que vence agora a tantos peitos
 Menos nace de ter força, e valia
 Que de bater em muros imperfeitos:
 Que em lhe dando a primeira bateria
 Caem por terra altissimos respeitos
 Que dantes não fundára a natureza
 Em verdade, razão, e em fortaleza.

Nuno os irmãos famosos desampara
 O maternal amor em pouco estima
 Porque a cobiça vil, injulta, auara
 Seus altos pensamentos nunca opprim. :
 Polo amor natural da patria chara
 Os estados, e a vida desestima
 Tanto a seu cargo toma o defendella
 Que mais que o Mestre em tudo se desuella.

E porque de ambos era o mór cuidado
 De Lisboa o castello que inda tinha
 Martim Affonso valente acompanhado
 De Affonso Anes das Leis pola Rainha:
 O Pereira valente, acautelado
 Huma secreta carta lhe encaminha
 Para o castello armado só se abala
 E com o capitão delle á parte falla.

E com tantas razões lhe representa
A tenção com que o reyno se defende
Que o Valente inclinado se contenta
De vir com elle áquillo que pretende;
Mas só pola omenagem que sustenta
Escusa sem afronta achar entende
Por tanto pede o prazo que conuinha
Para esperar recado da Rainha.

Quarenta horas foi termo limitado
Que o nosso caualleiro lhe consente
Em refés fica o Leis depositado
E Pedreanes Lobato hum seu parente;
Nuno o castello á noite tem cercado
Com machinas, escadas, força, e gente
Para que outra de nouo não lhe acuda
Se alguém se offerecesse a dar-lhe ajuda.

Passado o prazo, e o requerimento,
Que liuraua de culpa o capitão:
Mandado de Lianor consentimento
Pois querer acudir-lhe fora em vão:
Iá conseguido o fim daquelle intento
Que a muitos era dantes confusão
Entregue ao Mestre logo a fortaleza
Iá se aluoroça a gente Portuguesa.

O defensor da patria que já via
Quando o forte Nunalures lhe importaua
Assi no esforço com que accometia
Como no modo com que aconselhaua
Em qualquer occasião que se offerecia
Sempre a seus pareceres se inclinava
Descobrimdo já nelle hum claro espelho
De esforço, de ousadia, e de conselho.

Porém a inueja vil, que não consente
 Preço e valor às obras de alta estima,
 E roendo as entranhas futilmente
 Corta como a secreta, e furda lima:
 De alguns trazia o peito descontente
 Aos quaes o valor doutrem defanima
 Porque como acanhados do receo
 Aborrecem qualquer esforço alheo.

Estes eraõ dos grandes que assistiaõ
 No conselho do Mestre mais ousado
 Que moidos de inueja porque viaõ
 Que era a Nunalures já mais inclinado:
 Entre si conjurados pretendiaõ
 Que fosse em tudo delles reprouado
 E que quanto da guerra aconselhasse
 Por cada hum, e por todos se encontrasse.

Foi logo isto a Nunalures descoberto
 Por quem d'entre elles veo dar-lhe auiso
 E por ver este engano de mais perto
 Entre si o escondeo com modo, e sizo
 Mas cedo veo o dia do concerto
 Que das tenções daquelles fez juyzo
 Rendendo a cada hum pejo, e vergonha
 Que a condição da inueja he da peçonha.

No outro dia o Mestre disputando
 No conselho hum negocio que conuinha
 Foi a tento o Pereira as razões dando
 Que com o seu parecer conformes tinha:
 Quando os aremestados do outro bando
 A quem logo a tenção desencaminha,
 Todos a huma voz condenaõ, que era
 Errado tudo quanto aly dissera.

De confusas razões sem apparencia
Faz cada hum de encontrallo fundamento
Elle rindo-se está da competencia
De todos descobrindo o pensamento:
Exercitando aquella paciencia
Que esperava mais alto vencimento
Mas o Mestre enleado de tal junta
Do nouo riso a causa lhe pergunta.

Tras de importunos rogos descobria
O contrato que entre elles ordenáraõ
E com quanta razaõ delles se ria
Vendo que o seu segredo mal guardáraõ?
A cada hum dos outros que isto ouuia
De noua cor os rostos se afrontáraõ,
Porém o defensor cauto, e prudente
Os reprende, e desculpa juntamente.

Qual soe o laurador, que pouco astuto
Cahio no cepo occulto que elle armara,
De que o lobo faminto, mais que bruto
Desuiando as pisadas escapára;
Que a vergonha que aly colheo por fruto
Mais a sente, que o mal que esprimentára;
Assi cada hum no rosto mostra hum pejo,
Que castigaua entaõ seu mao desejo.

Cellou a tençaõ nelles enganada
Com a propria vergonha reprimida
Ordena o Mestre de ir com gente armada
Sobre a fresca Alemquer, que tem perdida;
Estaua a villa forte, e bem murada,
Donde já a Raynha era partida.
E o castello com gente, e monições
Sustenta Vasco Pires de Camões.

Partio, e entrada a villa graciosa
 Tras de huma escaramuça mui trauada,
 Huns defendendo a casa saborosa,
 E outros que nella vão buscar pouxada:
 Aposentada a gente belicosa,
 Que a pezar dos de dentro teue entrada,
 Nuno Alures posto á mira do castello
 Ao outro dia espera combatello.

Nisto o contrario Rey determinado
 De conquistar por armas sua herança
 Pois do Portugues cetro, e nouo estado
 Não pode ter na paz outra esperança:
 De valerosa gente acompanhado
 Entra no Reyno armado, e não descança,
 O Mestre que de longe se apercebe
 Eis que a ligeira noua aly recebe.

Iá alta noite o campo socegado
 Com escutas, com guardas, cintinelas
 De Santarem lhe vem certo recado,
 Que o Rey com o poder todo de Castella,
 Já áiamosa villa era chegado,
 Para r sobre Lisboa, e combatella,
 A gente perturbada, que isto ouuira
 Deixa ao seu defensor, e as redeas vira.

Disto auísado Nuno de repente,
 Que mais junto ao castello se apousenta.
 Como já ao Mestre deixa a facil gente
 Porque o tenor da noua os amedrenta:
 Com elle volta o rosto diligente
 Sem leuar lanças mais que até sesenta
 Mas tam firme na sua, que inda espera
 Accometer ao Rey se aly viera.

Eis o conselho em partes diuidido
Em espanto e temor enuolta a terra
Que não querem que o Mestre apercebido
Aguarde o primeiro impetu da guerra:
Antes com os mais que seguem seu partido
Se embarque por então para Inglaterra
Donde com gente, e com poder alheo
Conquiste o reyno inimigo sem receo.

Outros de opiniaõ muy differente
Defensores da patria liberdade
Querem que o Mestre em armas se sustente
O qual tambem sustenta esta vontade;
O valeroso Nuno ousadamente
A todos roga, esforça, e persuade
Fortalece, assegura, e se conuida
A pôr ao mór perigo sempre a vida.

Cada hora o inimigo armado espera
A que o pouo vesinho se ajuntava
Do qual mais teme as forças que lhe dera,
Que as q̃ a guerreira Espanha antes lhe daua
Contra si seus irmãos, e o que mais era
Aquelles contra si que elle ajudava,
Com tudo o que mais busca, e mais deseja
He ver chegado o dia da peleja.

Mas o contrario Rey, que indanaõ tinha
Com estes bem segura a confiança
Em Santarem de espaslo se detinha
Donde por todo o Reyno os olhos lança:
Cartas, dinheiro, e rogos encaminha
Huns obriga, outros moue, outros alcança
Guarnecendo de gentes Portuguesas
Alguns lugares, villas, fortalezas.

Vendo Nuno que a guerra se dilata
 E o desejo de alguns já perde o brio,
 Com o Mestre communica, moue, e trata,
 Ter com o campo inimigo hum desafio:
 Que elle trinta por trinta se combata
 Junto á praia que corta o doce rio,
 Com o Conde de Mayorgas, cuja fama
 Por todo o mundo em armas se derrama.

Era este conde em guerras arriscado
 Em obras, e em pessoa temeroso,
 Do Castelhana Rey muito estimado
 De sangue claro, illustre, e generoso:
 Famoso capitão, destro soldado
 Descendente do forte, e valeroso
 Dom Ioaõ Nunes de Lara, a cuja historia
 Deue inda Portugal Feliz memoria.

Que ao Rey (que preso o tinha) Castelhana
 Recusa condições muito importantes,
 Se do Rey valeroso Lusitano
 Não ficasse vassallo como dantes;
 Da prisaõ lhe deu logo o desengano
 Que estando os dous imperios descrepantes
 Entendia de entrar-lhe a propria terra,
 E nella fazer dano, e mouer guerra.

Não pareceo ao Mestre desatino
 Este accometimento do Pereira
 Antes o tem por lanço illustre, e dino
 De hum a fé tam constante, e verdadeira:
 Nelle consente, e vendo-o tam benino
 O que tinha a vontade tam ligeira
 Ao de Lara escreue, e desafia,
 E manda o mesageiro no outro dia.

Em breue tempo a guerra se concerta
Dom Nuno Alures cõmete, o Conde aceita
O campo escolhem, o dia se liberta
Cada qual dos amigos se aproueita:
O Mestre vê depois quaõ pouco acerta
Quando com os seus fez conta mais estreita
O prazo impede, o desafio estroua,
Tendo por escusada aquella proua.

O vassallo indinado desespera
Vendo como o seu impetu se atalha,
Tudo imagina, e tudo considera
Para se ver com o Conde na batalha;
Buscalo a Santarem logo ir quísera
Por nelle naõ se achar tam grande falha
Té que o Mestre lhe diz que he auísado
De lhe estar certo engano concertado.

E que de Santarem secretamente
Lhe mandauaõ recados que naõ desse
Lugar, que o Castelhana diligente
Aos cobigosos peitos corrompesse:
Que com a verdadeira, e pouca gente
Que tinha, os fortes muros combatesse,
Passando em barcas logo o doce Tejo,
Aonde acharia os mais por seu desejo.

Este conselho a todos preferia
Resoluto Nuno Alures sem mais tento,
Té que a razaõ de todos o desuia,
Que era o perigo mór, que o fundamento:
Nem da fé dos recados se confia,
Nem para gentes, armas, mantimento
O numero das barcas basta, e chega
Que até Porto de Mujem só nauega.

Neste

166 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Neste tempo á cidade já faltaua
A abastança commum que sempre ha nella,
Porque o commercio, e trato se estoruaua
Dos lugares, que estauaõ por Castella,
A Nunalures o Mestre encarregaua
O necessario encargo de prouella;
A' deleitosa Syntra logo o manda
Na guerra altiua, e forte, e na paz branda.

Leua trezentas lanças, corre a terra
Que o Conde de Sea em armas tinha
Com muita gente, e preuenções de guerra
Em nome de Castella, e da Raynhia:
Porém nos muros seus a gente enfierra
Em quanto aly Nuno Alures se detinha,
Fazendo liure o salto, e bem lhe pesa
Naõ vir o Conde a demandar-lhe a preza.

Com os seus já alta noite apousentado
Com graõ copia de gados que traziaõ,
De Alemquer huma espia tras recado,
Que tras elle á mór pressa se partiaõ:
De Santiago o Mestre nomeado,
Com as guerreiras gentes que o seguiaõ,
E outros dous capitães em companhia
De que o contrario Rey mais se confia.

Era o Mestre que agora a lança empunha
Polo Rey natural na terra'alhea,
O successor do Ozores, testimunha
Que foi já, de que Nuno os naõ recea;
O Cabeça de vaca tem de alcunha
Que dom Pedro Fernandes, se nomea;
E outro do mesmo nome o acompanha
Dos de Velasco antiga luz de Hespanha.

Outro

Outro Pero Rodrigues de Sarmiento
Tambem da geraçãõ antiga, e clara
Do Conde que com perda, e sentimento
Do Castelhana, o de Aragaõ matára;
E estando os Reys depois ao casamento
De hum filho; disse aquelle a quem faltára
Se a cepa me cortastes de dom Gomes
Sarmentos tenho, assi os tem por nomes,

Estes tres Pedros vem determinados
De castigar de Nuno a liberdade,
E que com os mantimentos desejados
Naõ soccorresse as faltas da cidade;
Numero trazem grande de soldados,
Que de encontrar aos nossos tem vontade
Mas a de Nuno a quem nenhuma espanta
Mais que todas as outras se adianta.

Naõ se mostra cuidadoso, ou descontente
Da noua occasiaõ, que se lhe ordena;
Porém cada hum dos seus secretamente
O temerario intento lhe condena:
Fogem muitos, que a noite lho consente
Liurando-os da vergonha, e mais da pena
Achoy-se dom Nuno Alures no outro dia
Com menos de sesenta em companhia.

Estes poucos pedindo que se parta
Antes de ser mais perto do inimigo
E que dos fugitiuos naõ reparta
Por entre aquelles poucos o castigo
Mas elle nem se moue, nem se aparta
Da vontade que tinha, e do perigo
Com razões os detem té vir a tarde
Que o Sol já sobre o mar se inclina, e arde.
Entaõ

Então vio vir seu tio Ruy Pereira
 Com muita gente armada: que o mandára
 O Mestre á soccorrello, que a maneira
 Soube com que o seu campo se espalhára:
 Reconheceo Nunalures a bandeira,
 Com que á primeira vista se enganára
 Elle com os poucos seus ledo o festeja,
 E ordenados estão para a peleja.

Iá reprende ao dia de apressado
 Porque falta com elle a confiança
 De vir o Mestre, imigo desejado
 Do qual quísera ter certa esperança:
 Atè faltar de todo o Sol dourado
 E escurecer-se a noite, não descança
 Qualquer brado, ou rumor que se offerece
 Tropel de Castelhanos lhe parece.

Cerrou-se a noite escura, e não vieraõ
 Quando o tio a partirse o persuade
 Azemelas, e carros, que trouxeraõ
 Iá carregados vaõ para á cidade:
 Se nella alegremente o receberaõ
 Deixemos a geral necessidade,
 Que inimigo não ha que tanto dome
 Como a vil, importuna, e triste fome.

Mas os tres capitães, que eraõ partidos,
 Por encontrar ao nosso caualleiro,
 De quem poderaõ ser bem recebidos
 Se trouxeraõ galope mais ligeiro:
 Iá depois que os Pereiras recolhidos
 Teueraõ na cidade hum dia inteiro,
 Chegaõ de Syntra aos frescos arredores,
 A ouvir as queixas vãs dos moradores.

E com a gente ousada, que arrogante
Nas costas do inimigo a furia acende
Vão dous ao Lumiar que está diante
Porque nisso a cidade mais se offende:
Mas o Mestre de Auis, que hum breue instante
Não falta á liberdade que defende
Não lhes dá tempo a que elles dano fação
As deleitosas terras que ameaçaõ.

Logo que da chegada teue auiso,
E que estorualla á pressa lhe conuinha
Por não fazerem dano, e prejuizo,
A' gente da cidade tam vezinha;
A dom Nunalures manda de improuiso
Porque elle de chegar mór pressa tinha
Com os trezentos que seguem seu pendaõ
Polas portas sahio de santo Antaõ.

Não caminha tam leue, e tam contente
O que vem descançar de graõ jornada,
Nem mais se alegra a marinheira gente
Que vê de longe a terra desejada:
Do que o capitaõ forte e diligente
E a leda companhia aluoraçada
Se contenta de ver tam perto a terra,
Aonde tem certo o imigo, e certa a guerra.

Ficou em pouco espasso delles perto,
Porque o desejo a todos apressaua
Poem os seus em batalha, e em concerto
Guia para onde o imigo se alojaua;
Que já como auisado, e como experto
Em ordem de peleja posto estaua
Tocaõ trombetas de hum, e doutro bando
Seguindo a Nuno, os nossos vão chegando.

CAN-

C A N T O VIII.

Offerece dom Nuno Alures batalha a dom Pedro Fernandes de Velasco e a Pero Rodrigues Sarmén- to: Elles se retiraõ sem pelejar. O Mestre dom Ioaõ o faz recolher á cidade, donde vai com elle a Almada: Aly tem palauras no conselho com o Conde de Arrayolos, e com seu Confirma depois os fi- lho moradores da villa em seruiço do Mestre. Entraõ no Crato muitos capitães Castelhanos com fauor do Prior dom Pedralures Pereira, para destruir as terras de Alem Tejo; Manda o Mestre a dom Nu- nalures a defendelas: Vai a pelejar com o Prior seu irmão, com o Mestre de Calatrava, e outros capitães Castelhanos: O irmão lhe manda ao ca- minho hum mensageiro para o desuadir deste intento, e elle seguindoos lhes dá batalha entre Fronteira, e Estremos.

Diante do esquadraõ armado, e forte
Vai o famolo heroa Lusitano,
Que a pé tenta prouar a varia sorte,
E dar de seu esforço o desengano:
Ameaçando dano, perda, e morte
Destroço, e fim ao campo Castelhanao,
Por bastaõ huma lança, e tam piquena,
Que a respeito das outras era entena.

Em os contrarios entra o vil receo
Vendo aquella ousadia temeraria,
Cada hum vê pouca a gente com que veo,
E lhe parece muita a que he contraria,
Nos capitães se vê o mesmo enleo
Faltaõ da guerra a ordem necessaria
Cada qual já se anima, e já se espanta,
Mas nenhum para os nossos se adianta.

E assi como na náó a que a ventura
Leuou com o brando vento mais fermosa
Que vendo vir no ceo a nuue escura
Que ameaça a tormenta rigurosa :
Teme o Piloto : a turba se mistura
Amaina, grita a gente receosa,
Assi aos inimigos lhes parece
Que he o Pereira algum trouaõ que dece.

O Sarmento que vinha na vanguarda
A pé, e a pelear determinado
Vendo o temor dos outros se acobarda,
E torna atras do intento começado :
Salta a caualllo, e cuida que inda tarda
Segundo o capitaõ vinha apressado
E o illustre Velasco que atras vinha
Com toda a gente armada se detinha.

Mas logo teue auiso do Sarmento
Que voltar he conselho mais maduro
Do porque, que elle sabe o fundamento
Mas tambem para nós he pouco escuro ;
Retirados ao seu alojamento
Se vaõ daly que he termo mais seguro :
O Pereira brandando os enxoualha
Vendo-os fugir armados da batalha.

Ah, diz, capitães fortes esperai
Não se conte de vós essa indecencia,
Prouemos a ventura, pelejai,
Que me fará graõ dano vossa ausencia :
Elles poucos que tenho catiuai
Que faraõ pouco espasso resistencia
Se inda hoje ereis liões feros, e ousados
Como agora sois ceruos, e espantados?

Se para me buscar fostes armaruos
 Fazendo em vaõ jornada tam sobeja
 Aqui venho á mór pressa por buscar-uos,
 Que cada hum busca aquillo que deseja:
 Que razões achareis de desculparuos
 Se agora me fugis desta peleja?
 Como naõ vos correis gente atreuida
 De antes de pelejar, ficar vencida?

Em vaõ nestas razões se despendia
 O capitaõ famoso, que o Sarmento
 Os seus com medo, e arte recolhia,
 Por naõ dar com mais custo o vencimento:
 Do que lhe diz Nunalures nada ouuia
 Que perdendo de todo o sofrimento
 Soltou muitas palauras descompostas
 A que o bom capitaõ viraua as costas.

Ficou por elle o campo liurementemente
 E a vitoria alcançada sem peleja,
 E elle deste successo descontente,
 Porque nem busca a paz, nem na deseja;
 E animando de noua a forte gente,
 Para qualquer perigo mór que veja
 Ir seguindo procura o Castelhana
 Que naõ quer vencimento sem seu dano.

Sabendo logo o Mestre esta vontade,
 Que sempre do perigo fez a escolha
 Sae com gente á pressa da cidade,
 E faz que o caualleiro se recolha:
 Com isto a seu pezar se persuade,
 E a cada passo em vaõ para tras olha,
 Como que lá lhe fica a melhor caça,
 Mas já para outro dia os ameaça.

Deste inimigo a terra socegada,
Porque doutros vezinhos se temia
O Mestre defensor vai para Almada
Com o nosso Pereira em companhia:
A villa a seu intento rebelada
Ficou da sua parte aquelle dia,
Com promessas, fauores, e amisades,
Que he a prisaõ mais facil das vontades.

Aly o vem buscar, e se lhe offrece
O Conde de Arrayolos, que antes era
Do Castelhana Rey, porque conhece
Quaõ bem em tudo o Mestre procedera:
Polo que dos principios lhe parece,
E a seu filho dom Pedro, que trouxera
Ficaõ pera que o Mestre os reja, e mande,
Que entaõ de si lhes deu parte mui grande.

Ouue aly seu conselho acustumado,
Aonde o de Castro honrado lugar teue:
Conta-lhe todo o feito começado
Quanto faz de presente, e fazer deue,
Seu intento tam firme, e tam fundado
Os verdadeiros seus, em que se atreues
Mas o Conde lhe oppoem razõs mui varias,
Nenhuma em seu fauor, todas contrarias.

Conta o poder, e as forças de Castella,
E os grandes que de cà por elle estauaõ
Os muitos que ha miister para offendela,
E os poucos que por elle pelejauaõ;
Diz, que demanda vam parece aquella,
Em que tam mal as forças se igualauaõ,
Que he justo, e bem fundado aquelle intento
Mas nos seus mal seguro o fundamento.

Nuno

174 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Nuno a quem já a ira ousada nega
Lugar á magoa que no peito esconde
De colera a rezaõ catiua, e cega
Infiado tornou ao claro Conde;
Quê vem buscar ao Mestre, e se lhe entrega
Mal com o desejo ás obras corresponde;
Quem lhe impunha o intento que defende
Naõ no venha servir contra o que entende.

Nem Portugues se chame verdadeiro
Nem seruidor do Mestre, e bom vassallo
Nem forte, e valeroso caualleiro
Quem com razões procura estoruallo:
Naõ lhe faltaõ vassallos, e dinheiro
Gentes de Infantaria, e de cauallo;
Naõ a se defender de gente estranha
Mas para conquistar a toda Hespanha.

E quem para servirillo se offerece
Naõ lhe deue encontrar tençaõ tam pura,
Que tudo o que ha na terra o fauorece,
E o ceo com grandes mostras o segura;
Na peleja, e nos trances se conhece
Quem seguillo deseja, ama, e procura,
Que conselhos contrarios saõ sem fruto
E ainda que valem pouco offendem muito.

A isto afrontado o Conde respondia,
E apunhando dom Pedro lhe responde:
Accusando de Nuno a demasia
Em offender sem causa ao nobre Conde:
Mas como os elle entaõ pouco temia,
Nem lhes nega reposta, nem se esconde,
Mas o Mestre que vê que as razões crecem;
Calar os manda, e todos lhe obedecem.

A cada hum ardia em fogo o peito,
Que com furor nos olhos se descobre
O Mestre com brandura, e com respeito
Conforma o capitão, e o Conde nobre:
Volta para á cidade satisfeito
Da villa que a tenção fingida encobre,
E assi vendo que della era partido
Lá andaua o pouo em partes diuidido.

Que como a terra fora da Raynha,
E os nobres della seus, logo atalhauão
A vontade leal que a gente tinha,
E mil motins entre ella leuantauão,
Destes ao defensor cada hora vinha
Noua, que os seus leais dilto auisauão,
Manda de nouo a ella o forte Nuno
Que alegre passa as agoas de Neptuno.

Com só quarenta lanças que leuou
Sem dar noua ou final que aly chegasse
Da fortaleza as portas lhes tomou
Porque nenhum da villa nella entrasse:
A noua de huns aos outros alcançou,
E por saber de perto a que voltasse
Se ajuntão aonde está forte o Pereira
Que a falar começou desta maneira.

Moradores leais cuja verdade
O Mestre meu senhor ama, e deseja
Obrigar mais por termos de amizade
Que por força de gente, e de peleja:
Depois de ter mostrado esta vontade
Que bem deueis saber quaõ pura seja
Soube que andaua a vossa na balança,
E mandou-me informar desta mudança.

176 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Se como Portugueses verdadeiros
Quereis guardar o vosso foro antigo
Amigos nos tereis, e companheiros
Como a elle por senhor, e por amigo
Mas se como rebeldes, e ligeiros
Quereis seguir a parte do inimigo,
Ou vereis vossa morte, ou vosso dano,
Se vence o Mestre, ou vence o Castelhana.

Como vos esqueceis que prometestes
Ao vosso defensor fidelidade?
Naõ sois vós Portugueses? naõ sois estes?
Quem vos fez Castelhana essa vontade:
De que promessa, ou rogo vos vencestes?
Para dar tam barata a liberdade,
E sem ver o rigor da injusta guerra
Catiuais esperanças, vida, e terra.

Naõ vos moua a Raynha, que já agora
Naõ pode ter lugar na terra alhea,
Que naõ quer já de Almada ser senhora
Só para o genro estranho vos grangea;
Se inda ha raizes suas, lançai fora
Aquellas de que o pouo se recea,
Ou ficai Portugueses confirmados,
Ou fereis como imigos conquistados.

Estas, e outras palauras que dizia
Foraõ de tanta força, que moueo
Os do contrario bando que aly auia
E toda a gente á huma respondeo:
Que por senhor ao Mestre conhecia
Pois para defensor lho dera o ceo
Leuanta-se huma voz que a voz lhe priua
Viua o defensor nosso, o Mestre viua.

Para que estas vontades confirmasse,
O sabio capitão, com mais certeza
E porque logo a villa lhe entregasse
As armas, monições, e a fortaleza;
Manda pedir ao Mestre que passasse
Aquella tarde o mar, com ligeireza
Passa á Almada, o castello se lhe entrega
Faz a volta a Lisboa, á noite chega.

Ao outro dia aly lhe vem recado
Das villas que entre o Tejo, e Guadiana
Os pouos tem por elle levantado
Contra o poder da gente Castelhana:
Mas que capitães grandes desse estado
Correm de nouo a terra Transagana
Cujo campo no Crato se alojára
Que o Prior por Castella aleuantára.

O Portugues com os seus se delibera
Por atalhar ao dano tam sobejo
Com só duzentas lanças que escolhera
Que soccora Nunalures a Alem Tejo;
Elle que da jornada cedo espera
Abrir caminho a todo seu desejo
Em breue se dispoem para á partida
E com tal capitão nenhum duuida.

Com elles passa a Almada, aquella tarde
E o mar outra conquista lhe offerece
Que a terra em reboço, e armas arde
Por hum nova armada que aparece:
Esta faz que na villa, hum dia aguarde
Até ver o successo que acontece
Oito náos de Castella são de armada
Que tem toda a cidade aluoraçada.

Mas o Mestre de Auis em breue ordena
 Nauios, gente armada, e bellicosa
 Que tem aquella empresa por pequena
 Para a vontade altiua, e cobiçosa;
 Dom Nuno Alures tambem que viue em pena
 Parecendo-lhe a guerra vagarosa
 Naõ quer perder monção com que se veja
 No perigo, na afronta, e na peleja.

Daly passa entre as ondas que bramiao
 Naõ soffrendo tam grande atreuimento
 Com elle feis no barco naõ cabiao
 E os mares vem tras elles cento a cento,
 Com brados os da terra o reprendiao
 Mas elle vai seguindo o mesmo intento
 Té que huma barca encontra de mór vella
 Ioaõ Vaz de Almada o toma dentro nella.

Foi tomada, e vencida a frota imiga
 Nuno se vem cançado, mas contente
 De Almada parte, e com o successo obriga
 A que mais se aluoroce a forte gente:
 Naõ ha quem com os desejos o naõ siga
 Se com os olhos naõ pode estar presente
 Chega aonde Couna ás varas se nauega,
 E aly no mesmo tempo o Mestre chega.

Com elle jantou Nuno aquelle dia
 Honra que a seu valor, e amor se deue
 Foi em todos geral, grande alegria
 Saboroso o comer, e o tempo breue;
 Cauaiga a valerosa companhia
 De que o pendaõ já moue o vento leue
 Té o recio o Mestre os acompanha
 Com natural amor, com graça estranha.

Aly em publico a Nuno os encomenda
Que com amor os trate, e com brandura
E a elles que cada hum tema, e defenda,
E ame a seu capitaõ com fé segura:
A que os manda lhe diz, a que contenda
Que espera, que deseja, e que procura
Humas mercês promete, outras concede,
E dando a mão, e os braços se despede.

A parta-se o famoso caualleiro
Na patria defensão posto o cuidado
Como vassallo nobre, e verdadeiro
De qualquer mostra, e fé mais obrigado
No caminho gastado o dia inteiro
A Setual chegou, e a seu recado
Os da terra não querem dar ouvidos
Que estão tambem no intento repartidos.

Nem sabem se he da parte Portuguesa
Nem se querem fiar de gente armada
Assaz ao bom Nunalures disto peza
Por logo achar tam perto má pousada:
Mas o seu sofrimento, e fortaleza
Que nunca foi aos males obrigada
O sustenta muy ledo, e num momento
Nos arrabaldes forma alojamento.

Poem escutas, e guardas diligente
No caminho que vai contra Palmela
Porque os não tome incautos de repente
Algum tropel das gentes de Castella:
Dormindo pola noite a mais da gente
Para onde o capitaõ armado vella
Se ouue logo huma voz, arma, arma amigos
Que estão á nossa vista os inimigos.

Armaõ-se, e parte entre elles o Pereira
 Para onde a escuta, e guardas apontaraõ
 Cada hum tomar procura a dianteira
 Que cõ hum galope igual todos marcharaõ
 Até que soube a escuta mais ligeira
 Que com huns alheos fogos se enganáraõ,
 Porque o que o medo ás vezes faz sobejo
 Affigura em mil partes o desejo.

Naõ foi sem fructo aquella madrugada
 Que lhe facilitou mais o caminho,
 E ainda estaua a noite descuidada
 Quando vem Montemor que está vesinho:
 Os da villa lhe daõ com gosto entrada
 Alojamento, carnes, fruta, e vinho
 Detem-se hum dia aly, e a noite escura
 Em que huns inclina; os outros assegura.

A Euora chegou ao outro dia
 Té onde para o fim desta vontade
 Leuaua já da corte em companhia
 O que tinha o gouerno da cidade:
 Fernaõ Gonçalues Darca se dizia
 Homem fiel, e de esforço, e de verdade
 Repousa a noite aly liure, e quieta
 Té que tras outro dia o graõ Planeta.

Manda logo recado em continente
 Pola comarca, e pouos de arredor
 Pedindo armas, cauallos, carros, gente
 Em seruiço do Mestre defensor:
 Mas como estaua alguma differente
 Ou por respeito injusto, ou por temor
 Só lhe vem trinta lanças, mil bésteiros
 Mas estes bons, leais, e verdadeiros.

Com estes , e com os seus faz a partida
Para Estremôs , e no arrabalde assenta
Aonde lhe chega a noua tam temida
Que mais lhe dobra as forças , e acrescenta :
Que a gente que de Hespanha era saida
Que de Alem Tejo as terras amedrenta
No Crato estaua , soube o conto della
Os capitães , e os grandes de Castella.

Como teue esta noua do inimigo
Intrincheira-se forte , e sem receo
Porque com os poucos só que tem consigo
Possa atalhar qualquer engano alheo :
Bem quiserá ir buscar logo o perigo
Mas a gente chamada que não veo
Lhe tira pôr em obra o que deseja
De nouo escreue a Eluas , manda a Beja.

De cartas , e promessas obrigados
Alguns vieraõ , mais que offerecidos
Foraõ bem recebidos , bem tratados
Com termos liberaes , e agradecidos :
Confirmando-lhe os animos turbados
Duvidosos alguns , alguns vencidos.
E junta toda a armada companhia
Com voz , e com gesto amigo lhes dizia.

Companheiros leaes em quem consiste
A liberdade , e honra Portuguesa
Defensores da patria , que tam triste
Se vê de estranhas gentes feitas preza ;
Se vosso valor grande não resiste ,
E acanha dos contrarios a braueza
Acabe Portugal , perca-se a fama
Que de seu grande esforço se derrama.

De Auis o Mestre ousado dom Ioaõ
 Defensor vosso, e pay mais verdadeiro
 Me mandou para vossa defençaõ
 Menos por capitaõ, que companheiro:
 De cujo amor, esforço e condiçaõ
 Os que estais informados por inteiro
 Conheceis com qual animo, e vontade
 Defende o reyno, e vossa liberdade.

E porque agora temos de tam perto
 O arrogante contrario Castellhano
 Que com odio mortal, e descuberto
 Procura seu partido, e vosso dano
 Para que em dano seu façamos certo
 O nosso antigo nome, e o seu engano
 Armas, armas famosos Portugueses
 A vencer costumados tantas vezes.

No Crato estaõ com força naõ segura,
 Que em Deos he só fundada a fortaleza
 Com o meu rebelde irmaõ, que na ventura
 Pôs tudo o que deuia a natureza;
 O que quer cada hum, busca, e procura
 He destruir a gloria Portuguesa
 E com peitas, ardis, engano, e guerra
 Tirar-vos juntamente a honra, e terra.

Polo que agora estou determinado
 Se algum parecer vosso naõ me estroua
 De tam valentes braços ajudado
 Com elle na batalha vir á proua;
 Antes de ter leu feito começado
 Com que a vontade, e forças se renoua
 Madruguemos melhor, vamos mais cedo
 Mostremos-lhe as espadas, naõ já o medo.

As ultimas palauras que acabou
O famoso Pereira , em continente
Inquieto rumor se aleuanteou
Entre a mal ordenada , e varia gente :
Cada hum seu parecer dissimulou ,
E posto que o não diz , mostra o que sente
Mas de todos só huma voz se ouuia
Que querem responder-lhe no outro dia.

Elle desta razão mal satisfeito
Dilatar tanto o prazo não quizerá
Porque claro conhece o vil respeito
Com que liurar-se o pouo considera.
E encobrando então dentro no peito
O que daquellas mostras conhecera
As vidas lhes lembrando , a honra , e fama
Não nace inda outro dia quando os chama.

Com mil razões guiadas do receo
Aly o pouo incerto se defende
Contando-lhe o poder do campo alheo
Que o medo mais dilata , e mais estende :
A pouca gente , e armas com que veo ,
E o muito a que se arrisca lhe reprende
Sobre ser cousa indina que se veja
Contra os proprios irmãos numa peleja.

Quanto sente aquelle animo esforçado
A fraqueza dos poucos que aly tinha ?
Quantas razões em vão lhes tinha dado
Tantas por varios modos lhe encaminha ;
Como se mostra antelles confiado
Contra o valente irmão , que tambem vinha ?
Como faz pouco caso do inimigo ?
Como aly facilita o mór perigo ?

E vendo que não val esta ousadia
 Contra o temor que os animos fugeita;
 Hum pouco espasão delles se desuia,
 E de hum ardil estranho se aproueita:
 Hum ribeiro passou que aly corria
 E como quem já tinha a conta feita,
 Voltando o rosto a elles menos ledo
 Com taes palauras quer tirar-lhe o medo.

Gente esforçada agora duuidosa
 Portugueses amigos, porém varios
 Esquecidos da fama tam custosa
 Que hoje voltaís á parte dos contrarios;
 Que he da vossa vontade bellicosa?
 Que he desses corações tam temerarios?
 Que he dos braços valentes, e atreuidos?
 Que antes de pelejar mostraes vencidos?

Temeis a multidão da gente estranha
 Não já perda mayor da liberdade,
 Não he menos vencer a toda Hespanha
 Que viuer como escrauos por vontade?
 Algum fez feito honrado? ou fez façanha?
 Se nas forças buscou sempre igualdade?
 Se poucos, e animosos não vencerdes;
 Sempre muitos fareis aos que temerdes.

Poucos vencestes já de varias gentes
 Numero desigual da que hoje temos
 Não defendendo os filhos innocentes
 As mulheres, e as terras em que viuemos;
 Mas conquistando em outras differentes
 A honra, e presunção com que viuemos;
 Como agora ha temor que entre vós possa
 Entregar sem batalha a patria vossa?

E se vos representa o mór perigo
Ver que contra irmãos meus empunho a lança
Nelles vereis primeiro o mór castigo,
E o mais famoso exemplo de vingança,
Cada hum tenho por intimo inimigo
Depois que contra a patria se abalança
Paguem primeiro á morte o seu tributo
Que inda que he sangue meu sahio corruto.

E he justo que se negue a natureza
A quem negou a fé da patria clara,
E que falte valor, e fortaleza
A quem tam justo intento desampara;
Pouco me parecera nesta empresa
Se contra pay, e irmãos assi me armara
Que pois já pola patria outrem fez mais
Injustamente agora me accusais.

Por aplacar aos Deuses que a famosa
Roma ameaçaõ, com tam grande abalo
Se offerece Curcio á coua temerosa
Da terra que se abriu para espantalo;
Em sacrificio seu (cousa espantosa)
Armado se lançou sobre o caualllo,
Té o centro passou, e o golpe duro
As almas fez tremer no reyno escuro.

Porque o leue oraculo dizia,
Que o campo cujo Rey na mesma guerra
Morresse, esse a vitoria alcançaria
Codro a coroa e cetro poem por terra;
Disfarçado se vai sem companhia
Morre por libertar a patria terra:
Os Decios tam famosos, tam louuados
Em sacrificio á patria foraõ dados.

Mais

Mais he hir contra a vida desejada
 Precipitar-se ousado no profundo,
 Por ver a doce patria libertada
 Como fez o primeiro, e o segundo;
 Que ir contra huma vil gente rebelada
 Que nem a guarda o ceo, nem sofre o mundo
 Se não ha quem contra ella as armas tome
 Eu só quero ir morrer por vosso nome.

Todos podem partir-se em liberdade,
 Que eu não busco senão quem se convida:
 E quem em seu fauor nega a vontade
 Não teme a fugeição de infame vida:
 Se algum desta razão se persuade,
 E não quer ver a patria destruida
 Em seruiço e fauor de Luso, e Marte
 Passe comigo aqui destroutra parte.

Ou fosse que a vergonha os obrigou
 Ou de Nuno as razões, confusamente
 A gente a grandes brados lhe gritou
 Que era já de o servir leda, e contente
 O quanto da reposta se alegrou
 O' Pereira, que a crê difficilmente,
 Que palauras de esforço lhe dizia?
 Que promessas? que amor? que cortezia?

Aquella tarde a varia gente ordena
 Para daly partir de madrugada
 Repousa alegre a noite, em que condena
 Por preguiçosa a Aurora, e descuidada:
 Mas inda quando a parte mais piquena
 Do quieto repouso era passada
 Na sua tenda entra aluoraçado
 O forte, e fiel Aluaro Coutado.

Iá naõ durmia o brauo capitaõ,
Que ao rumor do criado se leuanta:
Ah, diz, senhor que as gentes se vos vaõ,
E naõ fõgem do medo que as espanta:
Fogem como inimigas que estas sãõ,
A brandura naõ seja agora tanta
Leantai-uos, predeci-as pois se atreuem
A fugir contra vós, contra o que deuem.

A esta voz o Pereira as armas tinha,
E só com o Coutado o passo estende:
E chega a Gil Fernandes, que caminha
E a outro que seguilo já pretende;
Esta he a confiança com que eu vinha
Em vós? (lhe diz Nunalures) bem se entende
Que nenhum medo, ou sombra vos engana
Mas que he a vossa vontade Castelhana.

Fez que ambos num momento se apeassem
Deteue a gente, e cargas que leuauaõ
Mandou dar ás trombetas que marchassem
E as estrellas á noite alumiauaõ
Delpede alguns ginetes, que marchassem
A descobrir o imigo que buscavaõ
Para Fronteira armados encaminhaõ
A esperar os do Crato que já vinhaõ.

O Prior que tambem era auisado
Do que o irmaõ famoso determina
Como o tem por valente, e por ousado
De seu grande valor tudo imagina.
E ou fosse de sagaz acautelado,
Ou que o amor de irmaõ a tudo inclina
Hum escudeiro manda que o seruia
Por mesageiro a Nuno, e por espia.

Este

Este a todo o poder do bom cauallo
 Trotando em breue espasso lhe apparece,
 Nuno se adiantou para encontrallo,
 E logo de mais perto o reconhecello :
 Depois de alegremente festejallo
 Como o criado antigo lhe merece
 Pergunta polo irmão, duro inimigo,
 E pelas gentes mais que traz consigo.

Pede-lhe que o informe sem engano
 Da presunção, desprezo, ou do receo,
 Que delle, e dos seus tinha o Castelhana,
 Quem aly o mandou, e o a que veo:
 Se tem por certo o vencimento vſano
 Aquelle campo imigo de armas cheo
 Com que gente marchaua, quanta, e donde,
 E a tudo o mesageiro lhe responde.

Valeroso senhor cuja bondade
 He por tam claras obras conhecida,
 Que engano deuo vſar? que falsidade?
 Ao filho de hum senhor que me deu vida:
 Quando importára a vida essa verdade
 Era em vosso seruiço bem perdida,
 Mas aſſaz pouco he ser mais declarado
 O que não he segredo, antes recado.

Vosso irmão teue a noua verdadeira
 Da empreza que tomais tam perigosa
 A pouca gente vossa, e a maneira
 Com que a trazeis forçada e duuidosa;
 E porque em vosso dano (o ceo não queira)
 Se não conuerta huma obra tam custosa
 Por atalhar ao mal que está vesinho,
 Me mandou encontraruos ao caminho.

Pede.

Pede-vos que deixeis a noua empreza
Em armas desigual, em força, e gente,
Rebelde, e pouco certa a Portuguesa,
A de Castella muita, e mui valente:
Que como irraõ fiel tambem lhe peza
Naõ vos valer no trance, que presente
Está nesta batalha, e que deseja
Mais vossa honra, que o fruto da peleja.

Que sigais de Castella o Rey benino,
Que he conselho mais justo, e mais seguro
Que vos fará as mercês de que sois dino
Neste tempo de agora, e no futuro;
Que o al he tudo engano, e desatino
Que naõ cabe em juizo tam maduro
Que volteis o cauallo, e a tençaõ
Pois que naõ val sem gente o capitaõ.

E eu valente senhor que agora vejo
A pouca que trazeis em companhia,
Mais obrigado estou por meu desejo,
Que por este recado que trazia:
O numero dos nossos he sobejo,
E faz sobeja, e vam vossa ousadia
Voltaí daqui, voltaí, que o mór acerto
He fogir do perigo que está certo.

Os capitães, e os grandes que acompanhaõ
O Prior vosso irmaõ, lhe preguntáraõ
De vosso intento vaõ, que tanto estranhaõ
E delle em vossas cousas se informáraõ;
Ellas saõ taes, que ao mór esforço acanhaõ
Esta em particular todos culparaõ
Peza-lhes por saber que o vosso intento
Tem certo o dano, e falso o fundamento.

Foraõ

Foraõ de parecer que me mandasse
 A dar de sua parte esta embaixada,
 Que com o recado a elles me voltasse
 A' fronteira, que deue estar cercada;
 E como amor antigo me obrigasse
 Fiz com maior fauor esta jornada
 Este he o intento seu, e o meu recado
 Se mal aceito for, he bem fundado.

A isto que relataua o escudeiro
 Com palauras discretas, e auisadas;
 Lhe responde mui ledo, e prazenteiro
 Que lhe agradece o animo, e passadas:
 Mas que naõ quer o irmaõ por conselheiro,
 Nem seguir as que tem tam mal contadas,
 Que aceita da vontade a tençaõ boa,
 Porẽm que á pretençaõ naõ se afeiçoã.

Que isto ao Prior, e a todos respondesse,
 E que para a batalha se aprestassem
 Aonde esperaua em Deos se arrependesse
 E os outros seu poder desenganassem;
 Pede ao mesageiro que se apresse
 E lhes fosse dizer que o esperassem
 Que chegar tam depressa naõ podia
 Que elle naõ fosse já na companhia.

O escudeiro as redeas recolhendo
 Dã mui riço de esporas ao cauallo
 Aos seus o bom Nunalures vai dizendo
 Que temem já os imigos de esperallo;
 Alguns se vaõ de nouo esforço enchendo
 E a outros foge o sangue de cuidallo,
 Cada hum no rosto mostra que creceo
 Mais cores toma, e formas que Protheo.

Em quanto o capitão se desfrelava
Os poucos duvidosos ordenando
E posta a gente em ordem caminhava
Os alegres pendões ao vento dando;
O mensageiro affuto se apressava
A levar a reposta; que esperando
Estava junto aos muros de Fronteira
Os irmãos, e inimigos do Pereira.

Tinha cercada a villa, e pretendia
Que naquella hora o muro fosse entrado
Quando ao traspor de hum monte descobria
Que vinha o mensageiro com o recado
Em continente o cerco suspendia
Ouindo como vem Nuno apressado
Cada hum dos capitães mais diligente
Poem em concerto, e armas toda agente.

Da villa os arrabaldes já deixava
Pondo logo em campanha os seus guerreiros,
Quando os nossos tambores já soava,
E sonoras trombetas nos outeiros;
As bandeiras ao vento despregava
De alegres, varias cores, e ligeiros
Os ginetes o campo descobria,
E as armas contra o Sol resplandecia.

O exercito dispoem dos que consigo
Tras, num lugar á guerra accomodado,
Mea legoa da villa; que o inimigo
Antes com seu poder tinha cercado
Que era com humilde nome assas antigo
Do vulgo os atoleiros nomeado;
E esta agora dos nossos, e estrangeiros
A batalha se diz dos atoleiros.

192 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

O aluoroço em huns , noutros o espanto
Fazia effeitos , e rostos differentes ;
Elle inuoca primeiro o fauor santo
Depois com elle esforça as poucas gentes.
Naõ no vence do imigo poder tanto
Nem teme os braços , fortes , e valentes
Só sente ir contra hum peito Lusitano ,
Que encerra hum coração tam Castelhana:

Os seus faz apear , porque imagina ,
Ou vencer , ou morrer como esforçado
E porque o prometera , determina
Diante accometer o bando armado ;
E em quanto ao pé de hum monte , e na cãpina
Estaua o seu exercito espalhado ,
Correndo a todas partes o animaua ,
A Deos , a terra , a vida lhes lembrava.

Depois armados a pé na dianteira
A' furia dos contrarios se offerece
Por cumprir a promessa verdadeira
Que á vista do perigo naõ lhe esquece ;
Lança que sempre he sã , seja a primeira
Que contra á força imiga preualece
E aquelle , braço , e peito mais que humano
Arme , e sustente hum campo Lusitano.

Ah exemplo de esforço , e de bondade
Honra , e gloria da gente Portuguesa
Peito onde o esforço , a fé , honra , e verdade
Fizeraõ contra o tempo fortaleza ;
Nem cargo , nem razã vos persuade
Nem cautella que assombre huma fraqueza
Bem he que indo diante assombreis tudo
E que cubrais aos poucos com o escudo.

CAN.

CANTO IX

Conta-se a batalha dos Atoleiros, da qual fica dom Nuno Alures com a vitoria: Cerca a Monforte: Arronches; Entregase-lhe Alegrete: Torna-se a Euora. Chega a Cascaes humma grossa armada de Castella para se juntar com o campo del Rey que vem sobre Lisboa: O Mestre manda armar outra no Porto para se combater com ella. Dom Nunalures por se achar neste encontro, deixa as fronteiras: Conta-se o que lhe succedeo até tornar a ellas: Toma o castello de Monsarás: Disbarata a Ioaõ Rodrigues de Castanheda junto aos muros de Badajoz. De nouo se ajunta no Crato a força das gentes Castelhanas para destruirem Aleu Tejo, e darem batalha a Nunalures: Elle sae de Euora aos receber, e chegando de perto recusaõ a peleja.

TAnto que os animosos combatentes
Os offendidos muros desamparaõ,
E vendo Nuno as ordenadas gentes
Que na chã dentre os valles se assentáraõ;
Os capitães sollicitos: e ardentes
Com os seus em breue espalho se apeáraõ,
E á vista do contrario caminhando
Tambores, e trombetas vaõ tocando.

E ainda que vinhaõ todos cobigooos
Da vitoria que já por certa auiaõ,
E a pé como valentes, e animosos
Combaterse com os nossos pretendiaõ,
De hum vil receo os animos medrosos
Nos conselhos e traças desuariaõ,
Que entre elles nenhum ha que naõ se espante
Vendo a Nuno Alures já que está diante.

Mudaõ intento , e mui ligeiramente
 Cauualgaõ , presumindo que he bom meo
 Para a bem ordenada , e forte gente
 Se-mouer á fraqueza , ou arreceo ;
 Porém sahio o effeito differente
 Desta presunçaõ sua assaz alheo
 Que as armas de ventagem que tomáraõ
 Contra seus proprios donos se tornáraõ.

Com hum tropel arreinete, e graõ quadrilha
 A que incita a trombeta sonorosa
 O boim Pero Gonçales de Seuilha ,
 Cuja lança entaõ foi pouco ociosa ;
 Escapar-lhe ierá graõ marauilha
 Que leua muita gente , e furiosa
 Dando alaridos vãos , que o campo atroaõ
 Dardos , settas , virotes , lanças voaõ.

Qual foe polo inuerno temeroso
 A corrente do Tejo mais izenta
 Romper o campo fertil , e espaçoso
 E as aruores levar com a tormenta :
 Té que encontrando o monte pedregoso
 Que seguro a seus golpes se sustenta
 Tornando atras as ondas atreuidas
 Quebraõ já de cansadas , e vencidas.

Com tal braveza a gente Chastelhana
 Com temeroso som , e estranho aballo
 Rompendo entraua a gente Lusytana
 Que espera a furia toda de cauallo ;
 Té que encontrando a rocha mais vfana
 De quantas fere o mar Hispano , e Galo
 Vencida torna atras , e o seu receo
 Do numero mayor faz mór enleo.

Qual encontrando a lança mais segura
Com o ferido caualllo proua a terra,
Qual entre os seus fogindo se mestura
E aos proprios companheiros faz a guerra,
Qual dos arções trazeiros se pendura,
Qual solta a redea, e do pescoço afferra,
Qual do golpe feroz desacordado
Vai Preso dos estribos pendurado.

Hum cae aqui, e nelle outro tropeça.
Outro correndo vem, que a queda espanta
Confusamente a briga se começa,
Com o pó que em negras nuués se aleuanta:
Não ha quem determine ou quem conheça
Se fere o braço, o peito, ou a garganta
Para onde hum volta, volta o seu vesinho,
E o caualllo sem redeas faz caminho.

No meo deste assalto perigoso
Sustenta Nuno o campo com a espada
Golpes estranhos dá, fero, animoso,
E com a voz aos seus anima, e brada;
Do perigo maior mais cobiçoso,
Hora aqui, hora aly fazendo entrada
Os da vanguarda a tempos soccorrendo.
Iá polo campo imigo vão rompendo.

Dobra-se a furia, então crece a pujança
Dos poucos Portugueses vencedores
Cada hum emprega o golpe, ensopa a lança
Despede dardos, settas, passadores;
Nuno gritando está (mas não descança)
Pelejai valerosos defensores,
Que agora he tempo, e neste não se esquece
De hum caualleiro armado que aparece.

Pero Gonçalves era este guerreiro
 Que vendo os seus que voltaõ sem concerto
 Como animoso, e brauo caualleiro
 Acode da batalha ao mór aperto:
 E vendo aquelle Marte verdadeiro
 Que o chaõ de sangue, e armas tem cuberto
 No peito forte estriba a lança dura
 Pondo a vitoria só nesta ventura.

Encontra o fero Nuno, e foi de sorte
 Que a lança em varias partes diuidida
 Rompe a folsaio a malha dura, e forte
 Té lhe fazer no peito huma ferida
 Mas em preço deixou nas mãos da morte
 Com honra grande a delejada vida
 Que com hum pezado golpe Nuno o alcança
 E corta juntamente o braço, e lança.

Vira o cauallo já á redea solta,
 E o senhor arrastrando tras si leua:
 Vendo o seu capitaõ por terra, volta
 A gente que não quer outro se atreua;
 Na confusão furiosa, e na reuolta
 Onde o odio mortal se acende, e ceua
 Soccorre o Mestre entaõ de Calatraua,
 Que aly tambem a morte o esperaua.

Vinha fazendo o Mestre grande estrago
 Na ala, que entre os seus punha a bandeira,
 Dizendo a grandes vozes Santiago,
 E fere ousadamente o graõ Pereira;
 Elle que a recebelo, e dar-lhe pago
 Estaua posto a pé na dianteira
 O recebe com furia tam sobeja,
 Que deixa o Mestre a sella, e a peleja.

Entre os braços de Nuno perde a vida
Como Antheo a perdeu nos de Thebano
Que refuelando a lança desmentida
Da sella o tira o forte Lusitano:
E a furia dos soldados desmedida
Lhe deu de seu esforço o desengano,
Que a pesar do senhor tomaõ vingança
Dos que tinha offendido a forte lança.

Volta a vanguarda já sem resistencia,
E o Prior na reguarda como escudo
Os seus anima á noua experiencia
Iunto com Martim Annes de Barbuda;
Mas esforço não val, arte, ou prudencia,
Que o receo cobarde vence a tudo,
Cada hum da propria vida trata experto,
Que não quer ver a Nunalures de tam perto.
Aos seus diz o Prior (que nesta enuolta
Em vergonhosa ira o peito acende)
A elles caualleiros, volta, volta,
Que agora acabará quem vos offende:
Este de quem fugis á redea solta
Que a seu sangue afrontar por si pretende
Saberá com razaõ, que he d'elle indino,
E pagará seu fero desatino.

E sopesando a lança grossa, e dura
Para buscar o irmão se apercebia,
Quando a vencida gente se mestura,
E emnuellada o passo lhe impedia,
Em vão busca o Prior, que a nuue escura
Do leuantado pó tudo encobria
Dando vozes sem tempo, e sem proueito
Fere os seus sem gouerno, e sem respeito.

Volta

128 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Volta o bom capitão tras dos soldados
A que os nossos no alcance vão ferindo,
Que alguns caualgaõ destros, e apressados
E com o capitão Nuno os vão seguindo:
Muitos deixaõ feridos, derramados
Que para varias partes vão fogindo
Té que o ceo lhe reprende a vam perfia,
Que já para voltar lhes falta o dia.

Legoa e mea do campo as redeas viraõ,
Para voltar aos seus, que alegremente
Da batalha os despojos diuidiraõ
Nuno Alures da vitoria só contente:
Fronteira se vaõ, aonde dormiraõ
Ferida muita, e morta a menos gente
Porém tam animosa a que ficára,
Que nenhum nouo assalto receara.

Mas vós, ó capitães, que antiguamente
Conquistastes a fama vencedora
Cuja memoria vem de gente em gente
A nos servir de exemplo para agora,
Qual de vos mais ousado, ou mais prudente
Que por esforço, ou arte se melhora
Com astucias, ardis, e enganos varios
Venceo primeiro os seus, do que os cōtrarios!

Aníbal, Scipião, Cesar e Antonio,
Brutos, Fabios da fama tam louados,
Pompeo Magno, o Magno Macedonio,
Exemplo de valor, temor dos fados;
O Grego astuto, o bom Lacedemonio,
E outros que aqui poderaõ ser contados
Percaõ do nome antigo a fama, e gloria
Que esta he das mais vitorias, a vitoria.

Vencer

Vencer ao imigo em campo aberto
Disbaratalo em forças, e em muralha
Com poucos he esforço; e grande acerto
Vencer com muita, e barbara canalha;
Mas com razões vencer a hum pouo incerto
E com elle esforçado huma batalha
Tam desigual em armas, força, e gente,
De temor do passado, e do presente.

E tras isto vencendo á natureza
Desprezando honras, bês, socego, e terra,
Só pola liberdade Portuguesa
Fazer contra os irmãos, e o mundo guerra
Só de Nunalures foi famosa empresa
Só tal peito tam grande esforço encerra
Só d'elle canta a fama, porque a tanto
Nem alcança o louuor, nem sobe o canto.

Descança a noite aly deste trabalho
(Se nos seus he de crer, que isto se entenda)
Aonde a buscallo vem Vasco Porcalho
Que então tinha de Auis a môr Comenda;
E entre muitas razões, que agora atalho
Se queixa de que a sorte lhe defenda
Achar-se aquelle dia na peleja
De cujo meo, e fim tem grande inueja.

Mal dizendo á ventura se queixaua
De não verse com elle em tal perigo,
Mas o forte Nunalures o animaua
Para outros que estão certos no inimigo;
Com elle a noite passa, cura, e lava
A ferida a que deu tam bom castigo,
Mas como della espera outra vingança
ouco repousa aly; pouco descansa.

No cume, e polo vaõ dos altos montes
 Os caualllos do Sol appareciaõ,
 E dourando-se os roxos orifontes
 As riquezas da terra descobriaõ;
 Nos alegres ribeiros, e nas fontes
 Mil rayos entre as agoas se escondiaõ;
 Quando acordando o capitão valente
 Faz logo tocar caxa á forte gente.

A Monforte se vai aonde fabia
 Que estaua Martin Anes recolhido
 Com o restante da gente, e pretendia
 Recolher todo o campo diuidido:
 Cercando-o Nuno vio que não podia
 Entrar o lugar forte, e defendido
 Com tudo o dia inteiro o cerco teue
 Por ver se alguém lhe fae, mas não se atreue.

Iá vinha o santo dia amanhecendo
 Em que o lume faltou ao Sol, e á Lua
 Vendo o seu criador na cruz morrendo,
 Por quem nella lhe ordena a morte crua:
 Quando o capitão pio recolhendo
 Para outro nouo intento a gente sua,
 Deixa o furor das armas costumado
 E com outras a Deos buscava armado

Descalço, lagrimoso, e penitente
 A pé triste se parte em romaria,
 E em procissão deuota a forte gente
 Que para achar a Deos leua tal guia;
 Com animo humilde, e penitente
 Chegaõ ao santo templo de Maria
 Que ao Açumar cahio ditoso em sorte
 Huma legoa dos muros de Monforte.

Onde

Onde atras muitos actos de humildade
Mostrou aos seus exemplo proueitoso
Que quanto mais o sobe a dinidade
A Deos se humilha mais hum generoso;
O' estranho valor, alta bondade
Capitaõ tam humilde, quaõ famoso
Quem vos naõ seguirá no mór perigo
Se indo conuofco, a Deos leua consigo.

Depois passado o tempo tam diuido
A penitencias, e asperos silicios
A Deos o campo todo reduzido
Por confissões, jejús, e sacrificios:
De aço Nuno outra vez está vestido
Para os guerreiros, duros exercicios,
E vai cercar á Arronches que estão nella
Companhias da gente de Castella.

Entrada a villa á força Portuguesa
Pedem só liberdade, e pedem vida
Por partido os que estão na fortaleza
E esta lhe he do Pereira concedida:
Dado fim facilmente a esta empresa
Outra noua melhor tem recebida
De Alegrete hum recado á pressa chega
Ao chamar que a villa se lhe entrega.

Manda logo em seu nome hum caualleiro
Que o lugar polo Mestre aceite, e tenha
Que he d'elle natural, bom, verdadeiro
Martim Affonso o chamaõ de Aramenha:
Bastecer os lugares vai primeiro
Para qualquer cuidado que lhes venha
Que a Euora torna o capitaõ famoso
Aonde a ventura o tem pouco ocioso.

Nella

Nella o deixemos : que arde a graõ Lisboa
 Vai graõ tumulto, e graõ reuolta nella
 Com guerra que ameaça , e apregoa
 Huma mui grossa armada de Castella;
 Cujos estandarte os ares corta , e voa
 Pola praia do Tejo rica e bella
 Que de Calcaes no largo mar se estende
 Cujos desenhos a terra toda entende.

Pára o temor do bando vil plebeo
 A confusão da gente mal segura
 A mudança dos animos, o enleo
 Dos que tem sempre os olhos na ventura:
 O Mestre de valor, e esforço cheo
 Entre tantos contrarios de mistura
 Acode a toda a parte, e para a guerra
 Repara os muros, fortalece a terra.

Na cidade do Porto em continente
 Manda armar outra frota poderosa
 De náos, e de gales de varia gente
 Voluntaria, escolhida, bellicosa:
 Que no mar a batalha lhe apresente
 Desasombrando a terra receosa,
 O Conde dom Gonçalo que vai nella
 E o brauo Rui Pereira já daõ vella.

Eis desta nouidade succedida
 O nosso capitão logo auisado
 Já aos guerreiros seus moue, e conuida
 Para se achar num feito tam louuado;
 Que como a gente está tam diuidida
 E o tempo do soccorro he tam chegado
 Teme que á frota falte alguma parte
 Para o desenho altiuo com que parte.

Alguns se offerecem que primeiro
Lhe desuiauaõ disto o pensamento,
Mas com tal capitaõ tam verdadeiro
Iá se lhe antecipaua o vencimento;
Despacha logo a pressa hum melleiro,
Num cauallo que iguala o leue vento
Aos capitães da frota com huma carta
Diz como vai: pedindo que não parta.

Daly com os seus passando logo o Tejo
A Thomar chega aonde agasalhado
Foi do Mestre de Christo, e seu desejo
Delle, e doutras razões era aprouado:
E o a quem o descanso era sobejo
Para o desejo seu sempre apressado
Parte; chega a Coimbra, e daõ-lhe a noua,
Que a seu pesar o mais caminho estroua.

Soube como já a frota era partida,
E dos della queixoso se tornaua
Quando huma treição grande, e escondida
A Condeffa de Sea lhe ordenaua:
Que inda que illustre assas, como offendida
Prender a dom Nunalures desejaua
Em vingança da afronta que o marido.
Tinha já delle em Syntra recebido.

Ajunta logo amigos, e criados
Porém não pode ser tam cautamente
Que não fossem os nossos auisados
Que com remedio acodem facilmente;
No paço onde ella os seus já tinha armados.
Deraõ com tanta furia de repente;
Que a Nuno Alures não fer disso aduertido.
Mal tiuera a Condeffa o seu partido.

Com

Com hum descuidado riso o valeroso
 A treição tendo em pouco, os aquieta
 Doutro maior contrario cobicioso
 Que de huma mulher nobre, e indiscreta:
 Mas por na terra estar pouco ocioso
 Outra segunda noua o inquieta,
 Que em Buarcos a nossa frota anchóra
 Aonde hum correo enuia na mesma hora.

Mas alguns capitães a que a inueja
 Não consente levar tal companhia
 Por ter mais certa a gloria da peleja
 Que cada hum da jornada pretendia;
 A fim de elle a não ter no que deseja
 Desprezando o recado que trazia
 Dão as vellas ao vento mais ligeiro,
 E torna com tal noua o mensageiro.

Ardendo em ira o capitão valente
 Trocando as mãos recebe este recado,
 E as palastras detinha escassamente
 No peito em viua colera abrazado:
 As fronteiras se vai; mas porque á gente
 Falta o soccorro, e soldo acustumado
 Falla com os da cidade, que lhe acodem
 Senão com o que ha mister, com quanto podem.

Descontente se torna imaginando
 No tempo da jornada que perdera
 E indo a passar o Tejo doce, e brando
 Outra noua lhe dão, que elle escolhera;
 Que do Crato huns soldados vem passando
 A Santarem: ouuindo a gente que era
 Por lhes ficar da estrada tam vesinho
 Procuraõ darlhe assalto no caminho.

Num valle que cortaua aquella estrada
Se aloja aquella tarde a companhia
Junto de huma ribeira descuidada,
Que entre huns amenos freixos se escondia;
E aly comendo á hora acustumada
Huma escuta lhe tras noua iguaria
Que Nuno mais deseja, estima, e preza
Que as que tinha Eliogabalo na mesa.

Armas dizia o ledo messageiro
Senhor, que os Castelhanos vem chegando
De cima os descubri daquelle outeiro,
Que vem de espasso o valle atrauessando;
Leuanta-se depressa o caualleiro
Os seus tras delle alegres vaõ sellando
Os elmos (que aly tem) á pressa enlaçaõ
Lanças tomaõ, adargas logo embraçaõ.

Ante elles o Pereira forte, e ledo;
Que de o sentir o imigo se arrecea
Marchemos, diz, amigos com segredo
Naõ se faça de nós a presa alhea:
A mesa fique aqui neste aruoredado
Teremos mór desejo para á cea,
Que o exercicio bom sempre conuida
Para se achar mais gosto na comida.

Daly sobindo o valle descobriaõ
Os que caminhaõ liures descuidados,
Que como deste assalto naõ temiaõ
Vinhaõ, mal aduertidos, mas armados:
Os nossos rijamente arremetiaõ
Em confuso tropel aluoraçados
Das trombetas o som, e os alaridos
Enchem do valle os eccos, e os ouvidos.

Pauo-

Pauorosos os outros neste enleo
 Pararaõ conhecendo o que seria ,
 Mas logo cada hum de esforço cheo
 Mui destro a deffenderse arremetia ;
 Poucos saõ de cauallo ; e sem receo
 De lanças cento entre elles aueria
 Andaluzes mui destros , e guerreiros
 Armados , e animosos caualleiros.

Durou-lhe breue espasso a deffensaõ
 Em que animosamente se mostraraõ ,
 Naõ lhe val contra as forças coraçãõ ,
 E assi mui breuemente lhes faltaraõ :
 Rendem-se ao vencedor , vendo que em vaõ
 Procuraõ deffender-se , aly se acharaõ
 Oitenta presos mortos , e feridos
 Os mais com a noite , e matos escondidos.

Qual com pouca agoa o fogo mais se acende
 Tal com esta silada o seu desejo
 O dia espera , e nelle já pretende
 De tornar a passar o brando Tejo ;
 Mas cada hum logo á vozes lhe reprende
 Aquelle animo em tudo tam sobejo
 Culpaõ os seus tam nouo atreuimento ,
 Que ainda lho naõ consente o pensamento.

Que aquella imiga , e poderosa armada
 Que passou por Cascais a ancora ferra
 A' vista de Lisboa amotinada
 Mais do temor vencida , que da guerra ,
 Graõ copia , e graõ poder de gente ousada
 Logo em chegando aly lançára em terra
 Com a qual o Rey seu campo juntar vem ,
 Que tinha na famosa Santarem.

Pôs a cidade em cerco trabalhoso,
Porque os lugares tem vesinhos della
Toma a entrada ao rio vagaroso,
E os caminhos com guarda, e com cautella:
Sabe este aperto o capitão famoso,
Que em só servir á Patria se desuella
Determina de noite, e com recado
Dar que entender ao campo descuidado.

Tomar de sobressalto o Castelhana
Deste caminho seu mal aduertido,
E com os poucos que tinha fazer dano
A não ser desses poucos reprehendido:
Não sofre aquelle peito mais que humano
Descanso dos humanos tam querido
Passada aquella noite, e vindo o dia
Para Euora cuidadoso se partia.

De Monsarás tem noua, que o castello
Polo Rey Castelhana era tomado,
E que ha muy poucos meos para auello
Por defendido, e bem fortificado:
Muito importaua ao Lusitano tello
Polo lugar aonde he edificado,
Mas com o alcaide não val nenhuma cousa,
Que Gonçalo Rodrigues he de Sousa.

Hum ardil estremado lhe occorreo
Entre outras preuenções que imagin
Dez, ou doze dos seus logo escolheo
A que em segredo o feito encomendou;
E foi que antes que o Sol dourasse o ceo
Encubertos dos muros os lançou,
E algumas poucas vaquas para hum monte,
Que á vista do castello está defronte.

Por-

Porque de algumas presas, que fazião
 Naquelle parte as gentes de Castella,
 Era de presumir que ficariaõ
 Encubertas da noite, e guardas della:
 E para recolhelas que abririaõ
 Da fortaleza as portas sem cautella
 Que por estar fundada em tal assento
 As vezes lhe faltava o mantimento

E com esta occasiaõ ligeiramente
 Podiaõ ter os nossos nella entrada,
 Tendo ao longe copia de mais gente
 Para o soccorro desta aparelhada,
 A obra se ordenou tam facilmente
 Que era já feita em sendo começada
 O castello se toma, e Nuno chega,
 Repara a força, a villa se lhe entrega.

Necessidade vil, baxa, importuna
 Que portas não abriste, e não rompestes?
 Em vendo a teu sabor cousa opportuna,
 Que perigo sem fim? que fim temestes?
 Tu só es sempre escrava da fortuna
 Os poderes que tem tu só lhos deste,
 Que pende o bom successo de huma empresa
 Da tua força, e não doutra fraqueza.

Em fim deixou o castello já vencido,
 A mulher do alcaide, e filhos d'elle fora
 Nuno outra vez a Euora acolhido
 Aonde descanfara bem pouco agora;
 Que em Badajoz estava apercebido
 Com muita gente armada, com que fora
 Por Guadiana entrar, soberba, e leda
 Ioão Rodrigues tambem de Castanheda.

Iá pera Eluas parte o Lusitano,
Que deſeja tratallo de mais perto,
Aonde o viſitar manda o Caſtelhano,
Que hum ſucceſſo taõ bom não tem por certo:
O meſſageiro vem contente, e vſano
Mas mais o eſtá Nuno Alures do concerto
Que diz que o Caſtanheda no outro dia
Com elle junto a Eluas ſe veria.

Com aluoroço alegre lhe reſponde,
Que o trabalho eſcuſaſſe da jornada
Que elle hia a Badajoz buſcallo, aonde
Lhe faria mercê ter-lhe a pouſada,
E em quanto o Sol nas agoas não ſe eſconde
Por dar lugar á noite enuergonhada,
Manda tocar trombetas, e o correo
Ligeiro leua a noua a donde veo.

Com os ſeus o Caſtanheda em armas poſto,
Se ſae hum grande eſpaço da cidade,
Animando-os com ledo e brando roſto,
Que a ventura paſſada o perſuade;
Mas o Pereira ouſado, que o mor goſto
Vê de quantos lhe pede eſta vontade,
Em breue tempo a elle o deſengana,
E faz caminho á gente Caſtelhana.

Não foi a eſcaramuça muy comprida,
Bem pelejada ſim de parte á parte,
Leua o Pereira os outros de vencida,
Fere, corta, deſtroça, abala, e parte,
Quem pode com fugir ſaluar a vida,
Bem cuida que eſcapou das mãos de Marte:
A' cidade ſe acolhem com cuidado,
Em volta o capitão tras do ſoldado.

210 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Com gritos das mulheres , e alaridos,
As portas vem cerrar por onde entraraõ
Muitos dos Castelhanos mal feridos ,
A que de Nuno os golpes alcançaraõ:
Os nossos leuaõ presos e offendidos
Vinte bons caualeiros , que ficaraõ ,
E de junto aos muros dauaõ grita ,
Aos que taõ mal se ouueraõ na visita.

Para Eluas faz a volta , aonde primeiro
O lugar com receo o esperaua ,
Pouço nelle repousa o caualeiro ,
Que entre tantos perigos caminhaua:
Mas como o seu repouso verdadeiro
Consiste no fim a que aspiraua ,
Quanto mór o trabalho se lhe offiece ,
Mór a gloria de tello lhe parece.

Em Euora dez dias descansara ,
Quando teue outra noua de repente ,
Que com o prior do Crato se ajuntara
Outra vez graõ poder de armada gente ,
E que outra companhia se apartara
Do arrayal del Rey , que em continente
Se haõ de juntar na mesma villa , e logo
Pôr as terras do Mestre , a ferro , e fogo.

Com os seus não pode o forte caualeiro
Portugueses , que encontrallos pretendia ,
Atalhar-lhe o caminho taõ ligeiro
Como elles o passaraõ , porque hum dia
Iá antes que chegasse ali primeiro
Era passada aquella companhia
Polla ponte de Soro , aonde em chegando ,
Soube quantos passaraõ , como , e quando.

Para

Para Euora tornou mui pezaroso
De não provar com elles a ventura,
Mas logo se mostrou pouco ocioso,
Que pôr em defensão aos seus procura,
O Mestre que lhe teme o perigoso
Risco, com pouca gente, e não segura
Da gente que partio do campo escreve
Dinheiro, armas lhe manda em tempo breue.

O capitão famoso que não tarda
As gentes da comarca logo ordena,
Que nunca a força alheia acordava,
E só tardança propria lhe dá pena,
Parece-lhe que teme, pois que aguarda
Iuntamente se anima, e se condena
Em ordem para o Crato já caminha,
Donde o imigo a procurrallo vinha.

Trinta e quinhetas lanças ajuntara
Com cinco mil infantes com presteza,
Com que elle commettera, e confiara
Dar liberdade á terra Portugueza;
E inda muy pouco espaço caminhara
Com aquella ousadia sempre acceza;
Quando hum soldado dos do contrario bando
Por elle vem aos nossos preguntando.

Huma carta lhe ofresce do Sarmento
Pouco cortes, soberba, e confiada,
Que Nuno leo com pouco sofrimento,
E guardou-lhe a reposta com a espada,
Sem sangue o meflageiro, e sem alento,
Que a vida tinha aly como emprestada,
As redeas vira, e vai sem mais reposta,
Novas leua ao senhor de que não gosta.

Logo de corredores, e de espias
 Soube a vinda das gentes Castelhanas,
 Que são muitas, e armadas companhias,
 Que affollar vem as terras 'Transtaganas;
 Do Crato caminhauão já dous dias
 Do vencimento incerto mais vfanas
 Do que os nossos alegres esperauão
 A multidaõ das lanças que contauião.

Vinha de Niebla o conde valeroso,
 O Sarmento arrogante, e desfinandado
 E de Alcantara o Mestre valeroso,
 E o Castanheda hum pouco magoado,
 O de Barbuda alegre, e cobiçoso
 De hum titulo que tras anticipado,
 E o Prior dom Pedralures, caso estranho
 Que sofra a natureza hum mal tamanho.

Duas mil e quinhentas lanças vinhaõ,
 Com seiscentos ginetes escolhidos,
 Besteiros, e peões conto naõ tinhaõ,
 Em desiguaes esquadras repartidos,
 E tam aluoraçados já caminhaõ,
 Que sendo deste os nossos diuididos,
 Occupaõ Arrayolos, e Euora monte,
 E o Vimieiro alegre tem defronte.

De Euora partia Nuno quando á mesa
 Para jantar de espaço se assentaua
 Mas tudo em pouco tem, tudo despreza
 Pello gosto, e sabor que nisto achaua;
 E os verdadeiros seus a que esta empresa
 Mais que os outros manjares conuidaua,
 Mal jentados se vaõ tras da bandeira,
 E alojaõ-se na quinta da Oliueira.

Muy bem nesta cessaõ dizer pudera
Com confiança igual aos que trazia ,
O que Alexandre Magno já dissera
Junto do rio Granico outro dia
Que aquelle que de espaço não comera ,
Alcançada a vitoria jantaria ,
Pois tinha os mantimentos necessarios
Na prouisaõ sobeja dos contrarios.

Aly passou a noite sempre armado ,
Valendo-se da cea de hum besteiro ,
Hum paõ pouco mimoso , encetado ,
E hũ rabaõ , se he de crer , que estaua inteiro ;
E inda o sol não mostraua o ceo dourado ,
Quando já da trombeta o som guerreiro
Chama , aluoroça , e arma os seus soldados
Com igual fome , e sono sepultados.

Para os contrarios marcha alegremente
E á descuberta vista o campo assenta ,
Porque com tam faminta , e pouca gente ,
Para tam grande copia se contenta ,
Presumindo tambem que em continente
Batalha o inimigo lhe apresenta ,
Que a multidaõ da gente que trazia ,
Não daua a sospeitar que inda temia.

Eis que numa egoa baya assas ligeira ,
Para elle vem airoso hum calleiro ,
Dom Gracia Gonçalues de Ferreira ,
Marichal de Castella , e bom guerreiro
A lança entre os arções , alta a viseira ,
Tras elle de galope hum escudeiro ,
A Nuno Alures chegou , que já espera ,
Que logo aly dos seus soube quem era.

Capitaõ

Capitão valeroso cuja fama
 (Dizia o Castelhana) tanto alcança
 Que o maior inimigo mais vos ama,
 E em vosso esforço tem mais confiança;
 Segui ao fado amigo que vos chama,
 Deixai a incerta e fragil esperança,
 Posto que seja de animo inuenciuel,
 Tomar por sua empresa o impossuiel.

Os fortes capitães que a sorte imiga
 Tem tam perto de vós, que esta vontade
 Mais moue, mais contente e mais obriga,
 Do que a vitoria certa os persuade:
 Considerando aqui como periga
 Entre esta gente em vós vossa bondade,
 Todos pedir vos mandaõ, e eu vos peço
 Que atalhemos ao fim de hum mau começo.

Bem vedes vós senhor a differença
 Do poder vosso, e que he mais temeraria,
 Que valente cusiadia; e quando vença
 Ou polo valor vosso, ou sorte varia,
 Que inda não he final esta sentença,
 Nem tem numero a gente que he contraria
 Para abater ao vosso fundamento,
 Que para hum Portugues ha mais de cento.

Tornai senhor ao Rey que vos deseja,
 E offerecer-vos manda a graça sua
 Ao mestre a quem seruis fareis inueja,
 Quando seu poder todo se destrua,
 Não queirais ver o fim desta peleja,
 Para vós desigual, aduersa, e crua,
 Tornai aos inimigos seruidores,
 E aos famosos irmãos vossos mayores.

A isto lhe responde o Lusitano
Com hum alta segurança bem fundada,
Esse animo senhor, e termo humano,
De conseruar-me a vida desejada;
Bem sei que em vós he honra, e não engano,
Mas a vossa tenção vay nisso errada,
Que não he benque estime, busque, e siga,
Mais que a rezaõ da Patria que me obriga.

Em vaõ se me offerece outro concerto,
Se não for a batalha que procuro,
Que o perigo da paz esse he mais certo,
E o partido da guerra o mais seguro,
E assim gozeis algum ditoso acerto
E este risco a que agora me auenturo,
Que apresseis esta vinda, que já agora
Me pareceraõ annos qualquer hora.

A tardança dos seus com isto accusa
Pois tam seguro o campo Castelhana
Vir com elle á batalha inda recusa
E o manda aconselhar sobre seu dano;
Que nem que fora o vulto de Medusa
Que em pedra trãstformaua hum peito humano
Mudará de seu peito, e pensamento
A fé de Portuguez, e o sofrimento.

Que sobre esta certeza não dilatam
A honra da vitoria tam sabida
Que accometaõ, que vençaõ, disbaratem
Aquella pouca gente, e mal regida;
Que se sô com razões nisto combatem
Segura a sua está de ser vencida
Com isto ao nobre Marichal despede,
E o que hum vez pedio mil vezes pede.

Mas

Mas vendo aquellle peito tam alheo
 De temor, tam seguro, e confiado
 Entrou nos capitães tanto o receo
 Que suspendem o intento começado :
 De ira o Pereira entaõ, de esforço cheo
 Cometelos quísera de indinado
 Porém hum passo estreito os diuidia
 Que aos seus estrago, e dano prometia

C A N T O X.

Diuididos em companhias se retiraõ os capitães do campo Castelhana e vão muitos parar ao real del Rey que está sobre Lisboa : Com occasiaõ da peste que nella se aleuanton se descreue a casa dos castigos do mundo : Dom Nuno Alures se vem pera Aldea Galega : Toma Palmela ; Poem a sacco Almada , com muito dano dos inimigos que a tinhaõ por Castella : Continua a peste no campo del Rey : Leuanta o cerco , e vai-se pera seu reyno. Dom Nuno Alures passa a Lisboa por entre a armada Castelhana , visita ao Mestre : Torna-se a Euora : Toma Portel : Acquieta os bandos que em Eluas se leuantauaõ contra o seruico do Mestre.

P Assou o dia, e vinha a noite cega
 Já assombrando os montes levantados ,
 Porque o dourado Sol contente entrega
 A Thetis seu queixume, e seus cuidados :
 Nuno vendo que a guerra se lhe nega ,
 E que os seus sem comer disbaratados
 Repouso pedem : logo as redeas vira
 A' cidade outra vez donde partira.

Pollo

Pollo escuro da noite temerosa
Muitos das companhias se alongaraõ,
Huns como em branda cama e laborosa
Ao amparo das aruores ficaraõ,
Outros que a fome obriga trabalhosa
A sua terra, e casas se tornaraõ,
Nuno se poem em armas no outro dia,
Que tornar á batalha pretendia.

E posto que dos seus falta a mor parte,
Prtir com aquelles poucos determina:
O mantimento e soldo lhes reparte
Para attalhar ao mal que os amotina;
Mas chega-lhe recado doutra parte
Que tudo torna em vaõ quanto imagina,
Que he levantado o campo do inimigo,
Leuando alguns peões prezos consigo.

Para Viana marchaõ com segredo,
Que a noite os encobrio de enuergonhados,
Ou fosse bom conselho, ou grande medo,
Duas legoas vaõ de Euora alongados;
E por hirem marchando assim taõ cedo,
Prendem, e mataõ alguns dos que deitados
Entre as vinhas ficauaõ polla terra,
Que morreraõ da fome, e naõ de guerra.

De ira, e paixãõ Nuno Alures desespera,
E com trezentas lanças só que tinha
A Viana buscalos hir quiserá
Se outra noua tras desta naõ lhe vinha;
Que Arrayolos dos nossos se lhes dera
Por imigos do Mestre, a quem conuinha,
Que aly o campo, e gentes se apartaraõ,
Das quais muitas ao Crato se tornaraõ.

Castanheda, e Sarmento o bellicoso
 Sem reposta da carta que mandara
 Com setecentas lanças pouco airoso
 Para o campo del Rey dali voltara;
 Nuno de responder-lhe cobiçoso,
 Com esta noua os seus depressa armara
 Tras elle alegre vay, que ouue receo
 De lhe mandar primeiro outro correo.

Com o vagaroso sono descuidados
 Os capitães estauão, quando a noua
 De Nuno lhe chegou com mil recados
 Que o repouso, e caminho já lhe estroua,
 Leuantaõ-se sem cor desatinados,
 Que não querem chegar a fazer proua
 De seu famoso braço, e forte lança,
 Já obrigado de ira, e de vingança.

E qual do rouco tiro da espingarda
 Que entre os passaros deu, com desconcerto
 O bando se derrama, e se acobarda,
 Voando cada hum ao campo aberto,
 Por morto tem os outros ao que tarda,
 Crendo que o caçador lhe fica perto,
 Nem nas arvores altas se asseguraõ,
 Que com o voo chegar ao ceo procuraõ.

Tal entre gente timida, e turbada,
 Foy a noua de Nuno taõ temido,
 Que cada hum deixa a ordem costumada,
 Do capitaõ que o tinha ali trazido,
 Qual por atalhos vay, qual polla estrada;
 Qual caminha entre os matos escondido,
 E o Sarmento que entaõ se arrependera,
 Da mal notada carta que escreuera.

Que as palauras de hum animo insolente,
Sem discurſo, ſem tempo, e ſem medida,
Nunca as ſoltou a lingua facilmente,
Sem ſer de hum mao ſucceſſo reprimida:
Por iſto a Natureza diligente
A tem com tantos muros defendida,
Que he perigofa a ſua liberdade,
Poſta nas mãos da ira, ou da vontade.

Afronio por fugir deſte perigo
Na montanha entre as feras habitaua,
Tres annos fallou Agatho conſigo
Que com hum ſeixo na boca ſempre andaua,
Epimenides diz ao charo amigo,
Que a fallar no banquete o conuidaua,
Que a callar ſó, ſeis annos aprendera,
Dez no mar a ſofrer, e os mais perdera.

Diga Tantalo o fruto que colheo
De fallar liuremente, e ſem cautella,
Lara da lingua ouſada que perdeo,
E Ecco que inda na voz ſe aqueixa della,
Batto que em dura pedra conuerteo,
Mercurio pollos furtos que reuella,
E Anaxarco piſado a morrer veo,
Por fallar liuremente, e ſem receo.

Quanto com mór razão ſerá culpado
Quem não ſó com palauras ſolto e leue,
Offender ouſa hum peito forte e honrado,
Antes de eſpaço as cуда, e lhas eſcreue,
Arrependido agora, e caſtigado,
Paga ao Pereira a honra que lhe deue,
O que tanto ſem conta as contas deita,
Que da lingua nas armas ſe aproueita.

Em Almada parou sem companhia
 Dos seus, e inda nas costas o receo
 Quanto Nunalures de Euora não partia
 Polla apressada noua que lhe veo,
 Que cousas no caminho cuidaria?
 De vergonha, e de medo o rosto cheo:
 Que diriaõ os seus que estauaõ perto,
 Quando escreueo tam liure hum desconcerto?

Huns ao campo del Rey chegaõ fogindo,
 Outros paraõ nos montes destrocados,
 Outros cuidaõ que Nuno os vai seguindo
 E embrenhaõ-se entre os matos leuantados,
 Elle que isto entendeo logo em partindo
 Os seus tem na cidade sossegados;
 Que seguir a quem foge he vãa porfia,
 Que o medo tem mais azas que a valia.

Passaua neste tempo grande aperto
 A cidade que o Rey tinha cercada,
 Tomados os lugares de mais perto;
 E pollo mar com naues atalhada,
 O remedio de todos era incerto;
 Que crescendo o poder da gente armada
 E no Rey peruencões, e diligencia,
 Hia faltando aos poucos resistencia.

Só a terra abundante Transtagana
 O valeroso Nuno sustentaua,
 Que repremindo a furia Castelhana
 Com vitorias aos poucos animaua:
 Mas não bastaua aquella mais que humana
 Fortaleza, que os animos armaua
 A accudir aos portos, que o receo
 Tinha tomado a todos neste enleo.

Que já quasi rendidos ao perigo
Viaõ enfraquecer sua esperança,
Quando a benigna sorte, e fado amigo
Transformou tudo em subita mudança:
E antes de ver deixar ao forte inimigo
Aquella estreita, e dura vesinhança
Renouemos ó Musa na memoria
Hum grande espasso atras da nossa historia.

Aquelle sabedor astuto, e velho,
Que a Nuno conheceo quando se armava
E na pequena hermita deu conselho
Ao Prior valeroso que caçava;
Que nas estrellas como em claro espelho
Os futuros successos contemplava,
Do reyno Portugues, que em tanto aperto
Tinha entre fogo, e agoa o fim tam perto.

Deixando a coua escura, aonde tinha
A morada encuberta em tantos annos
Com o zelo da gloria que conuinha
Ao fim dos claros feitos Lusitanos:
Cuidadoso de ver como encaminha
O cerco, a patria terra, immensos danos
Nouo termo imagina, e modo estranho
De a Portugal tirar jugo tamanho.

Hum espiritu tirou do lago escuro,
Que obedecer custuma a seu mandado,
E sobre elle inuisivel, e seguro
Os ares passa em nuvem transformado;
Da zona fria, e congelado Arcturo
Os negros orisontes tem passado,
E voando atrauessa o mar profundo
Té descobrir no centro hum nouo mundo.

Che-

Chegou á coua estranha do castigo
 Chea de vaõ queixume, e triste pranto
 Ilha do reyno escuro do inimigo,
 Aonde Minos gouerna, e Radamanto:
 Qual Ethna vomitando o fogo antigo
 Entre nuuês de fumo, e luz de espanto
 O ar de espessas treuas se cobria
 Como que nunca aly chegára o dia.

Parou o negro espirito aly diante,
 E achou patente a temerosa entrada;
 Entra na coua o cauto nigromante
 Como quem sabe os passos da morada:
 Sobre hum globo de fogo triunfante
 Vio a ira no meo estar sentada,
 Com hum aspeito feroz, medonho, horrendo
 Ante o qual toda a terra está tremendo.

Negro o cabelo, e crespo que teciaõ
 Venenosas serpentes assanhadas,
 Que mil lingoas de fogo azul lambiaõ
 Daquelle globo ardente leuantadas:
 Raios de enxofre os olhos despediaõ
 Nuuês de fumo, as ventas indinadas,
 Das mãos deitaua ferro, sangue, e fogo
 Com os pès pisaua amor, brandura, e rogo.

Logo em outtros assentos que ficauaõ
 Cercando o tribunal desta inclemente
 Os castigos do mundo se mostrauaõ,
 Cada hum com rosto, e forma differente:
 He sangue, e fogo a terra que habitauaõ,
 O ar sanguineo fumo, espasso ardente,
 E ante todos em pé, sem força ou brio
 Se mostraua o temor palido e frio.

Sem cor o rosto, os olhos inflados,
A boca aberta, os braços descuidos,
Os pés menos seguros, que pezados;
No ar sempre os cabelos, e os ouvidos:
Atropelando bês, honras, estados,
Glorias, bonanças, goslos, e apellidos,
E o mais que sem temór na terra alcança,
Quem não se acanha á vil desconfiança.

Sobre hum tropheo de armas destroçadas.
Pernas, braços, cabeças sobre a terra,
Vertendo sangue em veas desufadas
Se via estar sentada a dura guerra:
Carniceiros os olhos, e indinadas
As juntas sobrancelhas para á terra,
Os dentes apertados, e hum espada
Na mão, de sangue, e fogo desbotada.

Logo a misera fome differente
Com os descubertos ossos diuididos,
E os olhos cintilando tristemente
Nas profundas cauernas escondidos:
Com o frio alento está continuamente
Dibilitando os corpos e os sentidos
Raros cabellos, grossos, e empeçados
A boca branca, os dentes descarnados.

Tras ella aquelle mal triste, e funesto
Té no nome odioso á gente humana,
Que á maior força, e animo mais presto
Abate, accanha, vence, e desengana:
Com turbado, medonho, e frio gesto
Sobre a tumba intratauel, e profana
Respirando da boca o frio alento
Corrompe a vista, a terra, o ar, e o vento.

Ante

Ante ella pardas nuués se enrolauão
 De hum veneno mortifero , e de sorte
 Que os espiritos sem fim que aly morauão
 Em viua pena , estaõ temendo a morte :
 As outras furias della se apartauão
 Como que o seu poder era o mais forte
 De esbulhadas cáueiras tudo cheo ,
 Que inda á terra aonde estaõ fazem receo.

Aly o velho astuto com cuidado
 Do seo tira hum vidro mui pequeno
 Por magicos encantos fabricado
 Aonde o Sol nunca doura o ceo sereno :
 E daquelle ar cruel inficionado
 Enchendo-o de mortal triste veneno
 O esconde no peito ; e já se vinha
 Se huma visãõ estranha o não detinha.

Porque voltando já pola outra parte
 Quatro furias achou com que se enlea
 Que castigaõ do mundo tanta parte ,
 Quanta o mar cerca ; e quanta o sol rodea :
 Por quem honra , valor , juizo , e arte
 Se escurece , se perde , e se recea ,
 Por quem anda a virtude em grande aperto
 O mundo em confusaõ , e em desconcerto.

Vio a inueja infame , e tragadora
 Que os ossos pola pelle descobria
 A cor palida , e verde , e por defora
 Bichos que a roem , e cobras que comia :
 Do veneno mortal que nella mora
 A lingua azul , e verde parecia
 Com os olhos esquinados de ira cheos
 Vigiano de continuo os bés alheos.

Logo estaua a cobiça, que auarenta
Até da terra informe, que aly auia
Com a boca aberta está ao ar que venta,
E com a cede hydropica o bebia:
O peito era outro Euripo na tormenta,
O ventre hum monte estranho parecia,
A vista tam aguda, e tam ligeira
Que o lince não na tem de tal maneira.

No terceiro lugar mais espaçoso
Porém não destes dous muito apartadas
Sobre hum trofeo mui alto, e sumptuoso
Ignorancia, e malicia, achou sentadas:
O rosto mui risonho, e gracioso
Em seus gestos ayrosos confiadas,
Ambas num cetro ás vezes se pegauão,
Mas nunca as mãos, e os rostos apartauão.

O' castigos dô mundo não temidos
Tratados entre nós continuamente,
Peste, e guerra ciuil d'entre os nacidos
Ambiciosa fome, e descontente:
Se como perigosos conhecidos
Fosseis da milerauel cega gente
Mais fugira de vós, mais vos temera,
Que Tesiphon, que Alecto, e que Megera.

Que desejo? que intento? que esperanza?
Que virtude, saber, ou fortaleza?
Que gosto? que interesse? que bonança?
Que titulo? que cargo? ou que nobreza?
Se deseja, se espera, nem se alcança,
Que não atalhe logo com presteza
Qualquer destes imigos vencedores?
Que nem nos ha, nem podem ser maiores.

Arrepellido o velho bem quísera
 Leuar desta peçonha por mais fina,
 Que a da peste odiosa que escolhera
 Para o castigo, e fim que determina;
 Mas de espasmo imagina, e considera
 Que esta será do reyno a mór ruyna,
 E que o fim não daria a tanta guerra
 Quem foi principio della cá na terra.

Torna a voltar, e os ares vem cortando
 Naquella nuvem negra que o rodea
 Se em diametro o Sol o fica olhando
 Naquella região nada alomea:
 Mas em quanto tam liure vai voando
 Que do mar, nem da terra se arrecea
 Tornemos a Nunalures, que ha já muito
 Para o cultume seu que não faz fruto.

Iá com trezentas lanças que escolhera
 Deixa Euora, cidade nobre antiga;
 Porque humia carta o Mestre lhe escreuera
 Por onde o chama, e com razões o obriga
 O vassallo leal que nada espera
 E crê que na tardança amor periga
 Parte a Lisboa, e chega á vista della
 Encuberto dos muros de Palmella.

Tomou da villa a nobre fortaleza,
 Que por Castella estaua aleuantada,
 E entrando nella a gente Portuguesa
 Cobria a noite a terra descuidada;
 Não se esquece Nunalures com destreza
 De dar final ao Mestre da chegada
 Por cubellos, e ameas logo manda
 Fazer fogos que vissem da outra banda.

O Castelhana Rey que não sabia
Os desenhos do nosso Lusitano
Com os seus do campo olhava, e presumia
Que fosse dos da villa algum engano;
Que tudo ao parecer de longe ardia,
E alguns grandes do campo Castelhana
Soccorrer ao castelhana bem quizerão
Se vindo a Aurora as novas não tiuerao.

Tambem de Almada estranha aquelle fogo
Sarmiento, e Castanheda descuidado,
E o valeroso Mestre entendeu logo
Que era o seu capitão já aly chegado;
E inda que o aluoroça aquelle jogo
Pola agua, e pola terra está cercado
Que ir juntar-se com elle bem quizera
Como na sua carta lhe escreuera.

Que viesse apressado lhe dizia
Té Aldea galega occultamente,
Donde com elle fosse em companhia
As transtaganas terras fazer gente:
Porque a tam larga guerra pretendia
Dar fim numa batalha brevemente,
E aprouando o Pereira aquelle intento
Mais depressa partio que o pensamento.

Passa no castello hum, passa outro dia,
E as vagarosas noites sempre armado
Do mar as surdas praias descorria
Ao hospede esperando o conuidado,
Qualquer fraco batel que o mar mouia
Lhe parece que he elle, ou seu recado
Não ha dos seus com frio quem lhe aguarde.
Elle o não sente, e cada vez mais arde.

328 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Era isto na fezaõ que o Sol passaua
Do matador de Oriente o cabo estreito
Quando com brancas neues prateaua
O ceo as caluas ferras sem proueito:
Mas nunca o caualleiro desarmaua
As greuas, espaldar, celada, e peito
Todas as noites vinha a ver a praia,
Esperando que o Mestre á borda sayá.

Vinda a manhã, tornaua-se a Palmella
Queixoso da tardança, e da ventura
Via do campo imigo a gente bella,
E a armada pollo mar liure, e segura:
Ah com quantos cuidados se desfuella!
Que contas faz? que pinta! que affigura!
Anima-o quanto vê; só o acobarda
Em tantas cousas ver que o Mestre tarda.

Hum dia por cantar este cuidado
Sabio com os seus á mente, que era vfança
Aonde hum porco feroz, e denodado
Prouou do braço iroso a forte lança:
E por ser grande em modo desusado
E ter tam perto aquella visinhança,
O mandou ao Sarmento de presente,
Que o mostra receber muy cortesmente.

O escudeiro astuto, e animoso
Que de Nuno o recado lhe offerece
Lhe diz que seu senhor quasi inuejoso
Do que ouue de seus feitos, e conhece:
Está de o visitar mui cobicofo,
E que antes de tres dias lhe parece
Que chegaria a Almada para vello,
Se fóra o esperasse do castello.

A isto

A isto lhe não responde o capitão:

O presente mostrou quanto estimara,
E com hum recado alegre, e cortelaõ
Esquecido já doutro que mandara;
Responde: e manda logo ao Rey Ioaõ
O animal de estranha vista, e rara
Que foi de espanto a todos na outra banda,
E de pouco labor a quem o manda.

Nuno sem mais licença determina
Fazer esta visita de mais perto,
E para o nouo assalto que imagina
Lá poem os seus em armas, e em concerto
Hum dia antes da Aurora matutina
A noite despedir, della encuberto
De Palmela se parte, e chega, quando
O Sol vai já aos montes matifando.

Ante os seus grande espalho se adianta
Por ver que se apressaua o nouo dia
Com tanto feruor vai, com furia tanta
Que se esquece da armada companhia:
Eis quando a villa em armas se levanta,
E a gente enuolta em bandos accudia
Por defender a entrada se ajuntaraõ,
Porque de Nuno as gentes diuilaraõ.

Do cauallo saltou destro animoso
Com hũa lança nas mãos grossa, e pelada
Commete hũa barreira o valeroso
Aonde mais copia vio de gente armada;
Quando com hum brauo impetu furioso
Sobre elle vem com grita embaraçada
As pernas igualmente, e os braços mouem
Pedras, dardos, virotes, lanças chouem.
Elle

Elle qual brauo touro denodado
 Que as garrochas não teme, e vai bramindo
 Por onde o pouo vil, fraco, e turbado
 A cada passo empeça, e vai fogindo;
 Furioso fere de hum, e de outro lado
 Dardos, settas, e lanças despedindo
 De tal forte das forças se aproueita,
 Que não acha entre tantos rua estreita.

Iá tem consigo o forte caualleiro
 Que o perigo maior mais busca, e ama
 Tres, cujo braço, forte, e verdadeiro
 Não he justo que esqueça á clara fama;
 Gil Vaz Sarilho he hum brauo guerreiro,
 Vasco Pires Chacim outro se chama,
 E o primeiro que as pernas pôs mais rijas
 Gil Rodrigues se diz de Santasijas.

Com estes vai seguindo o bom Pereira
 Os que temem seu nome de tal forte
 Que nenhum ha ousado que já queira
 A furia exprimentar do braço forte,
 Trombetas se ouuem já, chega a bandeira
 E indreitando todos para o forte
 Toma outra rua, aly se acende a guerra
 Iá se reuolue o ar, já treme a terra.

Iá chega Nuno ás fraldas do castello
 Aonde os contrarios tomaõ nouo alento,
 Ou fosse o pensamento de prendello,
 Ou lhes desse a vergonha atreuimento:
 Remetem rijamente a combateillo
 Quando com ira estranha, e mouimento
 Sem cautela, sem medo, e sem receo
 Hum homem d'entre os seus saltou no meo.

Leua

Leua logo em chegando hum Castelhana
Numa escuma que tras grossa e pesada,
Dá áos que lhe tem rosto o desengano,
E faz nos que lhe fogem larga estrada;
Paredes, muros tinge em sangue Hispano
Com hum fereza estranha arrebatada
Golpes tira sem medo, e sem compasso
Que a nenhum dos que alcança fica escasso.

Moço de esporas era do Pereira
Este forte, e Lopalures se chamaua,
Que vendo a seu senhor de tal maneira
Mostrar-lhe desejou quanto o amaua:
Não sae do arco a seta tam ligeira
Qual elle entre os inimigos se lançaua
Eis que já a multidão que aly parara
As costas vira, a rua desempara.

Entre estes, que á mór furia vão fugindo
Se vê o Castanheda em passo estreito
Não acerta hum jubaõ que vai vestindo
Porque o tomou a noua inda no leito:
A vitoria Nunalures vai seguindo
Não contente do estrago que tem feito
Quando pela outra parte o pendaõ chega;
E a gente foge já toruada, e cega.

Ao castello se acolhem nesta enuolta
As portas cerraõ logo com mór pressa,
Nenhum a defender-se o rosto volta
Porque o imigo as ruas lhe atrauessa:
Hum por fugir mais leue a lança solta,
Outro ao muro de salto se arremessa
Presos se acharaõ muitos na partida
Muitos feridos mal, muitos sem vida.

Ceuaõ-se nos despojos os soldados
 Metem a sacco a villa liuremente
 Quaes vaõ de leues roupas carregados
 Quaes de armaduras de aço rezulente:
 Quaes leuaõ os ginetes cobichados,
 E os desejos dos donos juntamente,
 Que o que a vida escapou de tal perigo
 Affaz fez quando a si leuou consigo.

Recolhe Nuno os seus sem grande dano
 Sómente alguns feridos da peieja,
 Poem-se á vista do campo Castelhano
 Porque o contrario Rey armado o veja;
 Aruorar lanças manda o Lusitano
 Faz que a bandeira ao vento solta esteja,
 O Rey que o caso estranho naõ conhece
 O Sarmento chamou que aly se offerece.

Ou fosse imaginar, que em tal sezaõ
 Nuno Alures vir buscallo naõ podia
 Ou lhe esquecesse o termo cortelaõ
 De esperar a visita aquelle dia:
 Perdeo a desejada occasiaõ
 Que outrem mais desejaua, e pretendia,
 E porque logo as gentes conhecera
 Preguntando-lhe o Rey, disse quem era.

Depois vendo-o ficar como assombrado
 Dando-lhe a elle a culpa de tal feito
 Naõ sejaís, diz, senhor disso espantado
 Que a capitães, nem Reys guardou respeito:
 E cada hora do dia aquelle ousado,
 Menor que o coração que traz no peito
 Viera a vossas tendas sem receo,
 Se naõ ficara o mar posto no meo.

Crecem nisto as razões, cresce a perfia
De que o forte Pereira goza a gloria,
Que a COUNA vem jantar aquelle dia,
E aos seus larga os despojos da vitoria:
Mas tornemos ao velho, que trazia
Para aquella obra a nós tam meritoria
O venetico vidro tam guardado,
Que ao arraial com elle era chegado.

No silencio da noite escura, e cega
As tendas mais humildes visitando
Do estigio licor que a vida nega
Vai por occultas partes derramando:
De modo o ar corrompe aonde chega
Que erua, ou planta que toque está secando,
E a terra aonde respira este ar corruto
Nega ás plantas a flor, nega-lhe o fruto.

Parte-se em dando fim a aquelle intento
Para o lugar occulto aonde moraua;
Nasce o dia, começa o sentimento
Da miserauel gente a que tocava:
Aqui sae hum ferido, e macilento
De cujo alento aly outro espirava,
Acola outro cae, outro o soccorre:
Que sem poder valer-lhe a seus pés morre.

Passa hum, passa outro dia, e vaõ passando
Muitos em que este fogo mais se atea
As tres irmãs não cessão de ir cortando
Cloto, e Lachesis dura, Atropos fea:
O Rey que neste estado miserando
Vê que aventura mais do que grangea,
Leuanta o arrayal com pressa estranha
Crendo que o que aly salua, isso só ganha.
Aly

Aly deixa o Sarmento sepultado
 Não menos valeroso que arrogante
 Do reyno de Galiza Adiantado
 Na guerra, e para a paz muito importante:
 O Velasco tam nobre como ousado
 Camareiro maior do Rey possante,
 De Santiago o Mestre sem respeito,
 E outro que depois d'elle fora eleito.

Aly dom Fernaõ dalures de Toledo
 Marichal de Castella, que primeiro
 Este titulo teue, e deixou cedo,
 De Touar Fernaõ Sanches bom guerreiro:
 Guarda maior del Rey, que hum tempo ledo
 Gozaua da vitoria, que primeiro
 Teue daquella armada, que ao graõ Nuno
 Fugira sobre as agoas de Neptuno.

E outros que aqui contar fora infinito
 De sangue illultre, e peito valeroso,
 Que aquelle ar das cavernas de Cocito
 Tam tristemente trouxe a fim forçoso:
 E como se tiuera algum prescrito,
 E certo termo hum mal tam venenoso,
 Nenhum Portugues preso, nem vencido,
 Nem vesinho do campo foi ferido.

Manda pôr fogo o Rey naquelle assento,
 E terra contra a morte mal segura
 Ardem quintãs, e casas de Sam Bento
 Na mór força, e temor da noite escura:
 O som vaõ das trombetas fere o vento,
 Tangem roucos tambores de mistura,
 Quão a noite he mais triste, e mais cobarde
 Mais se ouue tudo, e tudo mostra que arde

Num quieto repouso então durmia
Nuno em hum alta torre de Palmela,
Quando o acorda gritando o que vigia,
Que está fazendo a quartos cintinela:
Dizendo que a cidade em fogo ardia
Que hia grão chama, e grande estrôdo nella
O capitão confuso do que ouuira
Toma armas, chama os seus, ardendo em ira.

Vio o incendio grande, e leuantado
Cuidou que era treição ao Mestre feita,
Passar o mar intenta embaraçado,
Se o perigo das horas não respeita:
Toda a noite passeia sempre armado
Que imagina? que diz? que contas deita?
Té que a fermosa aurora alegre os montes
E Apolo vem dourando os Orizontes.

Com o dia appareceo seu claro engano,
Sem offensa Lisboa, e sem receo
Aleuantado o campo Castelhana,
Mas de velas o mar ornado, e cheo:
Einda o Sol sobre as agoas de Oceano
Doura o cabelo ás filhas de Nereo
Quando hum correo seu ao Mestre chega
Que com faltar o imigo não socega.

Manda pedir licença, e já lhe peza
Não ir tomar-lhe o passo diligente,
Por dar vingança á terra Portuguesa
E desengano á aquella armada gente;
Mas quer acharse o Mestre nesta empresa,
Se o não atalha intento differente,
Manda, sem seu recado que não parta.
O quanto peza a Nuno desta carta?

Tardou o Mestre, o Rey foi caminhando,
 O capitão espera, e desconfia,
 Passos, horas, momentos vai cortando,
 Aonde o Mestre vira, e o Rey seria;
 E sem nunca ir em si defenganando
 Aquelle ousado intento que trazia
 Polo estoruo, e causas que imagina
 Ir buscallo á cidade determina.

Com os seus a todo o risco costumados
 Parte humna madrugada alegre, e branda
 Toma bateis ligeiros, e equipados
 Para passar do Tejo á outra banda:
 E dentre aquelles seus fortes, ousados
 Que no batel consigo meter manda
 Hum escudeiro aliaz prudente, e forte
 Antes de entrar, lhe falla desta sorte.
 Valeroso senhor, cuja ousadia
 Já mais foro pagou ao vil receo,
 A cuja sombra, a cuja companhia,
 A cujas obras mais que á sorte creio:
 Que a armada Castelhana vos prendia
 Sonhei de noite hum sonho escuro, e feo,
 Vejo que eis de passar por junto a ella,
 Quiçais que he isto alguém que mo reuella.

Suspendei senhor hoje esta partida,
 Se eu confiado assi pedirvos posso,
 Que o perigo menor de vossa vida
 Será o fim de todo o esforço nosso:
 Lembrar isto o temor não me convida,
 Nem respeito menor, mais que o ser vosso,
 Não são desejos vis, baixos, cobardes,
 Que eu quero passar só se vos ficardes.

Seguro o capitão lhe respondeo
Risonho o rosto, alegre, e sem mudança,
Não creio inspiração se não do ceo
Nelle está minha vida, e confiança:
Pois a vós só tal sonho commoueo
Ficai, que a vós fazia esta lembrança,
Mas eu por vossa parte me enuergonho
Que quê não teme os homens, tema hũ sonho.

No batel salta, e manda liuremente
Ficar em terra a este que o seguia
Por mais que o roga ei fim não no consente,
E elle a seguilo a nado arremetia:
Na praia fica triste, e descontente
Vendo partir alegre a companhia
Era o mar leite, os ventos não seprauão
Ao som do remo as ondas se calauão.

Passa por entre a armada de Castella
E por não parecer que hia escondido
Depois de a seu sabor passala, e vella
Manda tocar trombetas o atreuido:
Eis que já se reuolue a gente della
Subito se ouue o nautico alarido,
Polas cubertas sae gente infinita,
E os remeiros dos barcos lhe dão grita.

Deixo o aluorço grande, e alegria
Do senhor que ante si vê tal vassallo,
E a que o Pereira illustre aly teria
De o ver, de lhe fallar, e de abraçallo:
As palauras de amor, e cortesia.
Os termos costumados, que aqui callo
Nuno já a seus intentos lugar pede
O Mestre lhe dilata, e lhe concede.

Mas

Mas hia já marchando o Castelhana
 Para fora do reyno, e do perigo,
 Que he conselho sem falha, e sem engano
 Fazer pontes de prata ao inimigo:
 Que inda que recebesse perda, e danno
 Podia ser aos nossos graõ castigo
 Affi deixou Nunalures sem seu gosto
 Aquelle firme ousado profuposto.

Torna com os seus guerreiros esforçados
 A sustentar a sua antiga empresa,
 Despedem-se saudosos, e abraçados
 Os columnas da patria Portuguesa:
 Nos ligeiros bateis aparelhados
 Entra o famoso exemplo de firmeza,
 E quando o Sol as ondas douro elimalta.
 De Montijos na praia em terra salta.

Por Palmela passou aonde já tinha
 O castello com guarda, e com recado
 Passa a noite em Setuual, e caminha
 Para Euora seu posto costumado:
 A recebello o pouo todo vinha
 Com alegria estranha aluoraçado
 Nos rostos, lingoas, e animos se entende
 Viua o bom capitão, que nos defende.

Aly esteue alegre, e satisfeito
 De ver nos naturaes tanta amisade
 Seu desejo ao pouo todo aceito,
 E armado a defender a liberdade:
 Mas como não descansa o brauo peito
 Sem obrar de continuo esta vontade,
 Já vai contra Portel villa arrogante
 Para a Fronteira então muito importante.

O esforçado Souza a defendia
Fernaõ Gonçalves proprio senhor della,
Com muita gente illustre, e de valia
Dos mais nobres guerreiros de Castella:
Outro Mestre dom Pedro, e dom Garcia
Que em offender aos nossos se desuella,
Tanto Nuno se cansa, e iragina
Que entrar hum dia a villa determina.

Por dous apaixonados meradores
Hũa porta dos muros lhe foi dada
Entraõ subitamente os vencedores
Huma manham quieta, e descuidada
Despidos vaõ segindo os defensores
Que a Villa deixaõ já desamparada
Aceolhem-se com gritos ao castello,
Mas o Pereira ordena combatello.

Por concerto lho entrega o forte Souza,
Jurando os bons de Nuno juntamente,
De naõ levar daly nenhuma cousa
Deixando os ir com tudo liurementemente:
Nuno que em tais materias naõ repcusa
De tudo o restitue em continente
Poem-nos em saluo, e toma a fortaleza
E entrega-a logo á gente Portuguesa.

Teue nouas que em Eluas levantauaõ
Bandos seguindo a parte de Castella,
A ella chega, e sabe os que culpauaõ,
E mandando-os ao Mestre, os tirou della:
Vio dos seus entre as armas que leuauaõ
Ou fosse com descuido, ou com cautella
Huma espada, e huma cota de valia
Que o bom Fernaõ Pereira aly trazia.

Voltou-lhe iroso o rosto, porque entende
 Que a trouxe de Portel delle escondida,
 E com palauras asperas reprende
 Quebrantar-lhe a palaura prometida:
 O irmaõ com o silencio se defende
 Do bello rosto a cor quasi perdida;
 O' estranha nobreza, ó claro effeito
 De hum forte capitaõ, de hum nobre peito.

Tanto sente esta afronta o caualeiro
 Que naõ muda já mais della o sentido
 De hum irmaõ tam leal, tam verdadeiro
 Tello por cobiçoso, e fementido:
 Tambem peza a Nunalures de ligeiro,
 Pola mesma razaõ, tello offendido
 Muda as razoens, e ás queixas muda o posto
 Por ver ao charo irmaõ mudado o rosto.

Ah interesse vil baxo inimigo,
 Que em vaõ contra a virtude te engrandeces
 Quaõ certo he na vergonha o teu castigo!
 Quando o rosto descobres, e appareces;
 A vida, a honra, o ser poës em perigo,
 Nem dás vida, nem ser, por mais que creces,
 E se sustentas, fartas, e das vidas
 Digaõ de teus lououres Crasso, e Midas.

C A N T O XI.

*Vai dom Nuno Alures sobre Villa-viçosa, mo-
uido de alguns recados que dos moradores tene:
Na entrada da porta morre o valeroso Fernão Pe-
teira: Conta-se o estranho sentimento de seu ir-
mão: Finge-se hum sonho que tene na villã de
Borba, em o qual se lhe mostra sua alta descen-
dencia: Enterra o corpo morto em Estremos:
Manda liurar a Alvaro Contado, que leuão pre-
so ao campo del Rey de Castella: Vai visitar
ao Mestre.*

COM o felice successo, que a ventura
Nas obras de Nunalures prometia
Iá a Portuguesa gente se assegura
Pisando a fugeição, que antes temia;
Qualquer castello, ou villa, já procura
Valerse de seu braço, e ousadia
Iá de Villa viçosa antigua, e nobre,
Este desejo a terra lhe descobre.

Mandaõ-lhe auiso alguns secretamente
Que se com os seus a ella fosse armado
Lhe dariaõ a entrada facilmente
Para a villa, e castello ser tomado,
Aonde está de Castella a melhor gente,
Com o Alcaide ao Mestre rebelado,
Nuno logo á conquista se offerece,
Que a menores offertas obedece.

De Eluas fae com os seus na dianteira
 Para o que a seus defejos tanto importa;
 Mas quebra incauto a aste da bandeira
 O Alferez atraueſſando a porta:
 Vendo hum agouro aly deſta maneira,
 Deſconfiada a gente, e quaſi morta
 Voltai ſenhor, lhe diz, que he ſer prudente,
 Pois vos auifa o ceo tam claramente.

Mas elle que os agouros tinha em nada
 (Qual Claudio que o das aues não curou
 Que em lhe contradizendo outra jornada
 Entre as agoas do Tibre as ſepultou,
 Alcançando a vittoria deſejada
 Que contra os ſeus preſagios procurou)
 A bandeira noutra aſte pregar manda,
 E aos ſeus eſforça, e diz nella demanda.

Como? aſſi receais ſem fundamento
 Companheiros leais eſta partida?
 Quereis que nos eſtorue o vencimento
 Huma couſa incapaz de ſer temida?
 No que foi ſó do Alferez deſatento
 Conſiſte por ventura a noſſa vida?
 Sabei (ſe inda ignorais eſte ſegredo)
 Que he autor dos agouros ſempre o medo.

Pois como pode ſer que em vos ſe veja
 (Se vencido não for) eſte inimigo,
 E quem não teme os riſcos da peleja
 De ſombras vãs, não teme o vaõ perigo:
 Todos conſentem já no que deſeja,
 Mais dos com que partio leua conſigo,
 No Arrehal deſcanſa a noite fria,
 E parte antes que o Sol lhes moſtre o dia.

Não ha rumor que entre elles se aleuante ,
 Que o silencio lhes era encomendado ;
 Mas a ligeira fama que diante
 Com esta noua á villa tem chegado :
 Faz que com preuenção muito importante
 Esteja o inimigo acautellado ,
 A porta aberta , a terra posta a ponto ;
 E os soldados que ha nella são sem conto .

Fernão Pereira a todos se adianta
 Com Aluaro Coutado o bom guerreiro
 Que como aos dous nenhum perigo espanta
 Cada hum naquelle entende ser primeiro :
 O rayo não deceo com furia tanta
 Como o mancebo ousado vai ligeiro
 A prouar com os contrarios a ventura
 E buscar entre as lanças sepultura .

Tem huma porta a villa nobre , e bella
 Com hum estreito vão antes da entrada
 De abobeda mui forte , e feita nella
 Huma aberta enganosa , atreçoada ,
 Aonde a guerreira gente de Castella
 Tem para a defender , sempre encerrada
 Pedra , e mais monições com que a soccorre
 E o nome inda hoje tem porta da torre .

Aly aonde era a parte prometida
 Os nossos chegam já com grande pressa ,
 E vendo a porta aberta , e defendida
 Fernão Pereira a ella se arremessa
 A nenhum dos que encontra deixa vida
 O reboliço , e grita já não cessa
 Setas , dardos , e pedras , e alaridos
 Vão atroando as almas , e os ouvidos .

E a traueſſando o vaõ daquelle entrada
 A cuſta do que armado lha defende,
 Dando tam feros golpes com a eſpada
 Que o que fugir não ſabe, ſe arrepende:
 Dê ſobre a falſa porta huma peſada
 Pedra, com grande furia os ares fende
 Dâ no mancebo, o elmo de aço parte
 Cae ſem vida aquelle ouſado Marte.

Com ſangue os roſos beĩços ſe cerrauão
 Inda inuocando o filho de Maria
 Com os eſpíritos vitaes que ſe apartauão
 Na terra os fortes braços eſtendia:
 Aos imigos ſoldados, que o olhauão
 A dor, receo, e eſpanto commouia;
 Metem na villa o corpo ſanguinoſo,
 Que outro não tinha Eſpanha tão ferinoſo.

Bem junto á elle eſpira hum eſcudeiro
 Seu, que ſeguindo-o foi forte atreuido
 Mas Aluaro Coutado que ligeiro
 Fogio da pedra entraua aſſaz ferido;
 E faltando-lhe o forte companheiro
 Que pelejando aſſas ficou rendido
 Já chega Nuno; a gente a porta cerra
 Que de ira acende o ar, e come a terra.

Sabe do charo irmão tam triſte noua,
 Só ſe arremeffa ás portas de indinado,
 Mas a gente magnanima lho eſtroua,
 Que o tem dos fortes braços ſubjugado:
 Não ha razaõ que o vença, nem que o moua;
 Que o tem a ira, e dor defatinado,
 Porém he já forçada a paciencia,
 Que não val contra as portas reſistencia,

Dellas

Dellas se aparta iroso, e descontente
 Com o rosto baxo, os olhos inclinados
 Os seus chorando todos tristemente,
 E o pendaõ arrastrando os verdes prados:
 Nenhum se ouue fallar, nada se sente
 Senaõ sospiros tristes magoados
 Em Borba aquella noite se apousenta,
 E aly nouo cuidado o atormenta.

Naõ perde hum só momento do sentido
 O peccado do irmaõ, que commetêra
 Quando contra o contrato prometido
 De dom Garcia as armas escondêra:
 Crendo que por perjuro, e fementido
 Tam aspero castigo o ceo lhe dera
 Cansou-lhe tanto a dor a fantasia
 Que sobre o leito armado se dardia.

Iá alta noite á hora mais serena
 Dormindo ouue hũa voz doce, e suaue
 O forte Heroe (diz) suspende a pena
 Desse cuidado vaõ, pesado, e graue;
 Que quem do ceo na terra tudo ordena,
 E só de seus segredos guarda a chaue
 Quanto o juizo humano naõ comprehende
 Té guarda, te engrandece, e te defende.

Nisto huma claridade mais fermosa
 Que a do Sol, polos olhos lhe passaua;
 E huma terra contente, e graciosa
 Via na casa estreita aonde poufaua:
 Chea de fontes, de aruores viçosa
 Em cujo meo hum alto templo estaua:
 De marmore luzente, e jaspe duro
 Guarnecido e laurado de ouro puro.

Sobre

Sobre columnas mil ao ceo subia
 De estranha obra, de estranha architectura,
 O cume entre as estrellas se escondia,
 Que a vista não chegaua a tanta altura;
 O assento na terra se estendia
 Onde obra não fizeraõ tam segura
 Meleagenes, Sugilas, Hermodoro
 Ctesifon, Zenodoto, Apolodoro.

Hum espirito luzente, e cristalino
 Dando-lhe a mão, do leito o aleuanta,
 E para o alto templo peregrino
 Guiando hum pouco espasso se adianta:
 Abre hũa porta estranha de aço fino,
 Que outra não fez Epeo de arte tanta
 A hũa falla o leua illustre, e bella,
 Que nunca Nero a teue como aquella.

Encima do portal tinha entalhada
 A Fama, justo premio das grandezas
 Sobre hum escudo de armas leuantada
 Com hũa cruz entre as quinas Portuguezas:
 A sala alegremente alumiada
 Com estrellas do Sol continuo acesas,
 As paredes em quadros de pinturas
 Com diuerfos retratos, e figuras.

Aly tomando a Nuno a mão direita
 O varaõ mais que humano, lhe dizia,
 De quem tanto hoje a terra se aproueita
 Quanto para outra idade o ceo confia;
 Esta tristeza vam agora engeita
 Que esperando te está noua alegria
 Que a teu nome famoso o ceo propicio
 Hoje a pedra lançou neste edificio.

Naõ foi a com que a gente Castelhana
Deu ao famoso irmaõ mortal ferida,
Cuja inuejada morte defengana
A quem sem gloria estima muito a vida:
Foi o sangue da estirpe mais que humana;
De Deos para altas obras escolhida
Derramada nos muros que alevanta
A teu immortal nome, a fama santa.

Aqui será eterno o claro assento
De teus tam poderosos descendentes,
Cujo alicesse, e cujo fundamento
Neste irmaõ começou que agora sentes:
Alegra-te, e desterra o sentimento
Abre os olhos, tégora descontentes
Verás varões, e heroas soberanos,
Que haõ de ver os futuros Lusytanos.

Nuno com gosto igual, e ligeireza
No que fallaua, a vista aslegurou
Que com aquella luz contino aceza
Marauilhas naõ vistas lhe mostrou:
Todas com tanta graça, e tal viueza,
Que a natureza da arte se espantou,
E no painel primeiro que apparece
A filha Beatriz naõ desconhece.

O bello rosto aly mais venerando,
No qual huma luz grande se acendia
Voltaua ao charo esposo, doce, e brando,
Que alegremente a maõ lhe offerecia:
Hum trofeo immortal estão pisando
Que os leuantaua a ambos; e os subia;
E o espirito que a Nuno aly guiára
Desta sorte as pinturas lhe declara.

Esta que ves ó forte Lusytano
 He aquelle alto ramo que escolheo
 De tua stirpe o braço soberano,
 Donde colheffe flores todo o ceo:
 Este esposo que tem altiuo, e vfano,
 No que em teu nome, e obras mereceo,
 Filho he do Rey, que agora te afeiçoa,
 A quem cedo darás cetro, e coroa.

Este terá de ti famosa herança
 Que com o real sangue ennobrecida
 Vencerá tempos, fados, e mudança
 E a teu nome dará perpetua vida:
 Será Duque primeiro de Bargarça
 Terra a teus descendentes escolhida,
 Será forte, magnanimo, e ditoso
 Verdadeiro, catholico, e famoso.

Della, e deste varaõ ditoso, e claro
 Ha de nacer a gente mais que humana;
 Que o alto ceo promete para amparo
 Da antigua, e nobre terra Lusytana:
 Logo o ves com esforço grande, e raro
 Pelejar contra a gente Mauritana
 De quem o pai com justa, e santa guerra
 De Iuliaõ entregue, cobra a terra.

Tambem neste painel que está diante
 O ves em ciuis guerras occupado
 Contra o incauto irmaõ, misero Infante
 Dos seus indoutamente aconselhado:
 Que ao Rey sobrinho, e genro tam possante
 Nega o respeito, e foro costumado.
 O morte triste, ó caso duro, e feo
 O memoria de Cesar, e Pompeio.

Iá neste tempo tem por companhia
 Constança de Noronha illustre, e bella
 Do Conde de Gijon filha primeira
 Neta do Rey Henrique de Castella:
 E do Rey Portugues, que a derradeira
 Por herdeira deixou do reyno, e della
 A quem por meo occulto a sorte priua
 Não lhe sendo no alheo reyno esquiua.

Deste primeiro Duque Affonso, aonde
 Teu sangue irá sobindo sem detença,
 O valeroso filho não se esconde,
 Que ao pai não fez no nome differença:
 Este sendo por ti famoso Conde
 Affonso o Rey Marques faz de Valença
 Titulo que em grandeza acrecentára
 Se a parca antes de herdar não no atalhára.

Atenta aqui verás que em terra estranha
 Dá de feu graõ valor proua estremada
 Leuando a Federico de Alemanha
 A ditosa consorte, e desejada:
 Com deuota afeição que o acompanha
 Peregrinando a terra mais sagrada
 Corre outras regiões, climas, e assentos,
 Até tornar aos patrios aposentos.

Funda o castello illustre, e levantado
 Que do de Magdalena não se esquece,
 Fortifica os lugares com cuidado,
 Que já por seus na patria reconhece:
 Faz de Ourem alta o templo celebrado
 Que com despojos santos enriquece
 Té que com os seus, da vida transitoria
 A todos deixará queixa, e memoria.

Que

Que antes que o Duque perca a luz do dia,
 Já gozara do filho a sepultura,
 Que bem viuer na terra merecia
 Quanto o mundo durar, e a fama dura:
 De huma illustre dona, e de valia
 (Que hum mau successo faz de sorte escura)
 Outro Affonso auerá muy generoso,
 Que o nome a Portugal faz mais fermoso.

Ves delle a clara estirpe se derrama
 Que aqui vai neste quadro retratada;
 Do Vimioso a casa, cuja fama
 He graõ tempo dos fados inuejada,
 A quem Minerva, e Marte tanto ama,
 Que ella o escudo lhe dá, elle a espada,
 Mas no que o mundo tem, busca, e respeita
 Naõ lhe dará a ventura a maõ direita.

Olha verás Fernando, que a herança
 Terá do pai, e irmaõ, que nelle goza
 Duque segundo a casa de Bragança,
 E primeiro Marques Villa viçosa;
 Cuja alta geração, cuja lembrança
 Inda a pezar da inueja vigurosa,
 Entre varias nações, e varias gentes,
 Eternos fará ser seus descendentes.

Ves que na tenra idade florecente
 De Arrayolos por ti tendo o Condado,
 Cae no valo, a braços juntamente,
 Com o valero Mouro subjugado:
 Estando defensor na Lia ardente,
 E fronteiro de Ceita celebrado
 Aonde sua memoria em largos annos
 Guardáraõ sempre os muros Tingitanos.

Esta he a esposa illustre, quanto bella
 Dos Castros honra, e luz, dona Ioanna,
 Que rayos deitará de clara estrella,
 Com que engrandece a terra Lusitana:
 Mas hum Fernando altiuo nace della
 Que ao mais seguro estado desengana,
 Com mudanças do tempo, e da ventura,
 Nos quaes não pode auer cousa segura.

Este Duque terceiro dom Fernando
 Mais magnanimo, e forte, que ditoso:
 Por quem triste a consorte está chorando,
 E o Rey, ou enganado, ou sospeitoso:
 Virá a pôr neste estado miserando
 O Reyno em varias partes duuidoso,
 Que quando sopra o vento duro imigo
 O mais alto lugar he môr perigo.

Fere primeiro o rayo furioso
 Os leuantadões montes, que a planura,
 E quando o mar cruel tempestuoso
 Menos o maior peixe se assegura:
 Perde o Duque tam claro, e generoso
 Em hum momento a vida, e a ventura
 Porque o mao proceder, e peito alheo
 Traz ao Rey em perigos, e em receo.

Esta a que volta o rosto tantas vezes
 Sendo de Guimarães Duque estimado
 Dona Lianor illustre he de Meneses,
 Filha de Pedro o Conde celebrado:
 E estoutra que chorando largos meses
 Tem na corrente o Lena acrescentado
 He Isabel do proprio Rey cunhada
 Que viuua a deixou desemparrada.

Este he' o valeroso , e forte irmaõ
 Marques de Monte mór , que o peito altivo
 Mostrara com valor , e opiniaõ
 Se lhe naõ fora o fado , e tempo esquivo:
 E sem deixar na terra geraçaõ ,
 Mas o seu nome só inteiro e viuo
 O espirito soltará na terra alhea ,
 Porque da patria propria se arrecea.

Ves dom Affonso illustre , que primeiro
 Conde será de Farao conhecido
 Deste Fernando irmaõ , mui verdadeiro
 Magnanimo , excellente , e mais valido:
 Esta que o faz do Conde Sancho herdeiro
 Escolhendo-o na terra por marido ,
 He Maria Condessa , illustre , e bella
 Dos Noronhas reais famosa estrella.

De Odemira , com o seu cobra o Condado
 Dando a tal nome assi mór esperanza ;
 E enche de flores todo o reyno amado
 Este ramo da casa de Bragança:
 Por hum sexo e por outro derramado
 Quanto a vista cõprende , e quanto alcança ,
 Que vaõ com nome , e gloria sustentando
 Dous Sanchos , hũ Francisco , e hũ Fernando.

Dona Guiomar de Castro esta se chama ,
 Que na terra aonde está fica estrangeira ,
 Que por belleza illustre , sangue , e fama
 Foi do Infante Fortuna companheira ;
 Dona Mecia estoutra , illustre dama
 Naõ menos gloriosa que a primeira ,
 Medina Celi alcança por Duqueza ,
 Exemplo de valor , sangue , e nobreza.

Estes varões que ves claros lustrosos,
 Que cada hũ tem seu nome em outro escrito,
 São Condes, Bispos, e homẽs valerosos
 De virtude, saber, braço, e de espirito,
 Cujos feitos tam claros, tam famosos
 Quererte aqui contar fora infinito;
 Mas outro irmaõ verás destoutra parte,
 Honra de Astrea, e gloria do Deos Marte.

Ves aqui estã com a vara governando
 Com coraçãõ igual, com rosto inteiro
 Que he do primeiro Duque dom Fernando
 Dom Aluaro tambem filho terceiro:
 No qual estã Tentugal esperando
 Para alta geração Conde primeiro,
 Cuja illustre progenia altiva, e bella
 Portugal goza, e honrará a Castella.

Este he o filho amado dom Rodrigo
 De Ferreira Marques claro, e famoso,
 Dom Iorge o charo irmaõ leua consigo,
 Que de Gelues será Conde animoso:
 Mas olha as irmãs claras, que eu me obrigo
 Que teu sangue auerás por venturoso
 Dona Isabel de Castro não te esqueça,
 Que he de Benalcaçar a Condessa.

Ves della a toda Hespanha enriquecendo
 Com o fruto deste ramo florecente
 Como os Duques de Bejar vem nascendo,
 Tambem os Duques de Alua, e outra gente;
 Toda esta terra estranha que estás vendo
 O fruto occupará desta semente.
 Dona Beatriz estoutra he de Vilhana
 Honra da patria terra Lusytana.

Ves de Coimbra Duque o claro esposo
 Filho do Rey segundo dom Ioaõ,
 De Santiago, e Auis Mestre famoso,
 Que a forte espada tem na destra mão:
 De cujo sangue illustre, e generoso
 Terá principio a illustre geração
 Daquelle exemplo raro, e verdadeiro
 De honra, sangue, e valor Duque d'Aueiro

Ves que de Aluaro nasce outra Maria,
 Condessa á Portalegre desejada,
 Que tem da illustre gente clara, e pia;
 Dos Sylvas Lusytania fameada;
 Com Ioaõ Conde illustre, e de valia
 Esta dama que ves será casada,
 E delles naceraõ com mil lououres
 Venturosos, e illustres successores.

Ves Beatris tam clara e tam fermosa
 Do primeiro Fernando filha amada,
 Que com o Marques primeiro da famosa
 Nobre villa Real será casada;
 Cuja pro genie illustre, e venturosa
 Será por largos annos dilatada,
 Enchendo a terra alhea, e largos mares
 De varões entre os homens singulares.

Estes que armados vão destouta parte
 Gloria da nossa antigua Lusitana,
 Honra de Apolo, inueja do deos Marte,
 E flagelos da infinita Mauritania;
 Que haõ de extinguir no mundo tanta parte
 Da Mahometica, immunda, e vil cizania,
 Saõ tais, que sua fama eu afrontára
 Se tam depressa aqui delles contára.

Olha as irmãs de traje differente
Dona Guiomar se chama esta primeira
Condeſſa de Loulé clara excellente
De Henrique deſejada companheira :
Dama , eſpoſa , viuua em continente
He Catherina eſtoutra derradeira
A quem a morte aborrecida , e calua
O ſeu Conde tirou de Marialua.

Verás outro painel que eſtã moſtrando
De armas negras veſtido hum caualleiro ,
Que he do terceiro Duque dom Fernando ,
E de Iſabel , dom Gemes claro herdeiro ;
Com o tio Rey á parte eſtá fallando
Que lhe entrega os eſtados por inteiro
De que o priua outro Rey que injuſtamente
Executaua a ira no innocente.

Cá aonde o ves com os Mouros na peleja
Com magnanimo eſforço , e braço ouſado
Aruora eſte pendaõ da ſanta Igreja
No Barbarico muro naõ domado :
Toma a forte Azamor , que aſſi deſeja
O Portugues imperio dilatado ,
Que fique o Rey , e Ceo mais ſatisfeito
De ſeu famoso braço , e de ſeu peito.

Eſta a quem dá a maõ , e tira a vida
Por huma temeraria vam ſoſpeita ,
(Que em tam altos fugeitos concebida
De razaõ , nem de modo ſe aproueita)
He Lianor , que a ſorte fementida
Poem netta condiçaõ miſera eſtreita ,
Filha do Duque illuſtre , e verdadeiro
Que a Medina Sidonia he terceiro.

256 O CONDESTABRE DE PORTUGAL:

A segunda que ves logo he Ioanna
Do tronco dos Mendoças ramo nobre,
Que enche de fruto a terra Lusitana
Como todo este quadto te descobre:
Mas acabando estoutro donde mana
A geração que aqui não se te encobre
Olha outro filho illustre de Fernando
Que vai teu sangue, e nome acrecentando.

O claro dom Dinis de Lemos Conde
A quem o sobrinho, a filha faz Duqueza
Cuja bella progenia não se esconde
Da Castelhana terra, e Portuguesa:
O filho dom Fernando he este aonde
Condes de Andrada apurão a nobreza,
Dom Affonso he estoutro, que tens visto
Comendador maior da cruz de Christo.

Deste ves a consorte desejada
Neta de Pedro o bom Marques primeiro,
Do claro dom Diogo filha amada
De quem o mesmo Affonso fica herdeiro:
Tecendo a geração tam venerada
Que abonará seu nome verdadeiro
Com os varões que o ceo já lhe aparelha,
A que affinala a cruz branca, e vermelha.

Ves de Dinis a filha generosa,
Que a Saboya espantou, dona Mecia
Condeffa de Salon, bella, e fermosa;
Que ver a patria cá não merecia:
Olha Lianor não menos venturosa,
Nem menos grande em partes, e em valia
Condeffa desejada, illustre, e bella,
Que a não tem Ribadauia tal como ella.

Ves a Antonia tambem discreta, e bella
 Filha que de Dinis te estou mostrando,
 A quem sorte fatal, benina estrella
 Deu ao Coutinho illustre dom Fernando:
 Marichal venturoso, que com ella
 Irá seu nome, e estado aleuantando,
 E com os descendentes desta dama
 Crecerá seu louuor na voz da fama.

Mas volta os olhos cá com a esperanza
 Deste vindouro seculo, e ditoso
 Verás Duque a Barcellos, e a Bargarça
 Theodosio tam claro, e tam famoso
 Cujo nome immortal, cuja lembrança
 Não poderá vencer tempo inuejoso
 Honra do reyno amado, que o deseja,
 E dos estranhos Principes inueja.

Este herdeiro de Gemes tam valido
 Com tantas excellencias estremado
 No reyno em santa paz enriquecido,
 Mais acrecentara seu grande estado:
 Faz-se por todo o mundo conhecido,
 E ao ceo mais aceito, e mais amado
 Na casa, e na capella, illustra, e rica
 Reforma, illustra, funda, e edifica.

Esta dama primeira a que offerece
 A generosa mão como está vendo,
 He Isabella illustre, que merece
 Mais do que lhe está a sorte prometendo;
 Filha de dom Dinis se não te esquece
 O que d'elle te fui mostrando e lendo
 Estoutra he Beatris clara, e altiua
 A quem do Duque amado a morte priua.

Cã verás Isabel ditosa Iffante,
 Que do ceo tem na terra tanta parte,
 Com o alto esposo seu que tem diante
 O valeroso Iffante dom Duarte;
 Taõ amado do Reyno, como amante,
 Que tudo justamente o Ceo reparte,
 Cujã morte custosa aos Lusytanos
 A patria chorará muy largos annos.

Verás Gemes, Fulgencio, Constantino
 Filhos tambem de Gemes Duque oufado,
 Cada hum por varias obras perigrino,
 E o terceiro tam alto, e celebrado,
 Passa no humido reyno Neptunino
 E no que tem aos nossos subjugado
 Tanto com santo zelo se engrandece
 Que idolos pisa, e ouro desconhece.

Este he Theotonio aquelle espelho claro
 De virtude, nobreza, e de prudencia,
 Cujã religiaõ, e exemplo raro
 Fez da alta dinidade penitencia,
 Das nações estrangeiras doce amparo,
 Da nossa natural noua excellencia
 De Euora Arcebispo, e dino juntamente
 Da Cadeira de Pedro penitente.

Attenta este painel, e olha á Ioana
 Que ves do esposo seu contente, e leda,
 Será Marqueza de Elche soberana,
 E nace della o Duque de Maqueda,
 E Eugenia que na terra Lusytana
 Terá da sorte a roda firme, e queda
 Do famoso Francisco companheira
 Conde, e Marques famoso de Ferreira.

Eis de outro trajo aqui ves a Maria,
 E tambem a Vicencia clara, e pura,
 Que com a deuacaõ humilde, e pia
 Daõ luz, e resplendor desta clausura;
 Mas deixando o que aqui dizer podia
 Para chegar ao fim desta pintura,
 A Theodosio vamos aonde elpera
 Lusitania ditosa primauera.

Este he Theodosio vnico herdeiro
 O Duque claro, e pio dom Ioaõ,
 Principe fiel, firme, e verdadeiro,
 Desprezador de inueja, e de ambiçaõ,
 Em verdade, e justiça sempre inteiro,
 Observante, catholico, e Christaõ,
 Prudente, liberal, justo, esforçado
 Só de imprudentes peitos pouco amado.

Esta que ves de tanta gloria dina,
 Que a maõ dando-lhe está com graça, é arte,
 He a alta, e generosa Catherina
 Filha do claro Iffante dom Duarte:
 A cuja geraçaõ quasi diuina
 Inuejáraõ o Sol, Diana, e Marte,
 Cujo juizo, e ser mais peregrino
 Louuor será do sexo femenino.

Ves deste Theodosio valeroso
 Nacer e de Beatris clara Duqueza,
 Izabel nouo exemplo generoso
 De virtude, brandura, e de nobreza;
 Aqui ves o Marques seu doce esposo
 Da antiga, e alta stirpe Portugueza,
 Mas volta a ver a excelsa geraçaõ
 Da filha de Duarte e de Ioaõ.

Delles por bem mayor daquella idade
 Nace outro Theodosio desejado,
 Que hum nouo sol será de lealdade
 Na confusão do Reyno perturbado
 Em esforço, valor, honra, e verdade
 Fará crescer seu nome, fama, estado
 Com eterno louuor sobre as estrellas
 Ajudado da graça, e fauor dellas.

Ves que na tenra idade de dez annos
 Vai cõ hum bello esquadrão de gẽte armada
 Com o animoso Rey dos Lusytanos
 Que o real cetro deixa polla espada;
 Aruorando nos campos Africanos
 A bandeira dos fados venerada,
 Que por segredo, e ordem não sabida
 Depois de vencedora foi vencida.

Ves que com o tenro braço as armas guia
 Aqui, seguindo ao Rey no fero assalto,
 Que de seu braço só tudo confia,
 Do numero dos seus sendo tão falto;
 Mas Deos que occultamente moue e guia,
 Os successos humanos de mais alto
 Lhe dará nesta hora o desengano,
 E que chorar ao Reyno Lusytano.

Iá em sangue e furor enuolta a guerra,
 Contra Luso a vitoria se publica
 De mortos, e feridos, se enche a terra
 Do sangue, e dos despojos farta e rica,
 O Rey entre as batalhas moue e cerra,
 No real coche o tenro Duque fica,
 Mas depois noutro o muda o vario fado
 Iá dos vassallos seus desemparedado.

Ves de Alarabes cá guerreiro bando,
 Que o Duque em humas andas tem ferido
 Os imigos alfanjes apartando
 Que cada qual procura o seu partido:
 Sobre a presa os ingratos pelejando,
 Tem o Duque magnanimo atreuido
 De quem os fados daõ certa esperança,
 Que viuo ha de ficar para á vingança.

Cessa o rigor do barbaro insolente,
 Aqui em sendo a preza conhecida,
 Poltrada se lhe ofrelce a Moura gente,
 De terlhe feito offensa arrependida:
 Banhado em sangue o principe excelente,
 Aos seus procura em vaõ saluar a vida,
 Que huns ficaõ já catiuos, e apartados:
 E outros no turuo Luco sepultados.

O graõ Rey perde a vida, e a ventura,
 E o nome Portugues, que honrar pretende,
 Ficando aos seus a sua morte escura,
 Que parece que a Parca se arrepende:
 Todo o mundo terá por sepultura,
 Que Mauritania só naõ no comprehende,
 E assim na opiniaõ do vulgo errado,
 Andara viuo depois de enterrado.

Verás como na patria desejada
 No soberano estado já succede,
 E á confusa gente, e perturbada
 As armas, e as vãs lagrimas lhe impede,
 Ves Lusitania triste, e magoada
 De males, que hum tras outro lhe succede,
 Feita em preza das gentes de Inglaterra
 Oprimida com roubos, fomes, guerra.

Ves já contra ella o mar que senhorea
 De inimigos nauios pouoado ,
 E a cidade de Vlisses que recea
 O contrario possante , e desmandado ;
 Ves o principe Alberto que na alhea
 Terra o gouerno tem , mando , e cuidado ,
 Poem todo o reyno em armas , e em defenſa ,
 Mas não ha tal poder que o temor vença .

Poem cerco á graõ Lisboa o atreuido
 Ingres , com gente illustre , e valerosa ,
 Desmayar ves ao povo tam temido ,
 Em huma occasiã tam duuidosa ,
 Tudo já julga o vulgo por perdido ,
 Que huma gente rendida , outra queixosa ,
 Como senhoreada da ventura ,
 Em nenhuma esperança se assegura .

Mas nesta confusã que ao longe vejo ,
 Verás decer ao Duque generoso ,
 Suas gentes confugio e seu desejo ,
 Que he mais que as melmas gentes poderoso ,
 Com cinco mil dos seus passando o Tejo ,
 Desperta , e arma o pouo receoso ,
 Que vendo o bello Principe a quem ama ,
 Cobra nouo valor com que se inflama .

Não vay chamado o principe escolhido ,
 Ou mandado do tio Rey prudente ,
 Mas de animo leal offerecido ,
 Sustenta á propria custa a forte gente :
 O cerco taõ fundado , e taõ temido ,
 Ves que o Ingres leuanta em continente
 Porque á defenſaõ do reyno acode ,
 Quem tanto nelle manda , e tanto pode .

Já se embarca, já dá ao vento as vellas,
 E a Theodosio ves que tambem parte:
 Que bastara a tomallas, e a rendellas,
 Se a mais deraõ lugar Neptuno e Marte:
 Mas o sagaz contrario que em cautellas
 Eltratagemas, fogo, engano, e arte,
 Funda mais seu poder que em braço e lança,
 De nouo inda concebe, outra esperança.

Poucos annos despois, ves que se atreue
 A proseguir a empreza começada:
 Ves que o traz á ventura, e vento leue
 Sobre Cadiz com poderosa armada;
 Ameaça a Lisboa que em mais breue
 Se reforma da gente á guerra usada,
 Outra vez vem o Duque a soccorrella
 Com hũ guerreiro esquadrão de gente bella.

Ves que Felippe o irmão moço animoso
 Lhe faz na tenra idade companhia,
 Chega o Duque guerreiro poderoso,
 Deixa o Ingres o intento que trazia;
 Torna a voltar-se o Principe ditoso,
 Que aqui ves entre jogos e alegria,
 Esperando já ver a chara esposa,
 Que na terra ha de ser tão venturosa.

Aqui a ves deixar a patria chara,
 E amanhecer a Luso como estrella,
 Dona Anna de Velasco illustre, e rara.
 Filha do Condestabre de Castella:
 Da antigua geração illustre e clara,
 Do valeroso Infante, que dom Vela
 Teue por nome, e d'elle deriuados
 Seraõ os de Velasco celebrados.

Esta fará ditosa a santa liga

Dos estandartes hoje tam contrarios,
E será fim da competencia antiga
Dos fortes Condestabres aduersarios;
Grandes bês lhe promete a forte amiga,
Em successos estranhos, casos varios:
Mas em pouco lhe rouba a Parca dura,
Tudo a que podem dar tempo, e ventura.

Ves aqui fica o Principe animoso
De sentimento e dor defanimado,
Que como amante triste, e saudoso,
Chora o seu mayor bem taõ mal logrado;
E ainda este successo riguroso
Ante os olhos terá representado,
Quando com noua dor, tristeza, e pranto,
Os irmãos sentirá a que ama tanto.

Mas o benino Ceo nunca auarento,
A quem lhe sabe dar justos lououres:
Vencerá esta magoa, e sentimento,
No desejado bem destes penhores;
Que do tronco real, que te apresento,
Brotaraõ neste ramo como flores,
Que haõ de illustrar a terra Lusytana,
E ser honra, e valor da Castelhana.

De Anna fica hum principe excelente,
Com que já Lusytania se engrandece
Ioão que a patria, o nome, a terra, e gente
Alegra, anima, honra, e enriquece;
E Duarte tambem que aqui presente
Com Alexandre agora te aparece,
E Caterina, que em muy tenra idade
Será da patria terra claridade.

Olha a Duarte, a quem a natureza
 Formou para vencer a ventura,
 De Ffechilla Marques, que á Oropesa
 Deixa o famoso herdeiro, que procura;
 Vendo cortado em flor com graõ tristeza
 Elle estremo fatal de termosura,
 Beatris, da casa illustre, e celebrada,
 Que foy dos Paleologos deriuada.

Destá dama, taõ clara, quanto bella,
 Lhe nace o doce herdeiro dom Fernando,
 A quem promette a venturosa estrella
 Senhorio mayor, ventura, e mando;
 Honra será no Reyno de Castella,
 E o nome Portugues aleuantando,
 Fará com mór valor seu grande estado.
 Ser a pezar da sorte acrecentado.

Tambem nace Ioãõ, que de tres annos
 Vay a gozar da gloria prometida,
 E Francisco á que os fados deshumanos
 Tiraõ de sete injustamente a vida;
 Em graça, auiso, e dões mais soberanos
 A natureza deixará vencida,
 Vendo na sua idade tenra e verde,
 O que nas mãos da Parca em fim se perde.

Destá parte o verás acompanhado
 Doutra bella consorte, que em grandeza
 Não he inferior seu nobre estado,
 E em tudo o mais contenta á natureza:
 Dona Guiomar que o nome celebrado
 Fará de Malagon felix Marqueza,
 Da geração illustre, e do appellido
 Que he mais em toda Hespanha engrãdecido.

Olha

Olha Alexandre hum Principe excellente,
 Que o ceo á Lusitania tem guardado,
 Que a purpura deuida liurementemente;
 O Fibre lhe detem como enleado;
 Os olhos nelle tem de Luso a gente;
 Que como hum nouo Athlante sustentado
 O ceo aos ombros tem, e a terra antiga
 Que Giraldo liurou da gente imiga.

Mas na força maior desta esperança
 Em que a patria estará toda influida
 Da terra para o ceo fará mudança,
 Dando por gloria eterna a mortal vida;
 Ah quanto custará delle a lembrança
 A terra de seus bês desconhecida,
 E á aquelle soberano, excelso templo
 A quem será na vida estranho exemplo.

Aqui verás Felippe moço ousado,
 Que como o sol, que rompe do Oriente
 Doura com sua vista o monte, e prado
 E de esperanças enche a patria gente,
 Mas seu prego, e valor tam desejado
 O seu braço magnanimo e valente,
 Cortará com rigor a Parca injusta
 Na mais florente idade, e mais robusta.

Esta que ves de branco estar vestida
 Coroadada de Palmas, Cedro, e Louro,
 He Maria que a morte rouba á vida,
 Por nos roubar da vida o mor thesouro:
 A sua estrella em nuuês escondida
 Irá tocando o sol com rayos dourado,
 Quando se eclypsar com perda estranha
 Magoa de Portugal, e toda Hespanha.

Olha a bella Duqueza Serafina
De Escolona e Marquezia de Villhana,
No ser, no nome, e parecer diuina
Na condição real sómente humana,
Que sendo a Lusitania della indina
Faz venturosa a terra Castelhana
Dando a Ioão, que o Ceo estima em muito
Estas flores que ves com tanto fruto.

Este da geração antiga, e clara
Do conquistador forte, e caualleiro
Que a dom Henrique o Conde acõpanhára
Pay do Rey Portugues que foi primeiro:
Será Duque de fama illustre, e rara
Prudente, e generoso, verdadeiro
Que de Pacheco o celebre appellido
Fará no mundo ser mais conhecido,

A ella nos roubara de pura inueja
Roma deixando a Hespanha magoada,
Clemente he este o bom pastor da Igreja
De quem com santo amor he venerada:
Mas o ceo que a mais ama, e mais deseja
De espiritos luzentes rodeada
A leua a pôr os pés sobre as estrellas
Pois na vida, e na luz soube vencellas.

Ves cá sobre esta nuem cristalina
Quatro flores seguir a hum donzella,
Angelica, Isabela, e Chyrubina,
Cada hum mais angelica, e mais bella;
E outra Maria a quem a terra indina
Deu em nacendo ao ceo por noua estrella
E estes longes que ficaõ da outra parte
Poder não tenho agora de mostrarte.

Neste

268 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Neite quadro a pintura fenecia ,
E no alto outra historia começaua
Aonde hum bella dama apparecia ,
Que com hum Leaõ contente se abraçaua :
Mas o espirito que a Nuno aly trazia
Lhe soltou leue a maõ com que o guiaua ;
Ao perguiçoso sono o corpo entrega ,
Que tanta luz lhe mostra a noite cega.

Mas já a Aurora vinha desfazendo
A sombra escura que atalhaua o dia ,
E d'entre as pardas nuens cintilando
O Sol as claras agoas acendia ;
Ao final da trombeta despertando
Daquelle sonho alegre a fantasia
Do morto irmaõ , o corpo auer procura ,
Para lhe dar honrosa sepultura.

O Alcaide da villa não lho impede ,
Mas manda-o dar aos seus honradamente ,
Assim por se temer de quem lho pede ,
Como por ser honrado , e ser valente ;
Com a pompa que na guerra se concede ,
E lagrimas da amiga , e forte gente
No templo a S. Francisco dedicado ,
Mosteiro de Estremos , foi sepultado.

Torna Nuno a cercar Villa viçosa ,
Com mor poder de gente apercebida
Por ver que aquella terra graciosa ,
Era a seus descendentes prometida ,
Durou o cerco , e guerra trabalhosa ,
Foy com graõ força a villa combatida ,
Mas tem de monições tanta abastança ,
Que tirou a Nunalures a esperança.

Deixa

Deixa a empreza , e já lhe daõ recado
 Que a Oliuença leuaõ neste ensejo
 Preso o seu valente Aluarõ Coutado ,
 De que o contrario Rey tem graõ desejo ,
 E por poder valer ao bom criado ,
 A quem sempre tiuera amor sobejo ,
 Manda dos seus alguns secretamente
 Tomar a estradá áquella armada gente.

Affim pollo valor que ali mostrara
 Quando a porta passou fero atreuido ,
 Aonde animosamente pelejara ,
 Sem ver á liberdade algum partido ,
 Como por ver que a Nuno era taõ chara ,
 A vida de hum soldado taõ valido
 O Castelhana Rey vello quifera ,
 Se o bom Pereira a noua naõ tiuera.

No vaõ que entre huns montes se fazia ,
 Aonde duas estradas se cruzauaõ ,
 No mais alto da noite escura e fria ,
 Os seus com graõ segredo se embrenhauaõ
 Quando passando os desta companhia ,
 Que a deshoras com medo caminhavaõ
 Os nossos daõ sobre elles num momento ,
 Que fogem taõ ligeiros como o vento.

Ali deixaraõ preso o caualeiro ,
 Que os nossos trazem já com graõ ruido ,
 Recebe-o alegremente o bom guerreiro ,
 Que era delle contente , e bem seruido :
 Que alem de leal sempre , e verdadeiro ,
 Era forte nas armas , e atreuido ,
 Cuja memoria he bem que naõ se esqueça ,
 Antes com nome eterno se engrandeça.

Deste

Deste inda os descendentes que naceraõ
Seruindo a grande casa de Bragança
Como fieis e honrados succederaõ ,
Sustentando a virtude desta herança ;
Coutados em Machados conuerteraõ ,
Naõ fazendo nas obras a mudança ,
Goze lembrança , e nome taõ honrado ,
Nuno e seu successor , Luis Machado.

Deixado aquelle cerco , que a vontade
Taõ sollicitamente lhe obrigaua ,
Posto o criado em doce liberdade ,
Que elle por seu valor tanto estimaua ;
Em Euora assentar se persuade ,
Porem cuidando ali que descansaua ,
Para hir buscar ao Mestre se aparelha ,
Que mal sem seu esforço se aconselha.

C A N T O XII.

Trataõ os pouos de alenantar por Rey ao Mestre D. Ioaõ. Elle se aparta da cidade, e vai pör cerco a Torres Vedras aonde D. Nuno Alures Pereira vem ter com elle, e o leua a Coimbra. He dos pouos eleito por Rey, e D. Nunalures feito Condestabre. Aparece hum grossa armada Castelhana sobre Lisboa, vai o Condestabre á cidade do Porto armar contra ella, acha sua mulher e filha, intenta hir em romaria a Santiago, toma o Castello de Neiva, e Viana: entregaõ-se-lhe Caminha, Villanoua, e Monçaõ, neste tempo chega o Rey ao Porto poem cerco a Guimaraens, e o Condestabre deixando sua romaria toma a cidade de Braga, e Ponte de Lima, e tornando com el Rey ao cerco, lhe daõ novas que el Rey de Castella dece com todo o seu poder sobre Portugal.

EM quanto isto passaua alem do Tejo
 O pouo de Lisboa aluorocado,
 Com natural amor, mostra desejo
 De ver por Rey ao Mestre aleuantado:
 E alguns que tem por leue, e por lobejo.
 Ter-lhe o nome real antecipado,
 Entre o enleo vão de razões varias,
 Julgauão as leaes por temerarias.

Hum murmuro continuo discorria
 Por praças, e lugares da cidade,
 Mas quanto hum contradiz, outro aprofia,
 Taõ igual he no vulgo esta vontade:
 O mestre valeroso, que entendia
 O que a huns, e a outros persuade
 Por tirar occasião ao dano alheo,
 Os muros da cidade poem no meo.

Vay cercar Torres vedras villa altiua;
 Que estaua entregue á parte de Castella,
 Que quanto mais rebelde, e mais esquiua
 Mor o desejo tem de combatella;

Entra nos arrabaldes, e catiua
 A descuidada gente, e sem cautella
 Donde combate os muros cada dia,
 Com destreza, com força, e com porfia.

Mas em vão foraõ delle combatidos,
 Neste primeiro assalto, porque estauaõ
 De guerreiros mui destros defendidos,
 Que com valor, e esforço pelejauaõ:
 Os capitaens, e alcaides diuididos,
 Que por Castella em Ribatejo estauaõ,
 Correm a armar de noite huma cilada,
 Contra o Mestre, que a villa tem cercada.

Bem como os lauradores na montanha,
 Perseguidos da fera roubadora,
 Contra a qual lhe naõ val destreza, e manha,
 Que lhe destrue os gados cada hora,
 Quando a vem sem colheita, e na campanha,
 Das brenhas naturaes lançar-se fora,
 Juntos com multidaõ confusa, e leue,
 Cada hum na fé dos muitos se lhe atreue.

Affim estes fronteiros enganados
 A que a occasiaõ tanto conuida,
 Com secretos correos, e recados,
 Concertaõ huns com os outros a partida,
 Com grande estrondo vem aluoroçados
 Como á contenda, e cousa ja vencida,
 Porem sem receber o Mestre injuria,
 Antes de accometerem falta a furia.

Seu campo ordena o principe famoso,
 Que foi logo auisado deste intento,
 Poem rosto á aquelle assalto perigoso,
 E fortifica o seu alojamento :
 No campo largo, e monte pedregoso
 Para hũa parte, e outra com bom tento
 Atalaias, e escutas auisadas
 Tem tomado os desuios, e as estradas.

Mas o que neste assalto teme, e sente,
 O temor he dos seus, que o persuade,
 Que tem fraco poder, e pouca gente,
 Para a que vem com tanta liberdade,
 Que assaz he com os que tem seguramente
 Defender-se entre os muros da cidade,
 E estando de conselho quasi alheo,
 Vede o socorro estranho que lhe veo.

Ao descobrir de hum cerro appareceo
 Como hum tropel de gente de a cauallo,
 Que a todo o nosso campo commoueo,
 E no Mestre naõ fez pequeno aballo,
 Mas logo a Dom Nunalures conheceo,
 E sae-se dos seus para esperallo;
 E entre abraços de amor, e de alegria;
 Nos seus já dos perigos se esquecia.

Nuno que ouuindo em Euora que queriaõ,
 Que fosse aleuantado por Rey nouo
 O Mestre alguns, e que outros o impediaõ,
 Encontrando o querer de todo o pouo,
 As duuidas, e as cousas que mouiaõ,
 Menos da razaõ solida, que estrouo,
 Para se achar presente neste ensejo
 Deixara as frontarias de Alemtejo.

Com setenta de mulas vinha, armados
 De cotas, e braçaes sómente, á corte
 De Lisboa chegou, acha os recados,
 Donde o Mestre ficaua, e de que sorte:
 Arneses bulca aos seus ali emprestados,
 Armou-se em breue espaço a gente forte,
 Parte-se, chega a Torres como ouuistes,
 Aonde o Mestre, e os seus eraõ taõ tristes.

Logo o campo mostrou grande alegria,
 Vendo em soccorro seu tal companheiro,
 E muito mor o Mestre a recebia,
 Que em respeitos e amor era o primeiro,
 De nouo a villa armada combatia,
 Que o naõ dilata o nosso caualeiro,
 Escaramuças ha continuamente,
 Leuando sempre a palma a forte gente.

Os capitães, que estauaõ de concerto
 De Obidos, de Alemquer, de Santarem,
 De Syntra, e dos lugares mais ao perto,
 Que com mil lanças contra o Mestre vem;
 Tanto que no caminho sabem certo,
 Que consigo o Pereira ousado tem,
 Da sua gente, e forças desconfiaõ,
 Tornaõ atras do intentento que traziaõ.

Neste tempo os da villa a quem naõ falta
 Diligencia sutil que tudo espreita,
 Descobrem hũa mina escura, e alta,
 Que ao castello os nossos tinhaõ feita:
 Nuno que já no cerco sente a falta
 De preuensões, do tempo se aprouveita
 Sobre elegerem Rey se ha de tal arte,
 Que eis já para Coimbra o Mestre parte.

A fazer

A fazer cortes vay determinado
 Sobre o nome de Rey taõ merecido,
 De algũs por seus intentos encontrado,
 Do Reyno lealmente offerecido,
 De dom Nunalures só taõ desejado,
 Como depois guardado, e defendido:
 Já se leuanta o cerco, o tambor soa,
 A gente os arrabaldes despouoa.

Dos muros se apartou a gente armada,
 E elle na retaguarda astutamente,
 Quando atras ouue hum cego que lhe brada:
 Ah leuai-me senhor dentre esta gente,
 Que eu só naõ vou tras vos nesta jornada
 Por naõ seguir aos outros leuemente
 Naõ quero vida aqui para mais danos,
 Pois deixais liuremente os Castelhanos.

O capitaõ piadoso quanto ousado
 As redeas volta á mula muy ligeiro,
 A's ancas toma o cego desprezado,
 Que nenhum quis levar por companheiro;
 Da villa quatro legoas apartado,
 O deixa liure o forte caualeiro,
 E recolhendo as gentes derramadas,
 Num corpo leua os seus pollas estradas.

Passa Obidos alegre, e bem murada,
 Alcobaça fructifera, e viçosa,
 Leiria doce, alegre, e desejada,
 E Montemor antigua e bellicosa:
 E huma clara manham bella e dourada;
 Descobre a terra altiua e graciosa,
 Coroada de palmas, era, e louro,
 Que he de Minerua e Phebo o mortefouro:

Eis atraueſſa o campo tam famoſo ,
 Que de Hercules o nome inda ſuſtenta ,
 E as altas torres vê , que o vagaroſo
 Mondego em ſeu remanſo representa ;
 O quaõ alegre o Meſtre valeroſo
 Da deleitoſa viſta ſe contenta ,
 Aonde as agoas , os montes , e a verdura ,
 Menos parecem montes , que pintura.

A corrente ſerena , e gracioſa ,
 Os alegres outeiros leuantados ,
 Os limites da praya tam fermoſa ,
 Com ſalgueiraes eſpeſſos aſſombrados ,
 A cidade tam nobre , e populosa ,
 Deſcobrindo do alto o rio , os prados ,
 Aos olhos parecia eſtar diante ,
 Qual no eſmaltado anel claro diamante.

Com aluoroço as gentes , e alegria
 A vagaroſa ponte atraueſſauaõ ,
 A ver aquella illuſtre companhia ,
 Em cuja moſtra os peitos ſe alegravaõ ,
 Em bandos os mininos , e em porfia
 Ante o cauallo ao Meſtre ſe ajuntavaõ ,
 Entoando contentes por ſeus modos ,
 Viua o noſſo bom Rey cantando todos.

Elle ſuſpenſo , os ſeus aluoroçados ,
 Manda chamar do Reyno os ſeus mayores
 Condes , Biſpos , Abbades , e letrados ,
 E dos pouos comũs procuradores ;
 E inda que em parecer muito apartados ,
 Roſtos , e corações de varias cores ,
 Intentos , e tenções de muitas ſortes
 Sobre elegerem Rey fizeraõ cortes.

Com grandes alegrias recebido ,
 Como depois em grande estremo amado ,
 Por eleição dos poucos escolhido ,
 Pollos grandes do Reyno leuantado ,
 De Mestre em Rey Ioaõ foy conuertido ,
 Pollos homês perdido , e por Deos dado
 Cuyo nome immortal, cuja memoria
 Não pode escurecer nenhuma historia.

Iá do cargo real mais cuidadoso ,
 Porque seu Reyno, e nome se sustente ,
 Faz Condestabre o forte, e valeroso
 Dom Nuno Alures Pereira em continente ;
 Menos se altera o capitaõ famoso .
 Do que se alegra a Lusitana gente ,
 De ver o peso, e ter de toda a guerra
 Naquelle zelador da patria terra.

Aly com grande aplauso lhe foi dada
 Aquella antiga, e nobre dignidade :
 A gente Portngueza aluoraçada ,
 Com Rey, com defensor, com liberdade ,
 Tem nouas de Lisboa amedrentada ,
 Que tem no rio á vista da cidade
 Húa armada muy grande de Castella ,
 Que hum dia amanhecera á vista della.

Chega ali com o recado hum mészageiro
 Ao Rey que deste nome não se esquece ,
 Chama a conselho os seus dos quais primeiro
 O Condestabre as armas se offerece ;
 Que aquelle leal peito sempre inteiro ,
 Que em nenhum risco, ou trance desfallece ,
 Pollo mar duuidoso, e polla terra
 Quer sustentar a furia desta guerra.

Ao Porto vay com os seus , e leua intento
 Com mais gentes , e a pouca que leuaua
 Dar á forte do mar vellas ao vento ,
 Para onde a inimiga frota estaua ,
 Com este ousado , e firme pençamento
 Dos campos do Mondego se apartaua ,
 Com sôs seiscentas lanças , que ali tinha
 Ia do Rey se despede , e já caminha.

Dos de a cauallo leua em companhia
 Trez vezes sincoenta , que a mais gente
 Armada marcha a pé , que não podia
 Encaualgar-se ali tão facilmente ,
 A tardança , e jornada que fazia ,
 Mais vagarosas nisto , o quanto sente
 E indo as sentira mais se conhecera
 Naquella occasião o bem que espera.

Quiçaes me auereis ja por descuidado ,
 Ou que estareis tambem disto esquecido ,
 Que depois que Nunalures foy chamado ,
 E d'entre o Douro , e Minho despedido ,
 A obrigação da guerra , o seu cuidado
 Em tantas cousas grandes repartido ,
 Lhe apartaua as lembranças cada hora ,
 Da bella Beatris , e de Leonora.

Deixara-as como ouuistes descontentes
 Nas deleitosas terras , que habitaua ,
 Entre leaes criados , e parentes
 Que elle em presença tinha , e conseruaua :
 Mas os tempos , e intentos differentes ,
 As diuísões que o pouo aleuantaua ,
 Tambem naquelle assento tam secreto
 Lhes não poderaõ dar lugar quieto.

Em Guimaraes estauaõ , quando hum dia
 Foy leuantada a villa por Castella ,
 Epolla parte aduersa que seguia
 Nuno, as teue com guarda a gente della,
 Que inda que era a prisaõ de cortesia ,
 Era com vigilancia , e com cautella
 Em Euora Nunalures teue a noua ,
 Quando a lhes focorrer o tempo estroua.

Em outra occasiaõ tinha esperança
 De cobrar liuremente taes penhores ,
 E a todo o seu poder tomar vingança
 Dos mal considerados moradores ;
 Porém fez a ventura outra mudança
 Que a seu grande valor deu valedores ,
 E quando mais remoto , e mais alheo
 Do bem que desejava entaõ lhe veo.

Aluizaras lhe pede hum melleiro ,
 Antes de entrar naquella terra altiua ,
 Que o nome do lugar tomou primeiro ,
 Donde o do patrio reyno se deriu ,
 Ediz com rosto alegre , e prazenteiro ,
 Que a consorte leal que era catiua ,
 E a fermosa Beatris , em liberdade
 O esperaõ com gloria na cidade.

Porque hum parente seu de animo ousado
 De Guimarães alcaide occultamente
 Com alguns seus fiéis de noite armado ,
 A seu saluo o tirou liure , e contente :
 Gonçalo Pires Coelho era chamado ,
 Taõ nobre , e valeroso , e quaõ prudente
 A quem depois Nunalures nunca ingrato ,
 As graças soube dar deste bom trato.

Recebeo esta noua o caualeiro
 Com o coração saltando de alegria,
 Sinal daquelle amor tão verdadeiro,
 Que no seu casto peito se escondia:
 Promessas grandes fez ao melleiro,
 E ja menos da empreza que trazia,
 Que deuer tais penhores cobiçoso,
 Lhe parece o caualllo vagaroso.

Chegou: e aquelles braços valerosos,
 (Então cheos de amor, e de brandura)
 Em apertados laços, e amorosos,
 Com os da bella consorte ali mistura,
 Cujos olhos serenos graciosos
 Queixosos tantos tempos da ventura,
 De lagrimas contentes estão cheos,
 Ia com mais aluoroços que arreços.

A bella filha entre elles abraçada,
 Que era dos corações doce liança,
 Qual vide entre dous olmos enredada,
 Que orna o mesmo lugar aonde descança:
 Tambem falaua alegre, e agrauada,
 Misturando entre os gostos, a lembrança
 De antigvas saudades, e queixumes
 De esquiuanças, descuidos, e ciúmes.

O curto dia, a noite vagarosa,
 As horas, e os momentos recontauão,
 Lianor huma ausencia tam penosa,
 Em que tantas razões atormentauão,
 Elle da guerra dura, e trabalhosa
 Dos cuidados que a esta acrecentauão,
 As lembranças do bem que tinha ausente,
 Que este he o que entre os males mais se sente.

Aly hum dia, e outro se deteue,
 Que estes Marte de Amor ficou vencido,
 Estando neste tempo doce, e breue,
 Das suas armas ja como esquecido,
 E depois que a ventura vio que esteue
 Mal pago de hum delterro tam comprido,
 Faz que o descanzo deixe, e polla terra
 Caixas manda tocar, e ordenar guerra.

Ah gostos sempre á vida fugitiuos
 Escassos se chegais de pouca dura,
 Buscados por trabalhos excessiuos,
 Achados por descuido, ou por ventura;
 A quem vos ama mais sois mais esquiuos,
 Catiuos de quem menos vos procura,
 Mostrando claramente aos humanos,
 Que não sois para bens, mas para enganoso.

Quam mal imaginava que vos tinha
 Aquelle casto peito, firme, ousado,
 Que aos perigos do mar armado vinha
 Só de vossas lembranças desarmado!
 Vede quam pouco espasso se detinha
 Esse ligeiro bem no mesino estado,
 Que a obrigação da honra o tempo apressa
 Quando amor entre as armas se atrauessa.

Logo ajunta os melhores da cidade,
 E os pilotos alegre, e diligente,
 De seu Rey os desenhos, e a vontade
 Lhes communica a todos igualmente;
 Pede depois da terra a quantidade
 Que ha mister de nauios, armas, gente,
 Marinheiros versados, mantimento
 Para em mais breue dar vellas ao vento.

Dila-

Dilataõ a reposta os Portaleses ,
 Que vem difficuldade na apparencia ,
 Mas como bons, e amigos Portugueses ,
 Fazem resenha logo, e diligencia :
 A terra, e mar reuoluem muitas vezes
 A onde estaua da guerra a prouidencia ,
 Naõ ha embarcações para esta empresa
 Ah quanto disto a dom Nunalures pesa ?

Ao Rey escreue , e dá satisfação
 Do porque entaõ cessaua esta jornada
 Para outra inclina logo o coração
 Com toda a sua gente aluoroçada :
 Ia mouido de amor, de deuação ,
 Delle nunca entre as armas despresada ,
 Com toda aquella armada e companhia
 A Santiago parte em Romaria.

Leua consigo a gente valerosa ,
 Que para a guerra tinha exercitada
 Que a pé polo terra aspera, e fragosa
 Ia de Coimbra vinha assaz cansada :
 Que daquella prouincia populosa
 Determina trazela encaualgada ,
 Mas em sahindo hum pouco da cidade
 Que naõ se partã, toda o persuade.

Que hum a zemela grande que leuaua
 Do Condestabre a cama, de repente
 Cahio morta entre as portas, que passaua
 Com grande admiracão de toda a gente ;
 Logo hum murmuro aly se aleuantaua
 Que era auiso do ceo que expressamente
 O mandaua ficar, mas elle entende
 Que nunca á hum bom intento o ceo reprende.

Sem respeitar agouros caminhou ,
 E no mesmo lugar , ao mesmo dia
 Hum espirito infernal , no corpo entrou
 De hum miseravel homem que seguia :
 Que elle fora o ministro declarou
 Daquelle falso auiso , que queria
 Tirar ao pio , e forte capitaõ
 O fruito de tam santa deuaçaõ.

Em Leça aquella noite se aposenta
 Polo seu rio a nós já conhecida ,
 E quando o Sol as nuuens afugenta
 Descobre huma quadrilha affaz luzida ;
 De armas , e bons caualllos saõ quarenta
 Gente forte , lustrosa , e bem nacida
 Pedirlhe vem que os tenha em seu seruico
 Que alegremente armados vem para isso.

Elle com rosto , e olhos lisongeiros
 Com palauras de amor , e cortesia
 Agasalha contente os caualleiros ,
 Ea alguns de pé que vem na companhia :
 Muitos eraõ Galegos estrangeiros ,
 A quem só sua fama aly trazia ,
 Que a gente menos moue , obriga , e chama
 Dos capitães o soldo , do que a fama.

Dos lugares lhe vinhaõ liuremente
 Caualllos para os seus offerecidos ,
 De que elle se mostraua tam contente
 Quando os donos ficauaõ bem seruidos :
 A cauallo ficou toda a mais gente
 Quatro centos saõ fortes , e escolhidos
 Com que á vista de Neiuá chega hum dia
 Que estaua contra o Rey que elle seguia.

Alo-

Alojose defronte do castello

(O mais forte que entaõ Portugal tinha)
 Pensamento naõ traz de combatello,
 Porque era outra a tençaõ com que caminha:
 Alguns dos seus que ao perto querem vello
 Chegandofelhe mais do que conuinha
 Trauáraõ com os de dentro de tal sorte
 Que sae enuolta em ira a gente forte.

O alcaide tambem da fortaleza
 Ferindo vem com furia delmedida,
 E animo ousado a gente Portuguesa,
 Que leua o do castello ja vencida;
 Mas do meo da furia mais aceza
 Huma seta cruel lhe tira a vida,
 Que passando a viseira mal segura,
 No cerebro lhe esconde a farpa dura.

Vendo o seu capitaõ cahido em terra,
 Voltaõ as costas logo os da peleja
 Daõ breuemente fim á inutil guerra,
 E ao Condestabre a presa que deseja;
 A volta entra com os seus, e as portas cerra
 Rende o castello altiuo, aonde sobeja
 Arnezes bem laurados, seda, e prata
 Que entaõ aos nossos custa affas barata.

Sobindo á falla, vio entre os soldados
 Huma dona que em gritos se queixaua
 Douro os cabellos soltos, e empegados,
 Que com mãos cristalinas arrancaua;
 Os olhos fontes de agoa transformados,
 Com que hum campo de flores se regaua,
 Que ainda q as murcha a dor, pena, e desgosto
 Se orualhaõ de perlas no seu rosto.

Em o vendo se inclina de gíolhos,
 E esmorecida cae da outra banda
 Dando mais força ás lagrimas dos olhos,
 Que o triste coração do peito manda :
 Rosas tornará os ásperos abrolhos,
 E os corações de pedra em cera branda,
 Quando d'entre os sospiros arrancadas
 Soltaua estas palauras magoadas.

Se em hum peito tam forte, e tam valido
 Com a ventura, cabe á volta della
 Compaixão de humra dona sem marido,
 A quem ou tu tomaste, ou minha estrellla :
 Se pode ser piadoso em seu partido
 Quem ja foi tam cruel para offendela,
 Matame ó capitão, que se medeixas
 Teu nome infamarás com minhas queixas.

Meu charo esposo, ay triste, me tiraste,
 E matasteme a mi, que nelle vinha
 Matame, acaba o mal que começaste,
 Pois no seu peito a misera alma tinha :
 Sua era a vida só que me deixaste,
 Que a que a elle tiraste, essa era minha,
 E he vão despojo humra mulher catiua
 Morta, e sepulchro vão de humra alma viua,

Tomaste por teu Rey, castelo, e terra ;
 Não quero desta mais que a sepultura,
 Para o que tu mataste em dura guerra,
 E para mi que viuo em guerra dura :
 Pois quanto na ventura vil se encerra
 Me tiras num momento sem ventura,
 Não me offendas nos bens da natureza
 Tirame a vida, e guardame a pureza.

Assi o ceo teus feitos engrandeça
 (Como contra mi triste engrandeceo)
 Assi a sorte auara não se esqueça
 De vêr como entre tantos te escolheo:
 Assi no mór perigo que te offreça
 Na terra contra ti, te ajude o ceo
 Me dá meu charo esposo, sem conforto
 E esta alma tornarei ao corpo morto.

As palauras da dama magoadas,
 Ao seu rosto tam triste, e tam feroso,
 As tranças douro fino mal tratadas,
 Pola morte do mal logrado esposo:
 Com palauras piadolas, e auísadas
 Responde o Condestabre valeroso
 Mouido á compaixão, e a sentimento
 Das perllas que cahião cento a cento.

Pois assi permitio a varia sorte
 (Lhe diz) bella senhora, aqui não vejo
 Remedio que se aplique a mal tam forte,
 Que todos intentara o meu desejo:
 Se atras não torna a rigurosa morte,
 E tem poder tam liure, e tam sobejo,
 Nessa de vosso amor tam mal soffrida,
 Porque elle viua em vós, detende a vida.

Que se no meu pesar, e na dor vossa
 O remedio do dano consistira;
 Nem reprehendera em vós magoa tam grossa,
 Nem tam vamente o mal della sentira:
 Mas que humano auerá que aplacar possa
 Da parca rigurosa a cruel ira?
 Ou antever primeiro hum mao successo
 Para assi a talhar que seja auesso.

Nem foi em vossa offensa a minha lança,
 Nem foi o meu querer, mas a ventura
 Nem desta que alcancei tinha esperança,
 Nem na tenho por tal, nem por segura:
 Se em mi quereis tomar della vingança
 Empregando em rigor vossa brandura
 Ellas lagrymas bastaõ, que ja agora
 Mais mataõ quem vos vê, que a quem as chora.

Emxugai esses olhos amorosos,
 E esse ouro, que das tranças diuidistes,
 Não eclipseis os rayos tam fermosos
 Desse escondido Sol, com nuuens tristes:
 Bastem tantos suspiros, tam queixosos
 Quantos tras vosso amante despedistes,
 E pois ja o mal passado não tem meo
 Não temais doutro algum nouo receo.

Que se para offender vossa pureza
 Temeis que algum dos meus se mostre ousado
 Mouido mais do amor dessa belleza,
 Que do temor que deue a meu mandado:
 Eu quero assegurar vossa fraqueza,
 E esse peito tam bello, como honrado,
 Pondouos em lugar liure, e seguro,
 O que por terra, e ceo prometo, e juro.

Encomendaime a mi nesta partida
 De vosso amante o corpo sem ventura,
 Que pois não posso darlhe alento, e vida
 Darlhe-ei em vosso nome a sepultura:
 A isto a bella dama esmorecida
 Com lagrimas regando a terra dura
 Se debruça a seus pés com hum accidente
 Sinal de quem se obriga, e de quem sente.

Elle a consola, e brandamente anima,
 E dos seus com cuidado se informou;
 E ao pai que tinha entaõ Ponte de lima
 Com caualleiros seus logo a mandou:
 E por mostrar que o corpo morto estima
 Com grande honra na villa se enterrou;
 Que o vencedor que a sorte fauorece
 No tratar aos vencidos se conhece.

Deixa o castello, e nelle accomodado
 Com valerosa gente Lusytana
 Do Casal Pedr Affonso seu cunhado,
 E em breue espasso ja chega a Viana,
 Que de alguns moradores ajudado
 Combate ousadamente a villa vfana
 Que o alcaide lhe entrega por concerto
 Vendo o perigo, e a morte estar tam perto.

Aly repousa, parte, e no caminha
 Se lhe manda entregar logo a primeira.
 Caminha, donde estaua assaz vesinho,
 E depois Villanoua de Cerueira:
 E chegando humta tarde a par do Minho,
 Que com os campos iguala a graõ ribeira
 De Monção humta carta a Nuno chega
 Que tambem sem batalha se lhe entrega.

Mas neste tempo as ferras levantadas
 Encubertas de pura, e branca neve
 Dos mais ardentes rayos obrigadas
 Soltauaõ o cristal, que ao mar se deue:
 Desafiaõse as ferras prateadas,
 Que o sol da primavera assi deteue
 Com que crescendo o rio cristalino
 Detinha ao caualleiro peregrino.

Tam fundo corre o Minho, tam furioso
 Com o nouo fauor da força alhea,
 O vao he tam cuberto, e perigoso,
 Que a parte só descobre cega area;
 O Condestabre em traças cuidadoso
 Esperando se aloja em hum aldea,
 E em quanto elle ficaua neste estado
 Chega ao Rey a Lisboa o seu recado.

O qual mudando logo o pensamento
 A' cidade do Porto se partia,
 Com esperança certa, e fundamento
 De fazer firme a gente que o seguia;
 E indo de hum assento, a outro assento
 Do Condestabre a fama se estendia
 Que Conquistaua as terras sem peleja
 O quanto o Rey tais nouas ter festeja.

Ac Porto chega, e foi bem recebido
 De seus fieis vassallos, e Leonora
 Saudosa da ausencia do marido,
 Que a sua ausencia, e seus cuidados chora;
 Foi ver ao Rei, que della aborrecido
 Pola mesma razão graõ tempo fora,
 Que nem elle algum tempo a tinha visto
 Nem eila a elle o vira, dantes disto.

Passo as honras da dona recebidas,
 Que eraõ mui desiguaes das custumadas,
 Do Condestabre a el Rey tam merecidas,
 Como de hum tam bom Principe esperadas:
 Com doações mui firmes, mui compridas
 Por elle logo aly lhe foraõ dadas
 Barroso fertil, Bouças terra amena,
 Penafiel, Barcellos, Basto, e Pena.

Della, e do Porto em pouco se despede
 Vai cercar Guimarães para cobrala,
 Mas a seu gosto a cousa não succede
 Por quam bem sabe o capitão guardala:
 Traças, e intentos seus de sorte impede
 Que lhe falta esperança de alcançala
 Com prevenções, vigias, com cuidado
 De destro capitão, de bom soldado.

De Braga o Rey no cerco carta teue
 Em que hum leal vassallo o persuade,
 Que se gente lhe manda em tempo breue:
 Lhe daria huma porta da cidade:
 Ao Condestabre o mesmo logo escreue,
 Com graõ segredo, e grande breuidade
 Pouco gasta o correo no caminho,
 Que ainda na aldea estaua apar do Minho.

Naõ ficou do recado descontente
 Que ja se auia aly por descuidado
 Sem que passar podesse aquella gente
 Por ser cada hora o vão mais arriscado:
 A Braga chega, e entra occultamente
 Daquelle cidadão sempre ajudado,
 Toma a cidade antiga, e o castello
 Começa no outro dia a combatello.

Estaua nelle o mesmo capitão
 Que a partido deixára o de Viana
 A quem por amizade, e por razão
 O Condestabre auisa, e desengana;
 Mas elle dando fé ao coração,
 Que em accometimentos sempre engana
 Todo o partido, e toda a razão nega
 Até que ja por força a força entrega.

Com

Com trabucos , e engenhos que se acharám
 Na cidade , de sorte a combatia ,
 Que hum dia , e duas noites não cessáraõ
 De bater fortemente , e no outro dia ;
 Tantos mortos , feridos dentro acháraõ
 Da ruina , e da pedra que cahia ,
 Que a Nuno as vidas pedem , e a fazenda.
 Dando o castello liure , e sem contenda.

Elle adquirido , os seus aposentados
 Por el Rey a cidade antigua , e nobre ,
 Tam principal nos tempos ja passados
 De Portugal quando elle entaõ mais pobre
 Vai com poucos dos seus fortes , e armados
 Ao nouo Rey pedir que a terra cobre
 Depois de em Guimarães falarlhe , e vello
 Ao alcaide falou junto ao castello.

Com palauras de amor se lhe offerece
 Polo primor que vsára , e cortesia
 Com a amada mulher que não lhe esquece
 Nem do sangue , e razáo que entre elle auia ;
 Pedelhe que a seu Rey , pois o conhece
 Queira seguir na sua companhia ,
 A tudo lhe respondeo o bom Coelho
 Mas por entaõ não segue o seu conselho.

Daly fez volta a Braga , e não descansa
 Quando do Rey lhe chega outro recado
 Afim de o ter melhor humia esperança ,
 Que de Ponte de Lima lhe tem dado ;
 Que hum frade de valor , e confiança
 E hum morador da villa o tem chamado
 Para darlhe hum porta , e facilmente
 A entrou de madrugada a forte gente.

O Rey, e o Condestabre vão sobre ella
 A porta aberta, a gente descuidada,
 Sem receo de engano, e sem cautella
 Em breue espasso a villa foi tomada:
 Depois de posta em cobro a gente della,
 E a duuidosa, alegre, e socegada
 Torna com o Rey por Braga, e nesse dia
 Foi hospede de Nuno a noite fria.

Daly continuando o começado
 Prouia com valor, e diligencia
 As villas que o Pereira tem tomado,
 E outras que se lhe dão sem competencia:
 Mas ja chega outra noua, outro recado,
 Que mais força demanda, e mór potencia,
 Que com graão poder dece o Castelhana
 A' conquista do reyno Lusitano.

Ioão a quem o nome excelso chama
 A' noua empreza, á perigosa guerra,
 E vê no pouo feu que estima, e ama
 Hum temor que nos peitos se lhe encerra:
 Que em todo o reyno a noua se derrama
 Que se diuide em votos toda a terra
 Triste, confuso, ouzado, quam prudente
 Se queixa, contradiz, anima, e sente.

Ah titulo de Rey tam levantado
 Com tanto sangue ás vezes adquirido
 Por tam duros caminhos procurado
 Com tam varios cuidados possuido:
 Quanto he dos homens sabios inuejado
 Podéra antes de todos ser temido,
 Que tanto pesa mais, do que contenta
 Que o ceo aos ombros tem quem o sustenta.
 Damo-

Damocles que enleado neste engano
 Dizia a Dionysio de continuo
 Que era só venturoso, e soberano,
 E ca nã terra quasi homem diuino:
 Na dilicia, no trato brando, vñano
 No seruiço tam grande, e peregrino,
 Senhor da liberdade dos vassallos
 Para seruillos, e so para mandallos.

Como chegasse hum dia a verse posto
 Naquelle bem que tanto engrandecia,
 Traspassado de medo o peito, e rosto
 Que inda mal acertaua o que dizia:
 Perdendo do comer o vñado gosto
 Pendo os olhos na espada que pendia
 Que de hum cabello fino só se enlaça,
 E á rigurosa morte o ameaça.

Ah Damocles, ao ceo benigno ingrato
 (Dizia o sabio Rey) se tu só tinhas
 Num liure, moderado, e facil trato,
 Com que fazer inueja ás glorias minhas,
 Se te daua a ventura tam barato
 O bem, que nescio, e vaõ louuar me vinhas,
 Porque temes ser Rey? Se essa coroa
 Que ves tam perigosa, era tam boa?

Leuanta o cerco ó Rey confuso, e parte
 Com o rosto no perigo d'elle em meo,
 Animando os ministros vai de Marte
 Para deitar de si o jugo alheo:
 Gentes ajunta d'huma, e d'outra parte
 Das quaes lhe esconde muitas o receo,
 Que até aos muito ousados persuade
 Ser a vida melhor, que a liberdade.

C A N T O XIII.

El Rey de Portugal chega aos campos de Santarem, que estão contra elle: Aly Vasco Martinz de Mello, e seu irmão Martim Affonso tem hũa perigosa escaramuça com a gente Castelhana. Vay o Condestabre a fazer gente entre Tejo, e Guadiana: Vem com ella a Abrantes, onde se ajunta com el Rey. Ha entre os do Conselho varios pareceres sobre offerer batalha ao contrario D. Nunalures se aparta com os seus para lhe salir ao encontro; O Rey o segue, formão campo contra Leiria: Dase a batalha.

EM quanto marcha o campo numeroso,
 Que ao reyno Portugues he ja vesinho;
 E a frota pollo mar brando, e fermoso
 Corta na branca escuma o verde pinho:
 Os seus ajunta o claro Rey famoso
 Que deseja apressar este caminho,
 E com a gente em forma de batalha
 Nas areas do Tejo o campo espalha.

De Santarem á viltta chega vñano
 Com sua valerosa companhia,
 Aonde a mór força tinha o Castelhano
 Da Portugueza gente que o seguia;
 Vem na vanguarda o forte Lusitano,
 E atras o segue o Rey que elle seguia,
 Descubrem Mugem logo, e perto della
 Hum tropel de ginetes de Castella.

Estes que o campo, e pastos defendiaõ,
 E outros em cuja guarda aly ficauaõ
 Que à noite em Santarem se recolhiaõ
 Com as eruas, e o trigo que leuauaõ;
 Os nossos corredores descobriaõ,
 Que com mais risco seu galopeauaõ
 A estes vaõ com furia, e com desejo
 De naõ ficar entre elles fundo o Tejo.

Valco Martins de Mello hum valeroso
 Mancebo tam illustre, quanto ousado,
 Da preza dos imigos cobiçoso
 O vao passa ante todos quasi a nado;
 Como o Liaõ de Libia generoso,
 Só no seu braço, e coração fiado,
 Entre os contrarios com valor se lança,
 E ao primeiro encontro rompe á lança.

Depois ferindo a huma, e outra parte
 A espada tinta em sangue, e tinto o braço
 Elmos, peitos, braçaes amolga, e parte,
 Que nenhum golpe dá que seja escaço
 Inueja lhe tiuera o proprio Marte,
 Que Vulcano prendeo no ferreo laço
 Do esforço, destreza, e valentia,
 Com que entre tantas lanças só se auia.

De huma seta o cauallo mal ferido,
 Elle tirando hum golpe á terra vaõ
 Mas eis chega gritando embrauecido
 Martim Affonso o valeroso irmaõ:
 Com elle a pé se poem, que está ferido
 Na gente imiga estranhos golpes daõ,
 Até que a multidaõ tanto os aperta
 Que se o soccorro tarda, a morte he certa.
 Mas

Mas qual apparecendo no Oriente
 O filho de Latona a sombra escura,
 Que cobre a terra, a deixa ver contente
 Cheia de varia cor, e fermosura:
 Cada hum dos irmãos, que honrosamente
 Ia não compraua mais que a sepultura
 De nouo o frio alento tem cobrado
 Vendo a Nunalures ja posto a seu lado.

Quem vio ja muita gente embaraçada
 C'ò rasteiro foguete que lhe deu,
 Foge hum por entre outra sem ver nada
 Cad'hum c'ò corpo alheo esconde o seu:
 O fogo aqui, e aly fazendo entrada
 Alcança o que mais longe se acolheo;
 Tal andaua esta gente c'ò desmaio
 De ver que entre elles dera aquelle rayo.

Vasco Martins dobrando os golpes duros
 Despacha a multidão que tem diante
 Martin Affonso os tira tam seguros,
 Que o não sofreraõ peitos de diamate,
 Polos ares do pô continuo escuros
 Faísca a sua espada penetrante,
 Nuno Alures de tal sorte os desfobriga,
 Que hum nouello traz feita a gente imiga.

O que pode fugir, por seu mal tarda,
 Que aly tinge de sangue a seca areia,
 Quando ja chega a gente da vanguarda,
 Que cortaua do rio a branda vea:
 Nenhum dos inimigos tempo aguarda,
 Vendo toda a campina de armas chea,
 Voltaõ redeas com medo, e sem sentidos
 Deixaõ graõ parte presos, e feridos.

Tornaſe os noſſos ja no ſeu concerto
 Marcham para Alemquer, paſſaõ o Tejo,
 Aly ſe aloja o Rey por ficar perto
 Da guerra, do inimigo, e do deſejo:
 E porque o prazo a ambos era incerto
 E o poder do contrario tam ſobejo
 Ao Condeſtabre manda em continente
 A's Tranſtaganas terras fazer gente.

Partefe do arraial bem concertado
 E a Mugeſ dormir torna aquelle dia,
 Aonde dos ſeus ficou deſamparado
 Com trinta e cinco ſós na companhia:
 Que ſabendo que os outros tem recado
 Da jornada, e caminho que fazia
 Temendo a muita gente de Caſtella,
 Naõ quiferaõ prouar a furia della.

Com aquelles bons, e poucos ſe aſſegura
 Cheos todos de eſforço, e de bondade,
 E entre elles Antaõ Vaz que a fama eſcura
 Deixara da ſoberba antiguidade;
 Se vencera outro Horacio na ventura,
 Como o igualou no eſforço, e na vontade,
 Que armado toda a noite a ponte guarda
 Queixandoſe do imigo porque tarda.

Sobre a ponte jurou que a naõ deixaffe,
 Por mais força de imigos que occorreſſe,
 Té que o cauallo em ſangue naõ nadaffe,
 E outra ponte de mortos ſe fizeſſe,
 Que ſe o campo contrario ſe juntaſſe,
 E naquella hora a ponte accometeſſe
 Que no rio que laua os arcos della
 Afogaria a fama de Caſtella.

Deixemos a arrogancia valerosa
 Deste que em seu grande animo a fundava,
 Que armado passa a noite vagarosa,
 Em quanto o Condestabre repousava:
 A manham desejada, e graciosa
 Na coroa de hum monte se mostrava,
 Quando cõ os seus partio sem dano ou guerra
 E ja se aloja alem de Saluaterra.

A Montemor chegou noutra jornada,
 E achou Nuno Fernandes de Moraes
 Triste com gente sõ, desbaratada,
 Que inda de hum fero encontro traz sinaes;
 Que lá na grossa Arronches salteada
 Fora dos aduersarios naturaes,
 Donde escapou ferido, e com trabalho,
 E vasco Gil o brauo de Carualho.

Affaz fica o Pereira descontente
 Desta noua tam triste, e deste dano
 Por ser a mais daquella a forte gente
 Com que elle ja vencera o Castelhanao:
 Mas consolando ao capitão vallente
 Com palauras de amor, com rosto humano
 Configo o leua a Euora, e em breue
 As gentes chama, aos capitães escreue.

Ia neste tempo em Portugal entrava
 O Castelhanao Rey na sua empresa,
 E com multidão bellica occupava
 Essa antiga prouincia Portuguesa:
 Ia dos seus tinha os campos, que pisava
 Sem fazer conta aos gastos da despeza,
 Ia faz merces no reyno, ja das Villas,
 Que mais custa o ganhalas, que o pedillas.

Ia do Mondego as praias reluzentes
 Bebendo as puras agoas de cristal
 Atraueſſaõ guerreiras, varias gentes,
 Que à vam conquista vem de Portugal:
 Bandeiras desenrolaõ d'differentes,
 Que a Castellhana ſeguem principal,
 Galiza vem atraz, Cantabria fria,
 Catalunha, Aragaõ, Andaluzia.

Dos lugares a gente pouco experta
 Que ve aquelle exercito marchando
 Palida a cor do roſto, a boca aberta,
 Por entre o mato eſcuro fica olhando:
 Nenhum a vida, ou terra tem por certa,
 Vendo do imigo o numeroſo bando,
 Mas quanto o ſeu temor he mais ſobejo
 Lhes vem da liberdade mór deſejo.

Niſto o Rey deſejado Luſitano
 Com os ſeus mais verdadeiros, q̃ arrogantes,
 E elle mais eſforçado do que vſano,
 Formando o campo eſtá na freſca Abrantes:
 E vendo de tam perto o Caſtelhano,
 E os ſeus poucos, e em votos diſcrepantes
 Manda Martim Affonſo o Melo ouſado,
 Chamar ao Condeſtabre com hum recado.

Com ſós quinhentas lanças que ajuntàra,
 E com dous mil peões mui pouco eſpera
 De Euora parte, e logo aly chegàra
 Se com azas aos ſeus trazer podera:
 Duas legoas da freſca Abrantes pàra
 E com ſeſſenta lanças, que eſcolhera
 Vem ver ao Rey famoſo o bom vaſſallo,
 E o Rey do real parte a eſperallo.

Se Ioaõ teue outra hora de mór gosto
 Facil fora a saber, quem vira entaõ.
 O modo das palauras, riso, e rosto,
 Em que a Nunalures moltra o coração.
 O Tejo os vio, que as agoas nesse posto,
 Só para os contemplar, deteue entaõ
 Mouendo as crespas ondas de alegria
 Com as doces palauras que lhe ouuia.

Daly á real tenda logo o leua
 Conselho, e fauor pede, elle relata
 O que em tal tempo, e pressa fazer deua
 Ao que o contrario Rey ordena, e trata:
 E por Nunalures ver quanto releua
 Poupar aquelle tempo, o naõ dilata
 Ao seu alojamento volta, e antes
 De vir o dia, está na bella Abrantes.

Entra o Rey no conselho duuidoso
 Aonde o principal bando logo atalha
 O dessenho importante, e valeroso
 De ao Castelhana Rey dar a batalha:
 Hum considera o campo numeroso
 De aço duro vestido, e fina malha,
 Outro os nossos, que saõ, inda que ousados
 Poucos, pouco seguros, pouco armados.

Iulgaõ o intento seu por temerario,
 Cada hum aponta, e segue outro partido,
 Que era apartarse á furia do contrario
 Por naõ fer preso alem de ser vencido,
 Era o conselho igual, nas razões vario
 Só de hum mesmo temor bem mal nacido
 Ao Rey o coração pede outra cousa,
 Mas vendo-os contra si fallar, naõ ousa.

Quando a fallar se moue aquelle ouláo,
 E claro defensor da patria sua,
 Para o Rey entre os outros eclypsado
 Como anteposta ao Sol custuma a Lua;
 Só da cabeça e elmo defarmado,
 E da manopla a mão direita nua
 De sangue as armas tintas, e na espada
 A valerosa mão como apunhada.

Como Senhor? (dizia) e pode tanto
 O temor entre os vossos tam valentes?
 Que em lugar de despreso, tenha espanto
 Da fraca multidaõ de armadas gentes?
 Que não olhando ao sereno, e santo
 Que custuma abater aos mais potentes
 Einjustos cobigosos cá da terra,
 Temais o risco de huma injusta guerra?

Esse nome que tendes adquerido,
 E este reyno que tendes conquistado
 Como vos virá a ser restituído,
 Se agora (o ceo não queira) for tomado?
 Se sem batalha em fim fordes vencido
 Sendo de bons, e poucos ajudado
 Depois fugeito o pouo, o mar em meo
 Como conquistareis a hum reyno alheo?

Animo bom senhor, ponde a ventura
 No vosso esforço, e em nosso nome antigo
 Dai luz a essa vam sombra, fraca, escura,
 E não creais ao rosto do perigo,
 O ceo vos ama, o ceo vos assegura,
 O contrario vos busca, e eu me obrigo,
 Que veja na batalha o defengano,
 Que quem busca o não seu, busca seu danno;
 E vos

E vos ó Portugueses valerosos
 Só nas palastras curtos, e atalhados
 Tanto neste conselho duuidosos
 Como contra elle em armas esforçados:
 Não tira o ser discretos cautelosos
 Serdes como vos sois fortes, e ousados,
 Mas tira ao nosso Rey huma alegria
 Do desejo, e valor que em vos confia.

Quantos estais aqui que nesta empreza
 Seguindo o mesmo amor que a mi me obriga
 Com forte, e pouca gente Portuguesa
 Mór numero vencestes da inimiga?
 Não tendes inda a mesma fortaleza?
 Não sustentais a mesma fama antiga?
 Se em varias partes ja todos vencemos
 Juntos sem guerra, aqui porque tememos.

Não afronteis ao nome que ganharaõ
 Os famosos auós donde viesdes
 Que ao Mauritano Barbaro tomaraõ
 As terras que atégora defendestes:
 Sustentaias com a honra que as deixaraõ
 E com a que depois por vos lhes destes
 Não se va gloriando hum campo armado
 De achar Rey Portugues desamparado.

Não deixeis os sepulchros levantados
 De vossos immortais progenitores
 Para de imigos pés serem pisados
 De que elles foraõ sempre vencedores;
 Ou leuemos os nossos que enterrados
 Ouço gritar com vozes, e clamores
 Que elles pelejáraõ mais de vontade
 Por nossa honra, e sua liberdade.

CANTO DECIMO TERCEIRO. 303

Por não irmos tam sós vamos com elles,
E achareis os imigos que vem sós ,
Porque não póde auer mais força nelles ,
Que em quanto nos faltar esforço a nós ;
Com mais frio temor vem os mais delles
Do que mostraís no rosto alguns de vós ,
Nem he tam grande a furia da tormenta
Como o temor , e apressa a representa.

Porém se esta razaõ desamparardes
Seguindo outros conselhos fementidos
Deixando a vosso Rey , não por ccuardes
Mas de vosso valor grande esquecidos ;
Ou se elle quiser ir aonde o leuardes
Por caminhos incertos , e perdidos :
Eu só com os meus , com esta , e sem reeco
A patria liurarei de jugo alheo.

Quem encontra o seu Rei se lance á parte
Do contrario , por medo , ou por respeito
Mostre seu poder todo , esforço , e arte
Contra o valor dos meus , e o deste peito ;
Antes se perca a vida em mãos de Marte ,
Que a minha patria , e reyno ver fugeito
Morreo Nunalures cuça o murdo todo
Conte a fama porque , e de que modo.

Seiscentos caualleiros costumados
Tenho a vencer comigo o Castelhana
Com mais dous mil Infantes esforçados
Dos quaes tem recebido o mesmo dano ;
Com estes verdadeiros , e arriscados ,
E com o valor do nome Lusitano
Prometto á menha patria Portuguesa
De vencer , ou morrer na mesma empreza.
Em

Em quato isto dizia o que sem medo
 Ao Rey para altas obras animauá,
 Estaua o claustro em timido segredo
 Nenhum lhe respondeo, ninguem fallaua;
 Como o ribeiro manso, alegre, e ledo
 A que algum vallo o curso represaua
 Tomando outro lugar para á verdura
 Corre por entre as pedras, e murmura.

Assi como acabou nestas razões;
 Aquelles a que o medo escuro, e lento
 Tinha contaminado os corações,
 Murmuraõ deste ousado atreuimento:
 Aprouaõ-no somente alguns varões
 Que tem a tenção mesma, e pensamento,
 Mas saõ tantos os mais, que escassamente
 Ousa fallar aquelle que isto sente.

Para os seus se tornou Nuno Alures, quando
 O Sol por entre as ondas se escondia
 A todos se mostraua amigo, e brando
 Como quem delles ja se despedia;
 Primeiro com razões lhe está lembrando
 O que á seu Reyno, e Rey cada hum deuia
 O nome, a liberdade, a honra, a fama
 Que tanto aos corações obriga, e chama.

Depois lhe conta tudo o que passara
 No conselho, as palauras que dissera,
 O que ante o Rey, e os seus firme jurara
 O que por parte delles prometèra;
 Que se todo o seu campo o desampara
 Que elle cumprir por sua parte espera,
 E com os que o seguirem a esta sorte
 Quer antes que ter vida, honrar a morte.

Logo huma voz leuanta a forte gente
 Que enchendo hũ valle os montes respondiaõ,
 Que querem morrer todos juntamente
 Seguindo ao capitaõ que aly traziaõ;
 Com impetu , e valor fero , e valente
 Com bellico rumor todos feruiaõ
 Qual em o mato verde o fogo isento
 A que moue assoprando o manso vento.

Naõ era ainda a Aurora aleuantada
 Quando para Tomar marcha a bandeira
 Da gente a Marte , e Luso consagrada
 Esforçada , leal , e verdadeira ;
 E por buscar aos seus mais larga estrada
 Nesta forma seu campo o graõ Pereira
 Esperando que chegue o Rey potente,
 Que os campos cobre já de armada gente.

Sabendo o Rey Ioaõ desta partida
 Della enojado assaz , bem ponderaua
 O valor de hum varaõ , que a propria vida
 Tanto por seu seruiço desprezaua :
 Porem os seus com inueja conhecida
 Inda que em razões varias se embuçaua
 O julgaõ por rebelde , e por culpado ,
 E por desprezo hum feito tam honrado.

O Rey que bem conhece a tal^{te} vassallo ,
 Ea tençaõ que estes seus contra elle tem
 A Tomar aonde está manda chamallo
 Por Ioaõ Affonso o bom de Santarem;
 Por ser homem capaz para obrigallo
 Do seu conselho , Nuno o naõ detem
 Antes ao Rey por elle pedir manda ,
 Que o deixe ir acabar nesta demanda.

Tras este outro varaõ de grande conta
 Lhe manda o Rey dizendo que voltasse
 Que se com elle o seu recado monta
 Aquelle só recado o obrigasse:
 Elle já enleado nesta afronta
 Sem saber em que modo se escusasse
 Despede o mesageiro pola posta
 Dizendo que elle hirá dar-lhe a reposta.

Outra vez em conselho o Rey famoso
 Com os seus sobre a batalha está presente
 De se ver já no campo cobiçoso
 E só de quem o atalha descontente:
 Onde hum varaõ illustre, e animoso
 O Doutor Gil Dofem firme, e prudente
 Vendo culpar a Nuno que não veo.
 Assi falou ao Rey de esforço cheo.

Como em tam fortes peitos se consente
 De hum a vil sem rezaõ tantos estremos?
 Temer a guerra, e ir contra hum valente
 Que nos obriga aquillo que deuemos,
 Que offensa faz ao Rey que está presente
 Se nós em o não seguir já o offendemos,
 Senhor desse a batalha, e quem recusa
 Não tome a dom Nunalurez pos escusa.

A isto o Rey mostrou tam ledo o rosto
 Que os outros mudaõ logo o parecer
 Alguns dissimulando o seu desgosto,
 E outros mostrando nelle o seu prazer:
 Pollo campo á batalha já disposto
 Começa a alegre noua a discorrer
 Armas, armas, gritaua a gente bella
 Viua el Rey dom Ioaõ contra Castella.

Manda a Nunalures logo hum mesageiro
 Que em Tomar o espere no outro dia
 O quaõ contente fica o caualleiro ,
 E aluoroçada a forte companhia :
 Naõ cuida que he recado verdadeiro
 Polo grande desejo com que ardia
 Inda o ceo das estrellas se adornaua
 Quando para esperallo já se armaua.

Trazendo o dia o lucido planeta
 Desperta o tambor rouco , o Martio bando
 Rincha o cauallo á salua da trombeta ,
 Que aos animosos Martes vai chamando ;
 A gente aluoroçada , e inquieta
 Para Tomar em tropa vai marchando ,
 E com esforço igual, e igual desejo
 Por agoas de Nabaõ troca as do Tejo.

No trajo os caualleiros significação
 De amor ledas diuifas , e tenções
 Esposas , mãis , e irmãs chorando ficam
 Nas lagrimas mostrando os corações :
 Ao ceo pola vitoria logo applicação
 Romarias , jejuns , e deuacoens
 Com os olhos vaõ seguindo aquella empresa
 Que estas armas lhe dera a natureza.

Iá via o Condestabre as varias cores !
 Das alegres bandeiras que voauaõ
 O marchar compassado dos tambores
 Que em ecco dentre os montes se dobrauaõ
 Iá da villa os quietos moradores
 Sobidos dos outeiros contemplauaõ
 De lugares tam varios gente junta
 Hum se espanta , outro conta , outro pergunta ,

Nuno Alures mais alegre aquelle dia
 Do que em nenhum se tinha aly mostrado
 Hum mesageiro ao Rey contrario enuia
 Que dê ousadamente este recado:
 Que elle para a batalha o desafia
 E o espera vencer em campo armado
 Se logo de seu Rey não deixa a terra
 Que injustamente occupa com vam guerra.

Disto o contrario Rey mais indignado,
 A quem o esforço em ira enuolto crece,
 Diz, que não dá reposta a tal recado,
 Nem ao Mestre de Avis por Rey conhece:
 Que o nome que hum, e outro tem tomado
 Com que a dar-lhe batalha se offerece,
 Com armas tirará, e a terra sua
 Fará que a seu pesar lhe restitua.

Com isto o mesageiro se partio,
 Para a reposta dar ao bom guerreiro,
 E caminhando assi, gritar ouuio
 No mato a hum Castelhana caualleiro;
 A'quella parte de pressa acudio,
 Quando conhecem dous ao mesageiro
 Que do campo com elle em companhia
 Mandará Nuno aquelle mesmo dia.

Eraõ estes dos seus fortes, e ousados,
 Vinhaõ buscar esp'ia do inimigo,
 E não foraõ no intento descuidados
 Que esta acharaõ sem risco, e sem perigo:
 E ainda que com queixumes, e com brados
 Inuocaua o fauor do campo amigo
 Ficaua esse remedio tam distante,
 Que era este gritar seu pouco importante.

Traziaõ-no entre si como escondido ,
 Quaudo o bom companheiro pareceo
 Ouindo-o gritar mais por ser ouuido ,
 Que polo dano , e mal que recebo :
 Ledos os tres , e triste o que oprimido
 A seu destino a vida offereceo
 Vem de Nabaõ a praia em tempo breue ,
 Porque outro nouo caso os naõ deteue.

Apeáraõ-se aly numia floresta ,
 E em quanto os dous com o preso se detinhaõ
 O melageiro a Nuno manifesta
 O recado que traz , e os dous que vinhaõ :
 Nada a reposta altiua achou molesta
 Só á presa accudio , que os outros tinhaõ ,
 Deixa a geute que a rouca caxa incita
 Que em ordem de batalha se exercita.

Vai ver ao Castelhana , e ouue quanto
 Poderá pôr receo a qualquer peito ,
 Mas o seu desconhece todo o espanto ,
 Que he para seu valor o mundo estreito :
 A vida lhe concede aly com tanto ,
 Que mostrádo ante os seus que he sem respeito
 Diga ; do campo inimigo preguntado
 Que vem de medo , e de armas carregado.

De tal sorte ensayou , e fez o espia
 Que ao campo dobra as forças , e esperança ,
 Cada hum aluoraçado do que ouuia
 Acha o braço mais forte , e leve a lança :
 Daly se parte o Rey contra Leiria
 Aonde tambem o contrario naõ descansa
 Bebendo as doces agoas , que naõ nega
 O desejado Lis que os campos rega.

Diante

310 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Diante parte Nuno, e busca assento
Aonde melhor o exercito se veja
Iunto da altiua Ourem, cujo aposento
Desejou Bacco já com grande inueja:
E dispondo por obra o pensamento
Forma-se o campo em ordem de peleja
O Rey está num alto, assaz contente
De ver tam destra a bellicosa gente

D'entre esta turba armada que occupaua
Matos, charnecas, brenhas, monte, e prado
Hum corso mui veloz se aleuantaua
Do campo a todos partes acossado:
A gente toda em bandos se abalaua
Com alarido o monte aluorotado,
Té que á tenda del Rey foi tomar porto
E aly (presagio raro) cahio morto.

O' quanto a popular gente se altera
Com os alegres principios deste agouro
No successo que ao Rei ditoso espera
O Tejo, o Guadiana; o Minho, o Douro:
Poserá o pouo aquella incauta fera
Entre o animal de Hele, e branco touro,
Em remuneraçãõ, honra, e memoria
De ser primeiro indicio da vitoria.

Eis no outro dia parte a leda gente
Para Porto de Mos aonde ja fora
Vencida de dom Fuas sabiamente
A gente que a Mafoma falso adora:
Nunalures mais alegre, e mais contente,
Quanto sua esperança se melhora
Com cem ginetes vai contra Leyria,
O campo descobrir que el Rey trazia.

Está a fermosa terra situada
Numa planicie fresca, e deleitosa,
A huma rocha ingreme encoitada
Donde o castello a mostra mais fermosa;
De dous alegres rios rodeada,
E de fresca verdura graciosa,
Valles ao redor verdes, sombrios,
Que cortaõ mansamente os brandos rios.

Não podia o Pereira ousado, e forte
Ver da montanha a gente que se espalha
Pollos fundos valles, de tal forte
Que qualquer monte espesso a vista atalha:
E antes que o Sol dourado as ondas corte
Vê de espasso o lugar aonde a batalha
Determina de dar ao de Castella
No qual durará sempre o nome della.

Huma charneca igual larga, e comprida
Depois feita dos nossos plana estrada
Nem de outeiros, e valles oprimida,
Nem de asperos barrancos atalhada:
Para outro mór exercito escolhida
De maior multidaõ de gente armada,
Que pode ter em passo, e em campanha;
Quanta tem Portugal, e encerra Hespanha.

Voltou ao arrayal com vista vfana,
Que ao Rey, e a seus soldados alegrava
Como o rosto de Febo, ou de Diana
A quem a noite escura amedrentava:
Entaõ lhe diz da gente Castelhana
Que nem dos altos montes se enxergava,
Que por ter já por certo o fim da vida,
Viua estava nas couas escondida.

Mas

Mas já he tempo, ó Musa minha amada
 Que o estylo deixeis suave, e brando,
 Porque com voz sonora, e entoada
 Vá meu verso entre as armas retumbando:
 Deixai a fonte a Phebo consagrada
 Aonde alegre habitais, vamos cantando
 Rios de sangue palidos, e escuros
 Mortes, encontros varios, golpes duros.

Hum dia antes daquelle que sobio
 Da terra a tomar posse do alto ceo
 A que o filho de Deos virgem pario;
 Que para nos sobir de lá deceo;
 Quando do Sol, e estreillas se vestio
 Aquella estreilla, de que o Sol naceo,
 E estampou sobre a Lua as plantas bellas,
 A que admirou ao ceo, Anjós, e estreillas.

Parte Ioaõ o Rey forte animoso
 Nos poucos seus, e em Deos mais confiado
 A buscar o contrario poderoso,
 Que á batalha já tem desafiado:
 E de Castella o campo numeroso
 De Leiria partio quasi afrontado;
 Que com disigualdade tam notoria
 Tem por afronta a honra da vitoria.

E o Rey que no caminho o posto esteue
 Em a batalha não dar sanguinolenta
 Passar quer a Lisboa em tempo breue,
 Que conquistala assi mais lhe contenta;
 Mas nenhuma das obras he tam leue
 Como o valor, e esforço representa,
 Que os poucos corações muito leais
 Como cabeças de Hydra crecem mais.

Chegou ao campo a gente Portuguesa,
 Que á morte offerecida, o golpe aguarda :
 E armada mais de amor, e fortaleza
 Poem a Leiria á vista da vanguarda ;
 Andaua Nuno aly com tal destreza
 Que a todos acudindo a nenhum tarda
 Governando, e dispondo os esquadrões
 E enchendo-lhe de esforço os corações.

Nisto tres caualleiros que assomauão
 Ao campo Portugues pedem seguro,
 Por Nuno Alures Pereira preguntauão
 Que armado se lhe offerece de aço duro;
 Por o Rey Castelhana o conuidauão
 A promessas muy grandes de futuro
 Se deixasse a seu Rey, e a seu perigo
 Que estaua claro á vista do inimigo.

Diogo Alures dos tres era o primeiro,
 Que da parte delRey ao irmão falla,
 Marichal de Castella, o companheiro,
 Pero Lopes, o outro era de Ayala:
 Mas daua tal reposta o caualleiro,
 Que lhes não dá lugar de replicalla,
 E elles voltando as redeas pola posta
 Leuão mais de receo que reposta.

O nosso campo em armas, e ordem posto,
 Esperando batalha, o Castelhana
 De hum vento leue, e vaõ que traz no rosto
 Como astuto, e sagaz temendo o danno;
 Com huma volta muy larga, toma o posto
 Que do Sol tem tomado o Lusitano,
 Ao qual nada detem, nada acobarda
 Que abrindo os esquadrões muda a vanguarda.

Eis quando os atambores ja soauão,
 E vem marchando as gentes de Castella
 O' Deos que os corações se congelauão
 Com o pavor que fazia a vista della;
 Os outeiros, e os campos se qualhauão
 Da espessa multidão armada, e bella
 O Sol tocando as armas rutilantes,
 E rinchando os cauallos espumantes.

Os contrarios de longe apercebidos
 Tocando os instrumentos vem de Marte;
 Da gente se ouuem vozes, e alaridos
 Tremolando os pendões de parte a parte;
 O Sol que estaua olhando os atreuidos
 Feria de huma parte, e doutra parte,
 As plumagens dos elmos, e aureas cristas,
 Bandas, tenções, escudos, sobreuistas.

Naõ viraõ tam lustrosa companhia
 Os campos de Pharsalia antigamente,
 Nem o Simois a vio quando corria
 Enuolto em negro sangue, e fogo ardente;
 Qual esta á vista humana parecia
 De diuerſas, nações de varias gentes
 Varios trajos, e cores, e os trombetas
 Da que vestem na guerra os Massagetas.

O numero das gentes do inimigo
 Parece a alguns contado ser patranha,
 Porém no campo o Rey tinha consigo
 A flor de Portugal com toda Hespanha:
 Das terras que perdera elRey Rodrigo,
 E de França, Gasconha, e de Alemanha
 Catalais, Biscainhos, e Leoneses,
 Galegos, Andaluzes, Montanheses.

Tinhaõ os Portugueses rebelados
 Da soberba vanguarda a destra maõ,
 E destes contra a Patria leuantados
 Dom Pedralures Pereira he capitaõ;
 Setecentos dos nobres leua armados,
 Contra o menor, e mais valente irmaõ,
 E de Alcantra o Mestre outra ala tinha
 Que com os mais estrangeiros d' armas vinha.

Pedro do Marquez filho de Vilhana
 Famoso Condestabre de Castella,
 Traz de lustrosa gente Castelhana
 A dianteira, e grandes copias nella;
 Fermosa á vista, arrogante, e vfana,
 E mais que para a ver, para temella
 Traz destas alas logo outras ficauaõ,
 Que a dous lados do campo se espalhauaõ.

Era sem conto a gente que o seguia,
 E a que o Rey tem consigo naõ me atreuo
 A affirmar liure aqui quanta seria
 Que na fé dos melhores della escreuo,
 Mais de setenta mil de homens auia
 No exercito contrario, e no que deuo
 A fugir d' afeição mal informada
 Naõ se diz que era toda gente armada.

Postos diante, os nossos pareciaõ
 Qual ante o mar parece o Tejo brando
 Diz hum, que só seis mil de armas seriaõ
 Outro mais de dez mil todos contando;
 Ou se conformaõ nisto, ou desuariaõ
 Mas tam desigual era o Martio bando
 Que tinha o Rey contrario por injuria
 Vlar contra tam poucos tanta furia.

316 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Dos nossos verdadeiros, e esforçados
A vanguarda leuaua o graõ Pereira
A ala direita, que he dos namorados,
Verdes as guarnições, verde a bandeira,
São duzentos mancebos conjurados
A terem na batalha a dianteira;
E o capitão só digno de regelos,
Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.

Antão Vasques d'Almada he na segunda
De outros duzentos fortes caualleiros
Com alguns Ingrefes nobres, que a fecunda
Britania então nos deu por companheiros:
Que antes que a cizania baxa, immunda
Profanasse seus ritos verdadeiros,
Eraõ irmãos em armas para á guerra
De Portugal os Reys com os de Inglaterra.

Regia a retaguarda o Rey famoso
Com o restante da gente Portuguesa,
Tam alegre, e esforçado, e tam ayroso,
Que aos seus está dobrando a fortaleza;
Ia com o final horrifono, espantoso,
Se moue a gente em nouo fogo aceza,
De hum campo, e outro ja soa a trombeta
E manda ao Condestabre que accometa.

C A N T O XIII.

*Conta-se a batalha real até o disbarate del Rey de Castella, que se retira a Santarem: Diante del-
le no caminho morre valerosamente Vasco Martinz
de Melo. O Condestabre segue o alcance do inimi-
go: El Rey recolhe as gentes ao lugar da batalha:
Conta-se a desastrada morte de dom Diegalures Pe-
reira: O Condestabre vai a nossa Senhora de Seisa
em romaria. O Rey vencido se embarca para seus
reynos.*

(rao

COm o som medonho os montes se abala-
O Tejo se turbou, e o Guadiana
Pavorosas as ferras se inclinaraõ
Tremeu a terra antiga Lusitana
Os cauallos de Apolo se encresparaõ,
E elle negou o rosto á vista humana,
E retumbando o ecco no vaõ dos montes
Fez responder graõ tempo os Orifontes.

Tornase o ar de setas logo escuro
Nuuens de negro pó ao ceo subindo
As pedras resoando no aço duro,
E as lanças de arremeiço vaõ zenindo:
Cerraõ-se as alas juntas, fica hum muro
Das lanças campo, e campo diuidindo
Tudo em desiguaes vozes arrebeta
Estrondo, confusaõ, grita, e tormenta.

318. O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Foraõ do som horrifono espantados
Muitos da primeira ala Lusitana
De alguns tiros aos nossos desusados
Que vinhaõ na vanguarda Castelhana:
Que até aquelles bons tempos celebrados
Nos naõ mostrava a vil malicia humana
Que com eltrondo, e fumo que faziaõ
Aos nossos forças, e armas suspendiaõ.

Mas ja de Nuno a rigurosa espada
Com golpes sem medida, e sem defesa
Fazendo entre os inimigos larga estrada
Abre caminho á gente Portuguesa:
Vallos fazendo vai de gente armada
Com desusada, e estranha fortaleza
Para huma, e outra parte os golpes dobra,
E atras d'elle a vanguarda esforço cobra.

Dom Ioaõ Affonso o valeroso Conde
Que ante todos moueo com furia estranha
Na Patria gente a fera lança esconde
E em gritos vem dizendo; viua Hespanha:
Da outra parte Nunalures lhe responde,
Que faz tremer com golpes a campanha,
Portugal, Portugal, e á voz que lança
Com a furia da espada se abalança.

O' golpes nesta idade tam mal cridos,
Que os montes de Colippo em Ecco vaõ
Teueraõ grande espaço repetidos,
E o Lis que as crespas agoas teue entaõ,
Huns caem até os ombros diuididos,
Doutros partido o corpo cobre o chaõ,
Partense arneses, greuas, e celadas,
Qual se foraõ de massa fabricadas.

Voauaõ pollo ar confusamente
Rachas de lanças, malhas, setas duras,
Faiscando das armas reluzentes,
Linguas de fogo palidas e escuras,
Qual impellido vai, qual liuremente
Atropellando os corpos, e armaduras
Até parar naquelle estrago horrendo,
Que o grande dom Nunalures vai fazendo.

Nadando em sangue alheio, e carregado
De virotes, de lanças, e farpões
Como o Liaõ de Libia magoado
Bramindo vai cortando os esquadrões;
Hum ribeiro de sangue corta o prado
Tingem-se nelle as plumas, e pendões
Lanças, braços, e cabeças, pernas corta
Só lhe pára diante a gente morta.

Com hum grande tropel de caualleiros
De Alcantara o Mestre aly soccorre
Rompendo em Nuno as lanças os guerreiros
Como o mar quebra as ondas na alta torre:
Dehũ golpe a seus pés chama os dous primeros
E entre elles estirado o Mestre morre
Partido o elmo em dous com hum ferida
Donde exalado em sangue lança a vida.

Destes golpes mortaes como atordidos,
E da sombra luzente do aço fino
Pisando corpos mortos sem sentidos
Ia voltaõ os de atras perdendo o tino;
Aly a grita, as vozes, e alaridos
Dos que guiaua á morte o seu destino
O campo, o Ceo, e os montes atroauaõ
E as espadas ardentes se encontrauã.

Neste

Neste tempo dom Pedro o de Vilhana
 Com a furia das gentes que trazia
 Vai rompendo a vanguarda Lusitana
 Para onde o Mem Rodrigues se estendia:
 Aly se esforça a gente Castelhana
 Que em bando sobre as alas recrecia,
 Mas de hum crespo furor arrebatados
 Se enuoluem na batalha os namorados.

Mem Rodrigues enfiça a dura lança
 Rui Mendes o irmão emprega a sua
 Vasco martins de Melo não descança,
 Que elle só faz batalha fera, e crua:
 Aonde do braço seu o golpe alcança
 Deixa o sangue banhando a carne nua,
 E he tanta a gente armada com que entende
 Que nenhum golpe em balde se despende.

De cá moue Antão Vasques que batendo
 Qual jauari furioso os dentes vinha
 Sam Iorge aos seus, Sam Iorge vem dizendo
 E a sua espada ás outras encaminha:
 Por lanças, por espadas vai rompendo
 Nenhum dos seus tras elle se detinha
 Para onde o valeroso, e bom Pereira
 Aruora entre os imigos a bandeira.

Os valentes Ingrefes que desejaõ
 Mostrar de seu valor toda a bondade
 Com esforço immortal por nós pelejaõ
 Que bem mostraõ nas obras a vontade,
 Os contrarios Franceses os inuejaõ,
 Que ainda que os anima, e persuaede
 Numero desigual de armadas gentes
 Desmayaõ vendo os poucos tam valentes.

Tinha de negro sangue feito hum lago
 Que em já defuntos corpos faz repreza
 Fazendo áquella parte grar de estrago
 Na gente amedrentada sem defeza
 Quando o Mestre feroz de Santiago
 Entra com noua força nesta empreza
 O' Deos que então se via em grande aperto
 Nuno que o ceo de lanças vê cuberto.

Andaua o fero , e Lusitano Marte
 Entre nuvens de lanças , e farpoens
 Correndo a huma parte , e outra parte
 Sustentando na vista os esquadroens :
 Aqui , e aly ferindo se reparte
 Iguala os caualleiros , e peões ,
 Mas na confusa gente que recrece
 Lá nem aos seus guerreiros apparece.

Mas o Rey Portugues que nelle atenta
 Em quem só tinha a Patria sustentada
 Ante os seus animosos se apresenta
 Com huma facha na mão dura , e pesada :
 Equal o Sol na furia da tormenta
 Alegria a gente nautica inflada ,
 Que soruerse no abismo vio mil vezes
 Tal o Rey se mostrou aos Portugueses.

A elles Lusitanos esforçados ,
 Que eu sou Rey vosso , e vosso companheiro
 A elles (vai dizendo em grandes brados)
 Vamos defenganar este estrangeiro :
 Tras elle os Portugueses animados
 Seguindo o seu farol tão verdadeiro
 As forças renouando , os braços mouem
 Contra as gentes sem conto que aly chovem.

Leuaraõ com este impetu furioso
 Do campo hũ grande espasso os esquadrões
 Qual costuma no inuerno riguroso
 Romper vallos o Tejo, e marachoens ;
 Já enuoltos no combate perigoso
 Desamparaua o sangue os coraçõens
 Vendo aos nossos, e ao Rey, que sem receo
 Ferindo ousadamente anda no meo.

Dom Ioaõ Affonso Telo, o Conde ousado
 Vendo os seus já de volta, e de vencida
 Do lugar que esperou desesperado
 Honrando a morte certa, certa deixa a vida:
 Ante elle corre já desenganado
 Outro que á morte ousado se conuida
 Por não ver triunfar daquella empresa
 O defensor da Patria Portuguesa.

Este he dom Pedro o fero capitão
 Por imigo da Patria menos dino
 De ser do grande Nuno, caro irmão
 Que pollo esforço seu tam perigrino :
 O qual vendo que anima os seus em vão
 Porquê á morte os entrega o seu destino
 Tendo por affrontoza a vida chara
 Entre os contrarios fere, e não repara.

Té que huma grossa lança affaz ligeira
 Sem se ver donde fora despedida
 Derriba em terra o misero Pereira
 Que com o nouo Mestrado perde a vida
 Naquella fatal hora derradeira
 O vio o irmão, porém não homicida,
 E por segredo occulto ; ou suspeitado
 Não foi seu corpo mais no campo achado!

Aly morre dom Pedro o de Vilhana
 De Santiago o Mestre se retira
 Depois que seu poder o desfengana
 Sandoual hum , e outro aly solpira ;
 Desordenada a gente Castellhana
 Huma anteposta á outra as costas vira
 De volta os nossos nella vão ferindo
 Huns Sam Iorge gritando , outros fugindo.

Morre toda a nobreza de Castella
 May valerosamente pelejando
 Marichal , Almirante: e Mestres della
 Condes de Haro , Mayorga , e Vilhalpando
 A flor de Hespanha valerosa , e bella
 Fora termo infinito hir recontando
 Os que por conquistar a terra estranha
 Deixaraõ o melhor de toda Hespanha.

Os contrarios ginetes , que occoriaõ
 A' retaguarda já desamparada
 Contra os nossos com ira arremetiaõ
 Que eraõ gente plebea , e desfarmada :
 E inda que ousadamente a defendiaõ
 Pedem soccorro em voz desconcertada
 O Rey voltando o rosto áqueila banda
 A soccorrer-lhe o Condestabre manda.

Nuno mouendo o passo vagaroso
 Com o graõ pezo das armas magoadas
 Tintas no sangue alheo cobiçoso
 E de farpoens , e setas fameadas :
 Hia guiando ao passo perigoso
 Empeçando nas lanças derramadas
 Qual o touro feroz agarrochado
 No campo aonde correo desamparado.

E porque vê que á pressa vai tardando
 Esforça a voz, e o passo, porém nito
 Passou por junto aly galopeando
 O Comendador mór da cruz de Christo;
 Pero Botelho illustre, e venerando
 Que o perigo dos nossos tinha visto
 Chama ao Pereira, do caualllo dece,
 E pola redea, o leua, e lho offerece.

A cortesam offerta lhe recusa
 O capitão famoso, e o Botelho
 Vendo que nem o aceita, nem o escusa
 Por força, cortesia, e por conselho?
 O faz encaualgar sem outra escusa,
 E o que he de cortesia claro espelho
 Parte corrido em ver que aquelle o vença
 No em que elle a tantos fez mais differença

O' famosa bondade, ó cortesia
 Só dina de altos homens valerosos,
 Que em outro peito illustre não cabia
 Aonde ouuesse desejos inuejosos:
 A pé fica o Botelho, que podia
 Assi fazer inueja aos mais famosos,
 Porque outro caualleiro a tempo acuda
 Aos que gritando pedem sua ajuda.

Que he isto, entra dizendo o destemido,
 Valerosos soldados Lusitanos?
 Voltai que o campo temos já vencido
 Demos fim a estes poucos Castelhanos;
 Logo hum junto a seus pés deixou partido
 E aos outros mostra esquiuous defenganos.
 E os que vencidos já voltauaõ costas
 Cortaõ com golpes feros, e repostas.

Qual o destro Sabuio encarnigando
 No jauari cruel , que está grunhindo
 Os que á vista atély lhe andaõ ladrando,
 E a qualquer fucinhada vaõ fugindo;
 Lá de huma parte , e outra vaõ pegando
 Os dentes entre as cedas imprimindo,
 E por intinto proprio o sangue bebem
 Sem sentir as feridas que recebem.

Destá maneira os nossos se misturaõ
 Atras do capitaõ que fere, e brada,
 Porém muy pouco os golpes duraõ
 Que os imigos lhe fazem larga estrada;
 Feridas dando vai que não se curaõ,
 Nuno que não descança a sua espada,
 E com a gente imiga que se espalha
 Se declara a vitoria da batalha.

O Castelhana Rey palido, e triste
 Vendo a sua bandeira estar por terra,
 E que he já pouca a gente que resiste,
 E muita a que fugindo os passos erra.
 Mortos os capitães em que consiste
 O reparo da gente, e fim da guerra
 Animo, sangue, falla, e cor perdida
 Num ligeiro cauallo salua a vida.

Por campinas , por montes , e espessura
 D'alguns dos seus sòmente acompanhado
 Pola sombra da noite negra escura
 Com o rosto baixo, triste, e descorado,
 Vai chorando o successo sem ventura
 De Hespanha largos annos lamentado
 Conuertendo-se em penas , e em receo
 O magnanimo esforço com que veo.

Quam

330 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Quam pouco monta a fraca força humana
Se o poder lhe não vem da mão diuina
Como se esforça em vão , como se engana
Quem sem fauor do ceo se determina:
A gente mais soberba , e mais vfana
Mais perto está do estrago , e da ruyna
Que quãdo Deos contra ella , hũa hora inspira
Tem o Sol , abre o mar , e as setas vira.

Quanto ó poucos , e oulados Portugueses
Agora mais ingratos , e esquecidos
Deueis ao justo ceo , que tantas vezes
Fostes delle em batalhas soccorridos:
Quantos cetros , pendões , lanças e arnezes
Por elle a vossos pés vistes rendidos
Vencendo a multidão barbara estranha
Que hoje contada , alguns tem por patranha.

Viraõ de Ourique os campos celebrados
O barbarico numero estrangeiro
E depois na vitoria estar postrados
Cinco Reys infieis ao Rey primeiro
Quando entre o temor vão de seus soldados
Vio o Rey Portugues ao verdadeiro
Rey que as armas lhe deu santas diuinas
Que aos trinta dinheiros tem nas quinas.

Vio naquella idade o Tejo ameno ,
Seus campos doutra cor sanguinea triste ,
E tu que do impio san gue Sarraceno
Tingir se ó Santarem teu muro viste ,
Quando hum poder de gentes tam pequeno ,
Com tanta fé no ceo se arma , e resiste ,
Contra numero immenso de infieis ,
Vencendo o Rey cercado a treze Reys.

CANTO DECIMO QVARTO. 331

Vio o Mondego, o Tejo, o Guadiana,
Ouviraõ ferra e montes darrêdor,
Contra a furia da gente Mahometana,
Dom Gonçalo da Maya o lidador,
Na idade que já a vida desengana,
De dous Reys tam potentes vencedor,
Mostrando o ceo que as forças que lhe dera
Ninguem seu valor se vencer pudera.

Naõ valeraõ ao Rey famoso Hispano
Armas, gentes, e esquadras desiguais
Contra o valor do forte Lusitano
Que em Deos, que só tem tudo; tinha o mais
Disbaratado foge o menor dano,
E entre humidos sospiros, tristes ays
Volta os olhos átras para o que deixa
De si, dos seus, da sorte em vaõ se queixa.

Eis quando á redea solta hum caualleiro
Tintas em sangue as armas ábolladas
Sem lança, sem pendaõ, sem companheiro
A sobreuista, e plumas derribadas:
Passa entre os seus qual rayo que ligeiro
Por entre as nuuês corta descuidadas
Do Rey aferra, e cõmedonho aballo
Com elle traz á terra o bom cauallo.

Com noua furia a gente amedrentada
Em fauor de seu Rey num pensamento
Cercaõ ao que leuando a forte espada
Segue seu temerario atreuimento:
Porém a multidaõ da gente armada
Golpes, lanças, virotes cento a cento,
Morto o cauallo o trazem viuo á terra
Aonde de nouo intenta fera guerra.

Dando

Dando medonhos golpes não descança
 Couraças , malha , e corpos diuidia ,
 E sem curar da vida , ou da esperança
 Honrar sómente a morte pretendia ;
 A gente encarniçada na vingança
 Huma iobre outra em golpes recrecia
 Até que o sangue , alento , e cor perdida
 Com temor de tal corpo foge a vida.

Aly morto , estirado , e palpitando
 Aonde o sangue em borbulhas se derrama
 A tenor fica os viuos obrigando ,
 E á eterna lembrança a vaga fama ;
 Quando a caso hum peão desenlaçando
 O elmo já partido , os outros chama
 Manda o Rey (que inda o teme) conhecêlo
 Vasco Martins o brauo era de Melo.

Fizera este atreuido hum juramento
 Digno daquelle espirito temerario
 De prender no combate (fero intento)
 Ou pôr ao menos mãos no Rey contrario:
 E depois da batalha , e vencimento
 Em que hum valor mostrou transordinario
 Não encontrando o Rey ousado , e forte
 O vem buscar , e nelle a propria morte.

Aly espanta a fama , quando a vida
 Entre inimigas lanças despedio
 Por couza tam vaimmente prometida
 Que a preço tam custoso se comprio:
 Segue o Rey o caminho , que o conuida
 O receo do encontro que aly vio ,
 E em quanto triste vai como apressado
 O campo vamos ver desbaratado.

Canfado de ferir , e a facha dura
 Já de fanguinea cor , e as armas fortes
 Manchadas de mortifera pintura
 Com o triumpho immortal de tantas mortes ;
 O Lusitano Rey sobre a verdura
 Descansa , e daly olha as varias sortes
 Dos mortos polo campo , e meos viuos :
 E dos que entre os soldados vão catiuos.

De longe vem para elle o graõ Pereira
 Que com o passo quieto , e vagaroso
 Ao ceo levanta as mãos alça a vifeira
 Grato , humilde , contente , vitorioso :
 Eis do contrario Rey mostra a bandeira
 Antaõ Vasques de Almada o valeroso
 Vestido sobre as armas bem com ella
 O Rey , e o Condestabre se ergue a vella.

Ambos com natural contentamento ,
 E Antaõ Vás dando saltos de alegria
 Faziaõ mais fermoso o vencimento
 Que assi por todo o campo se estendia ;
 Mas porque se conuerte em desatento
 Mil vezes o prazer na fantasia
 Tocar trombeta manda o Condestabre
 Quando Thetis ao Sol já as portas abre.

Caualgua leuemente , e vai seguindo
 Com mui grande tropel de gente armada
 As gentes que espalhadas vão fugindo
 Por charneca , montanha , campo , estrada :
 Por toda a parte , terra descobrindo
 De vencidos guerreiros fameada
 Té o lugar que agora a fama nota
 Com o nome da batalha Aljubarrota.

Aonde

Aonde dos já vencidos Castelhanos
 Muitos fugindo á morte pereceraõ
 Entre pastores rudos, e ferranos,
 Que antes do Condestabre os receberaõ:
 Que os que por menos annos, ou mais annos
 Lugar para a batalha naõ teueraõ,
 E as mulheres, armadas liuremente
 Matauaõ nas estradas muita gente.

Inda he do volgar pouo engrandecida,
 A forneira valente, e celebrada,
 Que com a pá tirou a sete a vida,
 Que a deuiaõ trazer muy mal guardada:
 Quem naõ acabará gente vencida.
 Se contra ella a pá serue de espada
 Celebre-se a mulher, louue-se a terra
 Aonde se fez com paz tam fina guerra.

A noite vinha os ceos escurecendo,
 O Sol já se escondia atras dos montes
 Hiaõ-se as nuuens brancas desfazendo
 Corauaõ-se de roxo os horizontes;
 Hiaõ-se as feras, e aues recolhendo
 Soauaõ já ao longe as claras fontes
 Quando do largo alcance que seguira
 Com os seus o Condestabre se retira.

O Lusitano Rey que assi tomára
 Hum ligeiro cauallo da outra parte
 Quando d'elle o Pereira se apartára
 No campo representa hum nouo Marte:
 Os fugitiuos segue, os seus repara
 Com destreza, prudencia, auiso, e arte,
 E entre a gente contraria já sem guia
 Hum caualleiro vio que a pé fugia.

Sem elmo , e o arnes já destroçado
 O escudo em mil partes diuidido ,
 Que pola cruz com que hia atraueffado
 Foy do Rey valeroso conhecido :
 Diogo Alures Pereira , em alto brado
 Não fuja ; lhe bradava , sem sentido ,
 Que agora amigo em mi tereis melhor
 Do que vos já me fostes seruidor.

Voltou atras o rosto o caualleiro
 De pó , sangue , e suor , cuberto , e cheo ,
 Evendo o Rey piadoso , e verdadeiro
 Inda que com vergonha , e com receo ,
 Confessando o seu erro de primeiro
 Cruzando os fortes braços se lhe veo ,
 E com o sangue , e lagrimas nos olhos
 Perdaõ lhe está pedindo de giolhos.

Aly o deixa o Rey naquella estancia
 Na guarda dos peões feros soldados
 Entre presos de menos importancia
 Que o mesmo Rey lhes tinha encomédados ;
 E em quanto com destreza , e vigilancia
 Recolhe os seus guerreiros espalhados
 Os barbaros peões sem mais respeito
 Prouaõ a furia vil , contra hum sujeito.

Que em o vendo entre si sem resistencia ,
 E ausente o Rey tam forte como humano ,
 Daõ a seu erro antiguo penitencia ,
 Pollo final que tinha Castelhana ,
 Com huma sem razão , fera inclemencia
 Foi morto a lanças vis o Lusitano ,
 Que com espada , lança , e braço forte
 A tantos na batalha dera a morte.

336 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

O campo recolhido sabiamente
 Voltando dom Nunalures com graõ preza
 Cansado do trabalho, mas contente
 O Sol da Patria terra Portuguesa :
 No arraial poem guardas diligente
 Fazendo contra a sorte fortaleza,
 Que mil vezes mudauei vira o rosto
 Em tragedia trocando o maior gosto.

Aly com os passatemplos costumados
 Tres dias teue o Rey de grande gloria
 Diuidindo os despojos aos soldados,
 E gozando os descansos da vitoria:
 Naquelles largos campos celebrados
 A que hoje inda engrandece esta memoria
 E aonde o caminhante alegre, e ledos
 Apontando os lugares vai com o dedo.

Depois que o Condestabre aly descansa
 De hum trabalho taõ grande, e tam cõprido
 Porque a Deos traz na honra, e na lembança,
 E attribue a elle o succedido:

Comoo que só no ceo tinha esperança
 E era d'elle igualmente soccorrido
 A Seisa de Ourem parte em romaria
 Ao venerando templo de Maria.

De muitos (mãs vãamente) foi julgado
 Que hiã dar aos irmãos a sepultura,
 Que Deos só tinha o fim de seu cuidado
 Só a elle estima, quer, busca, e procura;
 De poucos dos seus bons acompanhado
 Polo maior rigor da noite escura
 No deserto caminho lhe acontece
 O de que a minha historia não se esquece.

Mas sigamos tambem ao Rey contrario ,
 Que com resto do campo era partido
 Que por qual vira o Melo temerario
 Já menos estranhava o ser vencido ;
 Culpando vai ao fado leue , e vario
 Não menos cuidadoso que offendido
 Soltando mil sópiros vãos ao vento
 Cheos de justa pena , e sentimento.

A Santarem chegou , e a noite escura
 Passou , qual todo o dia lamentando
 De si , dos seus soldados ; da ventura
 A terra , ao mar , ao ceo se está queixando ;
 E antes que a bella Aurora alegre , e pura
 Fosse as nuués espessas apartando

Para onde a sua armada no mar tinha
 Com os seus , como elle , tristes , encaminha ,

Já o vento as brancas velas encopava ,
 Que vão fazendo sombra no Oceano
 A seu repouso antigo se tornava
 Com tempo socegado o Castelhanao :
 Neptuno contra Marte o amparava
 Que sempre a hui cruel nace outro humano ,
 E quando Iuno aos Frigios perseguia
 A bella Cytherca os defendia.

Já das altiuas torres que deixauão
 Se despedia a vista faudosa
 Que ver outra vez já nunca esperauão
 Da cidade de Vlyses populosa :
 Os olhos mais enxutos se molhauão
 Com sentimento , e pena cuidadosa ,
 E o Rey que entre mil ays que despendia
 O Tejo o escutou que assi dizia.

Ah fortuna nos bens sempre inconstante
 Inimiga de auer firmeza em nada,
 Que com hum rosto atras, outro a diante
 Es cega, injusta, vam, desatentada:
 Quem ha que te conheça, e que se espante
 De em tam pequeno espasso ver mudada
 Num Rey a confiança, a vida, o gosto
 Se para o destruir viraste o rosto?

Quanto com teu poder me engrandeceste?
 Sobre tam grandes Reys me aleuantaste?
 Nos desejados reynos que me deste,
 E nas grandezas que lhe acrecentaste?
 Da bella esposa que me offereceste
 No reyno que em promessas me mostraste
 Nos vassallos amigos, e obrigados
 Por mi, contra si proprios leuantados.

Tudo perdi numa hora amargamente,
 Ou mo tiraste tu de arrependida
 Pretençaõ, honra, fama, nome, e gente,
 E para mal maior deixas-me a vida;
 Da minha já não posso ser contente,
 E fora menor mal tela perdida,
 Que perdido entre os meus sem honra, e glo-
 Fazer mór aos contrarios a vitoria. (ria

Naõ me vencera o forte Lusitano
 Se o teu fauor injusto lhe faltára
 Que mayor era o campo Castelhano
 De gente mais luzida illustre, e clara;
 Nem eu chegára agora a tanto dano
 Se tua sem razão não me causára
 Sem ti, sem teu fauor tudo he perigo;
 E inda he muito maior viuer contigo.

O Reys

O' Reys , ó capitães que noutra idade
 Dos de menor, poder foltes vencidos
 Não vos faltando esforço , nem bondade
 Nem famosos guerreiros , e atreuidos ;
 Não tendes culpa vos na aduersidade
 Pois ereis ás estrellas sometidos
 O ceo que muda os grandes , e os menores
 Faz , leuanta , e sustenta os vencedores.

Vos ó bella cidade tam famosa
 Mais que as de toda Europa celebrada
 Por fertil , rica , forte , populosa
 Das naçoens mais remotas frequentada ,
 Já fostes a meus olhos mais fermosa,
 Que ao nacer do Sol a madrugada
 Quando noutra esperança que então tinha
 Vos pintaua melhor como mais minha.

A Deos custosa Troya , que tam cedo
 Destes a meu desejo o desengano ,
 Que já vos não verei contente , e ledo
 Retrutada nas agoas do Oceano :
 Mas cheo de temor , espanto , e medo
 De vos irei fogindo , e de meu danno
 A Deos Lisboa , a Deos ditosa terra ,
 Que o ceo que vos defende me desterra.

Campos de meus despojos semeados ,
 Que estão gozando os liures vencedores
 Nunca sejais de Ceres cultiuados ,
 Nem o Sol crie em vos alegres flores:
 De meu triste successo magoados
 Tudo em vos sejaõ eccos , e temores ,
 Repita o ar em vos com queixas tristes
 O trance desigual em que me vistes.

Amigos Portuguezes valerosos ,
 Que em meu fauor as vidas desprezastes ,
 Que contra a Patria feros , e animosos
 Nunca minha razaõ desamparastes ;
 Nesses campos ingratos rigurosos
 Aonde com tal valor mortos ficastes ,
 E vos ó Castelhanos sem ventura
 Quem vos ha de dar hoje a sepultura.

Isto dezia o Rey , que suspirando
 Lagrimas ás razões acrescentaua
 Os seus com os olhos baxos vaõ calando:
 E este mudo silencio os declaraua ;
 O bracejar dos remos no mar brando
 Parece que a tristeza lhe ajudaua
 Qual intenta falharlhe a que o receo
 Entre as razoes lhe tira a voz do meo.

Hum dos seus consolallo determina ,
 E com rezoens a pena lhe acrescenta ,
 Que cada hum diz com dor o que imagina
 E a tençaõ nas palauras arrebenta ;
 A causa diz senhor de tal ruina
 O principio cruel desta tormenta
 Foraõ os Portuguezes que tiuestes
 A quem tudo entregastes , tudo destes.

Elles com vãs rezoens sem fundamento
 Vos fizeraõ deixar a Patria nossa
 Assegurando sempre o vencimento
 Só valia sua , e vista vossa ;
 Outrem mandar podereis neste intento
 Com exercito igual , e armada grossa
 Sem vos virdes senhor na companhia ,
 E o Rey voltando o rosto o reprimia.

CANTO DECIMO QVARTO. 341

Ah, que ainda na dor que não se esconde
Tem no peito real força a razaõ,
Que se mal a fortuna corresponde
Nem por isso fugeita o coração;
A este o Rey famoso lhe responde,
Mais que as palauras leues, á tenção
De que mostreis agora aqui me peza
Tal sem razaõ, tal erro, e tal fraqueza.

Que mal dos Portugueses dizer posso
Cujo estranho valor, e esforço raro
Em minha pretensão no campo nosso
E no do Mestre seu vimos tam claro:
Escondei tal tenção no peito vosso,
Que o meu não pode ser-lhes nunca auaro;
Que os que contra nós foraõ, nos venceraõ
E os que foraõ por mi, por mi morreraõ.

Quem pôs primeiro lança no inimigo?
Quem primeiro empunhou luzente espada!
Quem buscou sempre a força do perigo?
Quem fez nos esquadroens maior entrada?
Quem primeiro perdeu por vir comigo
A terra, a honra, a vida desejada?
Se não os Portugueses cujo preço
Hoje delles vencido reconheço.

Estas, e outras palauras valerosas
Dizia o Rey culpando sua estrella
Deixando atras as torres bellicosas
Que guardaõ a cidade antiga, e bella;
Lá foi parar nas terras deleitosas
Dos seus reynos antigos de Castella
Aonde o triste successo não cuidado
De nouo foi sentido, e foi chorado.

C A N T O X V .

Conta-se o que aconteeo a dom Nunalures Pereira na Romaria até tornar ao arrayal , o qual com o Rey leuanta : Chega com o exercito a Santarem , aonde deu o titulo de Conde d dom Nuno Alures , que daly se vai entre o Tejo , e Guadiana , e juntas as gentes da comarca entra por Castella com grande liberdade : Descreue-se o seu caminho até a assinalada batalha de Valverde.

COm o silencio da noite escura , e fria
Por desertas charnecas , e espessura
Vai Nuno o vencedor em romaria
A quem lhe deu vitoria , e dá ventura :
E ao encruzar de hum valle que fazia
Com o aruoredo a sombra mais escura
Ao longe ouue hum voz fraca , e doente
Feminil quebrantada , e descontente.

Entre rotas palauras fospirando
Com o ecco dos montes se acabaua
Deixaua de fallar de quando em quando ,
E com nouos fospiros se esforçaua ;
Parou o capitão ; e os seus calando
Cada hum por entre os matos se espalhaua ,
E a voz que escassamente o ar rompia
Estes são os queixumes que dizia.

Tudo

Tudo me offende, e tudo me faleſce
 Com quem poderei trifte aconselhar-me ?
 Que dos males que a ſorte me offerece,
 Bem ſei que o menor mal fora matarme :
 Sem vós meu bem a vida me aborrece
 Para vos offender quereis liurarme ;
 Ah menor danno fora e melhor ſorte
 Triumphar tras da fortuna a fera morte.

Aqui em voſſa amada companhia
 Em quanto mo permite o duro imigo
 Esperarei ſenhor que o nouo dia
 Me moſtre o voſſo roſto e meu perigo :
 Se a morte ei de ſentir por qualquer via
 Menos a temerei ſe vir comigo
 O bem que noutra idade mal perdida
 Como me mata agora me deu vida.

Aqui tendo entre os braços amorofos
 Eſte ferido peito mais humano ,
 Que meus ſoſpiros tristes ſaudoſos
 Esperarei da ſorte o menor danno ;
 Quiçá que eſſes ſoldados riguroſos
 Do triumphante eſquadraõ do Luſitano
 Com lagrimas abrande, e que aſſi poſſa
 Saluar na minha vida a propria voſſa.

Que infamia ei de temer , que crueldade
 Nefte miſero eſtado que não ſeja
 Fugir para outra mór aduerſidade
 Onde escapar não poſſa , nem vos veja :
 Deixai meu doce amor , que eſta vontade
 Entre tam grande mal gozando eſteja ,
 Porque inda nefte amargo ſentimento
 Algum aliuio ſente o pensamento.

Aqui limita amor nesta sô hora
 O que eu lhe mereci tempo tam largo
 No mal logrado bem que vejo agora
 Em trance tam cruel, fero, e amargo;
 Ah não fora meu bem se assi não fora
 Nunca a sorte mo deu sem grande encargo,
 Mas como chamo bem a hum mal tam fero
 Mal no que vejo; e bem polo que quero.

A isto entre gemidos respondia
 Huma voz que o alento reforçaua,
 Que escassamente o ar a destingua,
 E o silencio da noite a declaraua;
 Ah não queirais meu bem, minha alegria
 (Alegria porém quando a gozaua)
 Que nesta hora penosa, e descontente
 O que me daua vida me atromente.

Que no trance cruel em que me vejo
 De feridas mortais atraueffado
 Sómente viua a voz, viuo o desejo,
 E o corpo em sangue proprio sepultado:
 O perigo maior com que pelejo
 O que me dà mor pena, e mór cuidado
 He deixaruos meu bem na terra alhea
 Nas mãos da sorte, e noite escura, e fea.

Virá com o dia o rigoroso imigo,
 Que por me dar mór golpe mo detinha
 Se vos achar meu bem aqui comigo
 Triumphara juntamente d'alma minha:
 Por me euitar tam aspero castigo
 Alongai-uos senhora mais asinha
 Para onde de meus males mais segura
 Vos não offenda assi minha ventura.

Que se essa vos persegue, e vos maltrata
 Neste misero estado que conheço
 He porque vò que em veruos mais me mata
 Que nesta pena injusta que padeço:
 Em quanto a noite a morte me dilata
 E o poder da ventura reconheço
 Ideuos minha gloria, que ella ordena,
 Que sendo gloria minha me deis pena.

Nesses fermosos olhos que tiueraõ
 Em sua bella cor minha esperança
 Nesses cabellos douro que prenderaõ
 Meu desejo, querer, e confiança:
 Nesses robins, e perlas que me deraõ
 O thesouro maior que amor a lança
 A pezar desta falsa, e fementida
 Sustentai vida minha, a minha vida.

Ay que o cantado alento vai mingando,
 Perdoai doce amor, que já me falta
 Esta voz, que meu mal está fallando
 E inda desta ferida o sangue salta:
 Para que vá na pena dilatando
 O que no coração por vos me falta
 Acudi-lhe senhora que parece,
 Que neste triste estado vos conhece.

Com baixo som por entre o ar escuro
 Estas tristes razoens hiaõ rompendo
 Que no peito mais forte, e mais seguro
 Fazem ao coração ficar tremendo:
 Té o valle sombrio, aspero, e duro
 Estaua as mudas plantas confrangendo
 Huns ramos d'ntre os outros se soltauaõ
 E com medonho accentto sospirauaõ.

346 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

O valeroso Heroe , cujo peito
De brandura , e valor tinha igualmente
Encubriendo nos olhos claro effeito
Do que na alhea dor conhece , e sente ;
Considerando o mal daquelle objecto
Pola voz tam funesta , e descontente
Por ver o que seria chega ao perto ,
E no aruoredo entrou mais encuberto.

Chegou , saltou da sella elle primeiro
Vio nos braços estar de hum donzella
Mortalmente ferido hum caualleiro ,
Que inda alli se esforçaua a defendela :
Não fora de julgar muito ligeiro
Qual está mais defunto se elle , ou ella ,
Porque no sobresalto que se offrece
Elle se anima , e ella desfallece.
E com a voz mortal que despedia
Tambem por muitos golpes repartida ,
O' tu quem quer que sejas , lhe dizia ,
Que vês tam tarde a ser nouo homicida :
Essa fortuna ingrata que te guia
Não te manda aqui só tirar-me a vida ,
Mas a offender a huina alma della isenta ,
Que fora deste objecto se sustenta.

Que he esta minha esposa que acompanha
O corpo que já o mal vai consumindo ,
Que donde o Bethis rega a forte Hespanha
Com animoso amor me vem seguindo :
Pois que nos foi benigna esta montanha
De sua dor vencida , e gello lindo ,
Tu se es ousado , forte , e tens nobreza
Não mostres contra os fracos aspereza.

Por

Por momentos a vida se me ausenta
 Esta he huma donzella fraca, e nobre,
 Que neste peito o coração sustenta,
 Que com lagrimas tristes rega, e cobre:
 Vencidos da fortuna, e da tormenta,
 Que a cada qual de nos deixou tam pobre
 Não te podemos dar preço, ou vitoria
 De que interesses, gosto, nome, e gloria.

Via claro senhor de piedade
 Assim te guarde sempre o ceo subido
 E sejas vencedor na tua idade
 Sem prouares o mal que he ser vencido:
 A vida lhe concede, e liberdade
 Pois não podias ser della offendido,
 E a mi se o patrio nome te he odioso
 Despoja, mata, e nega o ser piadoso.

Destas palauras tais enternecido
 Aquelle illustre peito quanto ousado
 Decendo no lugar mais escondido
 Que tinha o viuo amante sepultado:
 Com o lume da Lua, que esparzido
 Por entre os ramos fere o verde prado
 A dama leuanteu que neste enleo
 Chora com agoas suas sangue alheio.

E com os cansados olhos renouando
 A queixa que já tem por derradeira
 Solto o esposo seu; estaua olhando
 O que determinaua o grao Pereira:
 Que com suaue voz, amigo, e brando
 A fallar começou desta maneira:
 Em extremo me peza ó caualleiro
 Não vir a socorreruos mais ligeiro.

348 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Mas se inda essas feridas na bondade
Do experto furgiaõ podem ter cura
Sereis mais deuedor desta vontade
Do que mostrais deuerdes á ventura:
E em tanto tereis sempre em liberdade
De offensa, danno, ou mal liure, e segura
Esta esposa fiel que estimaes tanto,
Que eu prometo ao ceo sereno, e santo.

Enxugando-lhe as lagrimas primeiro
Com se lhe offerecer beninamente
Manda em braços tomar ao caualleiro,
Que já a dor das feridas menos sente
Em o cauallo o toma hum escudeiro,
E a doce esposa menos descontente
As ancas leua o capitaõ famoso
Seguindo seu caminho cuidadoso.

Chegou, fez oração humilde, e pia
A quem vida, valor, e honra lhe dera
Voltou ao tempo já que amanhecia
Sobio á forte Ourem altiua, e fera;
Tomou posse da villa aquelle dia,
Porque já na batalha o Rey lha dera
Aonde fez curar honrando a ella
O caualleiro amante da donzella.

Teue elle vida, e ella liberdade
Sendo-lhe a terra estranha natureza
Ambos tinhaõ valor, honra, e bondade
Ella graça, juizo, e gentileza;
Em Portugal viueraõ longa idade
Com grande amor da gente Portuguesa
Dando-lhe aquelle dia a vida chara
O que em tam pouco a tantos a tirara.

Voltou

Voltou o Condestabre em tempo breue
 Ao campo aonde deixara o Rey triunfante,
 Que aos tres dias depois que nelle esteue
 Vai acudir ao que he mais importante:
 Em quanto com os despojos se deteue
 Tendo atalaia, e guarda vigilante
 Curar manda os chagados, e feridos
 Tam igualmente os seus como os vencidos.

Que posto que obrigado da ventura
 Officios não negou da natureza
 Aos mortos mandou dar a sepultura
 Com honra, piedade, e com tristeza;
 E dedicando á Virgem santa, e pura
 As bandeiras, e as armas desta empresa
 Edificou depois o templo altiuo,
 Que morto o guarda, e na memoria viuo.

Já marcha o nosso campo vitorioso
 Tintas de sangue alheo as reluzentes
 Armas da Lusitania, e do famoso
 Nuno, que hia guiando as fortes gentes:
 Tudo se mostra alegre, e gracioso
 Os caminhos tam liures, quam contentes,
 Té que de Santarem pisando a praia
 Vão descobrindo as ortas da Açacaia.

Foi na alta villa o Rey mui festejado
 Com jogos em que o pouo se detinha
 Liure do jugo alheo carregado
 Dos estranhos soldados que antes tinha;
 A Nuno que de Ourem tinha o Condado
 Com o aplauso do exercito que vinha,
 E com o amor que o Rey em nada esconde
 Foi-lhe aly dado o titulo de Conde.

Porém

Porém não consentio muito ligeiro
 Na desejada illustre dignidade
 Que então era de Conde que primeiro
 Lhe descobre no peito outra vontade:
 Que o titulo não quer se á algum guerreiro
 Outro, ou priuado, o der na sua idade
 Pois nos seruiços com que o merecia
 Nunca teue no reyno companhia.

Tudo o Rey lhe offerece, e lhe concede,
 E fez-lhe a doação tão celebrada
 Que a todas as dos Reys da Europa excede
 Mais ampla em rēda, em terras mais hōrada;
 E alem do nome, e condição que pede
 Com a villa de Ourem tam desejada
 E as heranças, e terras que antes tinha
 Aquelle amigo injusto da Raynha.

Deu-lhe Borba, Estremôs, Villaviçosa
 A Portel, Montemor, e a Euramonte,
 Sacauem desejada, e graciosa,
 Que sempre o aureo Tejo vê defronte;
 Porto de Mós tão fertil quaõ fragola
 Rabassal, e Aluaiázere outro inonte,
 Barroso, Arco de Baulhe, Bouças, Pena,
 Penafiel, Barcellos, Basto amena.

Dos direitos reais liberalmente
 Huma parte em Lisboa, que hoje goza
 Seu successor famoso, e juntamente
 Os de Loulé, e de Sylues bellicosa;
 Se outro não fez vassallo tam potente,
 Nem doação a hum só tam grandiosa
 Nunca teue outro Rey melhor vassallo,
 Nem tam grandes razões de auentajallo.

O que

O que tam pouco as honras estimava
 Quanto com razão justa as merccia
 Menos da renda, e terras se lembrava,
 Que do que a seus criados se devia;
 A todos recebendo acrescentava,
 A todos com prudencia enriquecia,
 Que ainda que por si só tudo merece
 Dos com que mereceo já mais se esquece.

E se vos lembra acaço do barbeiro,
 Que a espada guarneceo, só de vontade
 Quando a noua lhe deu do Conde Andeiro
 A que fugindo vinha da cidade;
 Que insinado de encantos de hum romeiro
 Lhe pedisse a futura dignidade,
 Nesta razão por sua sorte imiga
 Perderá a liberdade, e posse antiga.

Confiscada a fazenda, a propria vida
 Tinha outro senhor já de que era escrava
 Por ser achado em culpa conhecida,
 Que contra os Portugueses pelejava;
 A misera mulher pobre, e perdida
 Aos pés do Condestabre se lançava
 Que lhe pagou melhor naquelle ensejo
 Que a sua petição, e o seu desejo.

Que peito ha generoso que se esqueça
 De serviços, de amor ainda pequenos,
 Que não honre, leuante, e engrandeça
 A vontade que os homens tem por menos:
 O baxo só se altere, e desconheça
 O que he maõ liberal, e os olhos serenos
 Mas quem pôs a diante a natureza
 Tambem lhe não faltou nesta grandeza.

Poucos dias tras este se deteue
 Gozando os interesses desta gloria,
 Lembrando-lhe o que monta, e quanto deue
 Sustentar o louuor de hum vitoria;
 Que quem cõ hũ bõ successo ou bẽ que teue
 Perde logo os cuidados, e a memoria
 Dá lugar á fortuna incerta, e varia
 Té que de companheira a faz contraria:

Os seus arma; do Rey licença alcança
 Com as lanças que aly tinha passa o rio
 Pôr a Fronteira em noua gouernança
 Aonde já tem mór mando, e senhório:
 Na fermosa Extremós com os seus descansa
 Entre barro cheiroso, e jaspe frio
 Das vesinhas comarcas chama a gente
 Que acode já mais liure, e mais contente.

Mil lanças ajuntou com os que aly tinha
 Fora dous mil bêteiros escolhidos
 Formou delles hum campo qual conuinha
 Com os pendões, e lugares repartidos:
 Para a reguarda, e alas encaminha
 Os mais valentes, destros, e atreuidos
 Elle a vanguarda tem da primeira ala,
 E junto o campo seu, desta arte falla.

Portugueses amigos valerosos
 Vassallos tam leais como estimados
 Não vos quis ver o ceo vitoriosos
 Para vós vos mostrardes descuidados:
 Temos os inimigos bellicosos
 Inda que em parte já disbaratados
 Importa que sigamos a ventura,
 E não faltemos nós pois que ella dura.

CANTO DECIMO QUINTO. 353

Que se as armas deixamos, e os tambôres
Quando os imigos fortes, e offendidos
De temidos, e ousados vencedores
Viremos a afrontados, e vencidos:
Não percais as ventagens, e os louvores,
Que por tantas razões vos são diuidos,
Que em quanto ouui contar, e quão alcão
Sempre foi a honra imiga do descanso.

Determino que entremos por Castella
Se vos parece ó fortes Lusitanos
Vamos ver essa terra illustre, e bella,
Que dá tantos, e ousados Castelhanos:
Vamos tomar vingança ás casas della
Dos que ás nossas fizeraõ tantos dannos
Tégora defendemos a em que estamos,
Agora quer a sorte que offendamos.

He tempo que cobremos a cusadia,
Que nos tinha catiua o Rey Fernando,
Pois o que vos governa, rege, e guia
Vai vosso nome antigo renouando:
Com vosso esforço, em vossa companhia
Bem he que va seu nome leuando
Vamos sobre elle já que he cousa justa,
Que saibaõ nossa offensa quanto custa.

Isto não acabaua o capitão
Quando os a que a vitoria persuade
Com differente voz, e hum coração
Lhe offerecem as vidas, e a vontade;
Poem logo em ordem bella o esquadrão
Cheo todo de esforço, e lealdade,
Para que no outro dia, com a Aurora
Dos muros de Estremós se estenda fora.

E em quanto elle trataua este concerto ,
 Tinhaõ de tudo auiso os aduersarios ,
 Que cada hum como astuto, e como experto
 Trata apercebimentos necessarios ;
 Intentaõ vir buscallo mais ao perto ,
 Mas nisto os pareceres saõ muy varios
 Que por encontro delles ou respeito
 Nenhum neste desejo teue effeito.

Passada a noite escura, preguiçosa
 Em parecendo a estrella de Diana
 Marchando os nossos vem Villaviçosa
 Honra, e valor da terra Transtagana:
 Ao outro dia a Badajoz famosa
 Aonde a vao passaõ todos Guadiana
 Alojando-se á vista das areas
 De escamas reluzentes d'ouro cheas.

Logo neste primeiro alojamento
 Hum jauari muy grande, e temeroso
 Entre os nossos morreo , que o vencimento
 Lá naõ querem julgar por duuidoso:
 O dia gasta aly neste aposento
 Nuno mais por astuto que ocioso,
 E como o Sol ao outro foi mostrando
 Ao Almendral direitos vaõ marchando.

Chegaõ passando a noite assás viçosos
 Desse licor, que Baccho estima e ama
 Que a muitos, delle amigos cobigosos
 Seruio de alegre cea, e branda cama:
 Mas depois de dormir pouco ociosos
 Quando o Sol entre as nuuens se derrama
 O lugar deixaõ já de tanto gosto
 Cozendo a noite fria o quente moito.

Chegou a Parra em ordem de peleja
 Por conuidar ao imigo que lhe tarda
 Nas alas leua os bons que elle deseja
 A quem o vil temor nunca acobarda:
 Gonçalves de Abreu tem na peleja
 Com o prior do Hospital a retaguarda
 Assi chegando á villa se apousenta,
 E nas costas o imigo lhe arrebenta.

Com cautella ardilosa, e muy fesuda,
 E sós trezentás lanças que trazia
 O Mestre Martim Anes de Baruuda
 A nossa carriagem remetia:
 Porém de si tam pouco se descuda,
 Que só a tiro de vista apparecia
 Nuno tras elle os seus mouia a guerra,
 Mas virando-lhe as costas toma a ferra.

Era o Baruuda hum Portugues ousado
 Dos que a parte seguiraõ de Castella
 Capitaõ, destro, astuto, e celebrado
 Por ousadia igua!; e igual cautella:
 De Alcantara lhe dera o graõ Mestrado
 O já vencido Rey que se desuella
 Por mostrar quanto estima, e quanto inueja
 Aos que vio valerosos na peleja.

Este em hum a sobida muy fragosa,
 Que ao castello de Feria está vesinha
 Outra mais gente de armas bellicosa
 Para vir contra o Conde junta tinha;
 E indo de Parra a gente valerosa
 Nossa, na propria ordem com que vinha,
 Que indireitando a çafra vai marchando
 Dece com os seus da cerra como em bando.

Nem

Nem Nebri generoso com mór pressa
 Sobre a garça deceo que armada espera
 Nem a Aguiã tam ligeira se arremessa
 Sobre a incauta , e miserauel fera ;
 Qual o Mestre decendo se atraueffa
 Com a mais gente que aly lhe recrecera ,
 Mas torna o Conde á ferra tam ligeiro ,
 Que haõ por melhor cõselho o de primeiro.

Passaõ os nossos çafra aquelle dia ,
 Passaõ Fonte do Mestre , e sem cuidado
 Vaõ alcançar daly Villa Garcia ,
 E achaõ villa , e castello despejado ;
 De muitos mantimentos que aly auia
 Leua a parte que quer cada soldado ,
 E descançaõ alegre , e liuremente ,
 Que o lugar só , e a preza lho consente.

Neste lugar estaua o capitaõ ,
 Quando chega hum trombete do inimigo
 Com hum molho de varinhas vem na mão
 Que outro cartel , nem carta tras consigo :
 Dom Nunalures com termo cortesaõ
 Recebe o mesageiro como amigo
 Até que huma das varas que trazia
 Dizendo estas razoens lhe offerecia

O Mestre meu senhor de Santiago
 Cujas terras pisais tam liuremente
 Fazendo injusto danno , e grande estrago
 Na rua , descuidada , e fraca gente :
 Esta varã vos manda , que aqui trago
 Com que vos desafia abertamente ,
 Que sem faltar a tempo , ou fazer falha
 Apercebido estais para a batalha.

Tomou com vui risonho ledo rosto
 O Conde aquella vara, os seus olhando
 Que cada hum nelle tinha os olhos posto,
 Nos quaes o coração lhe está saltando:
 E pôr ver já chegado aquelle gosto
 Que andara em tantos dias esperando
 Com a pressa dos desejos obrigado
 Já daua ao melleiro o seu recado.

Porém inda as palauras não soltaua
 Quando elle a sua arenga proseguia,
 E outra vara atras esta lhe entregaua
 Com que o Conde de Nebla o desafia:
 Do mestre outra lhe deu de Calatraua
 Do de Alcantara outra lhe offerecia,
 E outra atras destas quatro não lhe esconde
 Que de Medina Celi manda o Conde.

Os Portuguezes Souzas rebelalados
 Cada hum a sua vara lhe offerece
 Dom Affonso Fernandes, e os ousados
 Irmãos, que a nobre Cordoua engrandece:
 Os vinte e quatro nobres, e afamados
 Que Seuilha sustenta, e reconhece
 Que o pendaço famoso da cidade
 Trazem lustrosa gente, e de bondade.

Dom Gastaõ de la Cerda illustre, e forte
 Dom Pedro Ponce aliuo caualleiro,
 E o ultimo que aly lhe coube em sorte
 Martim Fernandes he Portocarreiro:
 Cada hum dos ameaços he de morte
 Segundo he riguroso o melleiro,
 Mas de alegria grande, e gosto cheo
 Tudo lhe ouuia alegre, e sem receo.

358 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Deu-lhe em tudo a tenção que era deuida,
E antes de responder a este recado
Aos seus contando a noua recebida
Cada hum a festejaua aluoroçado
Tanto estimo (responde) como a vida
Ser de tantos senhores conuidado
Noua de tanto gosto , e tanto preço
Ao Mestre meu senhor eu lha mereço.

O gosto de a saber esse me estroua
Dizeruos quanto estimo agora tella
Naõ podereis trazermé melhor noua
Senaõ que vinha o seu Rey de Castella:
Vós sabereis de mi por outra proua
Se vos fico deuendo o ganho della
Agora aos capitaens cada hum á parte ,
E a todos respondi da minha parte.

Que de todos acceito o desafio ,
E d'agora á batalha me offereço ,
Que estimo muito as varas , e confio
Que tenhaõ nesta maõ mais força , e preço.
Que se a forte naõ der algum desuio
Para aalhar ao fim deste começo ,
Com estas (pois que as mandaõ) determino
De castigar seu nouo desatino.

Que sei que a muitos delles foi penoso
Naõ se acharem com o Rey famoso , e claro
Na batalha , e successo perigoso
Em que lhe foi a sorte , e tempo auaro;
Que se algum ainda está tam deseioso
De mostrar seu valor estranho , e raro ,
Que aqui tem este peito , braço , e lança
Em que bem poderá tomar vingança.

E se antes de partir com este intento
 De os mandar auisar tiue cuidado,
 Como terei agora em pensamento
 Desuiarme do prazo desejado;
 Que se lhes falia gente, ou bastimento
 Estou para esperar apparellhado
 Que segundo esta terra me agasalha
 Nem temerei tardanças, nem batalha.

Tras isto polas nouas que trouxera
 Cem dobras d'ouro deu ao mesageiro,
 Que contente voltou aonde viera,
 Mas mais que da reposta, do dinheiro:
 Deixa a deserta villa, nada espera
 Com os seus a Guadalupe vai Romeiro
 A casa milagrosa de Maria
 Pois ninguem a jornada lhe impedia.

Mas aduertindo alguns o grande danno;
 E destroço **que os** nossos sem concerto
 Podem **fazer ao** pouo Castelhano,
 E as terras da senhora que estaõ perto:
 Deixou a romaria o Lusitano,
 E pondo os seus em armas, e em concerto
 Deu volta a hum porto junto a Magazella,
 E chega o de Barbuda á vista della.

Iá doutros capitaes acompanhado
 Com nouecentas lanças lhe apparece
 A dar nos nossos vem determinado,
 E o Conde a recebello se offerece:
 Mas elle que de longe exprimentado
 O tem deste cuidado já se esquece,
 E á terra pouco, e pouco se retira
 Que nunca chegou mais que a andar á mira:

Fizeraõ seu caminho mais sem pena
 Os nossos que já á paz trazem fastio
 Passaõ por Villanoua da Serena
 Para Valuerde , e tem já perto o rio;
 A' vista , e com distancia naõ pequena
 O de Barbuda vem ao desafio ,
 E ligeiro , e sagaz de quando em quando
 Com os da reguarda a tempos pelejando.

Alguns feridos ouue nesta enuolta ,
 Porque os nossos virauaõ de indinados,
 Mas durou tanto o Mestre na reuolta
 Quanto naõ vio Nunalures aos soldados:
 Dauaõ virando logo redea solta ,
 E alguns ficaõ da volta castigados
 Até que o arraial tomando assento
 Cessou seu perigoso atreuimento.

E sendo certo já que o outro dia
 Seria o da batalha que esperando
 Andaua aquella gente que o seguia
 Pollos presos que os nossos vem tomando:
 Os capitaens chamou que aly trazia
 E a cada hum foi seu cargo encomendando
 Dispondo a traça em ordem da peleja ,
 Que muito tarda a quem tanto a deseja.

Depois com toda a astucia que conuinha
 A quem na terra alhea se alojaua
 A toda a parte escutas , e armas tinha
 A que elle sempre armado vigiaua:
 Já alta noite ouuio gente que vinha
 Que com estrondo, e pressa caminhaua,
 Que endireitando vai contra Valuerde
 Tanta que a vista nella o conto perde.

CANTO DECIMO QUINTO. 361

Bem quísera a tal tempo dar sobrelles,
E no caminho o Conde recebellos,
Porém a noite escura era por elles,
Que escassamente os nostros podem velos:
Depois que o capitão andando entre elles
Não pôde alcuantálos, nem mouelos
Em tanto orando a Deos espera o dia,
Que peleja por elle, e mais vigia.

Em tanto os capitaens determinados
De vir tomar vingança rigurosa
Nos que tam valerosos, e esforçados
Achaõ toda a tardança vagarosa:
Desertos deixaõ já aos pouoados
Cobre os campos a gente bellicosa,
Lanças, armas, diuísas, e bandeiras
De varias terras vem varias maneiras.

A flor estaua aly de Andaluzia
De Cordoua, e de Iáem vinha o pendaõ,
O da rica Scuilha apparecia
E os valentes Manchegos de Aragaõ:
Naquella multidaõ que junta auia
Môr numero de gentes era entaõ;
Que as com que na batalha o Rey viera
Aonde a flor de Hespanha se perdera.

Naõ era esta porém gente escolhida
Muita della bisonha, e desarmada,
Nem de seus capitaens tambem regida
Nem tanto tempo á guerra acustumada:
Porém a todo o trance offerecida
Por defençaõ da patria desejada
Juntou-se toda aquella noite quando
Nuno Alures vigiaua a Deos orando.

362 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Appareceo tras isto á manham bella,
Que era a decima quinta, que os guerreiros
Perigrinando andauaõ por Castella
Roubando terras, gados, prisioneiros:
Queixolos de se auer tam liures nella
E os contrarios tam tardos, e ronceiros
Que no principio já de Estremadura
Prouar vinhaõ as armas, e a ventura.

Com o Sol que sobre os montes parecia
O Conde moue os seus daquelle assento
Para hir passar hum porto só que auia
Legoa e mea daquelle alojamento:
Era sem conto a gente que o seguia
Sem ter de acometelo atreuimento
Té que chegando ao passo mais estreito
Lhe tem por toda a parte hum cerco feito.

Sem ordem de peleja, e sem concerto
Da multidãõ sómente se valiaõ
Lanças, e espadas já ferem ao perto
Aos lados pouco e pouco se atreuiãõ;
Iá naõ acha a vanguarda o campo aberto
Só gente armada a todas partes viaõ,
Mas com tam fraco intento vem ao meo,
Que o Condestabre entende o seu receo.

E qual custuma o touro que amparando
Contra o faminto lobo o bando amigo
Anda continuo as vaquas rodeando
O rosto sempre, e os cornos no perigo
Anda de continuo resguardando
Aquelles sem temor que traz consigo
De tal sorte que a gente que accomete
Menos sabe offender do que promete.

Entre

Entre a multidão grande que o rodea
 Numero tam armado, e tam sobejo
 Parece o campo alheo de branca area
 A quem por todas partes cerca o Tejo :
 Porém o capitaõ que os não recea
 Vai igualando os braços ao desejo
 Pelejando com tanto esforço, e brio,
 Que vai abrindo o passo para o rio.

Aly se acende a furia do inimigo
 Com maior força, e mais atreuimento
 Polos ver tam chegados ao perigo
 Atalhados com o humido elemento :
 Tambem o gado, e presos que consigo
 Traz, lhe seruem aly de impedimento,
 Mas já lhe abre caminho o Guadiana
 Por mais que offende a gente Castelhana.

Passaõ o vao primeiro os da vanguarda,
 Poem ao contrario bando firme o rosto
 Em quanto dom Nunalures que não tarda
 Moue toda a bagagem ao seu posto:
 Faz passar atras della a retaguarda
 Ficando na defenfa em armas posto
 Com cujo amparo os nossos sem perigo
 Vaõ leuando nas costas o inimigo.

Mais de dez mil estauaõ da outra parte
 Que a sahida das agoas defendiaõ
 Tirando com destreza, manha, e arte
 Setas, e arremessoens aos que sahiaõ:
 Té que saltou em terra aquelle Marte,
 Que era o raio do ceo que elles temiaõ
 Ferindo tam ousado, e tam seguro,
 Que não basta da gente o forte muro.

Rompendo vai aquelle espello-bando
 Ajudado dos seus em breue espasso,
 E o nosso campo em ordem pelejando
 Marcha pot entre as lanças a compasso:
 Só pedras, lanças, setas, que lançando
 Vem os de cima, a muitos corta o passo,
 Mas pouco tempo a furia se dilata,
 Que a propria multidão se disbarata.

Desordenadamente se misturaõ
 Por onde vem que o Conde não parece,
 E a penas em ser muitos se asleguraõ
 Quando em o vendo o medo lhe recrece:
 Aos que dos golpes seus fugir procuraõ
 A grande multidão de tras lhe empece
 Té que desesperados da fugida
 Vendem aos nossas caramente a vida.

Mas vendo pouco, e pouco o desengano
 Os capitaens do intento cauteloso,
 Que era disbaratar ao Lusitano
 Naquelle passo estreito perigoso:
 Vaõ retirando o campo Castelhana
 Polo caminho esteril, e fragoso
 Soltando das ladeiras mais altiuas
 Pedras ao nosso campo vingatiuas.

Ficou a praia em fim dasassombrada
 Esfáltada de sangue roxo e frio
 De traspassados corpos fameada,
 Que faz mouer sem alina o fundo rio.
 A alguns tambem dos nossos na passada
 Deu sepultura o ceo neste desuio,
 Mas não foi tanta a perda nesse assento
 Como do Condestabre o sentimento.

CANTO XVI.

Conta-se a peleja, e venturoso successo da batalha. Entra o Conde victorioso em Portugal: toma com el Rey a villa de Chaves: juntas as gentes entraõ em Castella: Poem cerco á cidade de Coria; donde se levanta, e recolhe por as muitas doengas do arraial. O Duque de Alancastre vem a conquistar o Reyno de Castella: Vese com el Rey de Portugal na Estremadura: Faz-se o casamento da Raynha dona Felippa: Entraõ com grande exercito em Castella, el Rey, o Duque, e o Condestabre: Andão nella quatro meses, sem nelles terem batalha. El Rey faz Cortes em Braga: Morrreo no Porto a Condeffa dona Lianor Daluim: vai o Conde a suas exequias com grande sentimento.

NA praia hũ pouco os nossos repoufaraõ
 Passando o vao, e as gentes inimigas
 Sobindo a serra, o rio desamparaõ,
 E em carreiras se vaõ como as formigas:
 Num outeiro vesinho se alojaraõ,
 Que naõ querem com o Cõde ter mais brigas,
 Mas he em vaõ, porque elle a seu respeito
 Com a vanguarda ao monte vai direito.

Ante todos sobio tam confiado
 Como quem hia atras gente vencida
 Buscando a seus guerreiros gafalhado
 Com a pesada massa, e bem regida:
 Tras elle o seu pendaõ sempre aruorado
 Tomaõ tam brevemente esta subida,
 Que com menos de hum quarto de peleja
 Castelhana naõ ha que nella esteja.

Outro outeiro apos este apparecia
 Com mais gente , e bandeiras doutra forte
 No qual o bando armado que fugia
 Se reforma , se anima , e se faz forte:
 A este o valente Conde arremetia
 Com os seus duros ministros de Mauorte ,
 E da mesma maneira que o primeiro
 Ficou senhor tambem daquelle outeiro.

Ao terceiro subio mais leuantado
 De tam espessa gente , e numerosa ,
 Que não só tinha o monte pouoadado
 Mas toda a ferra aspera , e fragosa ;
 Como os primeiros foi disbaratado
 Ainda que a nossa perda mais custosa ,
 Que alguns deraõ as vidas na peleja
 Pola morte que he só dina de inueja.

Daly voltando o rosto o capitão
 (Que a toda a pressa o seu cuidado aponta)
 Vio padecer aos seus grande opressão
 Com as gentes que já não tinha em conta:
 Passando o vao sobre a reguarda estaõ ,
 E o Prior do Hospital em grande afronta
 Manda a seus capitaens que ali ficassem ,
 E que a sua bandeira acompanhasssem.

Deceo por a ladeira tam furioso
 Como a quem pareceo que já tardaua
 E nos contrarios dá tam valeroso ,
 Que em pouco espaço nelles se enxergaua ;
 Gil Fernandes lhe diz destro animoso ;
 Já senhor vossa ajuda nos tardaua
 Se decereis mais tarde esta ladeira
 Sobiramola nós de má maneira.

Passando o capitão não respondeo
 Porque leuaua o animo occupado
 A retaguarda em ordem recolheo
 Sem ficar da Bagagem preso, ou gado,
 Em breue a fez sobir como deceo
 Ao terceiro lugar que tem ganhado
 Ao quarto moue então com mór perigo
 Aonde está posto em armas o inimigo.

Aly estaua o Mestre dom Garcia
 Com os dous Códex q'ouuistes tão guerreiros
 E o Mestre Martim Anes que trazia
 Muitos bons capitães por companheiros:
 De Cordoua, Iacm, de Andaluzia
 Os mais fortes, e armados caualleiros
 Para elles guia o Conde valeroso
 Como o rayo que busca o mais forçoso.

De hum a, e d'outra parte já se acende
 O bellico furor que os peitos moue
 Hum comete subir, outro defende
 Pedras o ceo, e espessas setas choue;
 Mostrar braço, e valor cada hum pretende
 Só não ha quem de Nuno o braço proue,
 E hum a seta que ao longe vem perdida
 Lhe faz no pé direito hum ferida

Com isto o nosso Achilles indinado,
 Que em vão como o de Grecia foi ferido
 Sobindo o monte vai determinado,
 E mais determinado que offendido;
 Porém dos seus ministros auísado,
 Que outra vez os de atras tem mau partido
 Faz ter o passo aos seus pesadamente,
 E dece a retaguarda diligente.

Achou já nella as gente diuididas
 Para diuerſas partes pelejando,
 Humas já muito á porta de vencidas,
 Outras á que o alento eſtá faltando;
 Mas com palauras elle, e com feridas
 Os vai recolhendo, e animando,
 De maneira ſe auem, que em tempo breue
 Deixando vai ao campo o bando leue.

Fez que foſſe marchando a retaguarda
 Acculta dos que as coſtas lhe offendiaõ,
 Que bem entende o Conde que já tarda
 Aos que nouo o ſeu fauor pediaõ;
 Sentados acha a muitos da vanguarda,
 Que ſuſtentarſe em pé já não podiaõ
 Logo os faz levantar, logo os eſforça
 Contra as ſetas, e as pedras tomaõ força.

Mas inda alem da furia dos contrarios,
 E a ventagem do ſitio tam ſobeja,
 Que fora de eſpiritos temerarios
 Cometer tal ſubida, e tal peleja;
 Galgas de pedra, engenhos, tiros varios
 Fazem com que nenhum no poſto eſteja
 O Conde vendo o riſco que aly corre
 A quem cuſtuma em tudo ſe ſoccorre.

Do campo hum pouco eſpaſſo ſe apartou
 Entre huns altos penedos ſe eſcondeo
 Com os giolhos em terra a Deos orou
 Como o que tinha o ſeu valor no ceo;
 No mór perigo aos ſeus deſamparou,
 Era que n ſó pode tudo ſe acolheo,
 Que a trabalho tam grande, e tam contino
 Não montaua poder, ſenaõ diuino.

Os seus já sem vigor , força , e alento
 Da sobida , e das pedras que lançauão
 Cançado do trabalho o sofrimento
 Todos ao Condestabre em vaõ chamauão :
 Hum entre elles de mór atreuimento
 Foi para onde os penedos se juntauão ,
 Ah senhor , lhe bradava orais agora ,
 E esta gente perece , e por vós chora.

Mandai senhor andar vossa bandeira ,
 Que estamos como ouelhas perecendo ,
 E he a vossa vanguarda hum barreira
 Das pedras que do monte vem decendo :
 Não he tempo responde o graõ Pereira ,
 E torna á oração que está fazendo
 Gonçaleanes de Abreu com grande aballo
 Tambem da retaguarda vem buscallo.

Pede-lhe por mercê se aleuantasse ,
 E ouesle compaixão da amiga gente
 Sem que lhe respondesse , nem o olhasse
 Como homem trasportado que não sente :
 Mas como que de hum sonho despertasse
 Se aleuantou ligeiro mui contente
 Dando aos seus nouo alento , e nouas cores
 Como o Sol desejado ás tenras flores.

Mandou ao seu Alferez esforçado
 Diogo Gil famoso , e forte digo ,
 Que guiasse o pendaõ sempre aruorado
 Té o pôr entre as bandeiras do inimigo :
 Ao que elle logo foi determinado
 Como quem leue achou todo o perigo ,
 E ant'elle o bom Pereira pelejando
 Largo caminho a todos vai deixando.

Ah Deos que estranhos golpes repartia
 Por entre aquellas gentes sem cautella,
 Que o passo atras tornar já não podia
 Pola que vem de cima a soccorrella:
 Cada hum dos da vanguarda que sobia
 Era hum Sisypho entao com o pezo della
 Que indo tocando o cume já do monte
 Vinha sobre elle a pedra de defronte.

Mas como o que no mar se lança a nado
 Obrigado da furia da tormenta
 Já mais perto da terra, e mais chegado
 O fraco alento, e braço acrescenta:
 Da fraqueza cada hum mais obrigado
 Na coroa do monte já arrebenta,
 E Nuno Alures que nem o Sol que o via
 Os golpes que aly deu contar podia.

Foi a sua bandeira aleuantada
 No lugar que antes tinha a Castelhana
 Que já rota, sem aste, e arrastada
 Anda entre os pés da gente Lusitana:
 Toda esta multidão disbaratada
 Vio com grande vergonha o Guadiana,
 E os capitaens de tanto esforço, e brio,
 Que as costas viraõ já ao desafio.

Voltaõ todos sem termo, e sem guarida
 Fazendo o Conde nelles grande estrago
 Quando entre os seus com furia desmedida
 O fero Mestre vem de Santiago:
 A dar em sacrificio aquella vida,
 Que com muitas seu dono deixou pago,
 E no primeiro encontro da peleja
 Se lhe offerece aquillo que deseja.

Encontra-os dom Nunalures que no meo
 Daquella multidaõ ferindo andaua
 Cuberto de farpoens , e sangue alheo
 Esporeando a gente que voltaua :
 Com elle enueste o Mestre sem receo
 Descarregando a furia que leuaua ,
 Mas recebe-o o Conde de tal sorte
 Que honrou a vida em tam famosa morte.

O forte capitaõ cahido em terra
 Aquella tristemente os seus deixaraõ,
 E dando fim á trabalhosa guerra
 O monte os Castelhanos desemparaõ :
 Os Condes ficaraõ sobre a serra
 Com o pesar desta morte atras voltaraõ,
 E espalhando-se as já vencidas gentes
 Vaõ tomando caminhos differentes.

Sentou-se o Condestabre já cansado
 Sobre hum penedo hum pouco repousando
 Cauallo manda vir muito apressado ,
 E faz que alguns dos seus vaõ caualgando;
 Huma legoa dos montes alongado
 Foi no alcance dos Condes caminhando ,
 Mas porque o ceo já a cordas nuuens perde
 Volta ao campo, aloja-se em Valuerde.

Aly offerece as graças da vitoria
 Com coração humilde a quem lha dera
 Recordando os perigos na memoria
 De que Deos o guardara, e defendera
 Quem procura no mundo fama , e gloria ;
 Quem fazer mortal seu nome espera
 A leuante da terra o leue espirito ,
 E faça fundamento no infinito.

372 O CONDESTÁBRE DE PORTVGAL

O caminho porque Ennio pretendeo
Mostrar que Scipião fora as estrellas .
Como a Tullio vamente pareceo
Quando de Hercules leo q̃ estaua entr'ellas
Era que por batalhas fora ao ceo
Com a gloria de acabalas, e vências,
Mas foi caminho errado, e louuor leue,
Que de obras immortaes por premio teue.

Porém o que na furia da mór guerra
Com os contrarios de hum, e d'outro lado
O campo deixa, as armas desaferra,
E vai buscar a Deos tam confiado:
Que abrindo ao ceo caminho para a terra
He soccorrido delle, e sustentado
Para alcançar tras isto humá vitoria
Dina de tanta fama, e tanta gloria.

Este ousado, e diuino Scipião
(Para honra, e louuor nosso Lusitano)
Que ao ceo da estrada abrio por oração
Não (como os q̃ elle diz) cõ sangue humano;
Este soube o caminho, os outros não,
Que hiaõ tras seu delejo, e seu engano,
E hoje pisando estrellas mais vesinho
A huns mostra o erro, aos outros o caminho.

Passada a noite alegre companhia
Postos em cura os seus que estão feridos
Passa á vista de Mérida o outro dia
Aonde estão da batalha alguns fugidos
Sahirão vendo as gentes que trazia,
Mas foraõ com mór pressa recolhidos,
Que o Condestabre a visitallos manda,
E faz voltar-lhe os rostos da outra banda.

Mandou-se á retaguarda no caminho
 Por ver se alguem oufaua a cometello
 Tomou-o a noite a Badajoz vesinho
 Donde a gente sahia ao longe a vello :
 Fez no outro dia a Eluas seu caminho
 Sahio a forte villa a recebello
 Parte aly os despojos da jornada
 Aonde mereceo tudo, e não quis nada.

De Eluas com o campo em ordem se partio
 Para Villaviçosa, e sabiamente
 As valerosas gentes despedio
 Que fossem descansar da guerra ardente :
 Cada hum com o que em despojos lhe cahio
 Vai rico, e aluoroçado, e vai contente
 Para a leda familia elle só fica
 Rico com hum a vitoria, que he tam rica.

Liure da guerra, e não já descuidado
 Da paz gozaua o fruto neste ensejo
 No gouerno ciuel todo occupado
 Das abundosas terras de Alem-Tejo,
 Quando com pressa o chama outro recado
 A que acode mais presto o seu desejo
 Pondo em armas a gente acostumada
 Para Chaues que tinha o Rey cercada.

Só com vinte de cotas se adianta
 A buscar seu senhor, porque a mais gente
 Não podia marchar com pressa tanta,
 Que o desejo tardanças não consente,
 Sabe o Rey delle, alegre se aleuanta,
 E sae a recebello honradamente
 Poucos dias depois que o Conde chega
 Combate o muro; a villa se lhe entrega.

Foi com toda a mais gente que escolhera
 A Valarica o capitão famoso
 Aonde pelo senhor mui pouco espera,
 Que o seu desejo ô faz pouco ocioso:
 Tambem se ajunta a gente que escolhera
 Para o passado cerco venturoso
 De hum a, e doutra se faz refenha, e lista,
 Que intenta o Rey de nouo outra conquista.
 Porque em satisfação da perda, e danno
 Que o pouo Portugues tem recebido
 As terras vai pisar do Castelhana
 Aonde he já pelas armas conhecido:
 Dando ao reyno contrario desengano
 De quaõ mal se aquieta hum offendido
 A gente ajunta os capitaens reparte
 Já deixa a Valarica, e já se parte.

Diante manda o não vencido Conde,
 Que vá com a vanguarda entrando a terra
 Até chegar aquelle termo aonde
 Leua o desenho, e fim de fazer guerra:
 Mas inueja sutil que em quem se esconde
 A razão generosa as portas ferra,
 Que a muitos com engano, e sem proueito
 Trazia contra o Conde armado o peito.

Vendo que toda a regia confiança
 Todo o pezo da guerra, e o cuidado
 Sobre seus ombros sós peza, e descansa
 Que elle era o mais valido, o mais chamado
 Contraminando a tam justa priuança
 Quebraõ primeiro as leys de seu mandado
 Cada hum ante a vanguarda parte e guia
 Com toda a gente armada que trazia.

CANTO DECIMO SEXTTO. 375

Hum he de Christo o Mestre desejoso
Mais de excedello em tudo, que de honrallo
Com Martim Vaz da Cunha, e orgulhoso
João Fernandes Pacheco que eu não callo:
Cada hum tam forte, illustre, e poderoso,
Que só mostra fraqueza em inuejallo,
E outros que nesta empresa o acompanhaõ
Em q inueja não mouem, nem se estranhaõ.

Entraõ Castella, e tomaõ a Frolosa
Lugar sem defençaõ, nem resistencia
Poem cerco a sam Felix villa animosa,
Que bem lhe castigou sua insolencia:
Porque rendida a furia bellicosa
Vlendo os moradores de prudencia
Ao Conde que já marcha aly vesinho
Manda as chaues das portas ao caminho.

Chega de noite, e abre as portas logo,
E elles que tem de fora alojamento
Cada hum como se fora em sonho, e jogo,
Enlea a vista, e proua o sofrimento;
Qual polo seco mato o manço fogo,
A que vai asloprando o sotil vento
Assi nelles a inueja hja soprando
Crece o fogo da ira, e vai laurando.

Conjuraõ contra o Conde não culpado,
Que esta tençaõ nas obras lhe entendia
O Mestre o conuidou mal inclinado
Para jantar com elle no outro dia;
Elle se ouue tambem por conuidado
Por não mostrar que teme, ou desconfia
Com o rosto alegre, e ledo tudo aceita
Mas tambem de cautella se apreueita.

376 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Aos seus encomendou secretamente,
Que á hora de comer acustumada
Guardem do Mestre a tenda, que outra gête
Para acudir aly não tenha entrada:
E ouuindo algum rumor impertinente
O assegurem do engano, e da cilada
Chega a hora (assaz ao Conde peza)
Vai á tenda do Mestre, poem-se á mesa.

Começa aly o Pacheco mal soffrido
Pendurar-se em palauras, de feição,
Que foi logo de Nuno conhecido,
Que buscava lugar para á tenção:
E respondendo a tudo sem roido
Se aleuanta da mesa o capitão,
E sem que algum o atalhe, nem offenda
Sahio, e aos seus achou cercando a tenda.

Qual custunna ficar frio enleado
O caçador incauto negligente,
Que o passaro na rede tem tomado,
E d'entre as mãos lhe foge astutamente;
Tal cada hum ficou mudo, e infiado
Vendo-o delles partir tam liuremente
Desprezando as palauras que o Pacheco
Ficou soltando em vão qual soe o Ecco.

O' grande esforço, ó nobre paciencia
De inueja, e de ambição noua vitoria
Toque de confiança, e de prudencia
Triunfo da mór fama, e da mór gloria;
Que aonde tão vã ficava a competencia
E a vantagem tam grande, etam notoria
Lançar mão de razoes fora fraqueza
Vingar de más tençoens, má natureza.

Deixa-os o Conde illustre , e caminliando
 Passa em Fonte Guinaldo a noite fria
 Aonde ficou dous dias repousando
 Té vir mais perto o Rey que elle seguia ;
 Daly té Roboreda vai marchando
 Inda que o cruel tempo lho impedia
 Com frio , chuua , e ventos procelosos
 Grandes trouoens , relampages furiosos.

Porém cessando a fera tempestade
 Foi seguindo o caminho que trazia
 Chega a Coria , e á vista da cidade
 Assenta o arraial , e no outro dia ,
 Vindo o Rey valeroso , que a vontade
 Mais breues as jornadas lhe fazia ,
 Iantou com o Conde , e logo sem debate
 Daõ ferozmente aos muros o combate.

Foi o accometimento fero , e duro
 Grande espasso a cidade combatida
 Em muitas partes roto o forte muro ,
 Que aos de dentro custou mais de huma vida ;
 Mas vendo o claro Rey naõ ter seguro
 Leualla neste assalto de vencida
 Lhe poem estreito cerco , e determina
 De com guerra a render larga , e continua.

Mas naõ executou tal pensamento ,
 Porque mui poucos dias se passaraõ ,
 Que naõ deixasse aquelle fundamento ,
 Que logo no arraial se leuantaraõ ,
 Malinas febres , males cento a cento
 Com que as vidas aos nossos desamparaõ
 Perecendo sem guerra , e sem o amparo
 Porque Chiron a Achilles foi tam charo.

Torna-se o Rey ao seu assento antigo
 Triste do mau successo não cuidado
 Deixa por atalhar ao môr perigo
 A terra alhea o cerco começado;
 Nunalures manda os seus ao certo abrigo,
 E elle toma o caminho desuiado
 Em romaria á Virgem vai do meio
 Donde passando a Ourem, a Estremós veio.

Suspendamos com o Rey a antiga guerra
 Que em saborosa paz gasta alguns dias,
 E ao famoso Nunalures, que na terra,
 De Alentejo governa as frontarias;
 Que veio grossa armada de Inglaterra
 Cortar do humido reyno as ondas frias
 Soberbas náos, e armadas á conquista
 Guerreiras ao temor, bellas á vista.

Proa trazem ao reyno Lusitano
 Cheos vem de guerreiros vencedores
 Ecco faz entre as ondas do Oceano
 O som de occas trombetas, e tambores:
 A sombra das bandeiras fere vfano
 O Sol que as agoas faz de varias cores
 Copando as velas vinha o vento brando
 E o mar em crespa escuma salpicando.

Dentro vem com magnanima esperança
 O Duque de Alencastre dom Ioaõ
 Com a ama da mulher dona Constança
 Filha de Pedro a quem o duro irmão
 Por dar a Hespanha assi justa vingança
 Em Montiel matou por propria mão,
 E com tal fundamento o Duque, e ella
 Vem conquistar os reynos de Castella.

Castellos , e Leoens tras nas bandeiras ,
 E entre flores de Lis Leopardos douro
 Bellas filhas Iffantes companheiras
 Que inuejar pode o Sol fermoso , e louro :
 Para serem do nouo reyno herdeiras ,
 E de amor entre os Reys nouo thesouro ,
 E por vos ser a empreza mais notoria
 Hum pouco atras direi da nossa historia.

No tempo que de Auis o Mestre ousado
 Por sustentar a amada liberdade
 A defenſaõ tomou do reyno amado
 Libertando de Vlyſſes a cidade :
 Dos Britanos , e Ingrefes ajudado
 Com quem já tinha paz , firme amisade
 Para pedir ſoccorro em tanta guerra
 Mandou embaixadores a Inglaterra.

Eſtes do Rey Richarte eraõ tratados
 Com proceder amigo , e termo humano
 Do bom Duque admittidos , e ajudados
 Em tudo o que pedia o Luſitano :
 Porque o mór deſejo , e ſeus cuidados
 Aspirauaõ ao reyno Caſtelhano
 Cujõ titulo em vaõ tomado tinha ,
 E a Duqueſa Conſtança o de Raynha.

Cada hum deſtes legados ſe deſuella
 Em incitar o Duque a ſeu reſpeito ,
 Que pois ſe ousa chamar Rey de Caſtella
 Tempo he que ponha em armas ſeu direito ;
 Tendo o Rey Portuguez por ſi contra ella ,
 E em fauor de ſeu nome , e de ſeu feito ,
 E o contrario oprimido , e quaſi alheo
 Do cuidado da herança , e do receo.

Depois

Depois sabendo o Duque a celebrada
 Vitoria que alcançara o Rey famoso,
 E que tinha Castella amedrentada
 De Ourem o Conde illustre, e valeroso:
 Vendo a occasião tam desejada,
 E tam perto hum fauor tam poderoso
 Do Rey licença, e gentes logo teue,
 E á conquista se parte em tempo breue.

Tomou porto no reyno de Galiza
 E foi tomando as terras juntamente
 De sua vinda ao Lusitano auisa,
 Que em seu fauor tardança não consene;
 Já do Minho os famosos campos pisa
 Aonde faz prestes, galas, armas, gerte,
 E ao Conde dom Nunalures chamar manda
 Que deixamos no Tejo da outra banda.

Vio-se o Duque com o Rey na Estremadura
 Com aluoroço, e graõ contentamento
 Contrataõ santa paz, firme, e segura
 Pede o Rey a Felippa em casamento;
 Cujos valor, virtude, e fermosura
 Já por fama trazia em pensamento,
 Cujas partes reais creceraõ tanto,
 Que a nós foraõ louuor, ao mundo espanto.

Celebraraõ-se as vodas desejadas
 No Porto, desta vinda a poucos dias
 De todo o reyno as gentes são chamadas,
 E apregoadas festas, e alegrias:
 As armas por entaõ desamparadas
 Se fazem danças, jogos, e folias,
 Banquetes, e seraõs de varios modos
 Com passatempo, e com prazer de todos.

CANTO DECIMO SEXTO. 381

Mas deixa o conjugal amado leito
O Rey em breue espaço porque ordena
Hir sustentar o sogro em seu direito
Que da tardança está sentindo a pena :
O Conde ás frontarias vai direito
De soldados traz copia não pequena
Juntaõ-se as gentes , já o campo aballa
Ao Condestabre el Rey desta arte falla.

Bem sei famoso Conde a quanto alcança
Vosso valor no mundo tam sabido ,
E vos sabeis de mi qual confiança
Tenho de vossas obras concebido :
Meu reyno , e meu socego em vos descança
O louvor d'elle a vos he só deuido ,
E o que eu rogáruos quero em nada impede
Ao que amor , e razão por vos me pede.

E he que nesta occasião que está presente
Deis a vanguarda ao Duque illustre e claro ,
Sogro , e nouo pay meu , pois he decente
Auantajar a hum principe tam raro ,
Vos da minha famoza , e forte gente
Ireis na retaguarda como amparo ,
Isto rogo , e bem ley que quando o mande
Do que he vosso darei parte muy grande.

Nunca senhor (responde) o pensamento
Depois que vosso sou tal consentio ,
Que outrem tenha o lugar que oje sustento ,
Sem o qual nunca exercito me vio ,
Não só , por descustume , o sofrimento ,
Mas natureza propria mo impedio ,
Porém senhor o Reyno , o campo he vosso ,
E eu que nem dar razão , nem , queixas posso.
Como

Como humilde soldado irey seguindo
Vosso nome, que he minha obrigação
Nesta empreza com todo o amor feruindo
Naõ como Condestabre, ou capitão,
Dai senhor o lugar que esta pedindo
O vosso gosto, e vossa obrigação,
De mim naõ cureis mais nesta jornada,
Que de huma lança só muito arriscada.

O Rey que vio ao Conde perturbado
Com razoens mais confusas que arrogantes
Deixou logo o conselho começado,
E mandou que teuesse o lugar dantes;
De Bretanha, e de Luso o campo armado,
Toca trombeta e caixas sibilantes,
E com mor aluoroço que receo
Entraõ sem seu perigo o Reyno alheio.

Castellos, e lugares conquistaraõ,
Pouos, campos roubaraõ liuremente,
Quatro meses no largo reyno andaraõ,
Sem auer quem batalha lhe apresente,
Depois ao reyno armados se voltaraõ,
Que sustentar naõ pode tanta gente,
Com fome infame, e peste trabalhosa,
Por culpa dos contrarios ociosa.

Para a fresca Coimbra o Rey se parte,
Aonde estaua a Rainha, e seu desejo,
E o Duque que por huma e outra parte
Trataua de concertos neste ensejo,
O Conde valeroso os seus reparte,
E vai-se ás ferteis terras de Alemtejo,
Fazendo antes deuota romaria,
A Guimaraens ao templo de Maria.

Entre o dourado Tejo, e Guadiana
 Vsaue o seu gouerno celebrado
 Exercitando a gente Translagana
 No militar concerto acostumado :
 Mas de huma enfermidade deshumana
 Sabendo que o seu Rey era auexado
 Parte ao Corual a vello aonde esteue
 Té deixallo melhor seguro, e leue.

Partido o Conde, o Rey liure do danno
 Com que a doença a cor do rosto estraga
 Passada a maior parte daquelle anno
 Determinou fazer Cortes em Braga ,
 Chamar outra vez manda o Lusitano,
 Que só de sua fé, e amor se paga ,
 E do reyno os maiores, e os Prelados
 Communs procuradores, e letrados.

Tregoas trata, custumes, leys renoua
 O Conde, a proteicão dos grandes tinha
 O que o Rey com bom termo lhe reproua
 Porque a seus pensamentos não conuinha:
 Porém daly o aparta a triste noua
 Com que a ligeira fama mais caminha
 Que a Condessa Lianor chara consorte
 No vltimo trance estaua já da morte.

O quão triste daly parte o Conde,
 Quão triste a valerosa companhia
 Polla posta chegou ao Porto aonde
 Triumfa já da Condessa a morte fria,
 Dos seus olhos a luz no ceo se esconde,
 E Nuno os seus de lagrimas enchia,
 O ar de suspiros, a alma de tristeza
 Penção que paga a vida á Natureza.

E cuberto de dô funesto, e triste,
 Em o escuro, e funebre aposento,
 Naquelle hora penosa em que consiste
 Mais o rigor do duro apartamento,
 Por mais que com grande animo resiste
 A' força do pezar, e sentimento
 Estas palauras disse magoadas,
 Com lagrimas dos olhos misturadas.

O' morte fea, e mais aborrecida
 Aos que na vida ficão lamentando,
 Que á aquelles que por ti perdendo a vida
 A sua pena em gloria vão trocando;
 Quem te não temerá fera homicida,
 Todos seus falsos gostos desprezando,
 Se vens tam disfarçada, e encuberta,
 Que menos esperada estas mais certa.

Que tempo mais seguro, e mais alheo
 Podia eu ter de huma hora arrebatada,
 Que o que tam sem cuidado, e sem receo
 Gozar podia a gloria conquistada,
 Quando de altos despojos rico, e cheo,
 Quando por mim a patria libertada,
 Então sem piedade, e sem respeito,
 Mostraste que o meu bem te era sujeito.

Sem elle me deixaste, e claro vejo
 Sendo sujeito a ty que não podia
 Ser bem meu mais que em sombras do desejo
 Que tanto em esperanças se estendia,
 E se gozar não pode neste ensejo
 De sua amada, e doce companhia,
 Como era bem? quaõ mal se compadece
 Ter este nome áquillo que perece.

Para que quero o fruto desejado
De tam largos trabalhos já vencido,
O nome em mil perigos alcançado,
E em tam compridos annos adquirido
As honras, o poder, o grande estado,
Taõ inuejado em mim, quaõ merecido
Se a quem para o gozar me coube em sorte
No melhor ire roubaste ó fera morte.

E vós alma ditosa que já agora
Noutros bens differentes occupada,
Aonde tudo na vista se melhora
Vereis como o da terra he sombra, e nada,
Vos já agora immortal clara Leonora
De mim com puro amor sempre estimada,
Ouvi desse alto assento as queixas tristes,
Com que só me deixais pois vos partistes.

Sempre fostes meu bem, e gloria minha,
Se se pode achar gloria cá na terra
Se nesta naõ gozei da que em vós tinha,
Foy porque viuí sempre em dura guerra.
Triumphando della já buscar-uos vinha,
E agora de meus olhos vos desterra,
Esta parca inuejosa, e atreuida,
Que por me matar mais me deixa a vida.

Que vos deixei senhora bem conheço,
Quando o naõ consentia a tenra idade
Por dar á minha patria, a vida em preço
E em resgate de sua liberdade,
Porém numa obra tal naõ desmereço,
O verdadeiro fruto da vontade,
Que tendo-uos por firme e charo objecto
Ja mais me vio da sorte satisfeito.

E pois

386 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

E pois estais gozando nessa altura
 De bens que nem tem pena nem mudança,
 Aonde cá não chegou minha ventura,
 Fazei por vos chegar minha esperança,
 Que deixando esta vida triste escura
 Faça para viuer noua mudança,
 E goze la do ceo sereno, e santo,
 Aquella vista pura que amei tanto.

E em quanto nesta amarga, e transitoria
 Passar penosamente o tempo esquiuo,
 Repetirei ao ceo vossa memoria,
 Sustentando este amor inteiro, e viuo,
 Gozai alma ditosa eterna gloria,
 Que o que deixais á penas tão catiuo,
 Pois não pode na morte acompanhar-uos,
 Saberá não temella por buscar-uos.

Mais facil de entender considerada
 He do que escrita, a dor que a causa ofrece,
 Mulher tão para amar, e tanto amada,
 Nunca he chorada assim como merece,
 Com tanta pompa, e dor foi sepultada,
 Qual nunca o Douro vio, né lhe inda esquece
 No ceo goza hoje a gloria prometida,
 Que do Ceo dina fez na terra a vida.

E porque desta illustre, e generosa
 Senhora alcance a muitos a lembrança,
 Nacidos de familia tam ditosa,
 Que com tantas tão claras tem liança;
 Do nome antiguo, e geração famosa,
 Que ella engrandeceo com tal mudança,
 Não se deue esquecer a minha historia,
 Trazendo os ascendentes á memória.

Quando o Conde famoso que primeiro
 Teue em dote de Luso a fertil terra,
 Cujo filho magnanimo, e guerreiro,
 A coroa adquerio com sangue e guerra;
 Foi deste conde Henrique companheiro
 Entre muitos de França, e de Inglaterra,
 Dom Pedro Framaris ousado e forte,
 A quem lugar no reyno ccube em sorte.

Junto de Guimaraens armena, e bella,
 Teue assento e solar engrandecido,
 Que ás do nome de Riba de Visella,
 Deu principio illustre, e o apellido,
 Dom Payo naceo delle, e quando aquella
 Familia o Reyno tinha ennobrecido,
 Dom Reimaõ procreou da clara esposa
 Do grande Egas Monis neta ditosa.

Deste e doutro tambem claro Fernando
 A Castella os Osorios começaraõ,
 Que de Guimaraes sempre o nome honrãdo
 Os dous por toda Hespanha se espalharaõ;
 Do primeiro seu nome eternizando,
 Dous filhos valerosos sos ficaraõ;
 Ehm dom Guilhem Reimondo, e dõ Sueiro
 Que na ventura em tudo foy primeiro
 Delle, e dona Vrraca illustre dama,
 Filha doutro Egas Gomes de Barroso
 Naceo para illustrar seu nome, e fama,
 Dom Mem Soares de Mello o valeroso,
 E outro que he o primeiro que se chama
 Do nome agora em tudo tam ditoso,
 Pero Soares de Aluim illustre e claro,
 A quem naõ foi o ceo em nada auaro.

Delle

388 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Delle e da generosa companheira,
 Que aos Cunhas a materna origem deue
 Hum Martinho naceo , que a voz primeira
 De Aluim apos o pay contente escreue;
 Delle, e de Margarida Paes Ribeira,
 Ioaõ naceo, que o mesmo nome escreua,
 Cujá consorte illustre e celebrada
 Dona branca Coelha era chamada.

Esta do sangue antiguo illustre e puro
 Dos Coelhos que o Reyno estimou tanto,
 Irmãa de Pedro , a que outro Pedro duro
 O coração tirou com grande espanto;
 Deste para altas glorias de futuro ,
 Que inda apparelha o ceo sereno , e santo,
 Naceo Lianor que agora o mundo deixa,
 E o Condestabre seu com tanta queixa.

C A N T O XVII.

Acabadas as exequias da Condeſſa Dona Lianor D'alum , torna o Condeſtabre a Braga , donde ſe vay para entre Tejo e Guadiana , liurando a terra do inimigo. Morto el Rey dom João de Caſtella ha tregoaſ. Reparte o Condeſtabre as terras que el Rey lle tinha dadas , com os que em ſeu ſerviço o acompanharaõ. Trata el Rey de lhas tirar por conſelho de alguns priuados , e inuejoſos : O Condeſtabre ſe vay del Rey agrauado ; e em fim ſatisfeito ſe reduz a ſeu ſerviço. Quebraõ ſe as tregoa� toma ſe Badajoz , o Condeſtabre de Caſtella queima os arredores de Viſeu.

A S funeraes exequias acabadas ,
 Tudo de eſcuro cheo , e cuberto ,
 Entre lagrimas triftes magoadas ,
 Beatris ſente o dano de mais perto ,
 Não podem ſuas queixas ſer contadas ,
 Nem de ſeu triftte pranto o deſconcerto ,
 Mas o famoso pay claro , e prudente
 Do Porto a manda logo ſabiamente.

De muita e nobre gente acompanhada ,
 A' cidade de Vlyſſes foi trazida ,
 Entregue á ſabia velha venerada ,
 Mãy do graõ Nuno , e d'elle aſſas querida ,
 Com virtudes , e exemplos foi criada .
 E do ceo por virtudes eſcolhida ,
 Chama tras iſto o Rey ao viraõ forte ,
 Honra , e valor da guerra , e paz da corte.

390 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Tornou a Braga essa cidade antiga,
Foy visitado aſſas do ſentimento
Dos grandes, e do Rey que mais ſe obriga,
De quem ſó lhe ganhara o vencimento,
E com vontade pura quanto amiga
Lhe offerecia hum nouo caſamento,
Com dama generoſa illuſtre, e clara,
Que o ſol em luſtre, e graças a inuejara.

E elle com penſamento differente
Do Rey ſe deſpedio quaſi queixoſo,
Que o coração honrado, que ama, e ſente
Até em ſombras o goſto lhe he penoſo:
Para Euora partio tam deſcontente,
Que bem moſtra fugir ao ſer eſpoſo,
E diſſe que já aly liure ſe via
De hum a eſcura nuuem que o cobria.

Aly liure de offenſas largo eſpaſſo
Tratou de paz ſegura, e da peleja
Sem fazer nouo emprego de ſeu braço
A que Marte moſtrou tam grande inueja,
E quanto já achaua o tempo eſcaſſo
Para as occaſioens que elle deſeja
Alguns dos inimigos já ſe acendem,
E entrar em Portugal em vão pretendem.

De Santiago o Meſtre determina
Hir dar ſobre Eſtremós com furia braua
Queimar-lhe os arrabaldes, e a campina,
Porque o Conde em Euora ficaua:
Mas como até das traças que imagina
Com prudencia, e valor ſe acautelaua
Parte para Eſtremós, e a gente chama,
E logo diſſo o Meſtre teue a fama.

Tornou atras da furia deste intento ,
 Logo os seus despedindo liberalmente,
 O Conde o soube em seu alojamento
 Donde o hia a buscar, ledo, e contente,
 Tambem despede os seus com pensamento
 De os juntar noutra empreza differente,
 Mas nesta occasião campo de Ourique
 Manda a pedir soccorro muito a pique.

Porque o Conde de Niebla se apparelha
 Com setecentas lanças escolhidas,
 Hir ver de sangue a terra já vermelha,
 Que sepultou aos Mouros tantas vidas,
 Nuno que em vão consigo se aconselha,
 Porque tinha já as gentes despedidas,
 Com só oitenta lanças que ficaraõ
 Pollo Redondo a Monfarras chegaraõ.

Estando hum dia ali dormindo a festa,
 Sem elmo, e sem arnes, posto á ligeira,
 O acorda huma noua affas molesta,
 Que ficaua roubada a Vidigueira
 Que naquella manham sem mais requesta
 Trezentas lanças só de huma bandeira
 Saquearaõ a villa, e leuaõ della
 Gado, e gentes catiuas a Castella.

Que para Villa nona hiaõ marchando;
 Que eraõ de Monfarras só quatro legoas,
 Arma-se Nuno, e os seus já vão celando
 Corredores rocins, veloces egoas,
 E inda que poucos naquelle bando,
 Nenhum he inclinado a pedir tregoas,
 Partem já noite, chegaõ quando a Aurora
 Nos descobre do dia a melhor hora.

Naõ tinha o lugar muro , cerca , ou caua ,
 Saluo hũa torre grande , e bem fornida ,
 Em cuja roda aquella gente estaua
 Emtrincheirada junto de huma hermidã
 Com pouca guarda , e medo repousaua ,
 Que tarde a de Nunalures foi sentida ,
 E pollas ruas já trepando acima ,
 Com a pressa os descuidados desanima.

Dos seus hia diante o Capitaõ ,
 E humã barreira entrou na companhia
 De quatro caualleiros , que o pendaõ
 Por outra rua á torre arremetia ,
 Dez Gascoens de ateuído coraçãõ ,
 E das melhores armas que aly auia
 Todos ao Conde vem para encontrallo ,
 E elle se lança a todos do cauallo.

Duraraõ pouco os dez neste combate ,
 Que ás mãos como os de mais foraõ tomados
 Os mais se daõ catiuos sem debate
 Outros ficaõ feridos , destroçados :
 Muitos que á vida deraõ seu remate
 Ficaõ no campo aly desamparados
 Nuno que dos Gascoens naõ quer vingança
 Liures manda se vaõ a el Rey de França.

Vencida esta batalha em pouco espasão
 Mortos , feridos , presos quantos eraõ
 Tomada a presa á força de seu braço
 De que elles pouco tempo se valeraõ ;
 Já faqueada a villa passo a passo
 Com tudo á Vidigueira se vieraõ
 Aonde deraõ aos presos com a emmenda
 A liberdade , as vidas , e a fazenda.

Foi esta noua ao Rey, que affas contente
 De ditoso successo a recebeo,
 Porque tinha outra em tudo differente
 Qual a inueja de muitos a escolheo:
 Ao Condestabre escreue em continente
 Os parabens do que lhe aconteeo
 Depois o chama atras desta jornada
 Para Campo maior contra elle armada.

Chegando o Conde em sua companhia
 Se entregou por partido a fortaleza,
 Que Gil Vaz de Barbuda defendia
 Contra o valor da gente Portuguesa,
 Para Euora Nunalures se partia,
 E o Rey com pensamentos noutra empreza,
 Que depois acabou com honra, e gloria,
 Como ainda ouuireis na nossa historia.

Agora ó Musa he bem que descansemos
 Do trabalho da guerra tam contino,
 As bandeiras, e as armas penduremos,
 Que inda entre ferro, e sangue me imagino
 Do nosso Heroa hum pouco celebremos,
 Aquelle espirito, e coração diuino,
 Na guerra vencedor com nouo espanto
 Na paz justo, e para o ceo tam santo,

A's armas trabalhofas deu de maõ,
 Porque em treguas estaua o Lusitano,
 Que era morto em Castella o Rey Ioaõ,
 Que fez aos dous imperios tanto dano,
 Eos grandes tendo á vista esta razaõ
 Com o tenro Rey Henrique Castelhana
 Iuntos legados de huma, e doutra parte,
 Mandaõ que cesse o graõ furor de Marte.

Deixa

Deixa a Euora fertil , que habitaua
 Nuno por defenſaõ do Reyno amado
 Vaſe a Porto de Mós antiga, e braua,
 E a Ourem bellicoſo, e leuantado,
 E por mostrar ao ceo que ſe lembrava,
 Que fora vencedor delle ajudado,
 No lugar da batalha que vencera,
 Quis dar louuor, e honra a quem lha dera.

Donde a ſua bandeira vencedora
 O nome de ſaõ Jorge appellidou,
 Ao meſmo Santo outra bandeira aruora,
 E á Virgem ſanta hum templo edificou,
 Ali no meſmo dia inda ategora
 Os Luſitanos ſeus que elle ajudou
 As graças lhe vaõ dar deſta vitoria,
 Pregando em ſeu louor della a memoria.

Começou neſta idade já madura
 De taõ grandes deſpezas pouco auaro,
 A' Senhora do Carmo ſanta e pura,
 Aquelle templo altiuo, illuſtre e raro,
 Que na firmeza, na obra e fermofura
 Não tinha Luſitania outro taõ claro,
 Nem o excede nenhum da noſſa idade,
 Nõ lugar, fortaleza, é mageſtade.

E como o que do mundo não queria
 Mais que a morada ſó que hia fazendo
 Com as terras que o Rey dado lhe auia,
 Os ſeus começou de hir enriquecendo
 Dos que na ſua antiga companhia
 Foi ajudado os riſcos não temendo,
 Seus lugares lhe deu em tença e juro,
 Te reſgatallõ em rendas de futuro.

Os parentes, e amigos esforçados,
 Que ao final da trombeta lhe accudiaõ,
 Quando dos esquadroens fortes e armados
 A soberba arrogancia não temiaõ
 Os fideis escudeiros, e os criados
 Que com vontades, e armas o seruiãõ,
 Quer que gozem com elle igual bonança
 Do descanso, das rendas, da esperança.

Martim Gonçalves tem do Carualhal
 Seu tio delle a renda de Euoramonte
 E o famoso cunhado do Casal
 Porto de Mós com Rio maior de frente,
 A terra de Baltar, e o Rabassal,
 Hum de espaçoso campo, outro de monte,
 A Mem Rodrigues deu de Vasconcellos,
 E a Gilvaz parte ás rendas de Barcellos.

Deu a Gonçalves o esforçado,
 De Abreu Alter do chaõ, e o seu Castello,
 Martim Gonçalves tem Alcoforado,
 Arco de Boulhe em renda mais singelo,
 De Sacauem o barco dezejado
 Ioã Affonso por elle ha de colhelo,
 Com o reguengo de Aluiela se aquieta,
 Outro que he Esteueanes Borboreta.

De Borba a Ioã Gonçalves da Ramada,
 E a Affonso Esteues deu da Vidigueira
 A renda hoje tam grande, e tam honrada,
 E a de Aluajazere a Alvaro Pereira,
 A Pedreanes Lobato deu de Almada,
 E ao que sempre regeo firme a bandeira,
 Que he Diogo Gil de Alirco o valeroso
 Deu Montalegre e terra de Barroso.

A renda

396 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

A renda de Estremós não ficou salva ,
 Para Lopo Gonçalves que honra , e ama ,
 Villa Ruiua tambem junta e Villa Alua ,
 Rodrigo Affonso , o possessor se chama ,
 Para Fernão Domingues lhe refalua ,
 A renda que hoje tem nome e fama ,
 Que he Vilar de Frades , e Portel ,
 Monfarás Rodrigalures Pimentel.

A Ioaõ Gonçalves seu meirinho mór
 Quatro quintãs na terra mais amena
 E deu a Affonso Pires seu vèdor
 Tudo o que o Rey lhe dera em Basto , e Pena
 E outra renda que tinha em Montemór
 Que goze Rodrigo Anes logo ordena
 De Chaues deu as rendas a hum criado ,
 Leal , e antigo seu Vasco Machado.

O' liberalidade nunca ouuida
 Largueza em nossos tempos pouco usada
 Renda em tantos perigos adquirida
 Com tam poucos receos alheada :
 Gloria nunca tocada , ou offendida
 Da cobiça commum , cega , enganada ;
 O' nouo caso , ó nouo homem no mundo
 Sem igual , sem primeiro , e sem segundo.

Em qual encontro , ó Conde valeroso
 Não fostes o primeiro , e mais ousado ?
 Em qual despojo , e preza cobiçoso
 Vos vio na larga guerra algum soldado ?
 Qual foi mais justo ? ou qual mais piadoso ?
 Qual foi mais liberal ? qual mais ousado ?
 Ao Rey destes o reyno , e defendestes ,
 E o com que vós pagou aos outros destes.

Nem

Nem Cimon aos soldados foi de Athenas,
 Nem tal aos doutos foi entre os Romanos
 O celebrado entre elles bom Mecenas
 Qual vos aos vossos firmes Lusitanos:
 E deixando as historias de que apenas
 Nos ficou testemunho em tantos annos
 Nem hum bisauo vosso dom Gonçalo
 Do qual injustamente os feitos callo.

Que de baxo da sombra amena, e fria
 De hum carualho huma tarde repoufando
 Aos bons fidalgos seus que aly trazia
 A herança em cauallos lhes foi dando:
 Sesenta e quatro deu naquelle dia,
 Que logo os trinta e dous desempenhando
 Aos outros os passou comprando isento,
 E dando os seus casaes em pagamento.

Naõ foi senhor achardes que era injusto
 Possuir tanta renda, e senhorio
 Ganhado em tanto tempo, a tanto custo
 Em tal guerra, com tanto esforço, e brio:
 Nem foi querer mostrar que ereis mais justo
 Para premiar os seus do que o Rey pio
 Foi pretenderdes fama mais segura
 Sem sombra de cobiça, e sem mistura.

Principes poderosos e inuejados
 Magnificos, illustres, e excellentes
 Nos mais altos lugares levantados
 Para gloria do mundo e luz das gentes:
 Se quereis fer entre ellas celebrados,
 E de vossas riquezas mais contentes
 Dai com ordem, com tempo, e com justiça,
 De muito para dar tereis cobiça.

Prouai

Prouai hum meo altiuo , inda que humano
 De fer quasi diuinos , e immortais
 Gostai do Nectar doce , e soberano
 Com que se adquire o nome , a que aspirais
 Vereis tudo o de mais que he claro engano
 Que naõ ha outro bem , que alcançar mais
 Que saber dar , e para dar ter muito
 Sem querer mais de dar , que o dar por fruto.

Olhai de Nuno o valeroso peito
 Que alegre , e rico só se imaginava
 De ver que tinha a todos satisfeito
 Os de quem se seruira , e os que amava:
 E inda que dera assas pouco , em respeito
 Do que só para dar-lhes desejava
 Ficou alegre em ver que despendera
 Quanto tinha que dar , e o Rey lhe dera.

Eis quando noua inueja se aleuanta
 (Quem vio grande valor , sem muita inueja)
 Hum priuado murmura , outro se espanta
 Hum tacha , hũ se entremete , outro pragueja ,
 Hum ao Rey nos conselhos se adianta
 Enfeitando-lhe aquillo que deseja
 Ah conselhos no mundo naõ pedidos
 Quam poucas vezes fostes bem nacidos.

Hum poem diante o Rey que naõ conuinha
 Ter vassallo que os poucos senhorea ,
 Outro lhe lembra os filhos que já tinha
 Sem poder dar-lhes mais que a terra alhea:
 Outro lhe mete em queixas a Raynha ,
 Que hora moue , hora obriga , hora grangea ,
 Dalhe el Rey os ouvidos , e a vontade
 Que o interesse he brando , e persuade.

A al-

A alguns do reyno chamar manda

A que já fez mercê, de herdade, e juro
Terras, e renda, e a dom Nunalures que anda
Disto bem descuidado, e bem seguro:
Veyo; o Rey lhe descobre esta demanda
E este conselho affas pouco maduro
De resgatar-lhe as terras que pretende
Mas desta sorte o Conde se defende.

Bem sei alto senhor que isto que vejo
Obra vossa não foi, nem vosso intento,
Outrem que tinha ha muito este desejo
Achou agora em vos consentimento;
Se o que me tendes dado he tam sobejo
Como ante vos seu grande atfeuiamento
He razão que o corteis ao vosso modo,
Mas para mim conuem cortallo todo.

Terras, fazenda, e bês me tendes dado
Por cuidardes que o tinha merecido
Seruiuos muitos annos como honrado
Pagastes-me melhor que o prometido:
Se agora sois melhor aconselhado
Do que naquelle tempo ereis seruido
Pagai aos conselheiros noutro preço
Sem offender ao muito que mereço.

Do que me destes, liure, e largamente
Parti com os meus as rendas que alcançaraõ
Que em tempo e de conselho differente
Para vos seruir melhor me acompanharaõ:
Não me deixaraõ rico; estou contente
Com as terras, e os bês que me ficaraõ
Se destas tendes gosto, e outro inueja
Pouco me basta; e nada me sobeja.

Exe-

400. O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Executai em mim vossa vontade,
Mas lembrouos senhor, que he cousa indina
De vosso nome, e de vossa humanidade
Naõ na mostrar aos vossos mais benina:
Seruiraõ-uos com braço, e com verdade
Em guerra desigual, grande, e continua
De mi, dos meus, dos mais a quẽ chamastes
Tambem seruido estais como pagastes.

A estas razõs que o Conde emuolue em ira
Dizia moderando o sentimento
Outras o Rey offerece, ordena, e vira,
Que amparauaõ o fim daquelle intento,
E como o Conde nelle, e no que vira
Receou que pèrdesse o sofrimento
Para lhe responder licença pede
A maõ lhe beja, e delle se despede.

Parte deixando o Rey que entaõ na serra
A feu labor viuia, e sem cuidados,
E vai-se de Alem Tejo á fertil terra
Para Estremós dos muros jaspeados:
Daly chamando a muitos que na guerra
Configo teue amigos, e soldados
Juntos num largo campo, o feu Pereira
Lhe começa a fallar desta maneira.

Esforçados, e amigos Portugueses
Em cuja companhia valerosa
Me deu o ceo vitoria tantas vezes
Contra Castella grande, e bellicosa:
Cujas lanças, pendoens, cujos arnezes
Inda tintos de sangue, e cor de rosa
Testemunhando estaõ vossas feridas.
E vitorias mais claras do que cridas.

CANTO DECIMO SETIMO: 401

Se aquelle antigo amor que me mostrastes,
E o que de perto em minhas obras vistes
Quando em vossos perigos sempre achastes
Por companheiro aquelle a quem seguistes :
Se com a fama , e louuor cõ que me hõrastes ,
E que a vossas progenies adquiristes
Nãõ perdestes lembrança tam deuida
De quem por vós em pouco teue a vida.

Hoje me he de mais preço o valor vosso
Do que já foi na guerra , e na peleja
Pois sem vosso fauor liurar nãõ posso
Minha honra de contrarios , e de inueja :
El Rey de Portugal que he senhor nossõ
Determina com quem me isto deseja
Aos meus todos , e a mim tirar-me as terras
Que adquirir com vosco em tantas guerras.

Forçado me he que viua em reyno estranho
Sem sua offensa , e cõ minha honra inteira
Por nãõ soffrer desprezo , e mal tamanho ,
E afrontado viuer de tal maneira :
Se nisto em que (a meu ver) ficais de ganho
Que he habitar tambem terra estrangeira
Me quizerdes seguir , agora o peço
Se por tam grande amor tanto mereço.

Ou seja em paz amada , ou varia guerra
Ou pollo mar salgado , ou terra dura
Pois Portugal me offende , e me desterra
Vamos prouar aos braços a ventura :
Se nos nãõ der o ceo mais justa terra
Acharemos honrada sepultura
Se me sois companheiros nesta empreza
Anteporei a sorte á natureza.

Fora

402 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Fóra do Patrio reyno Lusitano ,
 Quiçais que algum nos dê larga morada
 Ou nessas ferteis terras do Africano
 Por nossa força , e braço conquistada ;
 Ou nas desertas ilhas do Oceano
 Por nós de nouo alguma pouoada
 Aonde sem enuejoso , e sem terceiro
 Cada hum de vós será meu companheiro.
 Atras destas razoens , que se acabaraõ ,
 Mais com tristeza , e dor , que brando estilo
 Todos huma voz junta aleuantaraõ ,
 Que a viuer , e a morrer querem seguillo ,
 Que pois na larga guerra o naõ deixaraõ ,
 Onde elle os defendeo , que haõ de seruillo
 E de naõ se apartarem deste intento ,
 Fizeraõ logo pacto e juramento.

Lançando os braços logo o caualleiro
 A cada qual entre elles obrigaua ,
 Cada hum em se humilhar quer ser primeiro
 Que toda a chara gente o rodeaua ,
 Deulhes soldo de trigo , e de dinheiro ,
 E a todos a partida encomendaua
 Com mostras , e razoens agradecidas ,
 Catiuando as vontades oferecidas

Em breue tempo assas queixosamente
 Se desterra da patria doce e chara ,
 Aquelle cujo braço tam valente
 Contra o poder de Hespanha a libertara ,
 Offendido de hum Rey justo , e prudente ,
 Que elle com tanto risco coroara ,
 Naõ te espantes Aristides famoso ,
 Que outro Ostracismo ha já mais riguroso.

Foi

Foi disto o Rey Ioaõ logo auisado,
 E hum varaõ de graõ fama, e de bom zelo,
 Adaiã de Coimbra, e bom letrado,
 Mandou logo a buscallo, e a detello,
 Este tratou com o Conde o seu recado,
 E em breue se tornou sem demouello,
 Depois de Auis o mestre ali lhe manda,
 Que o mesmo effeito fez nesta demanda.

A todos como humilde respondia,
 Que pois a fé del Rey já lhe faltaua,
 Viuer em Lusitania naõ podia,
 Pois sem fazenda, e honra ali ficaua,
 Que em qualquer Reyno estranho o feruiria
 Com a lealdade, e fé, que tanto amaua,
 O Rey que vê que já se alcança em vaõ
 Lhe manda o Bispo de Euora dom Ioaõ.

Por elle lhe offerece outro concerto,
 Mas despedido assim como os passados;
 Manda o Conde seu tio o velho experto,
 Que ao Rey rêspondesse a seus recados,
 Como Ioaõ o tratou, e o vio de perto
 Sem curar de inuejosos e priuados;
 Só trata de fazer amigo o Conde,
 E o Carualhal o escuta, e lhe responde.

Chamar o manda, e vai ao Porto vello
 Dos seus acompanhado honradamente
 Sahio el Rey contente a recebello
 Com termo, e pensamento differente,
 E naõ tratando em nada de offendello
 Antes de o ver quieto, e ver contente
 Com a mor igualdade, e com direito
 Este contrato entre ambos ficou feito.

Que

Que quantas terras tinha o Conde dadas,
 Tornasse a possuir, e aos que as dera,
 El Rey deu tença, e rendas ordenadas
 Como cada hum daquelles merecera,
 As que tinha do Rey como empenhadas,
 E os vassallos lhe deu que antes tiuera,
 Nas que de herdade já tinha e de juro,
 Ficou quieto o Conde el Rey seguro.

Quanto pode a razaõ? quanto a verdade?
 Que inda de sombras vans escurecida
 Com hum rayo de seu lume e claridade
 A inueja que a acanhou deixa vencida
 He confusaõ aos maos sua maldade,
 Hum inuejoso he vibora parida,
 A virtude tem sempre o premio dino,
 Se a terra injusta, o ceo iempre he benino.

Está de nouo o Rey mais obrigado
 Ao valeroso Conde que offendera,
 E elle mais satisfeito, e mais honrado,
 Sem se lembrar d'algum que isto mouera,
 Que como ingrato estaua mal lembrado
 De quem já noutro estado lhe valera,
 O Prior do Hospital digo o Camello,
 A quem o elle fez ser sem merecello.

E em breue se mostrou logo adiante
 Quanto montaua ao Rey, e á patria terra,
 Hum varaõ taõ famoso e importante,
 Offendido da inueja que o desterra:
 Nesta quieta paz num mesmo instante
 Se leuantaõ incendios d'outra guerra
 Que bastara abraçar ao Reyno todo
 Se se partira o Conde de tal modo.

Que como nunca a paz he bem segura
 Em dous; se hum delles tem desconfiança,
 E hum a quer aceitar, outro a procura,
 Porque a força faltou para a vingança,
 Sempre a hum offendido a dor lhe dura,
 E se não a dor, dura a lembrança;
 Que a vontade que ás forças não responde
 He como a braza a qual a cinza esconde.

Os dous Reys como ouuistes tem tratado
 Tregoa por alguns annos, e amizade
 Com condiçoens que a hum, e outro estado
 Importauão socego, e liberdade:

Mas como Henrique as fez mais obrigado
 De continua opressão que de vontade,
 Contra o teor das treguas alguns annos
 Foi detendo os catiuos Lusitanos.

Determinou Ioaõ como offendido
 Num lugar de Castella fazer preza,
 Que assi era nos tratos concedido
 Contra o que lhes mudasse a natureza:
 Por hum estranho ardil, bem succedido
 Tomou a Badajoz para esta empreza
 Martin Affonso o valeroso Melo,
 E se fez forte logo no castello.

Del Rey o Condestabre teue auiso,
 Que com armas, e gente o soccorresse
 Para que sem receo, e perjuizo
 Fortificasse a terra, e defendesse,
 Ao que elle foi a Eluas de improviso
 Mandando ao capitão que aly viesse
 Deu-lhe a ordem de tudo o que conuinha
 Para a força, e lugar que em penhor tinha.

E porque nesta entrada prelo fora
 O alcaide de Albuquerque sem concerto
 O soltou logo o Conde naquella hora
 Com proceder honrado, e termo experto.
 O Marichal contrario só melhora
 A quem o Melo prendera em grande aperto
 Deu o preso ao alcaide de Oliuença
 E a el Rey para o soltar pedio licença.

E junto o auisou que se desuelle,
 Que já o tenro Rey se aparelhaua
 Para ou mandar o Mestre, ou vir contra elle
 Com muita gente armada que ajuntaua:
 Não fez o Rey famoso conta d'elle,
 Mas bem depressa vio que aconta erraua,
 Porque no seu descuido achou seu danno
 Com o cuidado que teue o Castelhana.

Que o Condestabre, e gentes de Castella
 Com Martim Vaz da Cunha o Conde oufado
 Correm sobre Viseu, poem fogo nella
 Deixando o que alcançou tudo assolado;
 Teue esta noua o Rey, que sem cautella
 Estaua em Santarem mui descuidado
 O quaõ em vaõ se queixa, e quanto o sente
 O conselho passado, o mal presente.

Manda tocar trombetas, e tambores
 As gentes comarcans ajunta, e chama
 Partem logo os ligeiros portadores
 Já a noua em todo o reyno se derrama:
 Dom Nunalures com os fortes vencedores
 A que esta noua logo leua a fama
 Em Euora deixa a gente já disposta,
 E a visitar a el Rey vem pola posta.

Que ouuindo como a vello era chegado
Com os seus o espera já junto ao Tejo
Aonde o teue entre os braços apertado
Com hum amoroso , alegre , e saõ desejo:
E achando-o , como sempre vinha armado
Graças , diz , dou ao ceo que agora vejo
O primeiro homem d'armas para á guerra
Que achei em meus vassallos nesta terra.

Mas qual outro tiue eu que me emparasse
Deste continuo imigo porfioso,
Qua seu deslenho , e forças quebrantasse
Senaõ vos leal Conde , e valeroso:
Bein era , que hoje aqui me naõ faltasse
Vosso braço valente , e poderoso
Com o qual estou taõ forte , e taõ contente
Como se o igualara , em força , e gente.

Bem he de crer que o Rey naõ faltaria
Tambem nesta cesaõ com huma lembrança
Do que antes a Nunalures pretendia
Com agrauos injustos , e esquivança.
Que arrependido entaõ conheceria
Que lhe fora danosa tal mudança,
Mas se elle isto pallou no pensamento
Nunca do bom Conde teue assento.

Antes com humildade se lhe inclina
A hum louuor taõ bem dado , e taõ deuido
Tras isto se lhe offerece , e determina
De auer satisfação ao luccedido,
E em quanto cada hum nisto imagina
Vem noua que o contrario era partido ,
E tornado com os seus para Castella ,
E assi naõ tratou delle , e tratou della.

408 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Cinco dias sómente em Corte esteue,
E muito pouco em Euora descança
Parte para Coimbra em tempo breue
Aonde o espera o Rey para á vingança
Aly hum campo, e outro se deteue
Para o fim, que por fim tam mal alcança,
Que a huma parte, e outra a forte varia
Vai espalhando a gente que he contraria.

Começando a marchar chega hum recado
Para atalhar a empreza que deseja
Que era por Guadiana o Mestre entrado
Com muita gente armada de peleja;
Que leuaõ de catiuos, presos, gado,
Todo o campo D'ourique, e o de Beja,
E que faz grande estrago, e grande danno
No desfarmado pouo Translagano.

Volta indinado o Rey com furia estranha
Sem que nenhum conselho o aquiete
Como o touro ferido, que com sanha
A's cerradas tranqueiras arremete;
Por se vingar melhor na terra estranha
O Tejo vai passar junto a Punhete
A deleitosa deixa alegre terra
Passa de Monte Argil a infertil serra.

E ao atraueſsar chega hum correo
Que a noua tras aos nossos mal sofrida,
Que o Mestre era tornado com receo
Do Rey de quem já sabe esta partida,
Deixando liurementemente o reyno alheo
Por saluar em Castella a honra, e vida;
E a preza deste assalto, que a ventura
Das armas lhe faz crer que he mal segura.

Ficou

Ficou o Rey tam triste , e perturbado ,
 Que a cor mudou ao rosto differente
 Palauras solta de homem magoado
 Que a ira , e dor forçosa lhe consente :
 Mas do bom Conde aly foi consolado
 Que com igual excessso o dano sente
 Em Arrayolos passa a noite fria
 Com mil assaltos vãos na fantasia.

Na hora mais quieta , eis o desuella
 Hum recado del Rey : parte-se a vello ;
 Que manda entã prender com graõ cautella
 O Prior do Hospital , que era o Camello :
 Que com recado , e cartas de Castella
 Tratou de deservillo , e de offendello
 A prisaõ pede o Conde que dilate ,
 E primeiro que a pena a culpa trate.

O' conselho sem sombra , e sem respeito
 Rogo tam justo , e pouco merecido
 Tençaõ de hum generoso , e forte peito
 De ira , nem de paixãõ nunca mouido :
 Que a este de quem sem tẽpo , e sem direito
 Foi mil vezes nas obras offendido
 Busca tempo , e lugar para a desculpa ,
 Que a tardança mil vezes cobre a culpa.

Porẽm durou tam pouco esta valia
 Comõ em ser descuberta a tençaõ sua
 Que em Euora foi preso no outro dia
 Quando o Sol seus poderes deixa á Lua :
 Aly descansa o Rey da incerta via
 Esperando que o tempo o restitua
 Com vingança , e castigo noutro ensejo
 Deixa o Pereira , volta , passa o Tejo.

C A N T O XVIII.

*Entra dom Nunalures Pereira por Castella :
Queima e rouba os arrabaldes de Carceres, e os ga-
dos , e presos de toda a comarca : Saquea Arroio
del Puerco , e volta com grande preza a Portugal.
Adoece em Villa-viçosa , e conualecendo ajunta assi
os capitaens das fronteiras. Escreue ao Mestre de
Santiago que vai ao buscar : Juntaõ-se á vista do
castello de Faria : Negã o Mestre a batalha :
Volta-se o Condestabre , roubando termos , e luga-
res por onde passa : Vai a buscar o Iffante dom Di-
nis , que entra por Castello Branco. Acode ao cerco
de Tuy ; Vê el Rey no Porto : Affenta tregoa com
os Embaxadores Castelhanos.*

A Ndaua o Condestabre cobigoso
De se entregar melhor nesta demanda
Por ver timido o pouo, o Rey queixoso,
E a fortuna inclinada da outra banda ;
Ao Mestre de Avis nobre, e valeroso
Por hum fronteiro seu conuidar manda,
Que a mais gente que tem traga consigo
Para entrarem no reyno do inimigo.

O Mestre escrupuloso se offerece,
O Conde chama os que antes o seguião,
Mas tanto o mal passado os enfraquece
E o focogo da paz em que viuião,
Que hũ tarda, outro se escusa, outro se esquece
Da antiga fé, e amor que lhe deuião
Mas nem por esta causa o fim dilata,
Espera o Mestre , e de partir se trata.

Na celebrada já Villaviçosa

Poucas gentes ajunta , e encaminha

Esquadraõ forma em ordem bellicosa

Os lugares dispoem como conuinha ;

Vai adelstrando a gente que ociosa

A descuidada paz inhabil tinha

Tras isto o campo chega , o Mestre parte

Ardendo em fogo , e ira o nosso Marte.

Junto de Eluas se aloja aquelle dia ,

E antes que ao outro a noite venha

De toda a gente de armas que trazia

Fez alardo com o Mestre , e fez resenha

Setecentos de lanças diz que auia

Poucos peões , e posto que os não tenha

Toma a vanguarda o Cõde , e mais não tarda ,

E o valeroso Mestre a retaguarda.

Reparte os corredores mais ligeiros ,

Que as terras vão ao longe deuaßando

Té Carceres enuia os caualleiros

Para onde vai o exercito marchando ;

Todos quiserão nisto ser primeiros

Não lhe sofre o desejo hir esperando

Passa com o campo Ougela , e daly fica

A vista de Albuquerque illustre , e rica.

Passada a fria noite , e bem custosa

A quem só teue o ceo por cubertura ,

E a ribeira em Abril tam graciosa

Como em Dezembro fria , e sem brandura

Liure no reyno alheo a bellicosa

Gente em seu capitaõ liure , e segura

De Carceres está já legoa e mea ,

E a seu sabor jantando se recrea.

Armou-

Armou-se sobre mesa o Conde ousado
 Passa , e á vista da villa o campo espalha
 Quando de hum lugar chaõ , bem allentado
 Sem defenõ , sem força , e sem muralha:
 O pouo vem fugindo amotinado
 Leuando fato , gado , e vitualha
 Chama-se este lugar Roio del puerco
 Mais natural d' hũ roubo , que de hũ cerco.

Qual por Agosto as prouidas formigas ,
 Que carregadas vaõ ao seu felleiro
 Com os despojos das palidas espigas
 A's quaes o laurador corta o carreiro ;
 Que humas enuoltas noutras mais antigas
 Deixaõ seu doce roubo tam ligeiro
 Humas fugindo ao campo derrainadas ,
 E cutras ficando viuas , e enterradas.

Tal foge a gente , e toda aly foi presa ,
 Que mui poucos ligeiros escaparaõ
 O' quanto aos de Carceres lhes peza ,
 Que logo alguns aos soccorrer se armaraõ ;
 Quarenta saem delles com presteza ,
 Porém trinta dos nossos os voltaraõ
 Trauando escaramuça tam renhida ,
 Que já da villa a gente se conuida.

Tanta naquelle assalto recreceo
 Que deixou só Nunalures a bandeira ,
 E com poucos aos nossos soccorreo
 Tomando dos da briga a dianteira:
 Mas como a maça entré elles reuolueo
 Pouco durou a gente aventureira
 Que no arrabalde á pressa se retira ,
 E aos nossos da trincheira o rosto vira.

E com

E com huma furia grande, e magoada
 Nuno madruga em vozes repetindo
 Naõ vos valeo agora a madrugada
 Huns voltauaõ gritando, outros fugindo,
 Aly assenta o campo a gente ousada,
 Que da leue vingança se está rindo
 Chegaõ de noite alguns do corredores
 Aly com gado, e presos vencedores.

Entraraõ o arrabalde no outro dia
 Sem valer aos de dentro resistencia
 Roubaraõ tudo quanto nelle auia
 Tras isto lhe poem fogo com violencia;
 Em labareda grande a terra ardia
 Que com isto pagou sua imprudencia
 O nosso campo á vista, aly chegaraõ
 Os de mais corredores que tardaraõ.

Naõ lhes daua ao caminhò mais licença
 A copia do graõ roubo com que vinhaõ,
 Que sem estoruo algum, sem differença
 Passa já de tres dias que caminhaõ:
 Naõ fez ali Nunalures mais detença
 Que estes sós que espereraua já detinhaõ
 Ianta, e dorme a sabor, e á noite parte
 Para Arroyo del puerco os seus reparte.

Num foueral espesso a noite espera
 Quando dez Castelhanos caualleiros
 Sem seguro, ou final que alguem lhes dera
 Se misturaõ aos nossos mui ligeiros:
 Pollo Conde perguntaõ, que naõ era
 Desuiado mui longe dos primeiros,
 O qual chamar os manda á propria tenda
 Sem que os algum soldado incauto offenda.

Ven-

Vendo que no seu termo , e composura
 Dauaõ sinais de amigos , e de honrados
 Com cortesia alegre , e com brandura
 Delle , e doces razoes foraõ tratados :
 E preguntando a todos que ventura
 Os trouxe ao campo seu tam mal guiados
 Que buscauaõ ? quem eraõ ? que queriaõ?
 Por hum mais velho , os outros respondiaõ.

Tudo o que a fama em longes engrandece
 Moue mais o desejo afeiçoado ,
 E o que por fama ao mundo mais merece
 Sois vós senhor famoso , e inuejado
 A quem naõ só se humilha , e reconhece
 O natural amigo de obrigado ,
 Mas ainda entre inimigos busca a fama
 Quem para veruos busca , e quem vos ama.

Entre todos he tal vossa bondade ,
 Que nos fez leue o risco desta empreza
 A vos buscar nos traz propria vontade ,
 Na qual vence o temor vossa grandeza :
 Se entre contrarios ha justa amisade
 Esta se deue á vossa natureza
 Viemos só por vervos , e o que vemos
 Nos pagou do caminho que trouxemos.

Amigamente o Conde agradecia
 O desejo dos dez aventureiros
 Com palauras de amor , e cotesia
 Agasalhar mandaua os caualleiros ;
 Mas desta offerta , e outras se desuia
 O que se offereceo , e os companheiros
 Naõ querem mais que vello , e sem demora.
 Despeden-se do Conde , e vaõ-se embora.

Na propria noite os corredores manda
 Correr té Garromilhas espalhados,
 E Alcantara da barca da outra banda
 Do campo cinco legoas alongados,
 Trouxeraõ do caminho, e sem demanda
 Graõ numero de presos, e de gados
 Elle acha á casa liure, e o mantimento
 Em Arroio del puerco aquelle assento.

Os liures corredores que passaraõ
 Do pio Condestabre o mantimento
 Huma deuota hermidã aonde alojaraõ
 Roubaraõ com largueza, e desatento:
 Que como assi do Conde se alongaraõ
 Facilitados neste atreuimento
 Que elle castigou sempre com mais furia
 Fizeraõ a seu nome aquella injuria.

Mas vingado ficou disto o Pereira
 Com o successo que a estes logo via
 Que roubando entre o mais huma caldeira
 Daquella mesma casa, e confraria:
 Porque era desigual em graõ maneira
 Aquella gente incauta que corria
 Prendendo os seus cavalloos se accomoda
 Que lhe ficauaõ postos como em roda.

E no meo da noite mais escura
 Tal defauença entre elles se aleuanta,
 Que hum ao outro com couces se mistura
 Outro arranca, outr. foge, outro se espanta
 Arrastrando a caldeira na verdura,
 Que em barrancos, e pedras se quebranta,
 Tanto do campo em fim se lhe alongaraõ
 Que apé seus caualleiros se tornaraõ.

Corridos se ajuntaraõ no outro dia
 Com o graõ roubo que o campo senhorea
 E vendo o Condestabre quanto auia,
 Que era hospede cruel na terra alhea;
 A aspereza do inuerno que corria
 O ar de nuuens, a terra d'agoa chea
 Torna-se a Portugal sem mais detença,
 Fazendo rosto á vista de Oliuença.

As catiuas mulheres que traziaõ
 Mandou soltar do campo liuremente
 Pollo agrauo, e mal que recebiaõ
 De arrogantes soldados fera gente:
 Que posto que o rigor tanto temiaõ
 Naõ ha quem contra hum ódio se sustente
 Entrou em Portugal aonde descansa
 Tendo por muito humilde esta vingança.

Detem-se hum breue espasso em Aramenha
 Aonde recolhe os fruitos desta entrada
 De toda a gente em ordem faz resenha
 Repartindó-lhe a preza desejada;
 Elle só naõ quer parte que lhe venha
 Como era a ordem sua acustumada
 Volta o Mestre de Auis ao outro dia
 Contento da jornada, e companhia.

Vai-se a Villaviçosa aonde a lembrança
 Do que lhe prometera aquelle encanto,
 Que tanto engrandeceo sua esperança
 Lhe fazia o lugar mais pio, e santo;
 Aonde a velha mãy viue e descansa,
 E a desejada filha a que ama tanto,
 Que nella, e nos seus olhos tinha posto,
 Das armas o trofeo, da vida o gosto.

Mas como a nossa humana natureza
 Cada hora faz lembrança , e dá gemidos ,
 Que he fugeita a misérias , e fraqueza ,
 E a deslenhoens de humores , e sentidos:
 Vencida aquella estranha fortaleza
 Dos continuos trabalhos padecidos
 Adoeceo o Conde , e de tal sorte ,
 Que tinha já na vida a cor da morte.

Hum mortal malenconico accidente
 Com tam terribel força o combatia ,
 Que suspendendo hum vso tam prudente
 A vida , os seus , e a terra aborrecia :
 Hora com hum delprazer impertinente ,
 Hora dom desigual nescia alegria
 Se alteraua de modo o coração ,
 Que atalhaua os effeitos á razão.

Ao bom Rey no principio logo escreue ,
 Que o gouerno da terra encomendasse ,
 Porque se o duro mal não fosse breue
 Ouuesse quem de imigos a amparaſſe:
 O pezar teue o Rey que ao Conde deue
 Como se nelle o mal se executasse
 Logo lhe manda os Medicos da Corte
 Por ver se a tanto mal podem dar corte.

De outra mudança alguma lhe não trata
 Senão só de atalhar ao que padece
 O mal crescendo em horas se dilata ,
 Elle só se atenua , e enfraquece :
 Muda o lugar , mas como a dor que o mata
 Em qualquer lugar outro o busca , e crece
 Já no fim de tres meses bem compridos
 Foi reformando as forças , e os sentidos.

Depois

418 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Depois que ao rosto as cores foi trocando
Deu graças da saúde a quem lha dera,
E para Euora torna imaginando
Nô tempo que das armas se esquecera
Ajuntar quer dos seus o armado bando,
Que entrar no Castelhana reyno espera
Para conualecer do tempo injulto,
Que lhe atalhara a fama a tanto custo.

A Alcacere por mar vai neste intento,
Mas de tal sorte as ondas se alterárao,
E se embravece, e desconcerta o vento,
Que todos com o senhor desembarcarao,
E elle que não tirava o pensamento
Da força, e ser que os males lhe tirarao
Com hũ só moço dos seus, dos mais se aparta;
Que de ser só na terra não se farta.

Entrou num mato espesso, e selua escura,
E arrancando a vencedora espada
Começou a dar golpes na espessura,
Que a terra está treimendo de assombrada;
A arvore mais alta; e mais segura
De hum fero golpe aly se vê cortada,
E as feras da montanha o ecco ouuindo
Desamparando as couas vaõ fugindo.

E como vio que tinha aquella antiga
Força tam celebrada, e desigual
Para qualquer assalto, e qualquer briga
Que exprimente o contrario por seu mal:
A Euora chegando a gente obriga,
Escreue aos capitaens de Portugal
Cartas cheas de amor; e cortesia
Pedindo-lhes ajuda, e companhia.

Ao Vasconcellos nobre, e valeroso
 Mestre de Santiago onde habitaua
 A dom Lourenço Esteues animoso
 Tenente dos de Rhodes, que elle amaua :
 Ao Almirante, ao Melo tam famoso
 Polo que em seu esforço confiaua,
 Os quaes da empreza alegres, e contentes
 Mandaõ tocar tambor, e aprestar gentes.

Eis chega hum meilageiro, que inflado
 Conta ~~ao~~ Condestabre hum grande danno ;
 Que vem entrar por todo o reyno, armado
 Com poder grande o Mestre Castelhano:
 Duas mil lanças tem, fero, esforçado,
 E oito centos ginetes sem engano,
 Os peoens são sem numero, e sem conta,
 Que a terra querem pôr em grande afronta.

Depois que teue a noua por verdade,
 Que inda elle menos crê do que a deseja;
 Por quanto o obrigaua esta vontade
 Ao Mestre Castelhano teue inueja:
 Ao qual com diligente breuidade
 Pede que em seu assento firme esteja
 Aonde elle irá buscallo, e não se parta,
 E era o seguinte o que dizia a carta.

Senhor, e amigo Mestre, a quem respõde
 Todo o louuor das armas muito bem,
 Nuno Alures Pereira o nouo Conde
 De Arrayolos, Barcellos, e de Ourem,
 Condestabre del Rey que não se esconde,
 E seu Mordomo mór; como conueim,
 Que a seu desejo, e nome satisfaça
 Se enuia encomendar em vossa graça.

Nesta

Nesta terra aonde ha dias que ocioso
 Me teue huma doença affas pezada
 Me foi dito que estaueis cobigoso
 De entrar em Portugal com gente armada:
 Que tinheis grande exercito, e lustroso
 Como propria a effeito da jornada
 Com tenção de assolar feroz, e vfano
 Esta parte do reyno Lusitano.

E porque ha muito tempo que eu desejo
 Hir veruos, e bulcaruos igualmente,
 E me atalhou mil vezes ao desejo
 Estar debilitado, e mui doente:
 E estes ares, e a terra de Alem Tejo
 Para o tempo d'agora he muito quente,
 Que vos não abaleis vos peço, e rogo,
 Porque eu ferei senhor com uosco logo.

Sofrei este trabalho de esperar
 Pois o de vir agora he tam pezado,
 Que por força nos emos de encontrar,
 Que eu fico já com os meus no câpo armado:
 Se algum concerto, ou gente vos faltar
 Podeis aperceberuos com cuidado,
 Que agora vos auiso, e vos faltastes
 Pois vindo a Pottugal não me auisastes.

Concerto entre nós foi tratado, e feito;
 Que nenhum na fronteira d'outro entrasse
 Sem que em particular recado estreito
 Da tenção hum ao outro se auisasse;
 Vos esquecido em fim deste respeito
 Como aos meus hum tempo lhes faltasse
 Fizestes vossa preza; eu cheguei tarde
 Agora irei mais cedo, e Deos vos guarde.

Recebeo o Mestre a carta, e não responde,
 Mas diz ao cauteloso messageiro,
 Que fosse a qualquer tempo o fero Conde,
 Que elle iria esperallo bem ligeiro;
 Mas mais o portador o foi, que aonde
 Achou já posto em campo o cavalleiro
 Na fermosa Estremós lhe dá reposta
 A marchar toçao, partem pola posta.

Na praia alojar vão do Guadiana
 Na qual o Condestabre gasta o dia
 Pondo em alardo a gente Lusitana
 Por saber della a copia que tazia,
 Se o autor desta historia não se engana
 Mil e oitocentas lanças diz que auia
 Só d'zentos ginetes bons ligeiros,
 Cinco mil de peoens, e de besteiros.

O Conde da vanguarda sempre auaro
 Leua nella consigo o bom Tenente
 Mem Rodrigues o Mestre ousado, e claro
 A retaguarda rege ousadamente:
 Huma ala o Almirante illustre, e raro,
 Outra o Mestre tam nobre, quão valente,
 E outros varões famosos singulares,
 Que occupaõ dinamente os seus lugares.

Neste concerto, e ordem repartida
 Entre já por Castella a gente braua
 Animosa, contente, e bem regida
 Para onde o Castellhano mestre estaua:
 Que desde hum alto outeiro se conuida
 A ver ao Condestabre que passaua
 Diante os seus ginetes campeando
 Por junto donde os nossos vão marchando.

Porém Martim Affonso o valeroso
 Que os vio vir tam vesinhos da sua ala,
 Com hum tropel de caualllos furioso
 Átras dos Castelhanos riço abala:
 Qual dece o Nebri leue, e generoso
 Sobre a garça no ar para empolgala;
 E os passaros menores vão com medo
 Esconderse nas ramas do arvoredo.

Tal o Melo inuestio com furia noua,
 E elles viraõ as redeas á montanha,
 Que não querem das lanças fazer proua,
 E os ginetes lha daõ, que são de Hespanha:
 Nem por isso o exercito se estroua,
 Que marcha bem seguro na campanha
 Junto a Villa Alua janta aquelle dia
 Aonde está muita gente, e de valia.

Assentado o arraial numa campina
 Derramados alguns do Martio bando
 Com estrago sem modo, e com ruyna
 As córadas fearas vão cegando:
 Nisto a gente da villa se amotina,
 Que com grande pezar o estaua olhando,
 E dançando sobre os nossos de indinada
 Se ordena escaramuça muy trauada.

Mas como desiguais competidores
 Retirando-se honrados, se voltaraõ
 Feridos os primeiros, e os melhores
 Que mais ao perto as lanças empregaraõ;
 Chegaraõ neste tempo os corredores
 Que pola terra alhea se espalharaõ,
 E da fonte do Mestre a vista propria
 Trazem de gente, e gados grande copia:

O Conde se assentou qual vinha armado
 Entre os seus almofreixes descansando
 Em quanto os bons ministros com cuidado
 As tendas, e o jantar lhe estão guisando,
 Quando huma trombeta chega com recado,
 Que vem por elle a todos preguntando,
 Recebeo alegremente o grao Pereira,
 E elle entao lhe fallou desta maneira.

O Mestre meu senhor de San Tiago,
 E o de Calatraua assas valente,
 Dõ Pedro, Ponce, aos quais cõ tanto estrago
 Nesta terra offendeis injustamente,
 E os de mais capitaens, de quem vos trago
 Este recado, pedem juntamente,
 Que vos apercebaís, que elles saõ logo
 Conuõsco na batalha a sangue, e fogo.

O quanto o Cor d'estabre ficou ledo,
 Que do mesmo desejo viue, e arde
 Não pode vir o Mestre aqui tam cedo,
 Que a meu desejo (diz) não seja tarde,
 Bem sabe elle de mim este segredo,
 Que não ha gosto, ou bem, q'eu mais aguarde
 Que vello em campo, e ver a quanto alcança
 O seu temido braço, e forte lança.

Hospedar manda logo o melleiro
 De outros trombetas seus mui bem seruido
 Mandou-lhe dar de aluçarás dinheiro,
 É para o mais honrar deu-lhe hum vestido;
 Chama a conselho os capitaens primeiro
 Que lhe responda, e conta o succedido
 Que com animo igual isto festejaõ,
 Que se elle os vem buscar, vello desejaõ.

424 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Está daly o Mestre legoa e mea
Aonde o Condestabre já lhe enuia
Hum que loane Esteuens, se diz, Correa
Escudeiro de quem se elle seruia,
E como ha de tratar com gente alhea
Auísado de tudo o que cumpria
Com a trombeta se parte, e chegaõ quando
O Sol mais alto as horas vai mostrando.

Posto ante o Mestre liure, e diligente
A elle, e aos capitaens deu seu recado,
Que seu senhor o Mestre estranhamente
Para os ir ver estaua aluorçado:
Que era mui obrigado, e mui contente
Ser delles á batalha conuidado,
E que logo a buscalos não partia
Por ser domingo, e festa no outro dia.

Que elle passado, aly não se detinha;
E na alameda, hum valle, os esperaua
Lugar que para os campos mais conuinha,
E ao pé da serra, aonde o Mestre estaua;
Mas como elle fingia o que não tinha
Nã vontade, e delejo que mostraua
Quando esta noua ouuio, mostrou no rosto
Verdadeiro receo, e falso gosto.

Que a estimaua em muito lhe responde
Que para o ir buscar se apercebia,
Mas desigual tenção no peito esconde,
E apartando o Correo a descobria:
Que mouesse lhe pede o forte Conde
A deixar a batalha que emprendia
Disculpando, que quando em Beja entrara,
Expressamente o Rey nullo o mandara,

O sagaz

O sagaz melleiro, e aduertido
 A tudo dá razão viua, e inteira
 Mostrando quão iroso, e quão sentido
 Delle está juntamente o grão Pereira:
 Mandou-lhe dar o Mestre hum seu vestido
 Dourada tem no peito huma vieira,
 E com mil galalhados o despede
 Nos olhos repetindo o que lhe pede.

Nunalures que esperaua aluorocado
 Este recado seu, e esta licença
 Com o secreto ficou quasi atalhado
 Se então lhe não lembrara a sua offensa:
 Partio no dia já determinado
 Porque outro rogo humilde não no vença
 Tomou ao Mestre então de sobresalto
 Que via a sua injuria de mais alto.

Ouue esse dia á vista do castello,
 Escaramuça affas bem pelejada,
 Na qual o valeroso illustre Mello
 As proezas mostrou da sua espada;
 Não ousão de esperallo, ou cometello,
 Que tem a mão nos golpes mui pezada
 O Conde com os seus trata então de perto
 Da ordem da batalha, e do concerto.

E á terça-feira ainda o Sol não tinha
 O rosto descuberto no Oriente,
 Quando já ao castello se auelinha
 Apé, e em esquadroens a ousada gente;
 Tanto mais o contrario se detinha
 Quanto na pressa o vio mais diligente
 E aos capitaens que tinha em companhia
 Desta maneira o Mestre lhes dizia.

426 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Bem sei que he vergonhosa a nossa afronta
 Grande a honra do imigo que a espera ,
 Que de nosso poder faz tanta conta
 Como se hum grande exercito trouxera ;
 Mas não sei que me moue , ou que me apôta
 O leal coração que o considera
 Que a morte antecipada me apparece
 Na batalha que o Conde me offerece.

Este rayo fatal da nossa idade
 Castigo contra Hespanha vencedora ,
 Cujá força , e valor , cuja bondade
 Sempre prevaleceo inda atégora :
 Contra quem nunca pode aduersidade
 Como se contra nós fadado fora
 Quem o não temerá se he de tal sorte ,
 Que nem a vida quer , nem teme a morte!

Quantos mestres-tam claros , tam famosos
 (O' lembrança inimiga , e mal nascida)
 Em seus braços armados rigurosos
 Deixaraõ tritamente a honra , e vida :
 Quantos varoens illustres , e animosos
 Com que era a nossa Hespanha emnobrecida
 Espiraraõ aos pés deste inimigo
 A cujo exemplo eu temo o meu castigo.

Moueraõ tanto os outros a receo ,
 Alem do que já tinhaõ concebido
 Estas palauras com que o Mestre veyo
 Requeitando tudo o succedido ,
 Que cada hum descuidado , e quasi alheo
 Do combate aprazado , e prometido
 Se coze com o castello , e nada o moue
 Para que a sua gente arrisque , e proue.

Sobir

Sobir quísera ao cume da montanha
 De Feria o Condestabre a combatello
 Mas a sobida he ingreme, e tamanhá,
 Que impossíuel parece accometello;
 Cada hum dos capitaens isto lhe estranha
 O Goios valeroso, e forte Melo
 Então daly lhe manda outro recado,
 Que inda que cortesaõ foi mais pezado.

Que pois elle a batalha lhe offerece
 Venha aceitalla, e deça da subida
 Aonde nenhum dos seus (se elle não doce)
 Mal podera sem azas ter guarida,
 Elle que bem entende, e bem conhece
 Sua afronta tam clara, e conhecida
 Pedir manda que o deixe, e que parta
 Se já de sua afronta, e mal se farta.

Nuno que via o Mestre antes tam fero
 Arrepellido humilde, e com castigo
 Disse entre si, que mór vingança espero,
 Que hũa afronta tam grande do inimigo:
 Correr a terra á sua vista quero
 Veja com minha honra o seu perigo,
 Leuanta o arraial, e a Casra chega,
 Que mantimento, e vinhos lhe não nega.

Foy daly a Burguilhos no outro dia,
 E do Corpo de Deos teue em campanha
 Aonde com deuação sincera, e pia
 Solennizou a festa em terra estranha:
 Toda a gente com ordem, e alegria
 Em procissão, e em festas acompanha
 O venerando, e puro Sacramento
 Com todo o acustumado acatamento.

No lugar de Burguilhos a esta conta,
 Bem setecentas lanças estariaõ ,
 Que tinhaõ por desprezo , e por afronta
 A elles feita a deuação que viaõ ;
 E porque da outra parte o Melo aponta
 Com a preza desigual que os seus traziaõ ,
 Que vinhaõ de correr com grande furia
 Decem por vingar nelle aquella injuria.

A toda a pressa o Conde o soccorreio
 E durou a peleja hnm grande espasão
 Té que o contrario enfim se recolheo
 Magoado da furia do seu braço ,
 E como ao outro dia amanheceo
 Por junto de Xerés alarga o passo
 Aonde já o Mestre , e toda a gente estaua
 Olhando a de Nunalures que passaua.

Daly fazendo igual sempre a derrota
 Correndo a terra os seus com mór licença ,
 Villa noua passou de Barca Rota ,
 E ao outro dia á vista de Oliuença :
 E porque ao longe fama o Mestre bota
 Que vai buscallo aly ; fez mór detença
 Tres dias o aguardou , e em vaõ o aguarda
 Que quem recca o mal , ou foge , ou tarda :

Despede os seus com o termo acustumado,
 E de Euora logo entaõ sem descansar
 Em todas as fronteiras poem recado ,
 E vai-se a Montemór desenfadar ;
 Mas pouco tempo aly tem descansado ,
 Que o Rey o tira á pressa do lugar .
 Quatro recados teue aly diante
 Caba hum mais perigoso , e importante.

El Rey

El Rey que a Tuy cidade tem cercada
 Lhe manda que com os seus vá contra ella,
 Que veni com graõ poder de gente armada
 O Castelhana Henrique a soccorrella;
 Lisboa nouamente aluorçada
 Com huma frota mui grande de Castella,
 Com dissemsoens dos grandes, e embaraço
 Manda pedir a ajuda de seu braço.

Gonçalo Vaz Coutinho neste instante
 Da Beira o auisou, que defendia,
 Que com copia de gente mui possante
 O Iffante dom Dinis o accometia,
 Filho de Ines, e Pedro que arrogante
 O reyno por herança pretendia
 Conquistar fugeitando a patria terra
 Com opressoens, batalhas, cerco, e guerra.

Em lugar de Ioaõ, que era o primeiro
 Iffante a que esta empreza mais conuinha
 Que habitara tambem reyno estrangeiro
 Pollo que já na patria feito tinha,
 Matando como ingrato companheiro
 A bella irmam da perfida Raynha,
 Que a lugar tam altiuo aleuantara
 Para depois tirar-lhe a vida chara.

Deste, hum natural filho fez ditosa
 A patria, que o seu sangue illustra tanto,
 Que com progenia clara, e generosa
 Deu o principio á casa de Monsanto:
 Porém depois que a Parca rigurosa
 Esta esposa roubou que honraua tanto,
 Aos Vasconcellos fortes, e animosos
 Fez mais illustres, claros, e famosos.

Que

Que delle, e de Maria illustre, e bella
 Herdeira do solar, e do appellido
 Teue principio a casa de Penella
 Nome na voz da fama engrandecido:
 Mas a mudança, e tempo triunfou della
 Deixando o claro sangue recolhido
 Nos senhores de Mafra, villa antiga
 Mais pouoada já da gente imiga.

Vinha pois Dinis Principe atreuido
 Com Martim Vaz d'Acunha o Conde oufado
 E o Pimentel famoso tam temido
 A assolar Portugal determinado:
 O Coutinho que via o seu partido
 Da parte dos contrarios melhorado
 Ainda que o seu valor he forte, e muro,
 Se valeo do remedio mais seguro.

Era o Coutinho o Marichal famoso
 A quem Portugal deue esta memoria
 Vencedor na da batalha de Trancofo
 Dos Coutinhos, e Freires honra, e gloria:
 Pai daquelle Magriço, valeroso,
 Que em Inglaterra fez ditosa historia,
 E com ser tam famoso, e tam guerreiro
 Ao Condestabre quer por companheiro.

Do Guadiana o Melo faz lembrança,
 Que o Mestre está com gente aparelhado
 Para vir procurar delle a vingança
 Como homem offendido, e afrontado:
 Ficou o Conde em desigual balança
 A tam diuerſas partes inclinado
 Sem saber aonde acuda, ou como acerte
 Tudo remete ao ceo que elle o concerte.

E julgando quanto era necessário
 Do Iffante atalhar ao nouo intento
 A que o pouo incostante, leue, e vario
 Podia ir dando algum consentimento;
 Menos temendo entãõ qualquer contrario
 Que este precipitado atreuimento
 Para Castello Branco as gentes moue
 Posto que algum seu bom conselho estroue.

Ao Iffante escreue como o buscava,
 E a Couilham lhe manda este recado,
 Mas já o melleiro não no achava,
 Que não quis esperar ao Conde ousado:
 Entãõ partindo as gentes que leuava
 Com o valeroso Melo, e seu cuidado
 A defenfaõ, e o cargo lhe confia
 Das terras aonde o Mestre entrar quera.

Para Tuy com os outros encaminha
 A soccorrer ao Rey com mais presteza,
 E chegando á Viseu soube que tinha
 Tomada já a cidade, e fortaleza,
 E depois da vitoria ao Porto vinha
 Descansar entre a gente Portuguesa,
 O' quanto isto alegrou ao bom vassallo,
 Que aforrado se parte a visitallo.

Cincoenta sãos dos seus leua consigo
 De cotas, e braçaes que a de mais gente
 Deixa em Viseu sem medo, e sem perigo
 Por Capitaõ seu tio, e por Regente:
 Como a vassallo não, mas como a amigo
 Sahe el Rey a buscallo honrosamente,
 E entre os braços lhe mostra o seu desejo.
 Que o merecido amor nunca he sobejo.

E por.

E porque indo a tal tempo o capitão
 O Prior do hospital achou no Crato,
 Que a el Rey tinha fugido da prisão,
 E andaua homisiado, e com recato:
 E elle o trouxera em sua defensão
 Com termo amigo, e com benino trato
 Faz com que o Rey de nouo o restituia
 Perdoando o passado, á graça sua.

Aly teue alguns dias, nos quais trata
 Do gouerno dō reyno, e do cuidado;
 Porém mui pouco a volta lhe dilata
 Outra noua occasião, outro recado,
 Que Moura ao Rey por cartas já relata,
 Que está o Alcaide della aleuantado
 Por parte de Castella, e por tal arte
 Que a ir pór cerco á villa o Conde parte.

A gente que em Viseu ficar mandara
 Auisa, e em Coimbra espera hum dia;
 Daly passa a Ourém que sempre amara,
 E faz a Ceça humilde Romaria:
 E entrando na terra antiga, e clara
 Patria daquella armada companhia
 Ao capitão de Moura, e da demanda
 Com seguro, e com rogos chamar manda.

Ouuefe com tal termo, e tal cautella
 Com Aluaro Gonçalues, no appellido
 De Moura, e juntamente Alcaide della,
 Que elle ficou honrado, o Rey seruido:
 Daly a Euora vai antiga, e nella
 Repousa hum tempo, a elle assas comprido:
 Té que a tratar de tregoas foi chamado,
 Que por terceiro os Reys tinhaõ tratado.

Porque

Porque cansados já da delauença
 Que a seus proprios estados custou tanto
 A sanguinosa guerra ; e differença
 Querem trocar por paz (conselho santo)
 Para isto dom Nunalures a Oliuença
 Com o Bispo de Coimbra parte ; em quanto
 Pola parte de Henrique vem fazella
 Com outro grande, o Mestre de Castella.

Aly deixa o Pereira a forte gente,
 E só com tres Baroens acompanhado
 Vai ; o Bispo tam nobre , e tam prudente ;
 De Abreu Gonçaleanes, o esforçado :
 Pedreanes Lobato juntamente ,
 Que era o concerto assi determinado
 De cotas , e braçaes leuaõ cincoenta
 Que em nenhuma das partes se acrecenta.

Da de Castella o Mestre tam valido ,
 E da mesma ordem sua hum caualleiro ,
 O Marichal valente, e atreuido ,
 E Ruy Lopes de Aualos guerreiro ,
 Outros cincoenta vaõ , de que escolhido
 Poderá ser cada hum para primeiro ,
 E contra Villa Noua duas legoas
 De Oliuença tambem se trataõ tregoas.

Em huma ilha alegre se trataraõ
 Que hum rio doce, e brando rodeaua
 Neste lugar os oito se ajuntaraõ
 E nas ribeiras a mais gente estaua ;
 Cortesmente os guerreiros se fallaraõ
 Cada hum a dom Nunalures fito olhaua
 O Mestre delle os olhos nunca tira
 Que se não foi de longe, nunca o vira.

434 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Aos seus o Condestabre dera auiso,
Que não perdessem delle nunca o tento,
E vendo que arrancaua, de improviso
Fossem todos aly num pensamento:
E no meyo das tregoa muy de siso
Viraõ que com ayroso mouimento
Pos no pomo da espada a maõ direita
Por uer se a sua gente a tudo espreita.

Toda se reuolueo no mesmo instante,
E á passada do rio se arremessa;
Elle voltando o rosto vigilante
Com hum açeno sómente a furia cessa;
Algun dos quatro bõs que estaõ diante
Mudou a cor ao rosto bem depresta,
E ainda o pensamento lhe affigura,
Que era mais rigurosa a trauellura.

Acordaraõ, que em tregoaõ descansassem
Os dous reynos com guerras auexados
Té que de todo as pazes se firmassem
Com condiçoens, e estilos costumados;
E que por noue meses lós durassem,
E sem contradicãõ (sendo acabados)
Podessem guerrear; que os Portugueses
Naõ quiserãõ a tregoa mais que a meses.

A Euora, e ao Rey se volta o Conde
Que sahio duas legoa a esperallo,
Mostrando quanto estima, e corresponde
Bem ás obrigaçoens de hum tal vassallo:
Para Lisboa vai contente aonde
Tambem foi o Pereira acompanhallo,
Mas tam de espaslo as pazes se concertaõ,
Que de nouo os tambores as despertaõ.

C A N T O X I X .

Acabada a tregoa , entra el Rey dom Ioaõ em Castella : Poem cerco a Alcantara . Alongaõ-se as tregoa , té que com a morte del Rey Henrique se firmaõ pazes : Iuraõ em Leiria o Principe dom Duarte : Trata-se o casamento de dona Beatriz Pereira filha do Condestabre , com dom Affonso filho del Rey dom Ioaõ : Acontece ao Condestabre hũa aventura no castello de Leiria , aonde por hum fingimento se lhe mostra , que haõ de descender desta sua filha , e genro os Reys , e Raynhas da Christandade .

C Hegado o fim dos limitados meses
 Para tratar de paz tempo apressado,
 Porque o contrario Rey que tantas vezes
 As pretendera estaua já mudado;
 Por melhorar nã guerra os Portugueses,
 Lá manda o Rey Ioaõ ao Conde oulado,
 Que em armas ponha a gente Lusitana
 Dos Algarues, do Tejo, e Guadiana.
 E reformando a mais que armada tinha
 Para ir cercar a Alcantara se altera
 Com a força que para isso lhe conuinha
 Ao Conde que chamou no Crato espera :
 Elle que o querer seu nunca o detinha
 Se o a gente que traz não detiuera
 Com el Rey se ajunta logo em Cafragella ;
 E com grande esquadrão entra em Castella.
 Cercou

436 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Cercou Alcantara , e teue a combatida
Com esforço magnanimo , e valente ,
Porém foi dos contrarios defendida
Com esforço , e valor conueniente ;
Porque continuamente soccorrida
Por onde a cerca o Tejo alegremente
Faziaõ vaõ trabalho , e vam porfia
De quem com tanto esforço a combatia.

E porque já faltaua o mantimento
Aos do nosso arraial , e o pouo vario
Com muita furia , e pouco sofrimento
Arremetia ás terras do contrario ,
Sem auer ao redor daquelle assento
Donde podesse vir-lhe o necessario
Correr a terra o Rey ao longe manda ,
Mas não se offrece algum nesta demanda.

Que como aquella terra andaua chea
De gente armada , e capitaens potentes ,
E cada hum dos do campo se arrecea
Do risco , e dos successos differentes :
Nenhum pertende o cargo , nem grangea ,
Só Ioaõ Affonso dos que estaõ presentes
No Conde falla el Rey , e o forte Conde
Com valeroso effeito lhe responde.

Entrou defaseis legoas por Castella
Apartado do campo onde ficaua
Roubou , prendeo mui liure , e trouxe della
Tudo o que o Rey , e o campo desejava :
Dos grandes capitaens que estaõ por ella
Nenhum a vello , ou cometello oufaua ,
Tornou-se ao arraial muy festejado
Com muita gente presa , e muito gado.

Continuando o Rey por alguns dias
 O cerco sem proueito trabalhoso,
 Depois que quis tentar por varias vias
 Fazer pontes ao Tejo furioso;
 Vendo que as diligencias são baldias,
 E o contrario encerrado, e poderoso
 Tornasse á terra amada que sustenta.

Que quanto lhe custou, tanto o contenta.
 Eis que de nouo a paz serena, e branda
 Mouem com graõ desejo os defensores
 Lá num reyno, e no outro, em tal demanda
 Entraõ de ambos os Reys embaixadores,
 E apos duuidas de huma e de outra banda
 Assentaõ entre os Reys, e os vencedores,
 Que a tregoa por dez annos se confirme.
 Té se tratar da paz segura, e firme.

As condiçoens compridas do concerto
 Quietos no seu reyno os Castelhanos
 Vendo o fim dos trabalhos de tam perto
 Cessando tanto sangue, e tantos dannon;
 Tratando só do bem seguro, e certo
 Que era fazer eternos aos dez annos
 Com amizades largas, e a liança,
 Que requeria a estreita vefinhança.

E porque ainda os pouos junto á terra
 Dos extremos, indoceis, e imprudentes
 A paz tratar queriaõ como a guerra
 Sendo da guerra as leis muy differentes;
 E Astrea pia, e justa que desterra
 Do mundo os ritos duros, e insolentes
 Suspendera os castigos, e a balança
 Em quanto o Rey trataua outra vingança.

Ee

Pedia

438 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Pedio ao Condestabre o Rey benino
 Cujá prudencia em tudo o desengana,
 Que governaua os povos de continuo
 Do Algarue, e Prouincia Translagana:
 Por si desse castigo, e premio dino
 A toda aquella terra Lusitana
 Elle pezadamente o cargo accita,
 Que quem sabe o que teme, sabe o q̃ engeita.
 Ouue-se no governo de mancira,
 Que aos seus se fez contrario, e odioso
 Por querer conseruar justiça inteira,
 Que he o officio entre os homens perigoso:
 Té que mandou hum dia o bom Pereira
 Justigar por hum caso criminoso
 Hum escudeiro; a morte o Rey lhe impede;
 E deste cargo o Conde se despede.

Alto senhor (lhe escreue) a culpa he minha
 Das faltas deste encargo que tomei,
 Que pois ser justigoso a Rey conuinha
 Por vos ser bom criado, em sello errei,
 Obedeci ao gosto que não tinha
 Agora ao vosso nome obedeci,
 Sois Rey sem perjuizo, e sem perigo
 Podeis a todos dar premio, e castigo.

O' homens, se inda o sois da nossa idade
 Alchimistas da honra, e da justiça,
 Ministros do direito, e da verdade,
 Escrauos da priuanga, e da cobiça,
 Não conuertais a honra em vaidade,
 Que a honra he mais pezada, e mais maciça
 Cargos que não sabeis mais que afrontalos
 Aprendei do Pereira a desprezalos.

Deixou

Deixou aquelle á vida tam pezado ,
 Gasta a que fica em tantos exercicios ,
 Hora em aleuantar ao Ceo sagrado
 Sumptuosos altares , e edificios ,
 Hora acodindo ao mais necessitado
 Com esmolas , merces , e beneficios
 Ordenando na terra onde viueo
 Outra morada eterna lá no Ceo.

Nestes annos que a vida assi não sente
 Té descobrir a morte o defengano
 De hum desastrado caso amargamente
 Perece el Rey Henrique o Castelhano ;
 Deixando tenro Iffante florecente
 O segundo Ioaõ ao reyno Hispano
 A Raynha os estados gouernando
 Com o generoso Iffante dom Fernando.

As pazes aos dous reynos confirmadas
 Descansaraõ trombetas , e atambores
 As armas para ornato penduradas
 Tem por doce lembrança os vencedores :
 As curuas bestas , as setas amoladas
 Nos montes seruem já aos caçadores
 O laurador no campo o trigo espalha ,
 Que antes cobria o sangue da batalha.

O reluzente ferro os campos ara ,
 E os osses sem vigor mal sepultados
 Que aguerrea rigurosa aly deixara
 Vai descobrindo em margens leuantados ;
 Ceres nos louros campos pouco auara ,
 Porque de humano sangue estaõ regados ,
 O laurador contenta ; o Sol , e as flores ;
 Tem na paz outra luz , belleza , e cores.

O Conde dando a Deos sempre a vontade,
 E á vida hum passatempo honesto, e leue
 Em Montemór de larga infirmitade
 Hum muy comprido tempo preso estue:
 E indo já dando ás forças liberdade
 Hum recado penoso, e triste teue,
 Que era o Principe Affonso fallecido
 Del Rey primeiro filho, e mais querido.

Com o pezar destas nouas rigurosas
 Sentio a infirmitade mais pezada
 Mandou fazer-lhe exequias sumptuosas
 Com a pompa deuida, e custumada:
 Depois cobrando as cores graciosas
 Que da saude daõ doce embaixada
 De dó cobrio aos seus, e a terra, e neste
 Por mostrar seu pezar tambem se veste.

Mas pouco tempo em tais obras reparte,
 Que apressado del Rey chega hum correo
 Que quer jurar por Principe a Duarte
 Que tem de alta esperanza o reyno cheo:
 Para Leiria alegre o Conde parte
 Donde o Rey fica, e lhe esta carta veo
 A villa chega, e pondo os olhos nella
 Vio que nunca vira outra mais bella.

Vio aquelle edificio levantado
 Sobre o profundo vaõ altos rochedos
 De dous tam claros rios rodeado
 Povoados de Soutos, e arvoredos,
 De flores naturaes vestido o prado,
 Que aos descuidados olhos fazem ledos
 Descubertas campinas, claras fontes,
 Engraçados outeiros, frescos montes.

O' doce patria minha deseja

Nunca esquecida em meu verso amoroso,
Que quanto sois mais bella; e celebrada
Tanto sempre de vos sou mais queixoso:
Se amor que he natural respeita a nada
Mais que a seu fim, que he ser mais generoso
Bem pago estou do muito que vos quero
Pois nem temo a ventura, nem na espero.

Naõ me queixo já agora, nem confio
Do que tu fôrte a tantos naõ declaras,
Que deuo ao Lena, e Lis meu brando rio
Sem enganoso pego as aguas claras:
Seja tyranno o tempo, ou seja pio
Estrellas liberaes, ou sempre avaras,
Que em tuas aguas vejo ó Lis mais bellas
Os bens do tempo, e o rosto das estrellas.

Aqui depois das festas, e alegria
A tal acto, e a tal Rey conveniente
Com o Condestabre el Rey se aparta hum dia
Desfuiando de si toda a mais gente:
Por hum a vega alegre que aly auia
Tam fermosa, tam verde, e tam contente
Que a qualquer parte, aonde a vista alcança
Tudo he de flores chico, e de esperanza.

Aonde por hum a parte o vagaroso
Leua entre os auoredos escondido,
Tocando a rama o vento cobicofo
Por entre os sexos faz doce roido:
Por outra o Lis mais claro, e mais fermoso
Polo prado em regatos repartido
Com flores a verdura alegre esmalta,
E em cobras de cristal correndo salta.

Aly

Aly com o rosto ledo, e desejofo
 De nos olhos desentranharlhe o peito
 Começou a falarlhe o Rey famoso
 De seu desejo, e obras satisfeito:
 Bem sei Nunalures claro, e valeroso
 A quem Portugal fica hum termo estreito
 Quanto vos deuo, e que me tendes dado
 Com o nome de Rey o mesmo estado.

Deiuos tal dinidade, e tais penhores,
 Que mui pouco de vos me auentajei,
 E se num reino ouuera dous senhores
 Iuntamente comigo foreis Rey,
 Mas como os meus desejos são maiores,
 Que tudo o que me fica, e que vos dei
 Pois do meu reyno, e terras mais não posso
 Quero que o sangue meu que seja o vosso.

Tendes de vossos bens vnica herdeira
 Beatris fermosa filha, e desejada,
 Que com afeição pura, e verdadeira
 Eu atalhei tégora o ser casada:
 O ramo quis guardar desta Pereira,
 Que em meu tronco real fosse enxertada
 Para que o fruto della a que o ceo ama
 Se mostrasse melhor na vossa rama.

O Principe meu filho vos offereço
 Para seu companheiro, e seu marido,
 Que para o alto fim deste começo
 Com outras esperanças foi nacido:
 Por minha noia a amo, a quero, a peço,
 E a vos por mais parente, e mais vnido
 Esmalte desta liança huma amisade
 Chea de tanto amor, tanta verdade.

O Conde a tais palauras humilhado
 Lle toma a mão, e o Principe o leuanta
 Alto senhor (responde) esse cuidado
 Quanto me obriga mais, menos me espanta :
 Para mi só ser vosso he ser honrado
 Se por vosso mereço gloria tanta
 Como ver minha filha em tanta gloria
 Mais foi dar-me este ser, que essa vitoria.

Bem sei que os meus serviços tam menores
 Tam pagos d'ante mão já com o desejo
 Que nunca podem ser mercedores
 Deste tam grande bem que agora vejo :
 Mas se estes braços meus, que vencedores
 Vio já o Guadiana, o Douro, o Tejo
 O que no peito está mostrar poderaõ
 Pagaraõ-vos melhor do que venceraõ.

Porém claro senhor, se o meu dessenho
 Pode em parte atalhar vossa grandeza
 Menos do que me dáis a pedir venho,
 Porque isto só me pede a natureza :
 E he que essa vnica filha, e bem que tenho
 A quem vos quereis pôr em tanta alteza
 Antes fique na terra por ser minha,
 Que o meu nome acabar com o de Raynha.

Hum filho natural famoso, e claro
 Tendes senhor que vos naccio primeiro,
 Que eu de meus bens, e terras pouco auaro
 Desejava fazer em vida herdeiro :
 Para isto a vosso amor vnico, e raro
 Tomo por valedor, e por terceiro
 Concedei-me esta gloria, e vereis cedo
 O que ha de resultar de meu segredo.

444 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

Gofaraõ vossos claros descendentes
 Naõ só dos que atéqui me tendes dados,
 Mas de amigos, vassallos, e parentes
 De que seraõ seruidos, e ajudados:
 Naceraõ varoens fortes, e valentes,
 Que occupem os lugares mais honrados
 De vosso, e de outros reynos conuesinhos
 Abrindo a isto o cco varios caminhos.

Senaõ fazei de mi qual vosso gosto
 Por vos servir melhor quizer que eu seja
 Que em vossas mãos pus sêpre, e tenho gosto
 O q hús poem na ventura, outros na inueja:
 Se a fazerme tam grande estais disposta,
 Porque a vossa grandeza em mi se veja
 Como ei de negar eu consentimento
 A bem tam grande, a tal contentamento.

Muitas razoens tras estas despendidas
 No segundo concerto se assentaraõ
 Por algum tempo as vodas differidas
 Que (como inda ouuireis) se affetuaraõ ;
 As graças deste bem ao ceo devidas ;
 Que em pios coraçõens nunca faltaraõ
 Fei dar o Condestabre a mesma hora
 A Virgem de Deos mãy, de Anjos senhora.

Está ao pé dos paços do castello
 Sobre aquella alta rocha alevantado
 Hum sumptuoso templo altiuo, e bello
 Que a Senhora da pena he nomeado
 Nos pilares, columnas, e modelo
 Naquelle tempo illustre, e celebrado
 Com es antigos despojos que ficaraõ
 Das pedras que a Colipo hum tẽpo honraraõ.

Aly

Aly depoi que orou , mais satisfeito
 De seu desejo andando se detinha
 A passada de hum muro já desfeito
 Que com huma torre antiga ajuntar vinha ;
 Por hum portal escuro muito estreito ,
 Que ao fundo de huns penedos encaminha
 Hum vulto vio que entraua ; e por seu nome
 Chamando a dom Nunalures se lhe fome.

Por ser o passo escuro , e desulado
 Entre enredadas eras escondido
 Foi tras delle seguindo o Conde ousado
 Com a espada apunhada , e sem ruido :
 Num corredor se achou mui bem laurado
 Sobre columnas Goticas erguido
 Aonde huma estreita escada lhe apparece ,
 Que mal pode julgar para onde deçe.

Mas vendo aquella entrada tam segura
 Deceo por ella ao escondido centro
 Por ver que gente estranha , ou que aventura
 Podia auer naquella coua dentro :
 Quero ver se isto he casa , ou sepultura
 Razoaua entre si por onde eu entro ,
 Quem della me chamou , se he gente humana
 Se he sombra que me busca , ou q me engana.

Deceo a escada em voltas rodeada
 Até parar num quadro onde cahia ,
 E aly achou huma porta alevantada ,
 Que em elle aly chegando se lhe abria ;
 Patente , e liure mostra a larga entrada ,
 E tal o interior lhe apparecia ,
 Que bem daua aos olhos claro indicio
 Que era de encantamentos o edificio.

E dei-

E deixando o seu prego tam vistoso,
 Que aos sentidos mais liures assombraraõ
 Entrou na sala o Conde valeroso,
 Que inuisiveis ministros fabricaraõ:
 E qual se a vira o Sol claro, e fermoso,
 Os seus rayos continuo nella entraraõ
 Estava tam fermosa, alegre, e clara,
 Que o mesmo Sol a luz della inuejára.

Atraueſſando a casa huma donzella
 Para elle veyo alegre, e comedida
 Do rosto tam modesta, humilde, e bella
 Como ayrosa, galante, e bem vestida
 No mesmo trajo algumas vem com ella,
 Mas por senhora he logo conhecida
 Saudando cortes ao bom Pereira
 Lhe começa a fallar desta maneira.

Naõ vos altere a estranha novidade
 Alto senhor, que a quem a este aposento
 Vos traz, deveis ha muito huma vontade,
 Que ante vós deve ter merecimento.
 Outrem a ha de pagar, e em outra idade
 Terá fim desta obra o fundamento
 Com o soberano fim de huma aventura
 Que o tempo esconde em esta sepultura.

Neta sou de hum muy nobre caualleiro
 Cuja historia he muy larga, eu ferei breue,
 Que no tempo de Affonso o Rey primeiro
 Este castello em guarda hum tempo teue;
 Ainda do sangue antigo, e verdadeiro
 A que esse nome vosso origem deue,
 Que agora sem primeiro, e sem segundo
 Mais claro inda hade ser, que o Sol no mudo.
 Pollo

Pollo roubo que fez de huma donzella,
 Que escondida a seu Rey trouxe consigo
 Para poder gozala, e defendella,
 E atalhar sua morte, e seu castigo:
 Guiado da ventura, ou da cautella
 De hum Mouro se valeo guande amigo
 Que de mortal afronta elle saluara
 Quando a bella Leyria o Rey tomara.

Era este Mouro astuto, e poderoso
 Sobre espiritos immundos, e profanos
 Magico encantador marauilhoso
 Famoso entre os Numidas Africanos:
 De dar a troco a vida cobicioso
 A quera guardara a sua em iguais dannos
 Em esta coua occulta, e naõ pisada
 Fabricou nouamente outra morada.

Com elle aqui viveo sempre encerrado
 Té que chegando a vltima partida
 Tendo hum filho do amigo doutrinado
 Na arte de espiritos varios aprendida
 Deixando este lugar todo encantado
 E a sepultura aos olhos escondida
 De ambos se despedio, e em tempo breue
 Traz elle o charo amigo a morte teue.

Viueo depois Arminio, que este era
 O nome de meu pai, que a força, e rogo
 Tambem por outro engano aqui trouxera
 A que dando-me a vida a perdeo logo;
 Tam sabedor na arte que aprendera,
 Que escurecia o Sol, qualhaua o fogo,
 E formaua no ar confusamente
 Machinas, edificios, guerra, e gente.

Deu

Deu por fructo de sua larga idade ,
 E da arte que sabia fea , e escura .
 Hum liuro de alto preço , e de bondade
 Onde escrita ficou minha ventura ;
 Onde já desde grande antiguidade
 Té a idade presente , e a futura
 Retratados estaõ por varios annos
 Os varoens singulares Lusitanos.

Encantadas as folhas por tal arte ,
 Que o Heroa que entrasse esta morada
 Só podesse chegar té aquella parte ,
 Que dos fados aqui lhe está guardada ,
 E porque vós inuicto , e nouo Marte
 Em quem a fama está sempre occupada
 Ereis fim principal , e o melhor meio
 Desta prisão que eu passo , e deste enleo.

Tempos muito compridos , differentes
 Té veruos esperou com graõ desejo
 Deixando-me estas horas tam contentes
 Eu que o principio a meu remedio vejo :
 Elle vos dera as armas excellentes
 Que na terra aonde mais se espalha o Tejo
 Por vos armar , nouel se hiaõ buscando ,
 Reynando com Leonora o Rey Fernando.

Elle em habito humilde , e perigrino
 Vos temperou a espada luminosa
 Que o barbeiro sagaz , da paga indino
 Vos deu com a noua entaõ bein duuidosa
 A cujo aço luzente , e cõrte fino
 Nenhuma alhea força he poderosa ,
 E pollo que esta vinda me importaua
 A vosso pai fallou quando caçaua.

Tratou

Tratou de vósso illustre casamento
 De cujo fruto Europa toda espera
 Eterna fama , eterno vencimento ,
 E o desterro da ley barbara , e fera ,
 E porque neste meu raro aposento
 Vos não podeis estar quanto eu quiserá
 Vamos vereis a estranha marauilha
 Do varaõ singular de que sou filha.

A isto o Conde está como espantado
 Lembrando-lhe os finais do que dizia ,
 E á donzella cortes , brando , inclinado ,
 Com mui brandas razoes se offerencia :
 Mostrando-se queixoso , e magoado
 Do tempo que inda o fado differia
 Do seu arrigo , e injusto catiueiro
 Desejando ser elle o caualleiro.

Depois da noua offerta cobiceoso
 A outro aposento o leua de crystal
 Em cuja porta hum drago riguroso
 Preso hum escudo tem de Portugal ;
 E por cima de hum globo luminoso
 Doutro mais claro , e lucido metal
 Estaua o liuro estranho , e graõ thesouro
 Com brochas de diamante , e pastas d'ouro.

Com respeito mui grande , e cortesia
 Qual mostrou a donzella com que veyo
 Sobindo alguns degraos que ante auia
 O liuro abriu de marauilhas cheo ;
 Abrindo o proprio seu retrato via
 Tam natural que era hum vivo enleo ,
 E a filha desejada illustre , e bella ,
 E o que hum letreiro diz , lia a donzella.

450 O CONDESTABRE DE PORTVGAL

Dom Nunalures Pereira , em sua idade
A de ouro a Portugal restituída ,
Dará ao reyno alem da liberdade
Esta filha famosa , e bem nacida :
Da qual ha de ser toda a Christandade
Sameada de Heroas cuja vida
Com mór gloria do sexo feminino
Occupará o assento cristalino.

Desta Beatris Condessa venturosa
Isabel nacera muy desejada
Do Iffante dom Ioaõ illustre esposa ,
E sobrinha tam nobre , quanto amada :
De cuja geração alta , e famosa
Ficará toda Europa mais honrada
Dando primeiro ao mundo hum dom Diogo,
Que a morte em tenros annos vença logo.

Desta nasce Beatris clara , e discreta
Tras de Felippa morta em tenros annos
Da primeira Beatris ditosa neta ,
E mãe dos Reys mais claros Lusitanos :
A quem fauorecendo o bom planeta ,
E seus merecimentos mais que humanos
Casará com Fernando Iffante claro
Del Rey Duarte filho , e nosso amparo.

Delles haõ de nacer ao reyno amado
Ioaõ , Duarte , Diogo , e dom Simaõ ,
Que por razão secreta ordem do fado ,
Todos haõ de acabar sem geração ,
Isabel de Fernando Duque ousado
Triste consorte em grande confusão ,
E Lianor Raynha rara ao mundo
Companheira do Rey Ioaõ segundo.

Manoel Rey catholico , e prudente
 Conquistador magnanimo , e guerreiro
 Descobridor das terras do Oriente
 Pai do sereno Rey Ioaõ o terceiro :
 De quem nascendo o Principe excellente
 De seu cetro , e virtudes claro herdeiro
 Sebastiaõ promete a que a ventura
 Lá faz na ardente Libia a sepultura.

Isabel , e Ioaõ daraõ ao mundo
 Do seu nome outra filha soberana
 De valor grande , e de saber profundo
 Bella Raynhã á terra Castelhãna :
 Casará com Ioaõ della o segundo ,
 Dos quais outra Isabel procede , e mana ,
 Que morto o pai , e irmaõ que o Tejo chora
 De reynos mais que o seu será senhora.

Casará com o catholico Fernando
 De Aragaõ , de Nauarra , e Catalunha
 Principe , a quem Roma está guardando
 As Aguias que no escudo a Cesar punha ;
 Os catholicos Reys se iraõ chamando
 Appelido do ceo , ditosa alennha ,
 Que haõ de honrar tãtos Reys seus descõdêtes
 Conquistar terras , e armas diferentes.

Naceraõ cinco filhas venturosas (to
 Destes dous Reyes q a Hespanha hõraraõ tan-
 Tam illustres na terra , e tam famosas
 Quam accitas ao ceo sereno , e santo :
 Isabel naõ será das mais ditosas ,
 Que morto o charo esposo que ama tanto
 Affonso a Portugal Principe amado
 Casã com o successor do mesmõ estado.

A esta

452 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

A esta a parca misera , e cruel
Mata de parto em terra estranha , e dura
Deixando viuo o Principe Miguel ,
Que assi inuejará logo a ventura :
Tornando o Rey inuicto Manoel
Para lhe dar na patria sepultura
Deixando sepultada a companheira
Dos reynos de Aragoã Princeza herdeira.

A segunda he Ioana altiuva , e bella
A quem Felippe de Austria he doce esposo ,
E naceraõ ao mundo delle , e della
Carlos o quinto Emperador famoso ;
Deste , e d'outra tambem nossa Isabela
Filha de Manoel Rey venturoso
Nace Felliipe inuicto , e delle o grande
Filho , que he bẽ que o mundo reja , e mande.

Nace ao mundo tambem outro Fernando
Rey de Romanos logo , e Rey de Vngria ,
Que morto Carlos , logo o sacro bando
Emperador elege , ordena , e cria ,
Do qual em toda Europa sustentando
As columnas da fé sagrada , e pia
Nace o grande Maximiliano ,
E outro Fernando , e Carlo sobre humano.

Nace Anna , que o Duque de Bauiera
Alberto por esposa estima , e ama ,
Dos quais o Archiduque Carlo espera
Consorte de igual sangue e de igual fama :
E Arcebispo Colonia considera ,
Que com nome immortal Hernesto chama ,
E de Carlos nascendo ella ao mundo
A mulher do terceiro Segismundo.

De Polonia , e Suecia Rey famoso ,
 E será Anna o nome da Raynha ,
 E nacerá de Carlos venturoso
 Outra filha daquella illustre linha ,
 Que o herdeiro sublime , e poderoso
 Do Duque Ferdinando mui asinha
 Fará senhora da Toscana terra
 Pollo sangue , e valor que a dama encerra:

Nace a Fernando logo outra Duqueza
 Maria que he de Cleues estimada ,
 E a filha que mais ama , estima , e preza
 Com o Duque de Noiburg he desposada :
 Ludouico do sangue , e da nobreza
 Da casa Eleitoral tam celebrada
 Dos Condes Palatinos que o Rhin gosa
 Com geração illustre , e venturosa.

Nace mais de Maria outra senhora
 De Ioane estimada companheira
 Duque de Duipont que o Rhin namora
 Da mesma casa illustre , que a primeira ;
 E outra da de Prusia vencedora
 Faz o Duque ditoso noua herdeira
 Geração , que orna , ilustra , e acompanha
 A sagrada coroa de Alemanha.

Nace mais de Fernando a Segismundo
 Rey de Polonia a bella Catherina ,
 Que Duqueza primeira foi no mundo
 De Francisco de Mantua mulher dina :
 Nace Ioana a outra que eu me fundo
 Que não será no estado perigrina
 Mulher de outro Francisco soberana
 Duque do grande estado de Toscana.

454 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Deste Francisco , e della vem Maria
Mulher de Henrique o III. Rey de França
Senhora de grandeza, e de valia,
E elle de singular nome , e de lembrança !
Da casa de Borbon cabeça pia
Depois que com o estado faz mudança
No tempo que os vefinhos potentados
Andaõ de immundos ritos fameados.

De Fernando tambem nasce Leonora
Que outro Duque de Mantua engrandece
E Isabel, que com causa sente , e chorá
O que com a bella irmã desta se esquece:
Nace outra valerosa, e graõ senhora
Barbora que Ferrara reconhece
Pollo seu Duque Affonso pouco auara,
E a bella Margarita , Ilena, e Clara.

De Maximiliano nasce o claro
Rodulfo Emperador pio , e sagrado
Mathias , Vencisláo, Hernesto, e o raro
Alberto á Lusitania hum tempo dadó,
Que lhe ha de tirar logo o fado auaro
Para lhe dar de Flandes o Condado
Com Isabel senhora em terra estranha
Filha do graõ Monarca, e Rey de Espanha.

Do mesmo Emperador nasce Isabela
Mulher do nouo Carlos Rey de França,
E Anna naõ menos grande, ou menos bella,
Que encherá a toda Espanha de esperança,
Mulher do Rey famoso senhor della
De quem a fama faz doce lembrança
Felippe o segundo ; claro herdeiro
Que ao reyno Portugues será primeiro.

Do Carlo valeroso, e Principe excellente,
 De Maximiliano irmão segundo
 Nace de Hespanha á bellicosa gente
 A Raynha que mais celebra o mundo :
 Margarita catholica , e prudente,
 Cujo peito magnimo , e fecundo
 A Felipe de Hespanha Rey terceiro
 Dará casa immortal ; e altiuo herdeiro.

De Ioana , e Felipe inda procede
 Leanor de Manoel alta consorte,
 Que el Rey Francisco a Lusitania pede
 Depois que o esposo seu lhe eclypsa a morte
 E Maria que ao Sol fermoso excede,
 Que a Vngria , e Ludouico coube em sorte,
 E outra Raynha a Dinamarca dada,
 Que Isabella tambem será chamada.

A Portugal o ceo dá Catherina
 Raynha altiuua , grande , e valerosa
 Do terceiro Ioão consorte dina
 Na geração mui pouco venturosa :
 Mãe de Ioão , e auô do que a ruyna
 A' patria ordenará tam lastimosa,
 E de Maria , a qual morrendo deixa
 Carlos por quem a terra ao ceo se queixa.

Dos catholicos Reys se mostra agora
 De Dinamarca , e Dacia a graõ Raynha
 Filha , que de Cristierno se namora,
 Esposa sua illustre nesta linha:
 Delles nace Christierna graõ senhora,
 Que Duqueza a Milaõ guardada tinha
 O fado , mas cortou-lhe de inuejoso
 Francisco Esforcia o Duque tam famoso.

456 O CONDÉSTABRE DE PORTUGAL.

E atras deste Francisco mal logrado
Goza outro, que do estado de Lorena
Será famoso Duque celebrado
A quem a fama hum nouo templo ordena:
Dellés nacerá Carlos Duque amado,
Que casará com gloria não piquena
Com a filha de Henrique Rey de França,
Que o nome de segundo nella alcança.

Deste nasce Christierna generosa
Esposa de Fernando o Florentino,
E delles outro Principe que goza
Aquelle imperio grande, e perigrino;
Da primeira Christierna venturosa,
E de Francisco o Duque tam benino
Concede a venturosa sua estrella
Ao Duque de Barz nich esposa bella.

Dos catholicos Reys nasce Maria,
Que a Portugal virá segunda em sorte,
Que apos a morta irmã deuota, e pia
He do Rey Manoel chara consorte,
Cuja fama, e valor de dia em dia
Irà acanhando a escura ley da morte,
E cuja geração famosa, e santa
Ao céu da terra humilde se aleuanta.

Destes virá Ioane o Rey terceiro
Tam amado do Pouo seu leal
Luis o claro Iffante, e verdadeiro,
E outro que corta a Parca desigual:
Duarte o excellente, e claro herdeiro
Do ser, honra, e valor de Portugal
O qual dará ao mundo outro Duarte,
Que innejrarão Minerva, Apolo, e Marte.

E á casa de Bargarça peregrina
 Por Isabel , que Duarte alcança della
 Dará a alta senhora Catherina
 Prudente , sabia , pia , honesta , e bella ,
 Que na tormenta escura , e repentina
 Sempre mostrará luz de firme estrella ,
 A qual porá entre elles a ventura
 Na sua larga idade inda futura.

Della , e Ioaõ o Duque engrandecido
 Virá Theodosio aquelle que em grandeza
 Fará só ser no mundo conhecido
 O preço , e fé da gente Portuguesa :
 Que de Anna , cujo celebre appellido
 Hespanha tanto estima , illustra , e preza
 Tem o Duque Ioaõ prosapia dina ,
 E a Duarte , Alexandre , e Catherina.

Dará Duarte outra gentil Princesa
 Maria dos Farneseos honra , e gloria
 Que Parma tanto estima ; e q' ama , e preza
 Alexandre varaõ de alta memoria
 Dos quaes nace Rainuço em cuja empresa
 O tempo tecerá comprida historia ,
 E Duarte que a cor trará vestida ,
 Que o coral tem nas agoas escondida.

Dará mais Manoel á terra estranha
 De seu tronço real famosas flores
 Isabel ao imperio de Alemanha
 A Saboia Beatris com mil louvores :
 De hũa os Reys naceraõ da nossa Hespanha
 Da outra de Piamonte os successores ,
 Que tãbẽ cõ os de Hespanha , e cõ os de França
 Farão para altos bens noua liança.

458 O. CONDESTABRE DE PORTVGAL,

De Beatris, e Carlos o terceiro
Duque a Saboia nace ao mesmo estado
Manoel Felisberto illustre herdeiro
Com Margarita altiuva despolado
Filha do bom Francisco Rey primeiro
De França tam famoso, e celebrado,
E delles nacerá com grande gloria
Carlos, e Manoel de alta memoria,

Deste, e de Catherina generosa
Filha do graõ Felipe Rey de Hespanha
Nace Vitorio, e geração famosa,
Que ha de dar honra, e luz à terra estranha
Que a Lusitania já mais venturosa
Com o nome Portugues inda acompanha
Gozando a renda liure, larga, e franca,
Que ao Prior do Hospital deixa a cruz branca,

De Manoel, Affonso hum Cardeal,
E Henrique que na idade tam madura
O cetro inda terá de Portugal
Quando d'elle se esqueça já a ventura
Quando o fero sobrinho desigual,
Que dilatar o imperio seu procura
Leuando a flor do reyno a tal perigo
O fará perecer com o seu castigo.

Dos catholicos Reys a derradeira
Filha, que este felis numero encerra
He Catherina clara, e verdadeira
Duas vezes Raynha de Inglaterra:
Com Artur desposada a vez primeira,
Com Henrique a segunda que a desterra;
Em o numero octauo em cujos annos
Começaraõ ao reyno grandes dannos.

Destes

Destes nasce Maria , que consorte
De Felippe será segundo Hispano
A quem rouba primeiro a dura morte
Outra do mesmo-nome em nosso dano ;
Outra Raynha nasce altiva , e forte
A quem seu pertinaz , e falso engano
Faz borrar deste liuro , e desta historia
E outros idinos já de honra , e memoria.

Aqui fazia fim esta escritura ,
E o Conde ir a diante pretendia
A outra folha voltando , em sombra escura
O liuro , a casa , e tudo se encobria ;
O Drago que na porta em grande altura
Com o escudo luzente apparecia
Para elle vem voando , e a donzella
Nem a vio mais , nem soube o Conde della.

Leuou a mão ligeiro á forte espada ,
E em tocado o Dragaõ com hum golpe duro
Desapparece a machina encantada ;
E acha esperando os seus junto do muro ;
Do que lhe aconteeceo não contou nada
Ficando-lhe na mente o caso escuro ,
E no proprio lugar grande aventura
Que alguma hora veres noutra escritura.

C A N T O XX.

Celebraõ-se as vodas do Conde dom Affonso em Lisboa : Morre a Condessa dõna Beatris em Chaves : Conta-se o sentimento do Condestabre seu pai, e a vida que fez antes, e depois que a perdeu : Vai com el Rey dom Ioaõ na tomada de Ceita, e vindo reparte tudo o que tinha a seus netos, e criados, e se faz religioso no mosteiro que edificou a nossa Senhora do Vencimento do monte do Carmo : Contase sua observante vida, e religiosa morte.

HE tempo ó Musa minha tam querida
De ir amainando a vella agora em tão
Descansar de jornada tam comprida
Tomar porto, e dar fim ao nosso canto :
Mostrando que tam forte foi na vida
Como na vida, e morte foi tam santo
Contar como passou da vida á gloria
Ditofo fim de tam catosa historia.

Passada já a fantastica visãõ
Como sonho aprasiuel aos dormidos.
Aquelle que em Deos tinha o coração,
A vida, os pensamentos, e os sentidos,
Com o Rey cheo de gosto, e de afeiçaõ
Iá de Leiria amada despedidos,
Vai celebrar as vodas, e o Rey forte
Chama os grandes do reyno para à Corte.

Na

Na cidade de Vlysses gloriosa
Com real pompa , e igual contentamento
Recebe Affonso a desejada esposa,
E o ceo festeja o nouo ajuntamento ,
Em conjunção de estrellas venturosa ,
Em claro dia , celebre apousento
Tudo mostrando aos homens alegria
Estrellas , ceo , e terra , a casa , o dia.

Os principais do reyno , e dos alheos
Os mais claros , illustres , e os melhores
Ordenaõ varias justas , e torneos
Com letras , e tençoens de varias cores ,
Hum pinta seu desejo , ou seus reccos
Outro o cuidado , e fé de seus amores
Na lança , outro no escudo , ou no vestid ,
Procura ser louuado , ou entendido.

Dotou dom Nuno o Conde valeroso
De Barcellos a Affonso o graõ Condado
Pena fiel , com Basto , e com Barroso ,
Monte alegre orgulhoso , e leuantado
A Piconha , e Portello pedregoso
Baltar , Arco de Boulhe assi chamado ,
Chaues com toda a terra que avesinha ,
E algumas quintas que entre o Douro tinha.

E porque o Rey lhe tinha prometido
Que o titulo de Conde , e dignidade
Pois por tantas razoes lhe era deuido
A nenhum outro o desse em sua idade ,
Pedio que fosse a Affonso concedido ,
E el Rey que o naõ estroua outra vontade ,
Que em si illustra , o que no filho empreg^a
De quanto o Conde pede , nada nega.

Dom

Dom Nunalures com o fim deste desejo
 Deixou a Corte a tantos cobicosa
 Escolhendo das terras de Alem Tejo
 A villa mais amena e venturosa;
 Aonde em cesaõ madura, e doce ensejo
 Esquecido da guerra trabalhosa
 Os descuidados annos que viuia
 Ao mundo exemplo daua, a Deos feruia.

Deu Beatris Condessa venturosa
 Primeiro fruto á terra Lusitana
 Isabel clara Iffante generosa
 Gloria, e valor de toda a terra Hispana;
 E Affonso alto Marques, que com famosa
 Memoria a dos passados desengana,
 E o Duque claro, e pio dom Fernando
 Cuja alta geraçaõ fostes contando.

Nunca de galardão fica queixoso
 Quem offerece a Deos propria vontade
 Que o desejo mais liure, e cobicoso
 Se acanha logo em sua immensidade:
 O nosso Conde illustre, e valeroso
 Progenitor dos Reys da Christandade
 Se desprezou na terra bens menores
 Vede que herança deixa, e successores.

Qual Rey de toda Europa, ou qual Raynha,
 Qual Principe famoso, ou potentado
 Deste ramo não prende, e desta linha,
 Que o ceo tocando vai com tal cuidado:
 Se pouco caso fez dos bens que tinha
 Pollos que já na gloria tem cobrado
 Daquelle pouco sey que a Deos foi muito
 Quantos Principes vão collhendo o fruto.

Como

Como esta vida vam, caduca, e leue
 Tenha tantos perigos, e o salario,
 E direito fatal que á Parca deue
 Em modo, e condiçoens seja tam vario:
 Depois que á patria terra dado teue
 Este thesouro à morte tam contrario
 Morre de parto em Chaues breuemente:
 O' quanto a grande perda o reyno sente.

O Pay que como á vida lhe queria,
 Porque na vida, e partes o imitava,
 E quantos bens da terra pretendia
 Para ella só queria, e desejava:
 Que então do Carmo o templo de Maria
 Com grande deuacão fazer mandava
 Da triste noua imiga, e mal soffrida
 Quisera de paixão perder a vida.

Do seu grande juizo quasi alheo
 Partir quis para Chaues, e acabara
 O caminho de dor, e espanto cheo
 Se a força dos seus bens não no atalhara:
 Logo em profundo pranto o pouo veu
 A ajudar-lhe a chorar perda tam rara,
 E depois nas exequias sumptuosas
 Celebradas com lagrimas queixosas.

Ficou viuendo o Conde os largos annos
 Tristes (que a vida triste he mais comprida)
 Naquelles seus costumes soberanos
 Seruindo a hum só senhor da morte, e vida:
 Fora dos gostos falsos, vãos, profanos
 Com que o mundo nos ceua, e nos conuida
 Seguindo os bens eternos verdadeiros
 Empreza dos mais altos caualleiros.

As canonicas horas cada dia .

Rezaua o pio Conde venerando

A's matinas na noite escura , e fria

Como em Religiao se aleuando :

O corpo com filicios oprimia ,

Asperas disciplinas custumando

Iejuaua tres dias na semana

Fora os que ordena a santa Fé Romana.

Duas missas ouuia agiolhado

Nas ferias custumadas santamente

Tres ao Domingo , e Sabado sagrado

A' Virgem pura , clara , e excelente :

Em cada mes contrito , e confessado

De leues culpas humilde , e penitente

Cada anno comungaua quatro vezes

Nas Festas principaes cada tres mezes.

De todas quantas rendas possuia

Das terras , e merces que o Rey lhe daua

O dizimo com os pobres despendia ,

Que a seu poder chegando se apartaua :

Todos cada dous annos os vestia

Nas terras , e Comarcas que mandaua

Com ordem singular , e humanidade ,

Que a ordem faz mais bella a Charidade.

O fruto dos seus campos que contentes

Lhe dauaõ sempre a parte que lhe vinha

Se guardaua em celciros differentes

E em couoens que a tal tempo o reyno tinha :

Té que de Mayo as fomes insolentes

Apertauaõ aos pobres o detinha ,

E entaõ com prouidencia estranha , e nobre

A sua parte daua a cada pobre.

Com

Com a ellelilidade deshumaã ,
Que teue hum anno o reyno de Castella
Veio para entre o Tejo , e Guadiana
Com grande aperto a pobre gente della :
Exercitando aquella soberana
Celeste inclinaçaõ de sua estrella
Dos que á aquella comarca se acolheraõ
Nenhuns nas mãos da fome pereceraõ.

Quatrocentos em numero se acharaõ
Nas terras que mandaua o varaõ claro
Todos por sua ordem se alistáraõ ,
Que a nenhum delles quis mostrar-se auaro :
Abertos os celeiros lhes mostraraõ
Que nunca já nos seus fora o paõ caro
Que destes quatrocentos quatro mezes
Cada hum té quatro alqueires quatro vezes.

A caualleiros pobres que apartados
Viuiã com miséria , e com pobreza ,
Que a vil necessidade aos honrados
He noite que os accanha , e que os despreza ,
E a outros que eraõ do Rey desamparados ,
Que o seruiã na sua antiga empreza ,
Mandaua, inda que longe , em cada hum anno
Esmolas de dinheiro , trigo , e pano.

A honestas donas pobres , e a donzellas ,
Que outro tempo a ventura teue em conta
Naõ se esquecia o Condettobre dellas ,
Liurando-as do perigo , e vil afronta ,
Mandaua com cuidado soccorrellas ,
Vestidos , e o que mais ao viuer monta ,
O' varaõ do mór ser que o mundo teue ,
Quanto vos ama o Ceo , e o mundo deue.

O' Con-

O' Condes , Duques , grandes potentados ,
 Que tanto a vaidade aleuantais ,
 Aos pobres miseraveis , e acanhados ,
 E aos vossos appetites liberaes ,
 Que podendo atalhar tantos peccados
 A tantos , e tam grandes redeas dais ,
 Olhai que exemplo a todos vos conuida ,
 Para empregar em gloria os bens da vida.

Com vossos bens na terra ide criando
 Aues como outro Psafon , muy mais bellas ,
 Que leuem vosso nome ao Ceo voando
 Ouindo-se na terra o canto dellas ,
 Ide degraos da terra aleuantando ,
 Até pizar os arctos ; e as estrellas ,
 Sereis no mundo grandes de tal sorte ,
 Que venceruos não possa a propria morte.

Passaraõ leues annos larga idade ,
 E o Conde nesta vida a Deos aceita ,
 Empregando em seus netos a vontade
 Que antes tiuera a filha satisfeita ,
 O Rey que em doce paz , santa amisade ,
 Que com tantas vittorias tinha feita ,
 Via os Reynos vezinhos , e o seu pouo ,
 Trata no peito altiuo , intento nouo.

Faltava ao nosso Alcides Lusitano ,
 Hir ver os altos montes que ajuntou ,
 Como huma porta estreita do Oceano ,
 O que as colunas nelle aleuantou ,
 E ao Rey cobrar do inñido Mauritano ,
 O que Rodrigo incauto dissipou ,
 Com os amores da Caua , em cuja pena
 Deu a Hespanha , o que a Troya Elena.

Qual Iuno ao Thebano rigurosa,
Que a fama entre os perigos lhe procura
Qual ardua empreza, e sorte duuidosa,
Qual monstro, qual gigante, ou aventura?
Qual hidra fera, ou serpe venenosa,
Qual Cerbero infernal da Coua escura,
Qual perigo mortal, e occulto engano
Naõ teue o nosso Heroa Lusitano?

Faltou-lhe huma Lianor, que injusta morte
Com tantas sem razoes lhe pretendeo,
Hum Rey justo animoso, e muy mais forte
Em buscar-lhe os perigos que Euristeo,
Mil monstros desiguais de varia sorte,
Que com prudencia, e força combateo
Inuejas infernais, traçoens, perigos,
Capitaens valerosos, Reys inimigos.

Monstros que contra a patria levantados
A tinhaõ posta à ferro amargamente,
Mais ferozes, ingratos, e indinados,
Que quantos deu a fera Libia ardente;
Mas porque estes perigos acabados
Se fizesse immortal deuidamente,
Foy passar as columnas que primeiro
Pos por limite o menos verdadeiro.

Os descuidados peuos que viuiaõ
Da opressaõ militar de todo izentos,
Nouos tambores já na terra ouuiaõ,
Tornando a conuersar duros Sargentos,
Os antigos arnezes que pendiaõ
Lá gastados do tempo, e ferrugentos,
Acicalaõ de nouo os moradores,
Tingido o ferro azul de varias cores.

468 O CONDESTABRE DE PORTUGAL

As resenhas , e alardos se renouaõ ,
Os noueis se exercitaõ com cuidado ,
Ginetes Hespanhois o campo estrouaõ ,
Que cortar custumaua o curuo arado ,
As adargas , escudos , lanças prouaõ ,
Que o tempo , e o descuido tem gastado ,
Arman-se fortes náos , galés ligeiras ,
E outras embarcaçoens de mil maneiras.

Faz-se em Lisboa humas soberba armada ,
Qual nunca até seu tempo vira Hespanha ,
Sem se entender o fim de humas jornadas ,
Em que a despeza mostra o Rey tamanha ,
A Christandade toda aluorçada ,
E temerosa toda a terra estranha ,
De Aragaõ , de Castella , e de Inglaterra
Embaixadores vem , ao som da guerra.

Mas o Rey que no fundo peito esconde
O seu desenho altiuo , e soberano
A todos satisfaz , manda , e responde
Dando a seu vaõ receo o desengano ,
E descobrindo ao valeroso Conde
Aquelle coraçãõ maior que humano
Contra o barbaro imigo da fé santa
Por timbre desta empreza a cruz leuanta.

A gente ajunta , os Capitaens reparte ,
As náos de verga em alto as ondas tocaõ ,
A toda a parte se ouue o som de Marte ,
Que as trombetas belligeras prouocaõ
As Lusitanas quinas no estandarte ,
Voltando para o ceo fauor inuocaõ ,
El Rey se embarca , o Conde com seu genro ,
Duarte , Pedro , Henrique Iffante tenro.

Cortam a branca escuma crespas e frias,
 As proas entre as ondas inconstantes,
 O vento as vellas concauas fazia,
 E os tostados remeyros vão bogantes:
 O mar cheyo de espanto, e de alegria
 Dos vencedores fortes navegantes,
 O fundo move a sombra ás brancas vellas
 E a Neptuno escurece o temor dellas.

Nesta via que a tantos era incerta,
 Tomou a frota o porto dezejado,
 Na ardente Libia plana, e descuberta,
 Do monte Athlante antigo, e levantado:
 Aonde com o vento o mar se desconcerta
 Da nova gente, e guerra alvoroçado
 De tal sorte que a furia da tormenta
 A viva morte a todos representa.

O Rey neste conflicto se apartou
 Parava Angra com a gente acostumada
 E o valeroso Conde só ficou
 Com o encargo de toda aquella armada:
 A noite e o outro dia o mar bramou
 De Maura gente a terra está qualhada
 Os capitaens ao Conde estam rogando
 Que vam morrer em terra pelejando.

Té que daquelle porto, e do perigo
 O chama com mór pressa o Rey famoso,
 Na terra desembarcam, do inimigo,
 Que esperando o está pouco ocioso:
 Mas quem diante a Deos leua consigo
 Em todo o risco, e trance perigoso
 Tem certo o fauor seu, e o vencimento
 Que nelle he mais seguro o fundamento.

470 O CONDESTABRE DE PORTUGAL.

Foy Ceuta entrada, a forte e bellicosa
Inexpugnael, e aspera cidade
Com perda ao vil Mafoma affas custosa
E interesse de toda a Christandade:
Empreza santa, empreza venturoza
Digna d'um Rey de tanta humanidade
Acabada com a gloria de hum successo
Que por Deos teue o fim, nelle o começo;

Mas porque em outra historia differente
Tem lugar grande os feytos desta empreza
De tanta inveja aos grandes do Occidente
De quanta gloria á gente Portugueza:
Na qual com tanto esforço, e tam prudente
Se ouve o graõ Condestabre, e tal destreza
Deyxo os feytos da entrada, e da vitoria
Aos outros escritores desta historia.

Com o dezejado fim desta conquista
Voltar-se o Rey quer já ao reyno amado,
E naquelle perigo grande á vista
E mayor que na vista exprimentado,
Deyxar quer capitam que assim resista
Ao barbaro potente, e afrontado
Nenhum aceita o perigoso encargo
Que pede o bom Menesses por seu cargo.

Dom Pedro digo exemplo de Valentes
De villa Real Conde, e de Viana
Cujos claros, e illustres descendentes
Saõ rayos contra a furia Mauritana
Dos quaes os feitos raros e excellentes
Dam nova gloria á terra Lusitana
Inveja aos Estrangeyros vencedores
Materia a muy sobidos escritores.

Iá outra vez os leua o manso vento
A' terra que de Vlysses foi fundada,
Que com deuido, e graõ contentamento
Festeja a vinda já da bella armada,
Saluaõ da terra o desejado assento,
Com aluoroço e grita acustumada,
Lançaõ amarra logo, amainaõ vellas,
Tocaõ caxas, trombetas, charamellas.

O Rey na populosa e graõ cidade,
Em quieto sossego se assegura,
E a sua antiga, e veneranda idade,
Qual foi o curso, á vida o fim procura:
Fazendo com graõ pompa, e magestade,
Aquella tam famosa sepultura,
E templo dino de immortal memoria,
Da Virgem soberana da Vitoria.

E porque a deuação tam santa, e pia,
Naõ paraua na Igreja que fizera,
Ao nome duro, e santo de Maria,
Em cujo dia e honra elle vencera,
Das monasticas ordens escolhia
A que mais dedicada á Virgem era,
Por razão do Rosario milagroso,
Que o Patriarcha fez santo, e famoso:

Aos seus religiosos escolhidos
De exemplo santo, e fama perigrina,
Aos quais todos lououres saõ devidos
Por singular virtude, e por doutrina,
Entrega os edificios tam crecidos
Em perfeição, em renda larga, e dinã,
Aos sacrificios seus, que acrescentaraõ
Os Reys que aly depois se sepultaraõ.

O Condestabre a quem seu pensamento
 Sobre as estrellas poem mais firme a planta
 N'outro edificio lança o fundamento
 Que á cidade divina se alevanta ,
 O alto templo acabou do Vencimento
 A virgem dedicado clara , e santa ,
 Cujá capella de obra eltrãha , e rara ,
 Tres vezes da ruyna alevantara.

E porque o seu intento verdadeiro ,
 E o fim do mor cuidado que trazia
 Era este templo seu fazer mosteiro
 De frades só do nome de Maria ,
 A Moura manda o pio cavalleiro ,
 Aonde hum casa só no reyno auia ,
 Da ordem que elle tem determinado ,
 Chamar religiosos , e prelado.

Eraõ os leuantados successores ,
 Que tem do santo Elias a morada ,
 Que he a religião mais aos louvores
 E nome da Senhora intitulada ,
 Escolhendo os humildes , e os melhores
 De virtude mais clara , e mais louuada
 O templo lhe entregou sagrado , e santo ,
 Que á ditosa cidade hoje honra tanto.

Fez-lhe altas doações como conuinha ,
 Para a sustentação dos que escolhera
 Como o que não quis mais dos bens que tinha ,
 Que o premio de os deixar por que lhos dera
 E como tudo péza a quem caminha ,
 E a quem subir a tam gram monte espera
 He conselho mais santo , e mais sesudo
 Alevantar-se pondo os pés em tudo.

Deixando estados, terras, senhorio,
E a pompa honrosa, vã do trato humano
E tudo o que costuma a ser desuio
De hum santo pensamento soberano:
Das armas se despede o Conde pio,
Vestindo humilde trajo, humilde pano,
E feito frade humilde aly se encerra,
O que tam grande em tudo foi na terra.

O' nouo vencimento desusado
Sem igual, sem segundo, e sem primeiro
Que quem tudo venceo na guerra armado
Sem armas vença o Ceo por derradeiro
O' Xerxes, Cyro, ó Cesar enganado,
O Macedonio grande tam guerreiro,
Chorai continuo quanto atras ficastes,
No que com tantas glorias conquistastes.

Rico desprezador da pompa humana,
Grande no coração; vil no vestido,
Cuja memoria abate, e desengana
O que na terra mais deixou vencido,
Sempre engrandeça a patria Lusitana
Vosso nome immortal claro e subido,
E a casa leuantada de Bragança
Tenha em thesouro seu, vossa lembrança.

Vencestes ao contrario poderoso
O receo do Rey desamparado
A inueja natural do cobiçoso
O barbaro infiel não subjugado,
E por em tudo entrardes vitorioso
No Ceo por tantas obras conquistado,
Venceste-uos á vós, que desta forte
Venceis o que na terra era o mais forte.

Antes

474 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Antes do Conde entrar naquella estreita
Via de altos varoens sempre escolhida,
Que ao ceo vay tam segura , e tam direita ,
Como a nossa arriscada , e mais comprida ,
Com o que para viuer na terra engeita ,
A muitos terras deu , descânso , e vida ,
Rendas , estados , bês , terras reparte ,
Deixando aos claros netos igual parte.

Tendaes , terra de Paiua , e de Loufada
Maritima Loule sempre importante ,
A desejada e bellicosa Almada
Deu á neta Isabel ditosa Iffante ,
Que já com o claro tio desposada
Antecipaua as glorias de adiante ,
Para encher de venturas toda Hespanha ,
E de trofeos toda a terra estranha.

A Dom Affonso neto seu primeiro ,
Deu de Ourem o Condado , que a ventura
Com a vida tirou ao Conde Andeiro ,
E as rendas que alcançou na Estremadura :
Das de Lisboa o deixa por herdeiro ,
E os seus passos famosos de mistura ,
Onde ao titulo seu fez differença ,
Sendo o Marques primeiro de Valença.

Ao menor neto illustre dom Fernando
De Arrayolos lhe deixa o seu Condado
Com os mais lugares seus que vão cercando ,
O Guadiana , o Tejo celebrado ,
E com o tempo seu nome aleuantando ,
Tres vezes Conde foy de todo o estado ,
Marques da mesma terra onde descança ,
Duque famoso , e claro de Bragança.

Os lugares que a alguns tinha obrigados,
 Mandou que em suas vidas lhes ficassem
 A almoxarifes pobres, e auxiados
 Da diuida absolueo que não pagassem,
 A rendeiros, a estranhos, e a criados
 Não quis que delles nada arrecadassem,
 Ricos deixou na terra os successores,
 Os pobres naturaes, e os deuedores.

A recamara, as joyas, e os arreos,
 O dinheiro, os cauallos, e os jaezes,
 As armas, os escudos, os trofeos,
 As adargas, os elmos, os arneses,
 Adegas, almazens, celeiros cheos,
 De que abastara aos pobres tantas vezes,
 Por pobres diuidio baixos, e honrados,
 Dando o que mais conuinha a seus estados.

Não quis mais para si, q̃ hum desprezado
 Habito de grosseiro humilde pano,
 Com o qual no mundo, e carne disfraçado
 Fugio sua vaidade, e seu engano,
 Qual Vlysses o astuto, que entre o gado
 Do Ciclopa cruel, fero, inhumano,
 Na pelle enuolto euita a dura morte,
 Que escapar não podera de outra forte.

Deixou o que na terra subjugava,
 Posto que qual a palma contra o pezo,
 Ao Ceo sempre o desejo leuantava,
 Como subir custuma o fogo acezo,
 As azas empenou com que voava,
 Por não viuer ao mundo o corpo prezo,
 Como Dedalo em Creta a Minois fuge,
 Voou ao monte santo onde viue hoje.

Para

476 O CONDESTABRE DE PORTVGAL:

Para extremo maior desta humildade ,
 E verdadeiro exemplo de pobreza ,
 Determinou pedir pella cidade
 De esmola o que pedia a Natureza :
 Mas o principe o manda , e persuade ,
 Que mude os pensamentos desta empreza ,
 E doutra , que o desejo lhe acompanha ,
 Que era hir-se peregrino a terra estranha.

Quis ser chamado Nuno simplesmente ,
 Em desprezo dos titulos maiores ,
 Escolheo cella humilde , e mais decente ,
 Aos meos frades pobres seruidores ,
 Viuia humilde, pobre , e castamente ,
 Cantando á pura Virgem seus lououres ,
 De annos sesenta e dous ao mundo deixa ,
 E dos que gastou nelle ao Ceo se queixa.

Fora já delle hum anno , e outro anno
 A pressa chëga ao Rey hum mëssegeiro ,
 Que vem pór cerco a Ceita o Tingitano ,
 Rey de Tunes possante , e caualleiro
 Soccorro pede o Conde Lusitano ,
 E o Rey claro , famoso , e verdadeiro ,
 Com os Iffantes se apressa na jornada ,
 E em breue tempo ajunta grossa armada.

Nuno já pollo Principe aduertido ,
 O repouso deixou da humilde cella ,
 Dos Iffantes , do Rey , de amor mouido ,
 A huma empreza tam santa como aquella
 Do seu habito humilde vai vestido ,
 Determina embarcar-se , e servir nella ,
 Armas ao claro principe demanda ,
 Que com desejo igual , e amor lhas manda.
 Naquelle

Naquelle trajo pobre, e penitente,
 Foi ver a não que tinha aparelhada;
 Mandou a perceber perfeitamente
 De tudo o que compria a tal jornada,
 Porém com nouo auiso differente
 Deixou o Rey a empreza começada,
 Que de Numidia o barbaro não veo
 Que era a causa da armada, e do receo.

Continuou o Conde a estreiteza
 De frade humilde puro, e verdadeiro,
 Accomodando a vida e Natureza
 A' humildade, e trato do mosteiro,
 Na oração, abstinencia, e aspereza,
 So quis ser o melhor, sempre, e primeiro
 Oito annos contra si viuendo em guerra
 Venceo a batalha vltima da terra.

Nesta mais valeroso, armado, e forte,
 Com o nome de Iesus, e o de Maria,
 Que assim lhe appareceo na alegre morte,
 Como na humilde vida apparecia
 Aos ministros do Ceo, e eterna Corte,
 Entregou aquella alma humilde, e pia,
 E foy gozar com as venturosas almas,
 Triunfos immortaes, e eternas palmas.

Ficou o corpo puro á patria terra,
 Testimunhando a gloria da alma santa,
 Que no sacro lugar aonde se encerra
 Com milagres estranhos se aleuanta,
 Com grande deuação a elle se afferra,
 A gente a quem da cruz o imigo espanta,
 Tendo por arma contra o mal segura
 A terra desta propria sepultura.

Ditoso

478 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Ditoso fim de vida tam famosa ,
 Principio illustre a tam ditoso estado ,
 Religiaõ ao ceo clara, e mimosa ,
 Templo por tam bom seruo fabricado ,
 Cidade hoje mais rica, e poderosa ;
 Com o corpo que em si tem depositado ,
 Reyno ditoso insigne, illustre, e claro ,
 Que deu da terra ao ceo varaõ taõ raro.

O' Virgem pura , clara soberana ,
 De estrellas coroada e sol vestida ,
 Honra de geraçaõ catiua humana ,
 Vencedora da morte , e mãy da vida ,
 Estrella que alumia , e desengana
 Na tormenta confusa , e mais crecida ,
 Mostrai-me o porto já , e a doce praya ,
 Em que o meu barco humilde á terra sayá.

E ao vosso Nuno illustre, valeroso ,
 Seja vltimo louuor na minha historia ,
 Que a vosso nome santo , e glorioso ,
 Seis templos fabricou de igual memoria
 Tem Lisboa famosa, o mais famoso
 Do Vencimento , aonde alcançou vittoria ,
 Outro Estremós , Souzel, Villa viçosa
 Monsarás, e Saõ Iorge hermidá honrosa.

Na pureza mostrou tal perfeiçaõ ,
 Qual na tençaõ ao Ceo tinha mostrada ,
 Que depois que ouue illustre geraçaõ ,
 Naõ foi delle a mulher já mais tocada ,
 Taõ vosso foy no humilde coraçãõ ,
 Que até á morte seruiu vossa morada ,
 E as missas que deixou perpetuas nella ,
 Vossas mandou que fossem , e a capella.

Vossa

Vossa he Senhora a casa de Bragança,
Vossa a obrigacão desta memoria,
Vos o Mecenas sois desta lembrança,
E o defensor das faltas desta historia,
Por vos em quem está nossa esperança,
Vejamos inda os bens da eterna gloria,
Que goza o Conde santo, cujo exemplo
Sustenta em virtude o vosso templo.

Catholico senhor, principe amado
Dos homens, da ventura, e natureza,
Do Ceo para altos bens predestinado,
Honra da terra, e gente Portugueza,
Neste alicesse illustre, e levantado.
Fundou na terra o Ceo vossa grandeza,
Que por durar no mundo, e crescer tanto
Quis que o principio della fosse hum santo.

Deste sois senhor claro o descendente,
A este seguis na vida, e no costume,
Qual rayo deste sol resplandecente,
Qual braza viua, ardente, e de tal lume,
Tal vosso nome ira de gente, em gente,
Até o pôr a fama no alto cume;
Da gloria humana, de sorte que a inueja
Os olhos proprios quebre quando o veja.

O' vós illustres claros descendentes,
Do sangue de hum varaõ tam grande e raro,
Que aqui vistes seus feitos tam presentes,
Quanto os hia alongando o tempo avaro,
Naõ só nos peitos firmes, e valentes,
Que são da nossa fé muro, e reparo,
Mas na vida exemplar pia e constante,
Tende sempre este espelho por diante.

480 O CONDESTABRE DE PORTVGAL.

Vós ó religião antiga , e nobre ,
Iá pollo grande Elias obseruada ,
Em que muita riqueza o ceo descobre ,
Que a Portugal estaua enthesourada
A este capitão pio , e rico pobre ,
Que tanto engrandeceo vossa morada ,
Sustentai com lououres na memoria
Dos filhos que his criando para á gloria.

Vós cidade Real cuja grandeza
Todas as mais do mundo faz menores ;
Insigne em templos , armas , e riqueza ,
Em agoa , terra , e ceo , e em seus fauores
Nesta vossa admirauel fortaleza ,
Dina de inuejas tais como lououres ,
Tende por defenção , por caua , e muro ,
Deste varaõ sagrado , o corpo puro.

L A V S D E O.

N O T I C I A

*Dos Livros antigos, e modernos, que tem
feito imprimir o Professor Regio de Philo-
zofia Bento Joze de Souza Farinha.*

J Eronymo Cortereal, Poema, do segun- do Cerco de Diu. 1. tom. 8.	480
Luiz Pereira. Elegiada Poema da Jornada de Africa. 1. tom. 8.	480
Jeronymo de Mendonça, Historia da Jor- nada de Africa. 1. tom. 8.	400
André de Rezende, Historia da antiguidade de Evora, com varias antiguidades mais, escriptas por Gaspar Estação, Fr. Bernar- do de Brito, e Gaspar Severim de Fa- ria, e Diogo Mendes de Vasconcellos. 1. tom. 8.	400
Antonio Ribeiro Chiado, Collecção de al- gumas obras em Verso. 1. Vol. 8.	60
D. Antonio Pinheiro, Collecção de suas Obras Portuguezas. 2. tom. 8.	800
Francisco Rodrigues Lobo, Poema o Con- destabre. 1. tom. 8.	480
Martim Affonso de Miranda, Tempo de Agora em Dialogos. 2. tom. 8.	800
Filozofia de Principes, extraida das obras de nossos Authores em proza, e verso. 3. tom. 8.	128
Summario da Bibliotheca Lusitana. 4. tom. 8.	1920
	Hei-

Heineccii Elementa Philosophiæ Moralis.

I. tom. 8. 240

O mesmo em Portuguez. I. tom. 8. 240

Antonii Genuensis Institutiones Logicæ. I.

tom. 8. 240

O mesmo em Portuguez com suas notas. 300

Antonii Genuensis Institutiones Metaphisicæ.

I. tom.. 8. 240

Vendem-se na Logea da Viuva Bertrand e
filhos junto á Igreja de Nossa Senhora dos
Martyres.





82 2/3



